

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO**

**MOYSÉS GONÇALVES SIQUEIRA FILHO**

**ALI IEZID IZZ-EDIM IBN SALIM HANK MALBA TAHAN: EPISÓDIOS DO  
NASCIMENTO E MANUTENÇÃO DE UM  
AUTOR - PERSONAGEM**

CAMPINAS  
2008

MOYSÉS GONÇALVES SIQUEIRA FILHO

**ALI IEZID IZZ-EDIM IBN SALIM HANK MALBA TAHAN: EPISÓDIOS DO  
NASCIMENTO E MANUTENÇÃO DE UM  
AUTOR - PERSONAGEM**

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Educação, na área de concentração em Educação Matemática, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Ângela Miorim.

**CAMPINAS  
2008**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**ALI IEZID IZZ-EDIM IBN SALIM HANK MALBA TAHAN: EPISÓDIOS DO  
NASCIMENTO E MANUTENÇÃO DE UM AUTOR-PERSONAGEM**

Autor: Moysés Gonçalves Siqueira Filho  
Orientador: Maria Angela Miorim

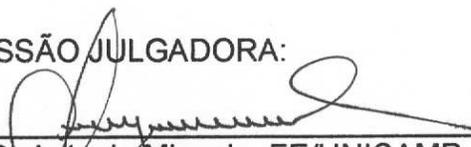
Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Moysés Gonçalves Siqueira Filho e aprovada pela Comissão Julgadora.

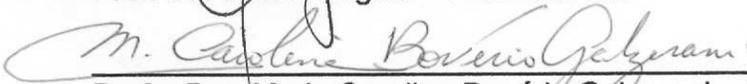
Data: 22.02.2008

Assinatura: .....

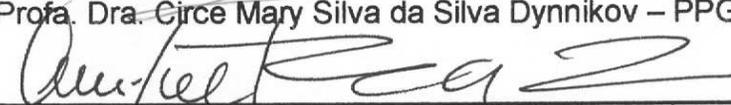
Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

  
Prof. Dr. António Miguel – FE/UNICAMP

  
Prof. Dra. Maria Carolina Bovério Galzerani – FE/UNICAMP

  
Prof. Dra. Circe Mary Silva da Silva Dynnikov – PPGE/UFES

  
Prof. Dr. Aníbal Francisco Alves Bragança – IACS/UFF

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Si75a	Siqueira Filho, Moyses Gonçalves. Ali Iezid Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan : episódios do nascimento e manutenção de um autor - personagem / Moyses Gonçalves Siqueira Filho. -- Campinas, SP: [s.n.], 2008.  Orientador : Maria Ângela Miorim. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.  1. Tahan, Malba, 1895-1974. 2. Educação matemática. 3. Livro – História. 4. Livros didáticos. 5. Editores. 6. Editoras. I. Miorim, Maria Ângela. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	08-014/BFE

**Título em inglês :** Ali Iezid Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan : birth and maintenance of episodes of a author-character

**Keywords :** Tahan, Malba, 1895-1974 ; Mathematics Education ; Book – history ; Schoolbook ; Publishers ; Publishing House

**Área de concentração :** Educação Matemática

**Titulação :** Doutor em Educação

**Banca examinadora :** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Ângela Miorim (Orientadora)  
Prof. Dr. Antônio Miguel  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Carolina Boverio Galzerani  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Circe Mary Silva da Silva Dynnikov  
Prof. Dr. Aníbal Francisco Bragança

**Data da defesa:** 22/02/2008

**Programa de Pós-Graduação :** Educação

**e-mail :** [moysessiqueira@uol.com.br](mailto:moysessiqueira@uol.com.br)

*Mais uma vez, a você Gustavo.*

## AGRADECIMENTOS

Muitas foram as pessoas que comigo colaboraram ao longo desses anos todos, abrindo-me portas para garimpar histórias. Uma foto, um documento, uma palavra de consolo nos momentos de desatino, uma reflexão teórica mais aprofundada, uma sugestão, um texto. Não importa, elas estiveram presentes e disso eu jamais me esquecerei. A todas elas, quero deixar minha eterna gratidão.

A caminhada seria bem mais árdua, bem sei, sem a presença de amigos queridos: Aldo Ambrózio; Andréa Márcia; Cláires P. Valadão Fagundes; Élcio Cassimiro Alves, Fabiana Fiorezzi; Geraldo Bassani; Loise Drumond; Maria Alayde Alcântara Salim; Rogério Rosa Rodrigues; Silvana Pinheiro Taet; Simone de Deus; Vera Lúcia Martinelli; Zionice Garbelini Martos Rodrigues.

Minha formação estaria incompleta não fossem os admiráveis professores que me deram um pouco de seu conhecimento ao longo das disciplinas cursadas: Dr. Antonio Miguel; Dr. Dario Fiorentini; Dr<sup>a</sup> Leticia Bicalho Canêdo; Dr<sup>a</sup> Maria Angela Miorim; Dr<sup>a</sup> Olga Von Simsom

As potencialidades dos bons encontros perdurarão, pois tenho certeza de poder contar com um grupo de pessoas que me acompanha de longa jornada; os eternos professores: Dr<sup>a</sup> Circe Mary Silva da Silva Dynnikov; Dr<sup>a</sup> Denise Meyrelles de Jesus; Dr. João Eudes Rodrigues Pinheiro, Dr<sup>a</sup> Maria Elizabete Barros de Barros, Dr<sup>a</sup> Vânia Maria Pereira dos Santos-Wagner.

Não há distanciamentos, o que existe é amor, respeito, admiração. Muito do que sei da vida aprendi com você Solange Guidini, amiga-irmã; as primeiras letras e o carinho a mim ofertado são devidos a senhora, Professora Maria Cecília Martins Peinado; os encantos da Álgebra, bem como, a postura em sala de aula, foram por mim apreendidos com a sua força, Professora Nilze Silveira de Almeida. Não foi por acaso que vocês se fizeram presentes em minha existência.

Ao Professor Dr. Aníbal Bragança, por sua receptividade e amor pelo que faz, como também, à sua equipe do Núcleo de Pesquisa sobre o Livro e a História Editorial - Anne Marie e José Maria, pela simpatia e colaboração.

À Professora Dr<sup>a</sup> Maria Carolina Bovério Galzerani pela grandiosidade de seu saber e por suas magnânimas considerações à época de meu exame de qualificação.

À equipe do NUDOM – Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II – Professora Dr<sup>a</sup> Vera Lúcia Cabana Andrade (Coordenadora); Elisabeth Monteiro da Silva (Bibliotecária); Sandra Rodrigues da Silva (Museóloga).

Ao Professor Dr. Wagner Valente, coordenador do Arquivo Pessoal Euclides Roxo, pela atenção a mim destinada.

À Renata Faria Pereira e Juraci Conceição de Faria pela oportunidade concedida ao permitirem aproximar-me dos documentos assegurados pelo Instituto Malba Tahan.

À Ana Maria Moura de Alencar (Museóloga), Danilo Basto Silva e Amilton Botelho Malhano, doces pessoas atuantes no Museu Dom João VI – UFRJ.

Às bibliotecárias Ana Maria Boni Mazolim, da Faculdade Batista de Vitória - Campus Serra/ES e Rosana Barreto, do Museu da Escola Politécnica – UFRJ, pela seriedade com que desempenham seu ofício.

Aos colegas de profissão Benito Bisso; Bruno Dassie; Felipe Pena e Henrique Espada, pelo envio de seus trabalhos.

À Professora Dr<sup>a</sup> Maria Angela Miorim, orientadora deste trabalho. O percurso foi longo, assim como, os tateares de nos reconhecemos. Os passos foram lentos, mas precisos. Pensei, por vezes, não chegar até aqui. Aos poucos, frases e pensamentos iam tomando corpo, iam se sedimentando. No momento exato, a ajuda necessária. Com você aprendi a mergulhar, a procurar explicações históricas, a fazer articulações, a ver a descontinuidade da história, a dialogar com as fontes. Sou-lhe grato por tudo isso.

Não sei quem sou, que alma tenho. Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros). Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ânsias que repudio. A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me aponta traições de alma a um caráter que talvez eu não tenha, nem ela julga que eu tenho. Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas. Como o panteísta se sente árvore e até a flor, eu sinto-me vários seres. Sinto-me viver vidas alheias, em mim, incompletamente, como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada, por uma suma de não-eus sintetizados num eu postiço (PESSOA, Fernando. Obras em Prosa. RJ: Editora Nova Aguilar, 1986, p. 81)

## RESUMO

Considera as múltiplas identidades apresentadas por Júlio César de Mello e Souza, bem como, os deslocamentos por diferentes espaços sociais, as estratégias e táticas editoriais, a atuação como professor-autor de livros didáticos de Matemática e a ampla produção literária. Admite, uma destas identidades, como produto de um contexto histórico, situado, datado, do ponto de vista temporal, espacial, mas ao mesmo tempo, as institui nas relações sociais com outrem e, portanto, nas relações de forças, de confronto, de dominação e/ou resistência. Percorre a história do livro, do livro didático, da imprensa e apóia-se em uma vasta documentação de fonte primária, como também, em fontes secundárias, para análise, reflexão e compreensão da constituição de Malba Tahan, um autor-personagem, uma mistificação literária, inventado para *surpreender o Brasil*, além de ser a maneira encontrada pelo professor-autor Júlio César de Mello e Souza para se recriar, se reinventar no interior de suas práticas cotidianas, investigadas à luz da perspectiva histórico-cultural.

Palavras-chave: Educação Matemática; Malba Tahan; História do Livro; Livro didático; Editor; Editoras.

## RÉSUMÉ

En considérant les multiples identités présentées par Julio César de Mello e Souza, et aussi les déplacements par de différents espaces sociaux, les stratégies et les tactiques éditoriales, le rôle en temps que professeur-auteur des livres didactiques de Mathématique et l'immense production littéraire. Admettant, une de ces identités, comme produit d'un contexte historique, situé, daté, du point de vue temporel, espacial, mais em même temps les mettant dans les rapports sociaux avec les autres et cependant dans les rapports de force d'affrontement, de domination et/ou résistance. On suit l'histoire du livre, du livre didactique, de la presse, et on s'appuie sur une vaste documentation de source primaire, aussi bien secondaires, pour des analyses, réflexion et compréhension de la constitution de Malba Tahan, un auteur-personnage, une mystification littéraire, inventé pour surprendre le Brésil, em plus d'être la manière trouvée par le professeur-auteur Julio César de Mello e Souza pour se recréer, se réinventer à l'intérieur de ses pratiques quotidiennes, recherchées sous la lumière historique-culturel.

Mots-clé: Education Mathématique; Malba Tahan; Livre - Histoire; Livre didactique, Éditeur, Éditrice

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	O imperador, o professor e contador de histórias.....	31
FIGURA 02	Menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, 1930.....	55
FIGURA 03	Revista AL-KARISMI, n. 1 –1946] .....	58
FIGURA 04	Revista AL-KARISMI, n. 2 –1946.....	58
FIGURA 05	Revista LILAVÁTI, n. 1 –1957.....	58
FIGURA 06	Capa do livro Didática da Matemática - v. 1, 1961 .....	67
FIGURA 07	Capa do livro Didática da Matemática - v. 2, 1962 .....	67
FIGURA 08	Capa do livro Matemática Divertida e Delirante, 1965 .....	67
FIGURA 09	Folha de Rosto do livro Didática da Matemática - v. 1, 1961.....	67
FIGURA 10	Dedicatória do livro Didática da Matemática - v. 1, 1962.....	67
FIGURA 11	Folha de Rosto do livro Didática da Matemática - v. 2, 1962.....	67
FIGURA 12	Capa da 11ª edição do livro A Sombra do Arco-Íris, 1963.....	69
FIGURA 13	<i>Ex-libris</i> da 11ª edição do livro A Sombra do Arco-Íris, 1963.....	69
FIGURA 14	Folha de Rosto da 11ª edição do livro A Sombra do Arco-Íris, 1963.....	69
FIGURA 15	Capa do livro Céu de Alá – Círculo do Livro – Década de 80.....	79
FIGURA 16	Capa do livro O Homem que Calculava.....	79
FIGURA 17	Capa do livro O Jogo do Bicho à luz da Matemática.....	81
FIGURA 18	Capa do livro Matemática Divertida e Curiosa.....	85
FIGURA 19	Capa do livro Meu Anel de Sete Pedras.....	85
FIGURA 20	Capa do livro As Maravilhas da Matemática.....	89
FIGURA 21	Capa do livro Mathematica 1º ano.....	99
FIGURA 22	Folha de Rosto do livro Mathematica 1º ano.....	99
FIGURA 23	Capa do livro Mathematica 2º ano.....	105
FIGURA 24	Folha de Rosto do livro Mathematica 2º ano.....	105
FIGURA 25	Capa da 3ª edição do livro Curso de Mathematica 3º ano.....	107
FIGURA 26	Folha de Rosto do livro Curso de Mathematica 3º ano.....	107
FIGURA 27	Capa da 4ª edição do livro Curso de Mathematica 4º ano.....	109
FIGURA 28	Folha de Rosto da 4ª edição do livro Curso de Mathematica 4º ano.....	109
FIGURA 29	Capa do livro Curso de Mathematica 5º ano.....	109
FIGURA 30	Folha de Rosto do livro Curso de Mathematica 5º ano.....	109
FIGURA 31	Relação de obras.....	113
FIGURA 32	Réplica do professor Jácomo Stávale – 1933.....	144
FIGURA 33	Revista Brasileira de Matemática – Ano IV, 1933.....	145
FIGURA 34	Jornal ERRE, 1908.....	153
FIGURA 35	Casa em que Mello e Souza passou a infância.....	155
FIGURA 36	Casa em que Mello e Souza passou a infância.....	155
FIGURA 37	Revista STUDIA, n. 10 – Ano X, dezembro de 1980.....	158
FIGURA 38	Capa do Programa de Matemática Superior da ENBA – 1950.....	171
FIGURA 39	Mello e Souza na Juventude.....	172
FIGURA 40	Vista lateral do prédio do Instituto Malba Tahan .....	181
FIGURA 41	Vista lateral do prédio do Instituto Malba Tahan.....	181

## LISTA DE QUADROS

QUADRO I	Demonstrativo de valores pagos relativos a direitos autorais.....	64
----------	---	----

## LISTA DE TABELAS

TABELA I	Relação das obras signatadas por Malba Tahan e Mello e Souza 1925/33	48
----------	--	----

## LISTA DE SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
APER	Arquivo Pessoal Euclides Roxo
BCB	Banco Central do Brasil
BPB	Biblioteca Pedagógica Brasileira
BOVESPA	Bolsa de Valores de São Paulo
CADES	Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário
CEMPEM	Círculo de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática
CNE	Conselho Nacional Deliberativo
CPDOC - FGV	Centro de Pesquisa Documental Fundação Getúlio Vargas
CREA	Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura
DNE	Diretoria Nacional Executiva
ENBA	Escola Nacional de Belas Artes
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
HIFEM	História, Filosofia e Educação Matemática
IMT	Instituto Malba Tahan
LHIED	Núcleo de Pesquisa sobre o Livro e a História Editorial no Brasil
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NUDOM	Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II
PUCSP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUCRIO	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RBM	Revista Brasileira de Matemática
SBEM	Sociedade Brasileira de Educação Matemática
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIRIO	Universidade do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	27
<b>EPISÓDIO I: MALBA TAHAN: UMA MISTIFICAÇÃO LITERÁRIA</b> .....	41
<b>EPISÓDIO II: JÚLIO CÉSAR DE MELLO E SOUZA: BUSCANDO PARCERIAS, DIVERSIFICANDO PRODUÇÕES</b> .....	93
<b>EPISÓDIO III: A INSERÇÃO DO AUTOR JÚLIO CÉSAR DE MELLO E SOUZA NO CONTEXTO POLÍTICO-EDITORIAL DA DÉCADA DE 1930</b> .....	125
<b>EPISÓDIO IV: DA PEQUENA QUELUZ À GRANDE RIO: A TRAJETÓRIA DE UM PROFESSOR-AUTOR</b> .....	149
<b>EPISÓDIO V: O “ARCHIVO” DE MALBA TAHAN: UMA MÊMÓRIA DE SI A POSTERIORI</b> .....	175
<b>EPISÓDIO FINAL: REFAZENDO O CAMINHO</b> .....	187
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	191
<b>APÊNDICES</b> .....	219
APÊNDICE A BIBLIOGRAFIA CONSULTADA MATEMÁTICA – 1º ANO.....	220
APÊNDICE B BIBLIOGRAFIA CONSULTADA MATEMÁTICA – 2º ANO.....	221
APÊNDICE C BIBLIOGRAFIA CONSULTADA MATEMÁTICA – 3º ANO.....	223
APÊNDICE D BIBLIOGRAFIA CONSULTADA MATEMÁTICA – 4º ANO.....	224
APÊNDICE E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA MATEMÁTICA – 5º ANO.....	225
APÊNDICE F RELAÇÃO DE OBRAS PUBLICADAS DÉCADA DE 20.....	226
APÊNDICE G RELAÇÃO DE OBRAS PUBLICADAS DÉCADA DE 30.....	227
APÊNDICE H RELAÇÃO DE OBRAS PUBLICADAS DÉCADA DE 40.....	230
APÊNDICE I RELAÇÃO DE OBRAS PUBLICADAS DÉCADA DE 50.....	234
APÊNDICE J RELAÇÃO DE OBRAS PUBLICADAS DÉCADA DE 60.....	239
APÊNDICE K RELAÇÃO DE OBRAS PUBLICADAS DÉCADA DE 70.....	245
APÊNDICE L RELAÇÃO DE OBRAS PUBLICADAS DÉCADA DE 80.....	247
APÊNDICE M RELAÇÃO DE OBRAS PUBLICADAS DÉCADA DE 90.....	249
APÊNDICE N RELAÇÃO DE OBRAS PUBLICADAS DÉCADA DE 2000.....	252
APÊNDICE O BIBLIOGRAFIA CONSULTADA APOSTILAS DE DIDÁTICA.....	255
APÊNDICE P RELAÇÃO DOS CONTOS DE MALBA TAHAN - FOLHA DA NOITE [1926]...	257

## INTRODUÇÃO

Há gestos, para os quais pouca ou nenhuma importância é atribuída, talvez por serem aparentemente pequenos; mas que podem fazer toda a diferença e tornarem-se grandes.

Em uma tarde, possivelmente, nublada, recebi, numa sala reservada a clientes, à época, trabalhava em uma instituição financeira, localizada no coração da maior cidade brasileira, e ligada à Bolsa de Valores de São Paulo - BOVESPA, a visita de uma vendedora do Círculo do Livro, do qual tornara-me sócio há algum tempo.

Interessei-me, de imediato, por um título, cujas historietas, ao mesmo tempo em que me provocavam, pois traziam desafios pouco explorados durante a graduação; me fascinavam com o desenrolar criativo de seus enredos. Quem seria o autor daquela obra? Indaguei-me. Mas lá estava, na última página, a resposta! Uma brevíssima biografia. Não titubeei e adquiri o livro, “devorado” em poucos dias.

Pois bem, foi por meio da leitura de *O Homem que Calculava*, que se deu meu primeiro encontro com os escritos de Malba Tahan. O que eu jamais poderia supor, com aquele pequeno gesto, isto é, o de comprar aquele livro, seria o de me tornar, um dia, pesquisador das práticas de seu autor.

Foi, também, a partir desta obra que soube se tratar do pseudônimo de um escritor de nacionalidade brasileira; o que para mim, até então, era totalmente desconhecido. Embora tenha me licenciado em Matemática, esse autor não me fora apresentado, seja nas disciplinas específicas, seja nas de didática ou prática de ensino.

Anos mais tarde, logo após a defesa da dissertação de Mestrado<sup>1</sup>, com o intuito de escrever um artigo a seu respeito, em parceria com minha ex-orientadora, pude restabelecer contato com aquela e outras obras.

---

<sup>1</sup> SIQUEIRA FILHO, Moysés Gonçalves. (Re)criando modos de ver e fazer Matemática: as estratégias utilizadas por alunos adultos na Resolução de Problemas, 1999, 229 f. Mestrado em Educação. Área de Concentração: Educação Matemática - Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória, 24.09.99. Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Circe Mary Silva da Silva Dynnikov.

Posteriormente, já em campo, obtive novas informações que me serviriam para a escrita do artigo e de base para dois momentos distintos: o primeiro, participar do IV Seminário Nacional de História da Matemática em Natal – RN: *História da Matemática em Malba Tahan*<sup>2</sup> e o segundo, participar do VII Encontro Nacional de Educação Matemática, na cidade do Rio de Janeiro - *Malba Tahan e os PCN: possíveis encontros*<sup>3</sup>.

A leitura de outras obras subsidiou a escrita de um projeto de investigação, aceito pelo grupo de pesquisa em *História, Filosofia e Educação Matemática* – HIFEM, pertencente ao *Círculo de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática* – CEMPEM, ambos do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação -UNICAMP, cujo tema era *Malba Tahan e Educação Matemática: um percurso histórico das instruções metodológicas do Colégio Pedro II aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio*.

Cria, por meio deste projeto, poder contribuir com a formação, inicial ou continuada, de professores de Matemática preocupados em melhorar o processo ensino-aprendizagem contemporâneo tocado por algumas das reflexões, preocupações e fazeres do professor Júlio César de Mello e Souza. Aprazia-me identificar em algumas obras, sua concepção de ensino e de Matemática, embevecido pelo mito e pela capacidade literária e sedutora com que o autor divulgava a Matemática.

Com esse propósito iniciei meu doutoramento. Cumpri todos os cinquenta e quatro créditos exigidos pelo programa, distribuídos em seis disciplinas: *História Oral e Pesquisa em Educação*; *Problemas e Tendências em Educação Matemática*; *Pesquisa e Prática Pedagógica em Matemática*; *História da Escola e da Família*; *Atividades Programadas de Pesquisa de Doutorado I e II*.

---

<sup>2</sup> SIQUEIRA FILHO, Moysés Gonçalves; SILVA, Circe Mary Siva da. *História da Matemática em Malba Tahan (1895-1974)*. In: *Anais do IV Seminário Nacional de História da Matemática*. Natal- RN, 2001.

<sup>3</sup> SIQUEIRA FILHO, Moysés Gonçalves. *Malba Tahan e os PCN: possíveis encontros*. In: *Anais do VII Encontro Nacional de Educação Matemática*. Rio de Janeiro, 2001.

Diante das reflexões e discussões inerentes às disciplinas cursadas, e das longas orientações, idas e vindas de alguns vários temas e procedimentos se tornaram inevitáveis, até que se chegasse à redação final desse texto.

As primeiras idéias, as interrupções, necessárias aos deslocamentos e ao seu amadurecimento, *as reflexões inúteis, os erros, os caminhos tortuosos, muito longos, e junto com eles os impasses*, tudo isso registrado, em meu “diário de bordo”, retratam, conforme Douady (apud PIREZ, 2000, p.161/162) a *infância* da pesquisa. É nesse diário que estão os encaminhamentos e as transformações produzidos nos bastidores da investigação o que, também, sinalizam a possibilidade para o percurso de outros caminhos, para a vivência de outras experiências e que não aparecem na redação do texto final.

Mas acredito que as modificações mais marcantes podem e devem ser mencionadas, até por que são nestes bastidores que acontecem a escolha deste e não daquele referencial teórico, desta e não daquela metodologia.

Ao iniciar a pesquisa, tinha em mente que para reconstituir o passado, *pari passu*, bastaria organizar, cronologicamente, uma série de documentos, em busca de uma verdade suprema. Por meio da história, nessa concepção, seria possível explicar tudo, ou pelo menos quase tudo. É como se eu pudesse apenas vasculhar e desatar os entrelaçamentos existentes para supostamente desembocar neste ou naquele contexto, devido a seu caráter linear e eminentemente contínuo. Dessa forma, os fatos se apresentariam de maneira hierárquica e cada nova etapa seria um acúmulo progressivo de etapas anteriores.

Essa visão de História, que a postula como ciência que relata, numa sucessão linear e evolutiva, a simples reconstrução dos fatos passados, privilegiando única e exclusivamente a história-cronológica e pouco problematizada, a partir da crença absoluta nos documentos aceitos como verdadeiros testemunhos, é rejeitada pela História Nova (LE GOFF, 1999), à medida que se revela a natureza descontínua e provisória do real. Com isso, passei a compreender melhor que a sucessão dos contextos históricos não se dá sob estagnações e que nela há descompassos.

Conforme questionava a documentação angariada, percebia ter em mãos muitas informações de cunho biográfico que me possibilitavam articulá-las com determinados contextos históricos e que me instigavam a escrever a história de vida de um indivíduo, ao mesmo tempo, único e multifacetado.

Entretanto, não queria recuperar manifestações notáveis, nem fazer de Mello e Souza *o herói*, como o fez Thomas Carlyle, para destacar a figura do grande homem. Para ele todo e qualquer vestígio corporal deveria ser eliminado para exaltar o arquetípico do herói em busca da universalidade (LORIGA, 1998). Por outro lado, eu queria, sim, escrever alguns episódios da vida de um homem, visto como mortal, cuja conduta revelasse suas glórias, fraquezas, angústias, ambições e explicasse a criação ou invenção do personagem Malba Tahan.

Para que isso ocorresse, inquiri trabalhos que, inseridos no panorama historiográfico contemporâneo, retratavam o gênero biográfico, e apontavam possibilidades de rompimento com a escrita da biografia tradicional, para não recair, no que Bourdieu (1998) designou de *ilusão biográfica*, cujo privilégio incide, retrospectivamente, sobre os grandes feitos de um grande personagem, desde o nascimento até a morte.

Para esse autor, a história de vida de um indivíduo não deve pressupor um desvio linear ou unidirecional, cujo início, meio e fim caracterizam etapas estritamente cronológicas inseridas em um acúmulo de fatos históricos, uma vez que a multiplicidade das posições ocupadas por este indivíduo na sociedade em que vive dá pistas de que ele se posiciona em uma *superfície social* entendida como sendo o

conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos (BOURDIEU, 1998, p. 190).

Esse constructo indica a existência de um sujeito fracionado e múltiplo, advindo de uma individualidade biológica, inscrita em um nome próprio, o qual lhe confere uma identidade social, que insiste em reuni-lo e unificá-lo.

Posso dizer que Salomão IV, 846, Capote, R. S. Slady, Breno Alencar Bianco, Malba Tahan, revelam a multiplicidade de identidades, oriundas da matriz biológica Júlio

César de Mello e Souza, as quais incorporam, em determinados momentos, a autoria de alguns de seus feitos e tornam-se atuantes nas atividades que desempenham.

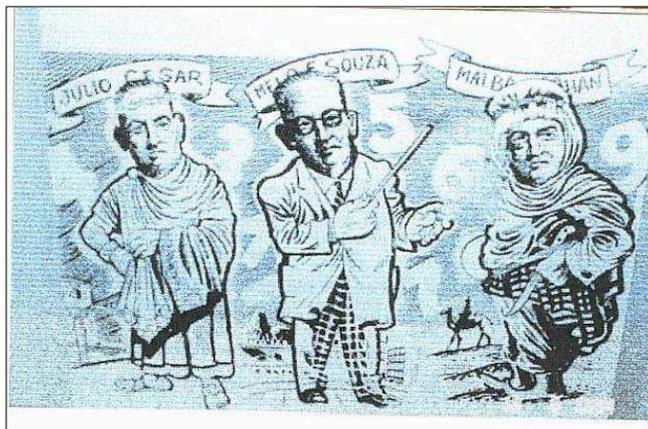


Figura 1 – O imperador<sup>4</sup>, o professor e o contador de histórias [s.d].

Para romper com essa idéia de identidade individual unitária e imutável, historiadores-biógrafos buscam compreender seus personagens a partir de múltiplos ângulos, utilizando, dessa forma, o método biográfico como um instrumento de conhecimento histórico em substituição à biografia cronológica, personalista e factual (LEVI, 1998).

Le Goff (1999) destaca que o método biográfico tem compromisso com os efeitos do real, os quais revelam, além do estilo de escrita do historiador, sua familiaridade com as fontes e com o tempo de seu personagem. Para ele, uma “verdadeira” biografia tem por objetivos apresentar e explicar a vida individual na história. Por meio de uma desmontagem apropriada dos documentos, o historiador faz com que apareçam elementos que introduzem uma convicção razoável da “verdade” histórica, enfatizando ser necessário

[...] mais do que em qualquer outro objeto de estudo histórico, saber respeitar aqui as falhas, as lacunas que a documentação deixa, não querer reconstituir o que os silêncios [...] escondem, também as descontinuidades e as disjunções, que rompem a trama e a unidade aparente de uma vida (LE GOFF, 1999, p. 21).

---

<sup>4</sup> “Eu me chamo Júlio César, porque papai queria que eu fosse militar. Então me botou um nome bélico, um nome que não é dos mais pacifistas” (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

Em sua obra intitulada *São Luís*, o autor se propõe a fazer uma história global e, para tanto, orienta a construção dessa biografia a partir de marcos, como os do nascimento, da coroação, do casamento, das cruzadas, da morte e da canonização.

Há, entretanto, trabalhos que, na tentativa de preencher as lacunas documentais, procuram fazer uma analogia entre a vida de outras pessoas com a do biografado, considerando a época, o meio e a ambiência, por exemplo, e, segundo Levi (1998), tais trabalhos obtiveram ótimos resultados, pois souberam manter uma dosagem adequada entre a especificidade da trajetória individual e o sistema social como um todo.

Caminhar à luz dessa perspectiva, isto é, aquela que permite problematizar eventuais lacunas, desafia o historiador a se colocar na delicada fronteira entre o real e o fictício, obrigando-o a ver a vida como uma obra de arte (MIGUEL, informação verbal)<sup>5</sup>.

Ginzburg (2006) narra, em seu livro *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*, a história de Domenico Scandella, dito Menocchio, condenado pela inquisição, por ter pronunciado palavras heréticas e ímpias sobre Cristo. A partir deste estudo biográfico, o autor analisa a relação existente entre a cultura popular e erudita no século XVI, apoiado no conceito de Circularidade Cultural, extraído de Mikhail Bakhtin. Graças a uma pesquisa documental intensiva, o autor ambiciona reconstituir o panorama social, econômico, político e cultural de um determinado período histórico. Para ele, a produção do conhecimento histórico se torna possível à luz do instinto do historiador, por ele chamado de faro, golpe de vista ou intuição.

Schmidt (2000, p. 171) apresenta, como proposta de investigação, a construção de biografias a partir da perspectiva da vida cotidiana e para que isso ocorra

[...] deve-se levar em conta a dimensão do cotidiano como um momento necessário e significativo da análise, pois é no dia-a-dia que os indivíduos ganham existência plena, com suas práticas e suas representações, suas vitórias e seus fracassos, suas decisões e suas hesitações.

---

<sup>5</sup> MIGUEL, Antonio. Anotações das considerações efetuadas à época do Exame de Qualificação deste trabalho, realizado em 01.10.07.

Ao longo de sua investigação, Schmidt (1996, 1997) procurou narrar e analisar a trajetória de Antônio Guedes Coutinho, a partir de quatro aspectos, considerados, segundo as fontes por ele consultadas, mais significativos no cotidiano de seu personagem: família; trabalho; estudo e produção intelectual; militância. Esse procedimento analítico lhe permitiu articular a trajetória individual de Coutinho, inserida em um contexto historicamente determinado.

Pena (2004) propõe um modelo, chamado por ele de *teoria da biografia sem fim*, influenciado pela dinâmica de Gumbrecht (1999), para se trabalhar com biografias e, para tanto, empresta, das ciências naturais, o conceito de fractal<sup>6</sup>. Nesse modelo, os capítulos nominais representariam os fractais e refletiriam as múltiplas identidades do personagem biografado, em seu caso Adolpho Bloch, e no cerne de cada capítulo seriam inseridas outras pequenas histórias, ou fractais, fora da ordem diacrônica, de modo que o leitor pudesse começar o texto de qualquer página, pois ele não teria começo, meio e fim:

Nos fractais biográficos estas múltiplas identidades são visíveis. Em determinado momento, prevalecerá a identidade relacionada à profissão, em outras a religião, depois a família, e assim por diante. Tudo vai depender dos deslocamentos do personagem pelo espaço social (PENA, 2004, p. 63).

Hans Ulrich Gumbrecht, autor do livro *Em 1926: vivendo no limite do tempo*, apesar de sua obra não se caracterizar como biográfica, rompe com a idéia de linearidade temporal a favor da idéia de simultaneidade. O escritor faz com que seu leitor escolha por onde iniciar sua leitura, pois sua narrativa ou discussões, dividida em 51 verbetes, dispostos em três seções – Dispositivos, Códigos e Códigos em colapso, não tem começo [!?!]. É que *de cada verbe, uma rede de referências cruzadas o levará a outros verbetes relacionados [...] Espera-se, portanto, que cada verbe atinja o máximo de superficialidade e concretude* (GUMBRECHT, 1999, p. 9/10).

---

<sup>6</sup> A definição dada por K. J. Falconer é a de que “um conjunto F é fractal se: possuir alguma forma de auto-similaridade ainda que aproximada ou estatística; sua dimensão fractal, definida de alguma forma, for maior que a sua dimensão topológica; o conjunto F puder ser expresso por meio de um procedimento recursivo ou iterativo” (BARBOSA, 2002, p. 18/19). Para Pena (2004, p. 61) “é uma figura geométrica n-dimensional com uma estrutura complexa e pormenorizada em qualquer escala. Os fractais são auto-similares e independentes em escala, ou seja, cada pequena seção de um fractal pode ser vista como uma réplica em tamanho menor de todo o fractal. Isso significa dizer que podemos recorrer a um padrão dentro de outro padrão e assim por diante, partindo da complexidade maior do todo. É a chamada simetria de escala”.

De outro modo, o leitor é convidado, por meio do *Manual do Usuário* (p. 9), o qual lhe dá as diretrizes de como lidar com aquele hipertexto, a avançar e recuar de seção em seção, conduzido pelo cruzamento das referências, para que, com isso, tenha a sensação de estar vivendo no ano de 1926.

Todos esses autores procuram, de alguma maneira, afastarem-se da idéia de indivíduo unitário e, com isso, convergem para uma nova perspectiva de se encarar o método biográfico a partir de temáticas nucleares, em torno das quais as narrativas se desenrolam: - Le Goff e a história global; Ginzburg e a circularidade cultural; Schmidt e a vida cotidiana; Pena e a biografia sem fim; Gumbrecht e a simultaneidade .

Diante deste leque de possibilidades para se fazer uma biografia e considerando as múltiplas identidades apresentadas por Júlio César de Mello e Souza, bem como, os seus deslocamentos por diferentes espaços sociais, tenho por meta responder a seguinte questão: *Quais contexturas subsidiaram a constituição do autor-personagem Malba Tahan e quais contexturas foram por ele constituídas para sua manutenção?*

O foco de meu trabalho são suas práticas cotidianas, a partir das quais, procuro compreender, contar a história de um sujeito que viveu situações das mais diferentes possíveis; de um professor-autor-personagem que deixou marcas expressivas no imaginário da Educação Matemática; constituído, portanto, como produto de um contexto histórico situado, datado, do ponto de vista temporal e espacial, mas que ao mesmo tempo, constituiu-se nas interações sociais com o outro, ou seja, nas relações de forças, de confronto, de dominação, de resistência.

Julgo, então, implicar a produção de meu trabalho em uma perspectiva histórico-cultural, de natureza biográfica, não perdendo de vista analisar as estratégias-táticas editoriais utilizadas por Mello e Souza; delinear sua atuação como professor-autor de livros didáticos de Matemática e demarcar a produção literária do autor-personagem Malba Tahan.

Sem a pretensão de fazer uma *biografia total*, como a que fez Le Goff em São Luiz, e por conceber uma biografia como uma escrita revestida de episódios, optei por

escrever a de Malba Tahan a partir do que denominei de episódios biográficos cotidianos, considerando as várias posições simultâneas por ele ocupadas (BOURDIEU, 1998; GUMBRECHT, 1999), o que me aproxima da proposta de Schmidt. Procurei organizar o texto em episódios, mais ou menos independentes um do outro, com a intenção de não submetê-los a uma dimensão cronológica rígida, permitindo que se faça, para o entendimento do enredo, a sua leitura em qualquer ordem, sem a necessidade de pré-requisitos, o que me aproxima dos fractais de Pena.

Foi preciso percorrer um longo caminho, de muitas leituras, de muitas horas de análise e reflexão para traçar o que eu desejava. Muitas viagens também se fizeram necessárias para a obtenção de fontes que corroborassem para a efetivação do trabalho. Basicamente, as fontes primárias foram extraídas do Núcleo de documentação e Memória do Colégio Pedro II - NUDOM – RJ; do Museu da Imagem e do Som – MIS - RJ; da Fundação Biblioteca Nacional – RJ; do Museu Dom João VI – RJ; da Escola Polytécnica – RJ; do Instituto Malba Tahan – IMT - SP; do Arquivo Pessoal Euclides Roxo – APER – PUC/SP; do Núcleo de Pesquisa Sobre o Livro e a História Editorial no Brasil - LIHED/UFF - RJ.

Os documentos obtidos, de forma não muito tranqüila, em função de autorizações tardias, informações desconstruídas, arquivos dispersos em distantes e diferentes lugares, foram submetidos à críticas e reflexões, com o intuito de *marcar a singularidade dos acontecimentos [...] espreitá-los [...] naquilo que é tido como não possuindo história* (FOUCAULT, 1979, p. 15) e, à medida que me debruçava, mais e mais, no processo de investigação, pude, com o auxílio deles, repensar o que explicaria, historicamente, alguns dos atos e atitudes, praticados pelo professor-autor Júlio César de Mello e Souza e pelo autor-personagem Malba Tahan.

O mapeamento das obras publicadas, que se encontram nos APÊNDICES F a N, foi elaborado a partir de fontes primárias e secundárias, buscadas em dissertações, monografias, artigos, arquivos, bibliotecas virtuais, que apresentavam, de alguma forma, uma relação de seus livros, quais sejam: [1] ARQUIVO PESSOAL – IMT (Relação da Editora Conquista –1951; Relação da Biblioteca Nacional - 1964); [2] OLIVEIRA (2001); [3] FARIA (2004); [4] MEIDANI (1997); [5] SOUZA, MAGALHÃES e

FERNANDES (2002); [6] LORENZATO (1995); [7] EDITORA RECORD; [8] FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL; [9] UNICAMP; [10] USP; [11] PUC-SP; [12] PUC-RS; [13] UFPE; [14] UFRJ; [15] UNESP; [16] UFRGS; [17] ESTANTE VIRTUAL. Posteriormente, elegi uma dessas fontes como matriz e passei a confrontá-la com as demais, ora inserindo-lhe novas informações, ora completando-lhe os dados.

Acerca dos APÊNDICES A a E e O, sua construção se deu enquanto analisava os respectivos livros e considere necessário destacar os autores a quem Mello e Souza recorria para escrever sua obra, com o intuito de perceber a frequência com que eram consultados, o país de origem, o ano de publicação e a edição. No APÊNDICE P, organizei uma série de contos publicados, em 1926, no jornal a *Folha da Noite*, de São Paulo, a fim de constatar a incidência da temática árabe.

A história de Malba Tahan é, por mim, contada ao longo de cinco episódios. Para construí-los estabeleci diferentes diálogos com diferentes autores. No Episódio I, procuro demarcar a produção literária de Malba Tahan. Por um período de oito anos, detectei a existência de “dois autores”, isto é: um, que escrevia histórias fantasiosas recorrendo a temáticas orientais; outro, que discorria sobre assuntos específicos do conhecimento matemático. O grande público, até então, desconhecia acerca da pseudonímia.

Os editores com os quais trabalhou contribuíram para o sucesso de suas obras, seja pelo esforço sistemático de divulgação - os jornais se mostraram um lugar ideal para essa manutenção, pois além de divulgarem suas obras, atingiriam um número maior de leitores – seja pela capacidade de comercialização. Para Chartier (1999, p. 50) *o editor pode possuir uma gráfica, mas isto não é necessário, e, em todo caso não é isto que fundamentalmente o define; ele pode também possuir uma livraria, mas tampouco é isso que o define em primeiro lugar.*

No episódio II, identifico as produções didáticas escritas com Cecil Thiré, Euclides Roxo, Irene de Albuquerque e Nicanor Lengruber, elaboradas para atender as orientações educacionais vigentes, e analiso a organização dos capítulos, a bibliografia utilizada, os interlocutores convidados, a capa e outros elementos nelas contidos. Os

contratos, estabelecidos entre Mello e Souza, as editoras e as parcerias, mostram, por exemplo, as negociações efetuadas para a tiragem da 1ª edição, do preço de venda, dos direitos autorais, da estrutura da obra.

Conjecturo que a prática em escrever em parceria tenha sido uma estratégia editorial, uma vez que Mello e Souza produzira obras didáticas sozinho, e algumas delas, com uma boa aceitação no mercado. Provavelmente, estas parcerias fortaleciam sua imagem como professor e como autor.

No Episódio III, relato uma polêmica ocorrida entre Mello e Souza e Jácomo Stávale. O apelo a que se fazia jus um artigo, publicado em 1933, pontuava, explicitamente, o rigor formal para com os conceitos e definições matemáticas, mas, implicitamente, uma possível disputa pelo mercado editorial, pois, ambos eram autores de livros didáticos. Mello e Souza publicava, em parceria com Cecil Thiré, pela Editora Francisco Alves (RJ) e Jácomo Stávale, pela Cia Editora Nacional (SP).

No cenário político-educacional, a polêmica convergiu uma série de questões, igualmente importantes, advindas de situações, ainda recentes, e que deram suporte para melhor compreendê-la. A criação, em 1929, da disciplina Matemática; o Movimento da Escola Nova; o Primeiro Movimento para Modernização do Ensino da Matemática e a Reforma Francisco Campos eram os grandes marcos que giravam em torno do teor daquela controvérsia, a qual apontava concepções sobre Matemática e sobre seu ensino, advindas da intelectualidade vigente.

No cenário político-editorial, o mercado de livros didáticos se expandiu com rapidez, favorecendo o crescimento da Cia Editora Nacional e da Editora Melhoramentos, ambas de São Paulo, e colocou-as em concorrência com a Editora Francisco Alves, do Rio de Janeiro, líder, até então, nesse segmento, como também, viabilizou a criação de um público leitor no país. O livro pode ser considerado, portanto, como uma

[...] arma de propaganda fundamental na transformação da cultura nacional, seja pela instrumentalização da reforma da escola, seja pela propaganda dos “verdadeiros valores nacionais” contidos na literatura, nos manuais de cidadania e nas coleções de vulgarização da literatura nacional (TOLEDO, 2001, p. 46).

No episódio IV, a partir dos tempos de infância e de escola do menino Júlio César, identifico suas primeiras produções textuais: redações vendidas a colegas do Colégio Pedro II e um “jornal” denominado “ERRE”, no qual, com bastante sagacidade, criava historietas, explicitava opiniões e já procurava desconsiderar o trabalho alheio, na época, o dos irmãos.

O Colégio Militar, o Colégio Pedro II, o Instituto de Educação e a Escola Polytécnica contribuíram para sua formação. Foram necessários vinte anos para que se graduasse em Engenharia Civil, profissão que nunca exercera. Durante esses anos todos, desempenhou uma série de funções, mas somente o título de engenheiro lhe daria condições para ser professor de Matemática; concorrer a Cátedra no Colégio Pedro II, para com isso, forjar sua autoridade matemática.

A sua concepção sobre o ensino de Matemática e sobre a Matemática modificou, à medida que sua atuação no magistério, assim como, na formação de professores se consolidava. Considero que a constituição do professor-autor não se deu separadamente, ela ocorreu sincronicamente.

No episódio V, procuro compreender o *archivo* de Malba Tahan e discutir a intencionalidade com que ele reuniu e arquivou sua documentação. Conforme Ribeiro (1998), Fraiz (1998) e Artières (1998) a prática em produzir e guardar registros sinaliza um projeto autobiográfico.

Para Foucault (1979, 2000) essa prática, que se revela na escrita de si, faz surgir uma multiplicidade de interpretações, tantas quantas forem os usuários do arquivo, como também uma multiplicidade de discursos disformes e instáveis, os quais, propiciam produtividades táticas e integrações estratégicas, impossibilitando-os de se dicotomizarem em admitidos/excluídos ou dominantes/dominados. O autor admite, portanto, a não existência de um poder e sim a existência de relações de poderes, constituídas historicamente, nas práticas sociais de afrontamentos, lutas e disputas, enfim, de dominação e resistência.

Por outro lado, para De Certeau (1994, p. 101) as práticas cotidianas são apropriações inventivas e criativas das relações culturais, havendo, dessa forma, uma presença capaz de atuar em outras relações sociais mais amplas. Entretanto, acaba dicotomizando essas práticas em estratégias do forte, *organizada[s] pelo postulado de um poder* e em táticas do fraco, *determinada[s] pela ausência de poder*, tendo por lugar o campo do inimigo, o espaço por ele controlado.

Ambos os autores falam em estratégias e táticas diferentemente, o que os distanciam. Mas um viés os aproxima: eles acreditam em práticas inventivas para se fazer de outra forma. Daí a possibilidade de ressignificar os conceitos estabelecidos por De Certeau a partir do conceito de poder discutido por Foucault.

O *arquivo* de Malba Tahan revela, por vezes, as táticas que transformaram alguns acontecimentos em oportunidades astuciosas e, por outras, as estratégias que o colocaram em um lugar de poder, caracterizando seu *arquivo* como um espaço inventivo e criativo de sua prática cotidiana.

Por fim, no último episódio, recomeço o caminho, buscando compreender as contexturas constituintes e constituídas das/nas práticas inventivas de outros modos de existir na forja de Malba Tahan.

## EPISÓDIO I

### MALBA TAHAN: UMA MISTIFICAÇÃO LITERÁRIA

Conheceis a história de Malba Tahan. É das mais interessantes. Ali Yazzed Izz-Eddin Ibn Salin Hank Malba Tahan, famoso escritor árabe, descendente de uma tradicional família mulçumana, nasceu no dia 06 de maio de 1885 na aldeia de Mazalit, nas proximidades da antiga cidade de Meca. Fez os seus primeiros estudos no Cairo e, mais tarde, transportou-se para Constantinopla, onde concluiu oficialmente o seu curso de ciências sociais. Datam dessa época os seus primeiros trabalhos literários que foram publicados em turco, em diversos jornais e revistas. A convite de seu amigo o Emir Abd el Azziz ben Ibrahim, exerceu Malba Tahan, durante vários anos, o cargo de quaimaquam (prefeito) na cidade Árabe de El-Medina, tendo desempenhado as suas funções administrativas com rara inteligência e habilidade. Conseguiu, mais de uma vez, evitar graves incidentes entre os peregrinos e as autoridades locais; e procurou sempre dispensar valiosa e desinteressada proteção aos estrangeiros ilustres que visitavam os lugares sagrados do Islam. Pela morte de seu pai, em 1912, recebeu Malba Tahan uma grande herança; abandonou, então o cargo que exercia em El Medina e iniciou uma longa viagem através de várias partes do mundo. Atravessou a China, o Japão, a Rússia, grande parte da Índia e Europa, observando os costumes e estudando as tradições dos diversos povos. Entre as suas obras mais notáveis, citam-se as seguintes: “Roba-el-Khali”, “Al-samir”, “Sama-Ullah”, “Maktub”, “Lendas do Deserto”, “Mártires da Armênia” e muitas outras. Foi ferido em combate (julho de 1921), nas proximidades de El Riad, quando lutava pela liberdade de uma pequenina tribo da Arábia Central [...].

Este breve resumo da vida e obra de Malba Tahan foi publicado no jornal *A União*, de João Pessoa-PB, em 13 de setembro de 1933, em um texto de divulgação do lançamento do livro *Lendas do Oásis*, pela Editora Civilização Brasileira. Neste texto, destacava-se que *um elegante volume* estava sendo comercializado por 5\$000 (cinco

mil réis<sup>7</sup>) na Livraria 'S. Paulo'. A síntese biográfica em epígrafe correspondia ao prefácio do livro (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Recortes de Jornal. *A União ...*, 1933).

Desde a publicação, em 1925, pela Editora BrasLux, do livro *Contos de Malba Tahan*, cuja autoria fora emprestada ao personagem-título, os leitores foram levados a questionar a existência do autor. Esse livro reunia uma coletânea de vinte e três contos<sup>8</sup>, e tinha como tradutor o professor Júlio César de Mello e Souza<sup>9</sup>. Em seu prefácio, intitulado Hank Malba Tahan, era apresentada uma história, envolvendo alguns personagens, incluindo o prefaciador, com o objetivo de contar um pouco sobre como teria ocorrido o *descobrimento* daquele escritor árabe.

O texto é iniciado com a informação de que não tendo sido encontrados *dados biographicos fidedignos e estudos criticos sobre a personalidade de Malba Tahan*, seria transcrito um tópico de uma crônica de autoria de W. Speedy, publicada *no numero especial (Arabian Number) da "Short Stories Magazine" de Philadelphia, em maio de 1921*.

A crônica “transcrita” pretende estabelecer uma analogia entre o processo de análise que teria levado os astrônomos Le Verrier e Galle a concluírem pela existência de

---

<sup>7</sup> O Brasil passou por uma série de reformas monetárias. Em 1942 foi instituído o CRUZEIRO como equivalência a um mil réis, com centavos. Em 1964, extinguiram-se os centavos. Em 1967 foi criado o CRUZEIRO NOVO, equivalente a um mil cruzeiros antigos, restabelecendo os centavos. A partir de 1970 restabeleceu-se o CRUZEIRO e mantiveram-se os centavos. Em 1984, extinguiram-se os centavos. No ano de 1986 institui-se o CRUZADO, equivalente a um mil cruzeiros, restabelecendo-se os centavos. Em 1989, institui-se o CRUZADO NOVO, correspondendo a um mil cruzados. No ano seguinte, retorna a denominação CRUZEIRO, correspondendo um cruzeiro a um cruzado novo. Em 1993, criou-se o CRUZEIRO REAL, equivalendo a um mil cruzeiros, com a manutenção do centavo. A partir de 01.07.94 institui-se o REAL como unidade do sistema monetário, com equivalência a CR\$ 2.750,00 (dois mil setecentos e cinquenta cruzeiros reais), mantendo-se o centavo [www.bcb.gov.br](http://www.bcb.gov.br). Acesso em: 05.mai.2006.

<sup>8</sup> A pequenina lua azul; A última vontade do rei Hibban; O nariz do rei Mahendra; O castelo das mil e tantas luzes; O livro do destino; A sombra do cavalo; O tesouro de Brésa; O elefante furioso (parábola hindu); O sábio da Effelogia; Devoradores de Reis; O homem que tudo achava; A primeira pedra; O castigo; Procholovsky (Vocabulo do dialeto tártaro que significa “mais estúpido que um porco”); Um caso de medicina; Kitab, o gênio; A bossula; A sopa; O avestruz contrabandista; O homem prodigioso (O nome do protagonista desta história é R. S. Slady); Sassevará; Peregil e o velho do camelo; Bom, mas não muito. Destes, os seis primeiros já haviam aparecido no jornal Folha da Noite (TAHAN, 1925).

<sup>9</sup> A segunda edição da obra, publicada em 1929, pela A Encadernadora, teria como tradutor Breno Alencar Bianco, que [...] é um outro pseudônimo do autor. Foi escolhido em homenagem ao General Heitor Bianco de Almeida Pedrosa, dedicado amigo de Malba Tahan, falecido em 1964(?). As iniciais BAB, em persa, significam “porta” (ARQUIVO PESSOAL – IMT. *Documento sobre a vida e obra de Malba Tahan*, s.d).

Netuno, um astro, até então desconhecido e o *descobrimto* de Malba Tahan. Após descrever o processo analítico realizado pelos astrônomos, o texto passa a explicar as etapas do processo de busca pela identificação de Malba Tahan.

Mr. Slumter, enquanto esteve em uma *pequena cidade da Arabia Central – El-Riad* realizando estudos científicos, teria em seus momentos de lazer estabelecido contato com *personalidades cultas da região, inclusive, um jovem, de nome Ahmed Kamil*. Esse jovem, embora nunca houvesse viajado, nem conhecesse idiomas europeus, tinha, *na sua conversa, ou nos bizonhos trabalhos literários* que submetia à sua apreciação, *um certo quid, umas noções extravagantes e lacunosas, um modo peculiar de encarar as cousas, aliando o orientalismo com o occidentalismo num consorcio sem duvida interessante*. Desse contato, Mr. Slumter concluiu que deveria ter estado naquela região *alguém que conhecia perfeitamente a Arábia e a Europa e deixara o influxo de suas idéias e de seus conhecimentos na mentalidade arguta do jovem Kamil*. Mr. Slumter falou sobre essa sua conjectura a Cl Houart, que daria continuidade aos estudos por ele iniciados na Arábia. Houart interessou-se pelo assunto, estabeleceu contato com o jovem Ahmed e confirmou a conjectura de Slumter. Em uma carta, Ahmed revela as suas descobertas.

O joven Ahmed e outros intellectuaes destes areaes, têm, com effeito um precursor, um mestre, um chefe de escola. É o escriptor Malba Tahan, autor de vários livros de contos produzidos num estylo sui generis. Suas histórias são curtas (optma qualidade!) incisivas, “very thrilling indeed”. Si meus achaques me permittirem, hei de traduzir algumas e, envia-las para o numero especial dedicado á Arábia, em que desejo colaborar, em atenção a teu delicado convite. Pouco consegui apurar, porém, sobre a biografia do escriptor. (Nessa parte os teus projetos vão ficar truncados). Sei apenas que Hank Malba Tahan vive em Meca, e, embora relativamente moço, tem na vida um rosario infindavel de aventuras. Viveu doze anos em Manchester, onde o pae negociava vinhos; esteve algum tempo na Rússia (antes da guerra), com uma empreza de saltimbancos, ahi perde-se o fio de sua vida (consta que andou preso por suspeito de espião) até que reaparece na Persia, na India, e em Shangai; sucessivamente na India leu as obras de Kipling<sup>10</sup>: muitas passagens de seus contos denunciam a influencia desse escriptor. Ahmed possui exemplares do “Roba el-Khali” e do “Sorr el-layal”. Já tratei de adquirir esses livros, e os demais intitulados: “Mil histórias sem fim...”; “Contos Arabes” e os “Martyres da Armenia”. Como sabes, não sou forte em critica, (livre-me a Providencia de tal pretensão!) mas sempre consegui apurar que Malba Tahan é admirador de Kipling, de Doyle, de Poe, de Rosny. Ahmed conheceu-o

---

<sup>10</sup> Rudyard Kipling (1865 – 1936), autor de Kim, traduzido para o português por Monteiro Lobato pela Companhia Editora Nacional, 1941 (KOSHIYAMA, 2006)

pessoalmente em Meca, há cerca de seis annos, e disso tive grande orgulho. Disse-me que agora é que elle si está consagrando ás literaturas orientaes: tem grande admiração por Omar Khayyam, sabe de cór o Rubayát! E estudou o bengali só para ler Tagore<sup>11</sup>. É curioso que um árabe ás direitas como Malba Tahan, comece lendo Kliping para acabar em Sheerezade!” (TAHAN, 1925, prefácio)

Nesse prefácio, Mello e Souza constrói uma história alinhavando elementos fictícios com situações reais de uma forma bastante articulada que, provavelmente, fazia com que o leitor daquele período fosse convencido da existência de Malba Tahan, bem como de todos os personagens envolvidos.

A conclusão a que chega o autor, ao final do prefácio, além de confirmar a analogia entre a existência de um novo planeta e a *descoberta* de Malba Tahan, pode ser entendida como uma forma sutil que Mello e Souza encontrou para confessar que Malba Tahan tenha sido um personagem construído:

Ora ahi está a conclusão de meu raciocínio: assim como Neptuno foi descoberto mediante o calculo, Malba Tahan, escriptor obscuro e inteiramente desconhecido na Europa e na America, *teve sua existencia prevista e determinada por uma simples analyse... literaria* (TAHAN, 1925, prefácio – grifos meus).

Mello e Souza previu e determinou a criação de seu personagem, ou sua *mistificação literária*<sup>12</sup>, como preferia. O pseudônimo fora composto pelas palavras Malba, um pequeno oásis localizado no lêmén (Arábia) e Tahan, o moleiro que prepara o trigo, esta adotada por sugestão de uma aluna da Escola Normal, Maria Zechsuk Tahan. Para que a mistificação literária fosse convincente, estudou o Islã, leu o Alcorão e o Talmud, e tomou aulas particulares de árabe com o Dr. Jean Achar. Durante sete anos, de 1918 a 1925, preparou a criação de seu personagem (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Documento sobre a vida e obra de Malba Tahan, s/d). Nunca esteve na Arábia, mas como Malba Tahan, era admirador de Omar Khayyam e, provavelmente, também de Kipling, de Doyle, de Poe, de Rosny. Talvez, ainda, como Malba Tahan, tenha começado por ler Kliping para acabar em Sheerezade.

---

<sup>11</sup> Rabindranath Tagore, escritor, pensador e poeta indiano (1861-1941). Sua obra é de uma transcendência espiritual que poucos podem avaliar (TAHAN, 1965, p. 262).

<sup>12</sup> Segundo o professor Júlio César de Mello e Souza, “mistificação literária” é quando [...] o escritor faz uma obra que atribui a um outro escritor, vivo, [...] real ou imaginário [...] (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

Os dados biográficos detalhados, revelados no prefácio de *Lendas do Oásis*, em 1933, ao confirmarem e ampliarem as informações conseguidas por Houart, disponibilizadas no prefácio do primeiro livro de Malba Tahan, num momento em que o autor ampliava a sua entrada no mercado editorial brasileiro, podem ser tomados como uma estratégia importante para a venda de seus livros. Afinal, ao longo de oito anos, os leitores de seus contos criam ser ele um escritor árabe, morto aos 36 anos lutando pela libertação de uma pequena tribo de beduínos, localizada no deserto da Arábia Central.

Naquele mesmo ano, a poetisa Rosalina Coelho Lisboa, leitora atenta, constatou que Radiales Kipling - indicado como tradutor da obra “Sama-Ullah, contos orientais” - nunca fizera aquele tipo de trabalho. Mello e Souza, por distração ou provocação, havia colocado em um de seus livros uma relação das “Obras de Malba Tahan”, com informações sobre tradutores (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

A revelação sobre a verdadeira identidade de Malba Tahan chegou a provocar, num primeiro momento, uma certa hesitação na imprensa. O *Jornal do Commercio*, de Manaus, um dos jornais nos quais Malba Tahan divulgava seus contos, chegou a apresentar, em dois dias consecutivos, versões diferentes sobre a identidade do autor da obra recém lançada, *Lendas do Oásis*. No primeiro dia, os elogios recaíram sobre Malba Tahan:

Malba Tahan! Quem não conhece, no Brasil, a poderosa phantasia e a graça seductora desse Kalifa das *Mil e uma noites*, cujas histórias têm o perfume de terras exóticas? [...] Uma linda capa de H. Cavaleiro, onde se ve uma mulher branca ouvindo a confissão de um chefe árabe num oásis, completa o valor do volume que acaba de nos dar *Lendas de Oásis* [...] (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Recortes de Jornal. *Jornal do Commercio*, 28 de setembro de 1933 – Manaus/AM).

No segundo dia, provavelmente por motivos diversos, dentre os quais alguns de natureza ética e editorial, nenhuma crítica, questionamento ou objeção seria colocado ao nome do verdadeiro autor e à sua mistificação literária, ao contrário, Mello e Souza continuava anônimo, mas bastante elogiado:

Malba Tahan não é o oriental que todos pensam. Brasileiro, tem, porém, um carinho imenso por tudo quanto nos vem daquellas terras distantes com o sabor de um pittoresco suprehendente. Os contos, que aos domingos ilustram

a edição desta folha, fallam bem do que é o artista que se esconde sob aquelle pseudonyma. Lendas do Oásis, que a Civilização Brasileira lançou agora, é mais uma obra prima do consagrado escriptor [Júlio César de Mello e Souza] (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Recortes de Jornal. *Jornal do Commercio*, 29 de setembro de 1933 - Manaus/AM).

A força do personagem Malba Tahan para a imprensa, no entanto, parece ter sido maior que o desvelamento da mistificação literária. No mês de outubro, *O Jornal* de Natal, indiferente à divulgação da mistificação, reforçava as qualidades do autor Malba Tahan.

Não é um nome desconhecido o de Malba Tahan, *conteur* brilhantíssimo e collaborador assíduo dos principais jornaes do Brasil. Vem agora elle de afixar n'um elegante volume uma serie de seus deliciosos contos. São páginas de um colorido proprio, onde ao lado da ambiencia propria, avulta a moral, a intelligencia e a argucia dos habitantes dos desertos, que vão da Arabia ao alto Egyto. Malba Tahan possui o segredo que extasia aquelle que percorreu Maupassant: é um contista perpétuo, imaginação fértil, viva e criadora; uma logica e uma technica perfeitas. Em bello formato material [...] se acha exposto á venda [...] (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Recortes de Jornal. *O Jornal*, 14 de outubro de 1933 – Natal/RN).

Em dois jornais destinados à comunidade israelita, a *Folha Israelita* e *Jornal Israelita*, respectivamente, de agosto e dezembro de 1967, localizei uma série de comentários sobre o livro *O Romance do Filho Pródigo*<sup>13</sup> lançado no mesmo ano pela Editora Conquista, que discutia um assunto de interesse para seus leitores. Nesses comentários, Malba Tahan é reconhecido como *uma indiscutível autoridade em assuntos bíblicos, históricos, religiosos, tendo apresentado, em forma de fábulas e parábolas, fatos da História Universal, e principalmente do Velho Testamento, que escreveu uma obra notável na sua estrutura e moral básica da confraternização dos mortais, utilizando documentos e obras de vários escritores sacros, que enriquece o ecumenismo* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Recorte de Jornal. *Folha Israelita*, 13.08.1967 e 30.12.1967).

---

<sup>13</sup> *O Romance do Filho Pródigo* [1967]; *Ainda não doutor* [1967] e *O mistério do Mackenzista* [1970] fizeram parte de uma trilogia de livros que retratavam o problema da hanseníase. A partir de 1939, Mello e Souza começou a dar assistência aos portadores de lepra. Proferindo palestras, conferências sobre o assunto por todo o Brasil, especializou-se sobre a doença, fato que o fez editar uma revista, chamada *Damião*, dedicada, exclusivamente, à causa do reajustamento social dos hansenianos (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Documento sobre a vida e obra de Malba Tahan, s/d.). Frei Damião é considerado pela Igreja Católica o apóstolo dos leprosos.

*A União, o Jornal do Commercio, O Jornal, A Folha Israelita* são alguns exemplos de como a imprensa foi um veículo decisivo na constituição do autor-personagem Malba Tahan. Essa prática, no entanto, já se verificava desde os primórdios do século XIX, época em que os jornais, apesar de darem maior atenção às discussões políticas e aos debates de propostas daqueles que participavam efetivamente dos problemas brasileiros, sempre reservavam um espaço para divulgar vários tipos de produções de escritores, tais como, romances, crônicas, poesia, contos e novelas.

A descoberta feita por Rosalina não teve força suficiente para interromper a carreira do autor-personagem Malba Tahan. Havia no imaginário de seus leitores, entre 1925 e 1933, dois autores com diferentes estilos de escrita. Malba Tahan escrevendo sobre temas orientais pelas editoras Braslux, Francisco Alves, A Encadernadora, Livraria Azevedo, F. Briguiet, Freitas Bastos, Calvino Filho e Civilização Brasileira, e Mello e Souza sobre Matemática pelas editoras Francisco Alves e Getúlio Costa (TABELA I).

O espaço aberto nos jornais para as propagandas de obras literárias, além de darem prestígio e notoriedade a seus autores, tornava-os conhecidos em todo território nacional. Elas não faziam referências somente ao escritor, mas também à composição material e ao conteúdo do livro. Tais características se apresentavam, bastante evidentes, nos anúncios veiculados em jornais durante a primeira metade do século XX, e que permanecem, até hoje em alguns deles.

Tabela I: Relação das obras signatadas por Malba Tahan e Mello e Souza no período 1925/1933

<b>MALBA TAHAN</b>	<b>MELLO E SOUZA</b>
<b>1925</b>	
RJ. BrasLux. Contos de Malba Tahan. 1ª edição.	Nihil
<b>1927</b>	
RJ. Francisco Alves. Céu de Allah. 1ª edição.	Nihil
<b>1928</b>	
RJ. A Encadernadora. Céu de Allah	RJ. Francisco Alves. Exercícios e formulário de Geometria [em parceria com Cecil Thiré]
<b>1929</b>	
RJ. Livraria Azevedo. Lendas do Deserto, 1ª edição. RJ. Erbas de Almeida. Lendas do Deserto. 1ª edição RJ. A Encadernadora. Contos de Malba Tahan, 2ª edição. RJ. F. Brigueit. Amor de Beduíno. 1ª edição.	Nihil
<b>1930</b>	
RJ. F. Brigueit. Amor de Beduíno. 2ª edição.	RJ. Francisco Alves. Matemática 1º Ano. 1ª edição. [em parceria com Cecil Thiré]
<b>1931</b>	
RJ. Francisco Alves. Céu de Allah, 2º edição. RJ. Freitas Bastos. Mil Histórias Sem Fim I. 1ª edição.	RJ. Francisco Alves. Geometria Analítica. RJ. Francisco Alves. Exercícios de Matemática 3º Ano. 1ª edição [em parceria com Cecil Thiré] RJ. Francisco Alves. Matemática 2º ano [idem]
<b>1932</b>	
Nihil	RJ. Francisco Alves. Matemática 1º Ano. 2ª edição [em parceria com Cecil Thiré] RJ. Francisco Alves. Matemática 2º Ano. 2ª edição [em parceria com Cecil Thiré] RJ. Francisco Alves. Matemática 3º Ano – Álgebra. 1ª edição [em parceria com Cecil Thiré] RJ. Francisco Alves. Exercícios de Matemática 4º ano 1ª edição. [em parceria com Cecil Thiré] RJ. Francisco Alves. Matemática Comercial. 1ª edição. [em parceria com Cecil Thiré e Nicanor Lemgruber] RJ. Francisco Alves. Exercícios de Matemática Comercial. 1ª edição. [em parceria com Cecil Thiré e Nicanor Lemgruber]
<b>1933</b>	
RJ. Freitas Bastos. Mil histórias sem fim I. 2ª edição. RJ. Freitas Bastos. Mil Histórias Sem Fim II. 1ª edição. RJ. Calvino Filho. Lendas do deserto. 2ª edição. RJ. Calvino Filho. Lendas do Céu e da Terra. 1ª edição. RJ. Civilização Brasileira. Lendas do Oásis. 1ª edição.	RJ. Getúlio Costa. Estudo Elementar das Curvas. 1ª edição. RJ. Getúlio Costa. Funções Moduladas. 1ª edição. RJ. Francisco Alves. Curso de Matemática 4º Ano. 1ª edição. [em parceria com Cecil Thiré e Euclides Roxo] RJ. Francisco Alves. Matemática 2º Ano. 3ª edição. [em parceria com Cecil Thiré] RJ. Francisco Alves. Exercícios de Matemática 5º Ano. [em parceria com Cecil Thiré e Euclides Roxo].

Galzerani<sup>14</sup> enfatizou que os jornais, na relação direta com as práticas modernas, com as práticas capitalistas, se tornaram o lugar ideal de produção de educação política dos sentidos. Com um formato que privilegia a compartimentalização, a fragmentação, o desenraizamento do sujeito e a urgência das notícias, apresenta-se como a verdade absoluta. Mas, também, compõem as práticas cotidianas do cidadão moderno, que se habituou a tomar seu café, por exemplo, lendo um jornal (informação verbal).

A primeira tentativa de Mello e Souza em publicar, em um jornal, alguns contos de sua autoria, depois de sua experiência, em tempos de infância, no “Jornal ERRE”, ocorreu em 1918, com 23 anos de idade, quando trabalhava n’*O Imparcial*, cujo diretor, à época, era Leônidas Rezende.

Como gostava de escrever e conhecia o funcionamento desse jornal, o qual reservava espaços para publicações literárias, encaminhou alguns de seus contos ao Leônidas e lhe propôs: *vamos publicar esses contos aqui no O Imparcial porque são contos interessantes, curtos, que a pessoa lê no bonde<sup>15</sup>, é uma coisa à toa*. Mas parece que Leônidas não ficou entusiasmado, pois, *pegou os textos, botou em cima da mesa e botou um pedaço de chumbo em cima*. Mello e Souza, ainda, aguardou alguns dias e, não obtendo nenhuma resposta do diretor, resolveu pegar os textos de volta (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

Conhecedor do mercado editorial daquele período, que valorizava textos de autores estrangeiros, cortou a parte onde estava escrito o seu nome e colocou o de R. S. Slady, nome que inventou na hora. Certo de que Leônidas nem havia olhado seus contos,

---

<sup>14</sup> GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Anotações das considerações efetuadas à época do Exame de Qualificação do trabalho, ora apresentado, realizado em 01.10.2007.

<sup>15</sup> Galzerani relatou que a leitura no bonde era uma das mais fortes práticas culturais, no início do século XX, pois era uma leitura produzida para alguém que estaria só, no meio de muitas pessoas. Dessa forma, ela aprenderia no interior do bonde a ser politicamente dócil, a ser economicamente ativo, a silenciar-se no meio de tantas pessoas e ao mesmo tempo, a viajar para dentro de si mesmo, produzindo um olhar romântico e intimista, por meio do hábito da leitura, que lhe ofereceria a possibilidade do devaneio, de conseguir romanticamente escapar da realidade. Essa prática se configura como um exercício fundamental de aceitação dos rumos do próprio capitalismo, isto é, uma distração para aquentar o excesso de maquinismo, de desumanização de racionalização, presentes no bojo da modernidade capitalista (informação verbal - GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Anotações das considerações efetuadas, à época do Exame de Qualificação do trabalho, ora apresentado, realizado em 01.10.2007).

levou-os outra vez a ele, agora usando outros argumentos: *Leônidas, aqueles contos que eu trouxe para você realmente eram muito fracos, não valiam nada, mas eu descobri um escritor americano formidável, que é muito curioso. Os contos dele são desconhecidos aqui no Brasil* (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

No dia seguinte, um dos contos de R. S. Slady estava publicado na primeira página do *O Imparcial*, outros quatro seriam publicados em seguida<sup>16</sup> (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973). A partir dessa experiência e durante sete anos, Mello e Souza se prepararia para lançar o escritor árabe Malba Tahan (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Documento sobre a vida e obra de Malba Tahan).

Após a conclusão desse propósito, Mello e Souza, a par do contexto editorial de seu tempo, foi em busca de um espaço para a inserção do personagem Malba Tahan. Procurou<sup>17</sup> o jornalista Irineu Marinho, diretor do *A Noite, o jornal mais lido do Brasil*, como ele mesmo afirmara, com o intuito de publicar seus contos. Nesse encontro, no qual foi recebido *com muita bondade e simpatia*, Mello e Souza detalhou ao jornalista a sua intenção de *surpreender o Brasil com uma mistificação literária*, inventando um escritor árabe que escrevia *contos orientais educativos*. Marinho leu alguns dos contos que ele havia levado, *achou a idéia muito interessante e recomendou ao seu secretário, Euricles de Mattos, que publicasse na primeira página do A Noite, com destaque, os contos de Malba Tahan, precedendo-os de uma biografia apócrifa, sob o título CONTOS DAS MIL E UMA NOITES*. Os contos começaram a ser publicados, sem que o jornal ou o Marinho divulgassem o *segredo da mistificação literária* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Documento sobre a vida e obra de Malba Tahan).

---

<sup>16</sup> Apesar de não ter um registro preciso do período em que esses contos foram publicados, cheguei a procurá-los, dia-a-dia, de 02 de janeiro a 31 de dezembro de 1918 nos arquivos da Biblioteca Nacional - RJ. Villamea (1995) destaca que o primeiro deles foi publicado com o título *A Vingança do Judeu*, mas não explicita sua fonte. Natacha Correia Lima, estagiária do Instituto Malba Tahan, fez um percurso mais longo, de 1º de janeiro de 1918 a 31 de dezembro de 1920. Encontrou apenas um conto *A História de Oito Paes* grafada como R. V. Slady e não como R. S. Slady, na edição de 30.05.1920.

<sup>17</sup> Conjecturo que esse encontro tenha ocorrido entre 1925 e 1929, pois, o jornal *A Noite* deixou de pertencer a Irineu Marinho e passou para as mãos de Geraldo Rocha, cuja direção foi de 1929 a 1957 (SODRÉ, 1999).

Além do *A Noite*, com a secção “Contos das Mil e Uma Noites”, o jornal paulista *Folha da Noite*, a partir de 1925, iniciou as publicações de seus contos<sup>18</sup>, na secção “Contos Árabes de Malba Tahan”. Para cada conto o autor receberia 7\$000 (sete mil réis).

Os dirigentes da *Folha da Noite*, interessados pelos contos de Malba Tahan, por serem muito apreciados pelos leitores, chegaram a propor ao autor que contribuísse para outra folha, pertencente ao mesmo grupo, a *Folha da Manhã*. No entanto, problemas com relação ao envio dos textos, que levaram o jornal a interromper a publicação de seus contos por vários meses, acabaram impossibilitando que essa nova contribuição ocorresse. A publicação diária de seus contos seria reiniciada apenas na *Folha da Noite*, a partir de maio de 1926<sup>19</sup> (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Correspondências do Jornal *Folha da Noite...*,1925; Recortes de Jornal. Comunicado do Jornal *Folha da Noite...*,1926).

A partir dessas primeiras colaborações, os contos de Malba Tahan seriam publicados durante muitos anos em vários outros jornais e revistas, dentre os quais: *O Jornal*, ao lado de Assis Chateaubriant e Rubens Furtado, em sua segunda fase; *O Cruzeiro*<sup>20</sup>, de Carlos Malheiro Dias; *A Noite Ilustrada*; *Almanaque d’O Tico Tico*<sup>21</sup>, com Antonio Agnelo de Souza e Silva; *Correio da Manhã*<sup>22</sup>, nos tempos de Edmundo Bittencourt; *Última*

---

<sup>18</sup> Contos publicados em 1925: O soldado desconhecido; As águas do mesmo rio; A coroa; A sombra do cavalo; O diplomata; O castelo das mil e tantas luzes; O fakir; Piedade romana; A pequenina luz azul; Os dois vestidos de Julia; O príncipe Krosalof; O livro do destino; A morte do sábio; O retrato; O nariz do rei Mahendra; O perfume indiano; O santo ladrão; O mais honesto; O avestruz contrabandista; O socego e a felicidade; O homem de uma letra só; Última vontade do rei Hibban; Desobediência Spartana; Os cegos e o elefante; um caso policial; O conselho do árabe; A pérola perdida; No paiz dos mentirosos; A venda do enforcado; Sacrifício de mãe; A raposa e a cegonha; Um crime misterioso

<sup>19</sup> O jornal “A Folha da Noite” surgiu em São Paulo em 19 de fevereiro de 1921 (SODRÉ, 1999). Uma relação mais completa dos contos publicados está listada no APÊNDICE P.

<sup>20</sup> Fundada em Novembro 1928, na cidade do Rio, sob grande publicidade preparatória, foi a primeira revista a circular em âmbito nacional, após integrar-se ao grupo de Assis Chateaubriand (SODRÉ, 1999). Malba Tahan publicou, neste 1º número, o conto *Moslim, o invejoso* (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM, 1973; TAHAN, 1928).

<sup>21</sup> Primeira revista infantil publicada no Brasil por Luís Bartolomeu de Sousa e Silva e Renato de Castro. Perdurou por mais de meio século (SODRÉ, 1999). “O peixinho amarelo”, de Malba Tahan, foi um dos contos infantis publicados por este almanaque em 1937, com desenhos de Cícero Valladares (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Almanaque do Tico-Tico...,1937).

<sup>22</sup> Malba Tahan publicou, neste jornal, os contos: Senda enxadrística; O leão (lenda budista de Vischnouçarma, do livro *Sorr el-Layal*); Um judeu, um cavallo e outro judeu (do livro *Roba el-khali*) (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Recortes de Jornal. *Correio da Manhã...*, 1926).

*Hora*, com “Matemática Recreativa”<sup>23</sup> (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM, 1973); *Globo Juvenil*<sup>24</sup>, de Djalma Sampaio e Roberto Marinho; *Vamos Ler*<sup>25</sup>, com Clóvis Ramallete; *A Cigarra*<sup>26</sup>; *A Galera*<sup>27</sup>; *O Número*<sup>28</sup>; *A Maça*<sup>29</sup>; *Revista da Semana*<sup>30</sup>, *Diário da Noite*, com F. Chateaubriant; *Folha de São Paulo*, com José Reis e Octávio Frias de Farias; *Grande Hotel*, de Lotário Vecchi; *Vida Ilustrada*, com Antonio Ibrahim Haddad.

O primeiro livro, *Contos de Malba Tahan*, foi lançado logo após a divulgação de seus primeiros contos nos jornais *A Noite* e *Folha da Noite*. A publicação diária de seus contos e a grande aceitação pelo público leitor, não apenas propiciou a inserção de Mello e Souza no mercado editorial, como garantiu que ela fosse bem sucedida.

<sup>23</sup> Para compor essa seção, Malba Tahan contava com a colaboração, solicitada por ele mesmo, de seu público leitor, de problemas ou curiosidades inéditos e com eles promovia uma série de concursos: Concurso **n.1** – Multiplicação Singular; **n. 2** Problema das Nove Adições; **n.3** Um Erro Grave no Desenho; **n.5** O Homem da Gravata Azul; **n.6** A Multiplicação Reconstituída; **n.7** O Caso da Dona Jurema; **n.8** A Herança do Cheique; **n.9** Dez com Quatro Quatros; **n.12** O Problema das Duas Velas; **n.13** O Problema das Oito Moedas; **n.15** O Problema do Ônibus; **n.16** O Problema do Letreiro; **n.20** A Nota de Cem Cruzeiros; **n.21** Epitáfio de Diofante; **n.22** Os Dois Carros; **n.24** A Multiplicação Poluída; **n. 25** Caçando Algarismos Romanos; **n.26** Um Passeio a Petrópolis; **n.30** Curva Estranha Muito Conhecida; **n.32** A Idade do Roberto; **n.33** O Problema da Casa Vendida; **n.35** O Problema da Bolsa Perdida; **n.36** A Família Fagundes e Sua Travessia; **n.37** As Três Noivas; **n.38** As três Revistas; **n. 39** Os Dois Mendigos (ARQUIVO PESSOAL – IMT. *Jornal Última Hora*. Concursos, 1972).

<sup>24</sup> Em 10.01.1942 iniciou no O GLOBO JUVENIL – ano VI, n.712 – com o conto Nem é verdade... nem mentira; em 24.01.1942 publicou O oleiro e o poeta, O mágico dos Zalabiats e As quatro cores; em 14.02.1942 – O intérprete das corujas (lenda síria); Preciso de uma aventura; em 21.03.1942 – Pelo amor da estátua e em 20.03.1943 - ano VII, n. 893 – estreou As Aventuras do rei Baribê - Romance inédito de Malba Tahan (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Recorte de Jornal. O Globo Juvenil..., 1942).

<sup>25</sup> Revista lançada em 1936 pertencente ao grupo de Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União, Apresentava muitas figuras rodadas em rotogravura (SODRÉ, 1999). Em setembro de 1940, Malba Tahan iniciou, em *Vamos Ler*, uma página destinada às recreações matemáticas, cujo título da seção era Matemática Divertida e Curiosa. Para os problemas e testes que constituíam os concursos promovidos na revista, foram dirigidas centenas de soluções que por uma questão de pouco espaço não mereceram a atenção devida. Dessa forma, incluiu no livro *Matemática Divertida e Pitoresca*, publicado pela Getulio Costa em 1941, todas as sugestões e notas que deixaram de ser publicadas naquela seção (TAHAN, 1941).

<sup>26</sup> *A Cigarra* era uma revista ilustrada e literária, surgida em fins do século XIX, (1895), na cidade do Rio de Janeiro, pelas mãos de Julião Machado e Olavo Bilac. Em outro momento, circulou em São Paulo de 1914 a 1917, e no Rio de 1917 a 1919, dirigida por Gelásio Pimenta. Posteriormente, foi integrada ao grupo de Assis Chateaubriant (SODRÉ, 1999).

<sup>27</sup> Publicou os contos [Sem Data]- Devoradores de reis – tradução do inglês pela senhorita Maria Helena Milliete; Abril de 1926: A Mulher Sábia (de Malba Tahan) (ARQUIVO PESSOAL, IMT. A Galera..., 1926).

<sup>28</sup> Publicou em 24.04.1926, o conto A justiça do Rei e em 30.04.1926, O licor de Takallama-sorr (ambos de Malba Tahan) (ARQUIVO PESSOAL – IMT. O Número..., 1926).

<sup>29</sup> Fundada e dirigida por Humberto de Campos, cronista, contista, ensaísta e crítico, muito popular na época, sob o pseudônimo Conselheiro XX. Era uma revista obscena, licenciosa, mas com excelente apresentação gráfica, ilustrada por Calixto Cordeiro, entre outros, circulou de 1922 a 1929 (SODRÉ, 1999; HALLEWELL, 2005). Em 01.05 de 1926 Malba Tahan publicou o conto O Castigo (ARQUIVO PESSOAL – IMT. A Maça..., 1926).

<sup>30</sup> Fundada por Álvaro de Tefé como suplemento ilustrado do Jornal do Brasil, a *Revista da Semana* começou a circular em 20 de maio de 1901, com a ajuda de Medeiros e Albuquerque e Raul Pederneiras; posteriormente, passou à propriedade do Jornal do Brasil, que a vendeu em 1915, para Carlos Malheiros Dias, Aureliano Machado e Artur Brandão (SODRÉ, 1999). Malba Tahan colaborou com esta revista publicando [Sem Data] o conto O Chá de Itakoura (de Malba Tahan) (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Revista da Semana..., s/d).

Da primeira edição da obra, impressa em 18 de novembro de 1925, nas oficinas da Editora Brasileira Lux., Av. Gomes Freira, 101 – Rio de Janeiro, a Livraria Lealdade, de São Paulo, pagou-lhe a quantia de 1:644\$000 (um conto, seiscentos e quarenta e quatro mil réis) pela venda de 548 exemplares. (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Recibo de consignação..., 1926).

O mesmo ocorreu com a Livraria Francisco Alves que, pela venda de 1200 exemplares, pagou-lhe 2:400\$000 (dois contos e quatrocentos mil réis) (UFF/LIHED. Atas da Editora Francisco Alves). Segundo Oliveira (2001), foram vendidos, da 2ª edição trinta mil exemplares. A mesma autora ainda atesta que nesta edição, ocorreu o aparecimento do conto que daria origem à sua mais conhecida obra: *O Homem que Calculava*.

O grande e rápido sucesso da obra levaram o autor a inscrevê-la no concurso de *Contos e Novellas* da Academia Brasileira de Letras - ABL, em 1927, para concorrer em um das categorias: trabalho de criação própria [original]; de adaptação; ou de simples tradução (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Correspondência da ABL..., 1927). Entretanto, a obra não seria contemplada. Malba Tahan seria condecorado pela Academia Brasileira de Letras, com o prêmio menção honrosa, pelo livro *Ceo de Allah*, em 1930 (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Menção Honrosa..., 1930) e, em 1939, pelo livro *O Homem que Calculava*, (FARIA, 2004).

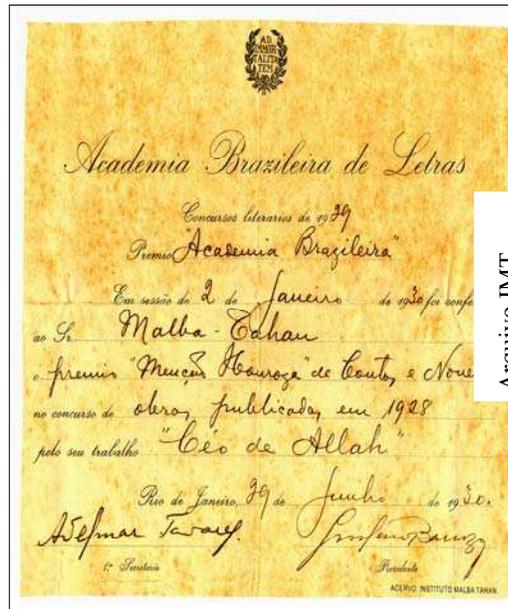


Figura 2 – Menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, 1930.

Em seu discurso durante a entrega do prêmio ao livro *o Homem que Calculava*, Júlio César de Mello e Souza destacava o fato de que aquele prêmio representava *algo inédito nos anais da literatura mundial*. Segundo ele, era a *primeira vez que um livro de fantasia tecido em torno da Matemática [era] distinguido por uma valiosa láurea literária*. Por essa razão, entendia que ao conferir o prêmio àquele livro,

a Academia Brasileira de Letras outra coisa não fez, senão reabilitar a Matemática perante homens de espírito e de talento, os burilados do Verso, os arquitetos da Frase – e demonstrar, de forma eloquente e generosa, que a ciência de Lagrange – na sua beleza e simplicidade, pode viver e florir em perfeita harmonia com a Literatura (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Discurso de Malba Tahan na ABL, 1939)

Em 1940, o autor Júlio César de Mello e Souza, já reconhecido nacionalmente, apresenta sua despedida à Congregação da Escola Nacional de Belas Artes<sup>31</sup>, para poder participar de uma missão governamental de intercâmbio cultural ao Uruguai e à Argentina. Nesta missão, Mello e Souza seria acompanhado por Luis Nogueira de Paula, professor da mesma instituição.

<sup>31</sup> Sessão realizada em 06.09.1940 e presidida pelo Professor Augusto Bracete, diretor em exercício (UFRJ – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - MUSEU DOM JOÃO VI. *Atas...*, 1931 a 1948)

Em sua despedida, Mello e Souza enfatiza *as reais vantagens que advirão para o prestígio da Escola a missão que pelo governo foi a ambos confiada e promete envidar esforços para dignificar esse Instituto em todas as oportunidades que se depararem, no desempenho dessa honrosa missão* (UFRJ/MUSEU DOM JOÃO VI. Atas das Sessões da Congregação da Escola Nacional de Belas Artes – 1931 a 1948 - Livro nº 6159, p. 43 e verso; p. 44).

Foi, provavelmente, por meio deste intercâmbio cultural, que Mello e Souza conheceu o engenheiro e professor da Universidade de Montevidéu, Mário Coppetti, com o qual firmou um convênio para a publicação do livro *O Homem que Calculava* em Montevidéu ou Buenos Aires.

Mário Coppetti estipulou as cláusulas do referido convênio, as quais foram integralmente aceitas por Malba Tahan e, conseqüentemente, assinado por ambos. A partir do *de acordo*, o convênio teria a duração de cinco anos e conferiria a Malba Tahan um duplo papel, isto é, o de autor e “editor”, simultaneamente, apesar da Editora Getúlio Costa ser a responsável pela publicação da obra de Coppetti (ARQUIVO PESSOAL - IMT. MARIO COPPETTI. Carta-Convênio, 1940).

Essa, no entanto, não seria a única atuação de Mello e Souza como editor. Além de sua experiência juvenil com o Jornal ERRE, atuou como editor, juntamente com Salomão Serebrenick, em meados da década de 30, na Revista Brasileira de Matemática<sup>32</sup> e, em parceria com Cecil Thiré e Jurandir Paes Leme, na revista Pathimel (s.d.) (OLIVEIRA, 2001; SOUZA, MAGALHÃES e FERNANDES, 2002).

Na Revista AI – karismi, registrada em 1946, na cidade do Rio de Janeiro, Mello e Souza desempenhou a função de diretor responsável, o que equivaleria provavelmente à função de editor, tendo como colaboradores Francelino de Araújo Gomes, como

---

<sup>32</sup> Com o título Revista Brasileira de Mathematica Elementar – RBME, o primeiro exemplar foi publicado em Salvador em setembro de 1929, cujos redatores eram Salomão Serebrenick, estudante de Engenharia da Escola Polytecnica da Bahia e Antonio Augusto Machado, Catedrático da Escola Normal da Bahia. A partir de setembro de 1930 passou a ter como título Revista Brasileira de Matemática - RBME, posteriormente, em 1931, os números 9 e 10 foram publicados na cidade do Rio de Janeiro, para onde mudou-se Salomão Serebrenick (DIAS, 2001). Valente (2004) supõe que a revista tenha tido sua última edição em 1933: Ano IV, abril-maio-junho, n. 1, 2 e 3, cujas direção e edição foram de J.C de Mello e Souza e Salomão Serebrenick.

redator técnico, Getúlio M. Costa, como gerente e Raulino Goulart, como secretário. Trata-se de uma revista<sup>33</sup> que tinha a intenção de publicar *recreações matemáticas, jogos, curiosidades, histórias, problemas, artigos de colaboradores e uma vasta promoção de livros de sua autoria e de outros colegas*. Os números 1 e 2 foram publicados, respectivamente, nos meses de maio e julho de 1946 e o fascículo 8, o último número, seria publicado em outubro de 1951<sup>34</sup> (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Registro da Revista..., 1946). Teria atuado, ainda, nas revistas *Damião*<sup>35</sup> (1951) e *Livavati* (1957).



Figuras 3, 4 e 5 - Capas das Revistas Al-Karismi e Lilavati, respectivamente, volumes 1 e 2 (1946); n.1, (1957).

No acordo firmado durante a missão ao Uruguai e à Argentina, ficou estabelecido que a tradução do livro *O Homem que Calculava* teria uma tiragem de 2000 exemplares, mais 300 para distribuição gratuita, como propaganda. Além disso, foi acordado que Mario

<sup>33</sup> O registro para edição desta Revista na cidade do Rio de Janeiro foi concedido em 5 de outubro de 1945, pelo Ministério da Justiça e Negócios Interiores por intermédio do diretor da divisão de imprensa e divulgação, Heitor Moniz. No ano seguinte, mais precisamente em 27 de março de 1946, sob nº 129360 foi depositado, no Departamento Nacional da Propriedade Industrial do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, o pedido de registro da marca "Al Karismi (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Registro da Revista..., 1946).

<sup>34</sup> Representantes da Revista: Curitiba – Rubens Betelman; Niterói – Amaury Ferreira Muniz; Pelotas – Marina Pires; São Paulo – Agenor Guerra Correa; Taquara (RS) – Anna P. Kiel; Pinhal (SP) – José Maria Esmenard Arruda; Belo Horizonte – J. G. de Almeida; Alegrete – Luiz Carlos Giordano; Araçatuba (SP) – Hélio Vissoto; Recife – Pedro Francisco de Albuquerque.

<sup>35</sup> Fascículo número 1, dezembro de 1951; Fascículo número 34, 1959 – Rio de Janeiro. Respectivamente, registro nº 233187 no Departamento de Propriedade Nacional e registro nº 545 no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas. Declarado de utilidade pública pelo Governo do Distrito Federal – Lei nº 765 de 29 de dezembro de 1952 (SOUZA, MAGALHÃES e FERNANDES, 2002).

Coppetti seria o único tradutor para os países hispano-americanos (América Central e América do Sul). O registro na Biblioteca Nacional do Uruguai ou da Argentina preservaria os direitos autorais de Malba Tahan, que receberia, pelos primeiros 1000 exemplares vendidos, 10% do preço de venda da capa, e o saldo em cotas anuais à medida que os livros fossem sendo vendidos.

Naquele acordo, em contrapartida, seria publicada no Brasil a “Tabla de logaritmos”<sup>36</sup> de Mario Coppetti. Esta obra seria traduzida por Júlio César de Mello e Souza que se comprometia em fazer uma intensa divulgação, o que lhe renderia 10% de comissão sobre o preço bruto do que fosse vendido. Os gastos de impressão realizados em Montevideú, assim como os de envio ao Brasil, ficariam por conta exclusiva de Mario Coppetti, cuja intenção precípua era a de publicar e distribuir sua obra o mais rápido possível, de preferência, antes do começo das aulas, pois temia perder um ano de trabalho.

Tempos depois, a tradução do livro *O Homem que Calculava* estava quase terminada, mas faltavam os originais dos “clichês” e a “biografia de Malba Tahan” para a sua composição, o que foi resolvido em poucos meses. Ela passou por uma prolixa revisão feita por Coppetti e por outros três colegas das áreas de Matemática, Castelhana e Literatura. Entretanto, a sua publicação demoraria um pouco mais, pois Coppetti estava terminando de escrever alguns textos para a Editora R. Argentina e, com o quais, participaria, em breve, de um concurso.

Durante esse período, o livro foi amplamente divulgado na Argentina, Venezuela, Colômbia e Cuba, locais em que Mario Coppetti tinha relações com professores de Matemática e estavam suas distribuidoras. Ele cria que o ponto forte daquela obra seriam suas últimas trinta páginas, destinadas às “curiosidades matemáticas”, por serem uma novidade para o público castelhana.

As provas do livro “Taboa Coppetti”, também, já haviam sido revisadas por Mello e Souza e para o primeiro ano de publicação seria suficiente, segundo sua estimativa,

---

<sup>36</sup> Provavelmente esta foi a tradução feita por Mello e Souza para a “Taboa Coppetti”, mas que, posteriormente, seria publicada no Brasil como “Tábuas Completas” pela Editora Aurora.

uma tiragem de 2000 exemplares, esperando colocar no mercado brasileiro, em dois anos, 10.000 exemplares.

Coppetti remeteu uma primeira remessa de 1110 exemplares de sua obra, mas mostrou-se insatisfeito com o valor líquido que receberia pela venda de seus livros no Brasil, isto é, 3000 réis líquidos ou \$0,35 (uruguaios) que, descontados os gastos com o envio, cairia para \$0,30.

Pedi, então, que lhe fosse mostrado qual o preço bruto de venda a ser praticado no mercado brasileiro de seu livro, e até que percentual eles poderiam negociar com a comissão das livrarias revendedoras, advertindo que o máximo que costumava conceder às editoras no estrangeiro era de 40%.

Mello e Souza, atendendo a solicitação de Coppetti, informou-lhe que o preço bruto de venda de seu livro para o público brasileiro seria de 10.000 réis. Descontadas as comissões de 10% para ele e de 60% para a Editora e gastos com propaganda, restariam-lhe os 3000 réis líquidos, dos quais, Coppetti teria, ainda, que descontar o custo da obra - 2500 réis - ou seja, sobrariam-lhe apenas 500 réis, 5% do valor do preço de venda. Bastante inconformado, Coppetti sugeriu a Getúlio Costa uma distribuição percentual mais justa para que sua retirada líquida não fosse inferior a 20% do custo da obra:

Custo da obra	2500 réis [25% de 10.000]
Comissão fixa de Mello e Souza	1000 réis [10% de 10.000]
Comissão da Editora pela venda do livro [GC]	4000 réis [40% de 10.000]
Vantagem do autor e editor [MC]	2500 réis [25% de 10.000]

Com esta proposta, seu lucro líquido seria de 25%, já descontado o custo da obra, e as despesas de propaganda e gastos de envio continuariam por sua conta.

Apesar da obra "Taboa Coppetti" ter sido publicada no Brasil e ter sua tiragem de 2000 exemplares da 1ª edição se esgotado em poucos meses, nada se pode inferir acerca do deferimento ou não da proposta sugerida pelo autor. A boa aceitação da obra, pelo mercado brasileiro, fez com que Getulio Costa solicitasse a Coppetti a preparação de

2000 exemplares de uma segunda edição, no que foi prontamente atendido. Entretanto, as vendas da segunda edição não aconteceram na proporção esperada. Como explicar esse fracasso, quando a análise do mercado apontava para o sucesso?

A resposta a esta questão está explicitada em uma correspondência de Mario Coppetti para Malba Tahan, datada de 1951. Nesta correspondência, Coppetti manifesta o seu total descontentamento com relação ao descumprimento do Convênio firmado em 1940<sup>37</sup>. Observa que ao esgotar a 1ª edição de seu livro, uma 2ª edição lhe foi solicitada e mais 2000 exemplares foram remetidos ao Brasil, mas apenas 100 foram vendidos. Afirma que esse fracasso se deveu à publicação de obra similar chamada “Tábuas Completas”, de autoria de Júlio César de Mello e Souza, pela Editora Aurora, apesar de 134 páginas das 221 que a compunham serem cópias fiéis da obra “Taboa Coppetti”, de sua autoria. Diante desses dados, solicitou que fossem feitos os cálculos dos direitos autorais a ele devidos na venda das várias edições das “Tábuas Completas”, de autoria de Mello e Souza, realizadas nos cinco anos de validade do Convênio<sup>38</sup>.

Ainda, em sua carta, Mario Coppetti faz referência a uma 2ª edição das “Tábuas Completas” publicada pela Editora Aurora, em 1947. Entretanto, provavelmente por não ter tido conhecimento, não faz referência a uma outra publicação desta obra, feita pela própria Editora Getúlio Costa, em 1945, nem de uma 3ª edição que estava circulando, em 1951.

Sem dúvida, a obra de Mello e Souza foi um sucesso! Nos anos de 1954 e 1955, a 5ª e 6ª edições das “Tábuas Completas” foram publicadas pela Editora Aurora e em 1961, ainda se podia encontrar, uma 7ª edição desta obra, publicada pela mesma editora (APENDICES I e J).

---

<sup>37</sup> Com a mudança da moeda brasileira, ocorrida em 1942, parece ter havido a tentativa, no ano seguinte, de uma nova proposta entre Coppetti e Getúlio Costa. Indeferida, os editores alegaram que o nosso mercado não comportaria o preço proposto e a concorrência dos livros congêneres não o admitiriam, em função da diferença cambial existente entre Brasil e Uruguai. Diante disso, Mello e Souza encerrou os negócios com Coppetti e resolveu, de comum acordo com Getúlio Costa *arcar com todos os prejuízos [...]*, por ora existentes (ARQUIVO PESSOAL – IMT. MARIO COPPETTI. *Correspondências...*).

<sup>38</sup> Não localizei documentos que mostrassem se Coppetti foi, ou não, atendido em sua solicitação.

Em uma entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som, anos mais tarde, Malba Tahan apresentou um exemplar da obra *O Homem que Calculava*<sup>39</sup>, publicado em Barcelona (Espanha), como também, se referiu a Mario Coppetti, quando lhe foi perguntado sobre as traduções que havia cedido: *isso eu não sei porque o editor de Montevidéo nunca me prestou contas. Eu sei lá quantas edições ele tirou...*<sup>40</sup>(MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS, 1973 - grifos meus).

A longa tramitação do “Convênio”, estabelecido entre Mello e Souza e Coppetti, denota as atribuições cabíveis e necessárias ao equilíbrio das partes envolvidas; as prerrogativas da confiabilidade mútua; bem como, o cumprimento, ou não, dos acordos assumidos.

Alguns acontecimentos marcantes modificariam o panorama político-sócio-cultural do Brasil nas décadas de 50 e 60. Na primeira, o plano de metas para modernização do país impetrado por Juscelino Kubitschek de Oliveira, favoreceria de maneira significativa o crescimento da indústria. O setor gráfico cresceria 143%, graças à licença de importação. A criação das universidades federais e da Universidade de Brasília fomentaria, indiretamente, os movimentos em prol da cultura contemporânea brasileira. A acentuada aproximação ao modelo político-econômico americano, desencadearia a invasão do rock’n’roll, do chiclete e da Coca-Cola (PAIXÃO, 1998).

Na segunda, o surgimento da Teoria da Dependência contrapor-se-ia à Teoria Desenvolvimentista. Com a criação do Cinema Novo Brasileiro, jovens diretores, influenciados por Godard, Truffaut, Visconti, Fellini entre outros, proporião fazer filmes de arte, cuja função precípua seria a de fazer o público refletir sobre a situação nacional. As obras de pensadores de esquerda, tais como Marx, Engels, Lênin, Sartre, Eric Fromm, fomentariam uma cultura mais politizada. As lutas de classe chegariam ao ponto mais agudo com o golpe militar (SCHMIDT, 1997).

---

<sup>39</sup> A edição espanhola a que se refere Malba Tahan é da Dom Luis Veron, tradução de Basílio Losada e ilustrações de Fernando Sáez. Conforme Oliveira (2001), uma edição altamente luxuosa e ricamente ilustrada, considerada uma das mais ricas e perfeitas publicada na Europa. A obra foi traduzida também para Colômbia, México, Itália, País Basco, Estados Unidos, Eslovênia e Alemanha.

<sup>40</sup> O livro “El Hombre que Calculaba”, segundo (OLIVEIRA, 2001), foi publicado em Montevidéo. Porém, não tenho elementos suficientes, baseando-me nas correspondências a que tive acesso, para falar sobre sua vendagem ou sobre o número de edições.

As ações do regime militar, sejam com a prática da tortura, sejam com a censura, responsáveis pela perda da liberdade de expressão, fizeram com que o país vivesse um dos piores períodos das páginas de sua história. Cidadãos foram exilados, edições de livros apreendidas, autores de diversos segmentos presos.

O setor livreiro foi significativamente ampliado. A redução de impostos e de taxas de importação fortaleceu as empresas gráficas e de papel e, com isso, o número de editoras e de leitores aumentou.

Em meio a todas essas transformações político-culturais, os trabalhos de Malba Tahan e de Júlio César de Mello e Souza continuavam a ser lançados, com edições ampliadas. Não há indícios de problemas com a censura.

Em 1951, pelo menos quinze obras estavam sendo publicadas. Seis delas, incluindo a 3ª edição das *Tábuas Completas* e a 1ª edição de *Matemática Suave e Divertida*, pela Editora Aurora. Sete outras, incluindo a 1ª edição do fascículo 2 do *Dicionário Curioso e Recreativo da Matemática*, pela Editora Conquista, e a 1ª edição de *Lendas do Bom Rabi*, pela Editora Saraiva. Além dos livros, Mello e Souza, neste mesmo ano, publicaria o oitavo número de sua revista *Al-Karismi*, pela Editora Ao Livro Técnico, e lançava o primeiro número da Revista *Damião*.

O sucesso de vendagem das obras de Malba Tahan e de Mello e Souza, neste ano, pode ser avaliada pela análise de um Demonstrativo de Contas, apresentado no Quadro I, referente aos direitos autorais dos livros publicados apenas pela Editora Aurora, em abril de 1951. Neste mês, foram vendidos mais de vinte e seis mil exemplares de apenas seis, das quinze obras do autor, que estavam disponíveis no mercado. Sem dúvida alguma, Mello e Souza já era um autor consagrado neste período (ARQUIVO PESSOAL - IMT. GRAFICA EDITORA AURORA..., 1951).

Quadro I – Demonstrativo de valores pagos relativos a direitos autorais

Obra	Nº exemplares	Preço de Venda	Direito Autoral	Valor Pago
Matemática Suave e Divertida	3.000	Cr\$30,00	10%	Cr\$ 9.000,00
Alegria de Ler	10.000	Cr\$15,00	5%	Cr\$ 7.500,00
Diário de Lúcia	4.000	Cr\$12,00	5%	Cr\$ 2.400,00
Tudo é Fácil	3.000	Cr\$12,00	5%	Cr\$ 1.800,00
Meu Caderno de Matemática	4.000	Cr\$15,00	5%	Cr\$ 3.000,00
Tábuas Completas	2.200	Cr\$25,00	10%	Cr\$ 5.500,00

Vários livros escritos por Mello e Souza, nesse período, foram dirigidos aos escolares do nível fundamental, antigo curso Primário, e ao curso de Admissão ao Ginásio. O *Diário de Lúcia* e *Tudo é Fácil* foram escritos em parceria, iniciada nos últimos anos da década de 1930, com a professora do curso normal do Instituto de Educação, Irene de Albuquerque, uma autora de temas pedagógicos já há algum tempo muito respeitada. Ambos, estavam, respectivamente, em 1955, na 10ª e 13ª edição<sup>41</sup>.

Os livros *Alegria de Ler*, a maior tiragem naquele mês de abril e organizado para o curso de Admissão ao Ginásio e *Tábuas Completas* estavam, em 1961, respectivamente nas 20ª e 7ª edições. Já o *Matemática Suave e Divertida*, lançamento daquele ano de 1951, também, para o curso de Admissão ao Ginásio, não teve o mesmo sucesso de outros livros, ele teve apenas uma edição. Talvez, pelo preço de capa ser superior a outros congêneres, o que, ao mesmo tempo, propiciava um direito autoral mais significativo ao seu autor, dificultava a sua venda, ou por outros motivos diferentes (APÊNDICES F a N).

Na turbulência dos acontecimentos político-culturais das décadas de 1950 e 1960, os quais fortaleceram algumas editoras, bem como, fizeram com que outras desaparecessem, duas editoras passaram a ter destaque na divulgação e publicação, apenas das obras de Malba Tahan: Saraiva e a Conquista.

<sup>41</sup> Na edição de 1959, consta na folha de rosto como sendo a 13ª edição, no entanto, na capa desta mesma edição consta como sendo a 14ª edição.

Em 1949, a Editora Saraiva publicou a 11ª edição da premiada obra de Malba Tahan, *O Homem que Calculava*<sup>42</sup>, como o número oito de sua Coleção Saraiva, composta por romances de conhecidos autores nacionais e de outros países<sup>43</sup>.

Cassiano Nunes<sup>44</sup>, com a intenção de divulgar a nova obra adquirida e publicada por sua editora, procurou o Sr. Santini e Oláo Rodrigues, respectivamente, gerente e secretário do jornal *A Tribuna de Santos* (SP), bem como, Moacir Correa, seu amigo pessoal, da *Folha da Manhã* (SP), em 1950, propondo a publicação dos contos de Malba Tahan na coluna de passatempo daqueles jornais. Colocava nessa iniciativa seu *desejo de bem servir e de difundir uma obra educativa e agradável*. Os representantes de *A Tribuna de Santos* aceitaram publicar os contos e se comprometeram a pagar Cr\$ 200,00 por trabalho publicado (ARQUIVO PESSOAL – IMT. SARAIVA. *A Tribuna de...*, 1950).

Nesse ínterim, no interior da Editora, os irmãos Saraiva - Paulino, Jorge e Joaquim -, concordaram em publicar o romance *Amor de Beduíno*<sup>45</sup>. A quantia estipulada para o autor foi de Cr\$ 12.000, contra pronta entrega. O prazo máximo não deveria ultrapassar dois meses e, na opinião de Cassiano Nunes, caso fosse fechado negócio, seria bastante interessante para ambas as partes. Os dirigentes daquela casa mostraram-se interessados, também, em publicar o livro *O Terceiro Motivo*, já prometido a eles por Malba Tahan (ARQUIVO PESSOAL – IMT. SARAIVA. Correspondências acerca..., 1950).

Esta negociação, no entanto, provavelmente não chegou a ser concluída. A Editora Saraiva publicaria outro livro de Malba Tahan, *Lendas do Bom Rabi*, em Com uma

---

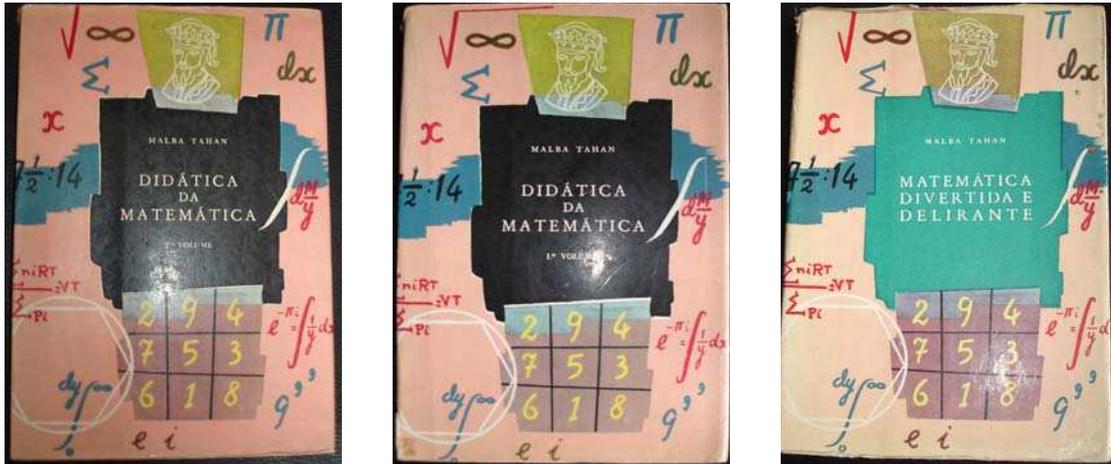
<sup>42</sup> Anteriormente, a obra foi publicada pelas editoras ABC e Getúlio Costa. Com uma tiragem de 40.000 exemplares (TAHAN, 1949).

<sup>43</sup> Os volumes da Coleção Saraiva publicados de julho de 1948 a fevereiro de 1949 foram: 1 – Pedro Calmon, *O Rei Cavaleiro*; 2 – Léo Vaz, *O Professor Jeremias*; 3 – Hermano Ribeiro da Silva, *Nos Sertões do Araguaís*; 4 – Paulo Setúbal, *Os Irmãos Leme*; 5 – Lewis Wallace, *Ben –Hur*; 6 – Ondina Ferreira, *Navio Ancorado*; 7 – Dostoievski, *Recordações da Casa dos Mortos* e 8 – Malba Tahan, *O Homem que Calculava* (TAHAN, 1949, verso da página de rosto).

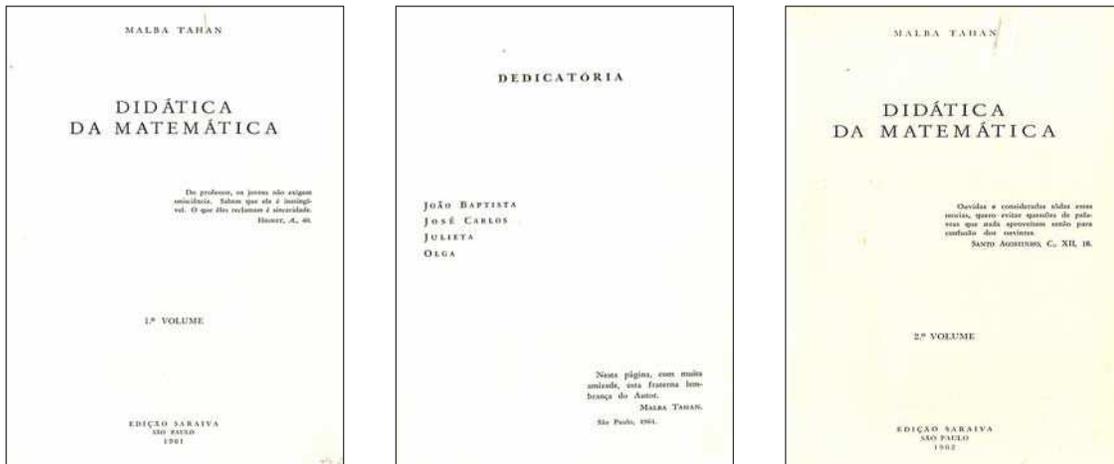
<sup>44</sup> Em 1948 foi convidado pelos filhos de Joaquim Inácio da Fonseca Saraiva, o conselheiro, para ao lado de Mario da Silva Brito, dirigirem a Coleção Saraiva (PAIXÃO, 1998).

<sup>45</sup> Não localizei fontes que indicassem a publicação desta obra em datas subsequentes a esta correspondência, datada de 20 de março de 1950.

tirragem de 40.000 exemplares (TAHAN, 1949)1951 e, somente, nove anos mais tarde, em 1960, faria o lançamento de outra obra do autor, o livro *Antologia da Matemática*, 1º volume (ARQUIVO PESSOAL – IMT. SARAIVA. Correspondência sobre..., 1959). No ano seguinte, foram publicadas pela mesma editora, em 1ª edição, as obras *Antologia da Matemática – 2º volume* e *Didática da Matemática - 1º e 2º volumes*. Em 1962, a 1ª edição de *Matemática Divertida e Delirante*.



Figuras 6, 7 e 8 – Capas: Didática da Matemática, volumes 1 e 2, (1961 e 1962) e Matemática Divertida e Delirante, (1965)

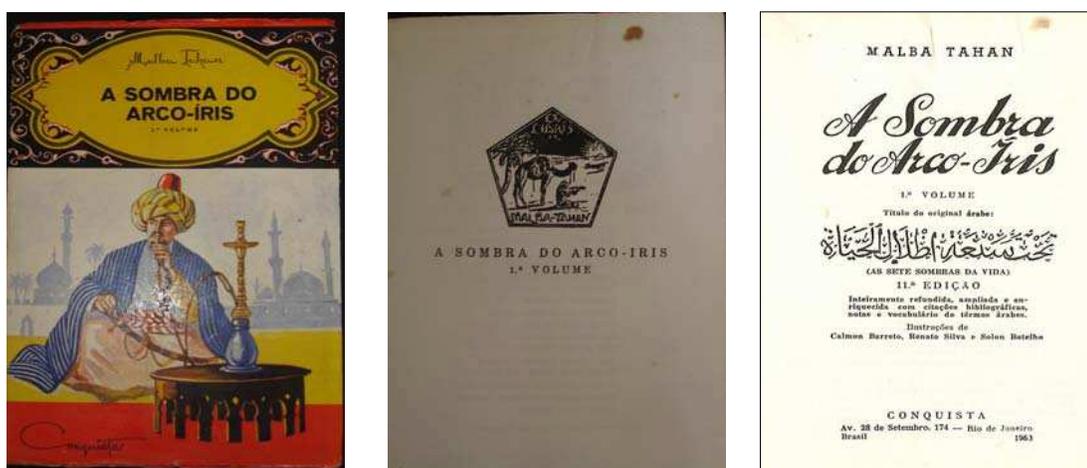


Figuras 9, 10 e 11 - Folha de Rosto das obras Didática da Matemática, volumes 1 e 2, (1961 e 1962)

O romance prometido - *O Terceiro Motivo* - teve sua 1ª edição publicada, apenas, em 1962, juntamente com a 2ª edição do livro *Matemática Divertida e Delirante*. De 1964 a 1968, a Editora Saraiva publicaria em torno de dezessete obras de Malba Tahan, em 1ª edição ou em outras edições, no caso de obras já lançadas anteriormente, por esta editora ou por outras editoras. O último lançamento, por esta casa, foi o livro *Numerologia*, em 1971 (APENDICES J e K).

A Editora Conquista começaria timidamente a publicar obras de Malba Tahan, ainda na década de 1940 e ampliaria suas publicações a partir de 1950, ininterruptamente, até 1967. A partir de 1969, até meados da década de 1970, esta editora publicaria apenas a obra *O Homem que Calculava*.

Em 1950, foram lançados pela Editora Conquista sete títulos: em 1ª edição, *Matemática – série Admissão e Dicionário Curioso e Recreativo da Matemática – 3º volume, fascículo 1F*; na 13ª edição, *O Homem que Calculava* e nas 6ª edições, os volumes 1, 2 e 3 do *A Sombra do Arco Íris* (APÊNDICES I e J). Esta última era a obra que Malba Tahan mais gostava por ser, segundo ele, agradável e suave, apesar de ter-lhe dado trabalho para escrevê-la, em função da dificuldade em se ver, de fato, a sombra do arco íris, um fenômeno muito raro (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM, 1973).



Figuras 12, 13 e 14 - Capa e Folha de Rosto da 11ª edição do livro *A Sombra do Arco-Íris I* (1963).

Na orelha da 11ª edição, do 1º volume, de 1963, do livro *A Sombra do Arco Íris*, o editor coloca um pronunciamento de Monteiro Lobato: *Só Malba Tahan faria obra assim, encarnação que ele é da sabedoria oriental – obra alta, das mais altas, e só necessitada de um país que devidamente a admire; obra que ficará a salvo da vassourada do tempo* (TAHAN, 1963, orelha). Essas palavras, no entanto, correspondem a um trecho de uma correspondência de Monteiro Lobato para Malba Tahan, datada de 14 de janeiro de 1939, na qual Lobato *tece elogiosas referências à obra O Homem que Calculava*, publicada em 1949 pela Editora Saraiva:

Malba Tahan:

O “Homem que Calculava” já me encantou duas vez (sic) e ocupa lugar de honra entre os livros que conservo. Falta nele um problema – o cálculo da soma de engenho necessária para a transformação do deserto da abstração matemática em tão repousante oásis: **Só Malba Tahan faria obra assim, encarnação que ele é da sabedoria oriental – obra alta, das mais altas, e só necessitada de um país que devidamente a admire; obra que ficara a salvo da vassourada do tempo** como a melhor expressão do binômio “ciência-imaginação”. Que Alá nunca cesse de chover sobre Malba Tahan a luz que reserva para os eleitos (TAHAN, 1949, p. 207).

Esta inclusão, talvez com a autorização de Malba Tahan, foi uma estratégia encontrada pelos editores para valorizar o autor e sua obra, e convencer o leitor do valor literário daquela produção. A inclusão de fragmentos, ou a íntegra, de cartas de pessoas reconhecidas no cenário nacional, na apresentação de obras, foi uma estratégia muito utilizada no Brasil, desde o início do século XIX, com o início da impressão em nosso território.

Para Chartier (1999, p. 50) a figura do editor, essa que conhecemos na atualidade, mas que foi fixada nos anos 1830, se descreve como *uma profissão de natureza intelectual e comercial que visa buscar textos, encontrar autores, ligá-los ao editor, controlar o processo que vai da impressão da obra até a sua distribuição*.

Sebastião de Oliveira Hersen<sup>46</sup>, como editor de Malba Tahan na Editora Conquista, considerava seu *dever organizar bem [o] trabalho, sistematizá-lo, não dissipar quaisquer elementos que po[deriam] servir de instrumento para a construção em que esta[vam] empenhados [...]* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. CONQUISTA. Correspondência de..., 1950). Editor cuidadoso, mas também diretor, fazia revisões de português e de matemática, analisava e propunha edições, traduções, novos títulos, tiragens, oficinas para publicação, direitos autorais, etc., sempre encaminhando, por cartas a Malba Tahan, suas propostas e decisões.

---

<sup>46</sup> Sebastião de Oliveira Hersen assumiu as funções de diretor e editor da Editora Conquista.

Quando concluiu a revisão das provas do livro *Lendas do Céu e da Terra*<sup>47</sup>, escreveu a Malba Tahan dizendo que havia encontrado cerca de mil erros entre ortografia, troca de letras, constatando que *o pior revisor é justamente o autor* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. CONQUISTA. Correspondência de..., 1950);

Em outra oportunidade, escreveu a Malba Tahan para sugerir as soluções de todos os exercícios propostos no livro *Matemática - série Admissão*, deixando a seu critério a quantidade de páginas que elas ocupariam, por isso pediu agilidade no processo, pois pretendia *demonstrar [a Malba Tahan] que tipografias não [lhes faltariam]. Aliás, a Editora Nacional não possui oficinas..., nem a Civilização, nem a José Olimpio, nem ..., chega*<sup>48</sup>; (ARQUIVO PESSOAL – IMT. CONQUISTA. Correspondência de..., s.d).

Naquele período, em que várias editoras já haviam publicado seus títulos, agora de posse da Conquista, Hersen era muito detalhista e cuidadoso em seus contratos. No contrato para a *publicação de todos os volumes do [...] Dicionário da Matemática, inclusive dos volumes já lançados*, esclarecia que, em 1940 a Editora Getúlio Costa lançou em 1ª edição o 1º volume, letras A e B; em 1942, o 2º volume, em dois fascículos, no 1º, letra C e no 2º, letras C e D. Em 1943, ainda fazendo parte do 2º volume, os fascículos 3, letras D e E e 4, letras E e F<sup>49</sup>. Naquele ano, 1950, seria, então, publicada a 1ª edição do fascículo 1, letra F, do 3º volume, e no ano seguinte a 1ª edição do fascículo 2, letras F e G, também do 3º volume do livro *Dicionário Curioso e Recreativo da Matemática*, pela Editora Conquista. A tiragem inicial contaria com 3.000 exemplares, para cada edição; 20 exemplares, ofertados gratuitamente, para uso pessoal; um percentual de 10%, sobre o preço de capa, referentes aos direitos autorais (ARQUIVO PESSOAL – IMT. CONQUISTA. Contrato do ..., 1950);

---

<sup>47</sup> A 1ª edição deste livro é de 1933 pela Calvino Filho; a 2ª em 1935 pela Borsoi e a 3ª, em 1938, pela ABC. A Editora Getúlio Costa também o publicou, em 1938 e, posteriormente, as 6ª e 8ª edições em 1948. A Conquista lançou, em 1950, a 9ª edição.

<sup>48</sup> Tanto a Editora Nacional quanto a José Olympio não adquiriram oficinas gráficas próprias, para não repetir o mesmo erro de Monteiro Lobato. A José Olympio nunca trabalhou com uma única gráfica, apesar da Bisordi ser responsável, desde os anos de 1960, por boa parte de seu trabalho (HALLEWELL, 2005). A São Paulo Editora fez serviços gráficos exclusivamente para a Nacional até 1973 (PAIXÃO, 1998).

<sup>49</sup> Conforme Oliveira (2001) a tiragem desta obra estancou na letra F em função da deficiência de meios tipográficos para os sinais matemáticos.

Pensando em ampliar as temáticas abordadas pelo autor, bem como ampliar a divulgação de suas obras em outros países, propôs a Malba Tahan que escrevesse um bom trabalho sobre a vida e obra de Omar Khayan, enfatizando a descrição na interpretação da sua filosofia, privilegiando o aspecto romântico da vida do poeta, com a intenção de publicar esse trabalho como prefácio de uma tradução fictícia, feita por um escritor de mérito (ARQUIVO PESSOAL – IMT. CONQUISTA. Correspondência de..., 1950) e intencionou editar as obras *Céu de Alá*, *Lendas do Deserto*, *Maktub* e *Minha Vida Querida*<sup>50</sup> em países de língua hispana.

No caso da proposta de um trabalho sobre Omar Khayan, Hersen recorreu a algo semelhante ao que Chartier (1999, p. 44) chamou de *autorizações tácitas*, isto é, um dispositivo responsável por fazer o leitor acreditar que determinada obra havia sido impressa no estrangeiro e sua distribuição permitida noutro país, prática essa muito utilizada por Malba Tahan, quando emprestara a Breno Alencar Bianco ou Radiales Kipling, por exemplo, a autoria da tradução de algumas de suas obras;

Essas cobranças, sugestões, intenções, colaborações, manifestadas por Hersen, ratificam, nas palavras de Bittencourt (1993, p. 105), que *o editor deixou de ser um técnico ou artista e transformou-se em um empreendedor de negócios*. A Editora Conquista havia publicado catorze títulos<sup>51</sup>, até dezembro de 1951, e Hersen se orgulhava dessa *safra excepcional em tão curto prazo* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. CONQUISTA. Relação..., 1951).

Decorridos alguns anos, a Editora Conquista propôs a Malba Tahan uma pequena alteração de contrato, mantido entre as partes há mais de dez anos: *seus direitos autorais sobre os livros vendidos aos crediários (modalidade nova de vendas entre nós, em pleno desenvolvimento) serão de 10% (dez por cento) sobre os preços reais*

<sup>50</sup> Conforme Oliveira (2001, p.123) *atualmente, a obra Minha Vida Querida é reeditada também na Espanha*. Os direitos autorais são encaminhados para seus três filhos.

<sup>51</sup> [1] A Sombra do Arco-Íris - 6ª edição; [2] O Homem que Calculava – 13ª edição; [3] Lendas do Céu e da Terra – 9ª edição; [4] Matemática (Série Admissão) – 1ª edição; [5] Dicionário da Matemática – 3º vol/I fasc.; [6] Aventuras do Rei Baribê – 2ª edição; [7] Seleções – 2ª edição; [8] Dicionário da Matemática- 3ª vol/III fasc.; [9] Lendas do deserto – 7ª edição; [10] Céu de Allah, 8ª edição; [11] Minha Vida querida, 8ª edição; [12] Lendas do Povo de Deus – 5ª edição; [13] Maktub – 5ª edição; [14] Paca tatu – 4ª edição. Com relação às obras [6], [7] e [10] não encontrei nenhum registro que localizasse o ano em que foram publicadas.

das vendas, e não sobre o preço de capa, que não existe. Ou seja, os livros vendidos para os crediários, a partir de então, seriam apenas costurados, e não mais encapados. Em outras palavras, as encadernações ficariam por conta dos compradores, mas com relação às vendas feitas às livrarias, não haveria modificações contratuais (ARQUIVO PESSOAL – IMT. CONQUISTA. Alteração de contrato..., 1961).

Malba Tahan, embora com um número expressivo de obras publicadas e com grande prestígio nacional, não havia, entretanto, conseguido entrar no mercado internacional. Suas únicas experiências com tradução estavam restritas à língua espanhola. Interessado em ampliar a sua inserção nesse mercado, pensou em investir no mercado norte-americano. Para isso, nomeou como seu bastante procurador<sup>52</sup> o engenheiro Hélio Marcial de Faria Pereira, seu genro, para publicar, em inglês, ou editar, como ele achasse mais conveniente, nos Estados Unidos, qualquer um dos livros de sua autoria. Com isso, iniciou-se uma série de negociações com a empresa *Charles Frank Publications, Inc.*

*Maktub* e *O Homem que Calculava*<sup>53</sup> foram os livros escolhidos para serem publicados nos Estados Unidos, em cujas traduções figuraram, respectivamente, os títulos: *Maktub – The Book of Destiny* e *The Man Who Calculated* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. CHARLES FRANK PUBLICATIONS, Inc. Correspondência..., out.1964).

Dora Vasconcelos, responsável pela indicação do editor escolhido para o lançamento dos livros na América, e que sem o auxílio dela, segundo Malba Tahan, a rapidez com que fluíram os negócios estariam comprometidos e suas obras continuariam inéditas nos Estados Unidos, foi informada das primeiras combinações com o editor Charles Frank, que foram integralmente aceitas (ARQUIVO PESSOAL – IMT. CHARLES FRANK PUBLICATIONS, Inc. Correspondência a..., nov.1964).

---

<sup>52</sup> A firma foi reconhecida pelo 21º Ofício de Notas da cidade do Rio de Janeiro em 18 de setembro de 1963 (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Minuta de procuração..., 1964).

<sup>53</sup> Uma primeira tentativa em publicar este livro nos Estados Unidos ocorreu em 1947, cuja negociação ficara a cargo de Vieira de Mello. Malba Tahan acreditava que os 50.000 exemplares que tinha alcançado a 10ª edição (1946) aqui no Brasil, seria um trunfo que facilitaria sua entrada no mercado norte-americano. Mas parece que sua tentativa não se consolidou (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Correspondências com Vieira de Mello...1947).

Como a tradução de *Maktub* ficara pronta, o editor pretendia, para atender a um pedido de Malba Tahan, incluí-lo em seu *Spring Catalogue* e, por essa razão, lançaria o livro na primavera de 1965. O mesmo aconteceria com a obra *O Homem que Calculava*, caso a tradução fosse entregue em tempo hábil.

Não conseguindo encontrar um tradutor adequado, depois de vários testes realizados, Malba Tahan solicitou a seu editor que se encarregasse dessa tarefa. Charles Frank avaliou como excelente a tradução feita por Henry Jorgensen, entretanto, *we cannot guarantee that we will be able to name him as translator for the book, but we certainly like his work* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. CHARLES FRANK PUBLICATIONS, Inc. Correspondência..., dez.1964).

Malba Tahan estava de acordo com os termos da carta-proposta e, então, solicitou a Charles Frank que preparasse o contrato definitivo, pois seu procurador estaria, na primeira quinzena de dezembro, em Nova York para assiná-lo (ARQUIVO PESSOAL – IMT. CHARLES FRANK PUBLICATIONS, Inc. Correspondência..., nov. 1964).

O contrato celebrava, entre o “Publisher” e o Author”, denominações nele estabelecidas, catorze artigos com as condições necessárias para que o livro *O Homem que Calculava* fosse publicado pela *Charles Frank Publications, Inc.* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. CHARLES FRANK PUBLICATIONS, Inc. Minuta de Contrato..., dez.1964).

Diferentemente da redação dos outros contratos assinados por Malba Tahan, neste se explicita a venda dos direitos autorais do dito trabalho, do qual o “Publisher” se torna o único proprietário nos EUA ou em qualquer outro lugar, exceto no das edições em espanhol e português. O lucro do negócio lhe renderia 10% sobre o total bruto, depois de deduzidas as despesas envolvidas em publicidade e o “Author” não poderia receber “Royalties” pelos exemplares, distribuídos gratuitamente pelo “Publisher”, a críticos, nem pelos cinco exemplares dados a ele. Ao final de cinco anos, caso a publicação e venda não correspondessem aos interesses do “Publisher”, e três meses depois do “Author” ter sido devidamente avisado, em carta registrada, sobre este fato, estariam encerradas todas e quaisquer obrigações estipuladas no referido documento.

Duas obras, *A Arte de Ler e Contar Histórias* [3ª edição, 1961] e *O mundo Precisa de ti, Professor* [2ª edição?, 1967] trazem em sua folha de rosto a informação de que *A Charles Frank Publications, Inc.* publicou o livro *Maktub – The Book of Destiny*. Com relação à obra *O Homem que Calculava*, vários são os autores [LORENZATO, 1995 e 2004; MEIDANI, 1997; OLIVEIRA, 2001; SOUZA, MAGALHÃES e FERNANDES, 2002; FARIA, 2004), que indicam sua tradução para o inglês, entretanto, não evidenciam a editora.

A década seguinte, sob o governo de Emilio Garrastazu Médici, demarcaria o momento mais brutal da repressão política em todo o período de dominação militar. *Entretanto, as classes alta e média se divertiam com o ‘milagre econômico’* (SCHMIDT, 1997, p. 345). Em função deste “milagre”, a indústria de publicações, considerando-se revistas e fascículos, teve sua produção quadruplicada durante os anos 70. A produção anual de livros entre 1969 e 1973, triplicou. O expressivo crescimento contribuiu para o surgimento de várias editoras; colocou o Brasil entre os dez maiores produtores do mundo; e ampliou a publicação de autores nacionais. Porém, *a grande explosão se deu no segmento de livros didáticos que ultrapassou a casa dos 100 milhões de exemplares por ano, representando mais da metade do mercado* (PAIXÃO, 1998, p.143).

Em 1973 e 1974, o país experimentou a “crise do milagre”, que, levou a indústria do livro a enfrentar um período de turbulência. Aliando *criatividade a novos métodos de administração e estratégias de marketing*, foi possível, para algumas editoras, contornar suas dificuldades (PAIXÃO, 1998, p. 143).

Foi em meio a esta crise que Malba Tahan, na cidade de Recife, em 18 de junho de 1974, partiu à procura d’outro *Oásis*. Alguns anos antes publicou, em 1ª edição, os livros: *Iazul*, pela Ediouro; *O Mistério do Mackenzista*, pela Edicel – SP; *Salim, o mágico* pela Ibrasa – SP; *Numerologia*, pela Cia Editora Americana (APÊNDICE K).

O Contrato de Edição deste último estipulava, entre outros itens, 10% sobre o preço de capa, em cada edição que fizesse, como pagamento dos direitos autorais; a proibição em se contratar outras edições enquanto não estivessem esgotadas todas as edições

lançadas pela editora; o prazo de cinco anos para duração do contrato (ARQUIVO PESSOAL – IMT. CIA EDITORA AMERICANA ..., 1970).

O livro contou com uma 2ª edição, comercializada entre 1971 e 1977. Foi uma obra que provocou bastante movimentação de seus leitores, que lhe escreviam para que ele fizesse a numerologia de seus nomes. Em uma extensa carta a ele dirigida, datada de 17 de agosto de 1973, coincidência ou não, exatamente três anos após firmar contrato com a Companhia Editora Americana para a publicação do livro em foco, uma fã e leitora de seus livros, de nome Márcia Farias, fez vários comentários críticos acerca do livro, como também, lhe pediu, é claro, que fizesse não só a sua numerologia como a de seus filhos:

Há muito tempo sou sua fã. Li todos os seus livros de contos orientais. E, ao saber sobre “Numerologia”, não descansei enquanto não adquiri um exemplar. Ao lê-lo, não consegui refrear o desejo de escrever-lhe, principalmente para saber da possibilidade de obter informações precisas sobre alguns nunos. Vou escrever uma carta extensa, Professor. Peço-lhe a gentileza de um pouco de seu tempo, e como vou solicitar um estudo um tanto longo, fique à vontade para estabelecer um “quantum” sobre essas informações. Antes de entrar no assunto principal, gostaria de conversar um pouco a respeito do seu livro. O senhor achou preferível elaborá-lo em forma de perguntas e respostas. A mim não agradou definitivamente; muita coisa deixou de ser perguntada e muita coisa deixou de ser respondida. E achei algumas contradições que me deixaram numa confusão geral [...]. Agora, um detalhe: sou desquitada, e meu nome completo de casada era ..., sendo os nunos respectivos: 650 - 648 - 648 e 657. Já vimos que 648 é neutro. 657 é péssimo. Acontece que, segundo suas informações, o nome modificado por casamento pode determinar sorte ou infortúnio. Devo então culpar o nome que usei como casada por todas as infelicidades que acompanharam desde que casei? [...] (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Correspondência acerca do livro Numerologia, 1973)

E a leitora, continua a sua longa carta, comentando e perguntando sobre os dissabores de sua vida, como também pedindo sugestões para modificá-la [a vida], pois *ainda hoje, a vida não me corre ‘num mar de rosas’, absolutamente.*

A respeito destas correspondências, Malba Tahan tinha verdadeiro pavor, pois além de não acreditar no que escrevia sobre Numerologia, se sentia na obrigação em fazê-lo:

Um jornal aí me obrigava a fazer numerologia. Fiquei tão atordoado com aquelas cartas que recebia, que sumi. Não podia mais. Até hoje, ainda recebo. De vez em quando recebo cartas de pessoas pedindo. [...] Pelo seu nome eu digo se o nome é bom, se não é bom (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

Em maio de 1973, a Editora Abril convidou Malba Tahan para colaborar em uma nova publicação que estava sendo preparada. Era uma revista dirigida a crianças que estivessem cursando a 4ª e 5ª séries do antigo ensino de primeiro grau, isto é, na faixa etária de 10 a 12 anos.

Nesta revista seriam abordados temas relacionados aos conteúdos trabalhados naquelas duas séries, dando-lhes um tratamento jornalístico. Especificamente com relação aos conceitos matemáticos, o objetivo principal era o de apresentá-los de forma curiosa e dinâmica para que as crianças pudessem interagir com eles, melhor compreendê-los e, com isso, desenvolverem o raciocínio lógico. *Por isso pretendemos publicar textos de sua autoria, por considerarmos que o senhor dá à matemática um tratamento que atende aos objetivos que pretendemos* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. EDITORA ABRIL. ..., 1973).

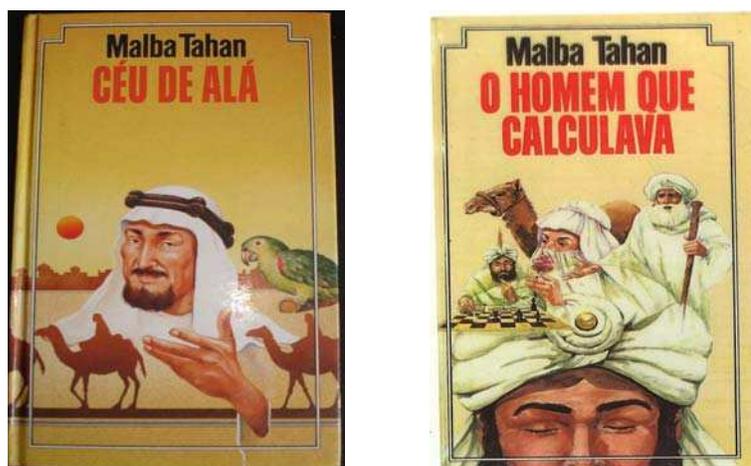
Entretanto, o editor insistiu em lembrá-lo de que não bastaria apenas tratar as atividades sugeridas com curiosidades matemáticas; elas seriam uma forma de atrair o leitor e de estimular o desenvolvimento do seu raciocínio matemático. Para tanto, o editor considerava suficiente que os textos fossem escritos, em média, em 4 laudas datilografadas e que estivessem orientados pelos programas destinados às referidas séries. Não havia a necessidade de esgotar, rigorosamente, todos os assuntos previstos no programa, ele seria utilizado apenas como uma diretriz a ser seguida para a elaboração dos temas.

Por este trabalho Malba Tahan receberia Cr\$ 1000,00 por texto, e permitiria à Editora, caso necessário, sugestões para sua reformulação. Seriam sete textos publicados, cujo calendário para entregá-los ficou assim determinado:

15 de junho	24 de junho	8 de julho	22 de julho	6 de agosto
Textos 1, 2, 3	Texto 4	Texto 5	Texto 6	Texto 7

Malba Tahan aproveitou o momento e sugeriu à Editora que fossem publicadas outras obras de sua autoria, o que ficou de ser examinado e, tão logo se tivesse alguma definição a respeito, ele seria notificado.

Em 1973, a Editora Abril lançou o Círculo do Livro, uma experiência bem sucedida no setor livreiro, pois angariou, em cinco anos, 500 mil sócios e vendeu, ainda na primeira década de atividade, 17 milhões de exemplares (PAIXÃO, 1998). Títulos como *O Homem que Calculava* (1986), *Lendas do Céu e da Terra* (1987), *Céu de Alá* (1990), *Lendas do Deserto* (1991), *Minha Vida Querida* (1993), *Lendas do Povo de Deus* (1993), foram publicados nos moldes daquele empreendimento, nas décadas de 80 e 90, atendendo, portanto, ao pedido de Malba Tahan, anos depois após sua morte.



Figuras 15 e 16 - Edições publicadas pelo Círculo do Livro – Década de 1980

O livro *O Jogo do Bicho à Luz da Matemática* foi outra publicação póstuma. Sua esposa Nair de Mello e Souza assinou contrato com a Grafipar - Gráfica Editora, da cidade de Curitiba, em 1975, tornando-se a detentora legal dos direitos autorais da obra. Entretanto, ela foi comunicada, quatro anos depois, que o referido contrato estava rescindido, conforme previsto pela cláusula 14, a partir daquele momento, por haver no estoque um saldo superior a 20% da edição (ARQUIVO PESSOAL – IMT. GRAFIPAR. ..., 1979).

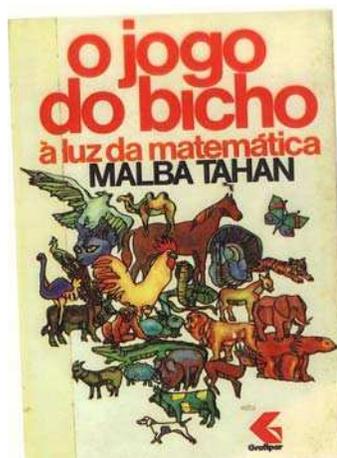


Figura 17 - Capa da edição publicada pela Grafipar – Década de 1970.

As últimas publicações, aqui no Brasil, de suas obras - *A Matemática na Lenda e na História*; e *Belezas e Maravilhas do Céu* - em 1ª edição, aconteceram em 1974, pela Bloch Editores (APÊNDICE K).

No ano seguinte, Joaquim Inojosa tomou posse da Cadeira nº 8 na Academia Carioca de Letras, cujo patrono fora Justiniano José da Rocha, em sucessão aos acadêmicos Raul Perdomo, fundador da cadeira, Luiz Felipe Vieira Souto e Júlio César de Mello e Souza. Em seu discurso de posse, intitulado Malba Tahan, o mercador de esperança, Inojosa (1975, p.51) destaca que

[...] no ligeiro desfile de eminências da Cadeira nº 8, chego a um terceiro professor e jornalista – Julio César de Mello e Souza, Malba Tahan pseudônimo depois nome legítimo. Por que o milagre da mudança? Confessou-me o amigo, certa vez, que lhe aumentavam as decepções de ver encalhados nas livrarias os livros do Prof. J. C. de Mello e Souza. Criou o Malba Tahan, e esses mesmos livros, mudadas simplesmente capa e página de rosto, passaram a esgotar-se em sucessivas edições. Sentiu-se estimulado, e de tal ordem, que a sua máquina de produção jamais deixaria de trabalhar. Grato ao Malba Tahan, registrou-o com as garantias legais de legitimidade.

Em 1976, a Dom Luis Véron publicou a 1ª edição, em Barcelona, do livro *Leyendas del Cielo y de la Tierra* e em 1977 a Brasil-América lançou em quadrinhos, adaptação de J. P. Batista e desenhos de Ramon Llampayas, o livro *Mil Histórias Sem Fim*. A partir de então, iniciou-se o que designo por período de estiagem das obras de Malba Tahan, pois, alguns anos se passariam sem que houvesse nenhuma reedição dos seus trabalhos (APÊNDICES F a N) .

Porém, a década de 80 parecia promissora. Os vinte anos de dominação militar seriam substituídos pelas novas perspectivas que reascenderiam as esperanças das classes não privilegiadas, entrávamos nos bem-vindos “Tempos da “Abertura”. Mas o que isso implicaria nas publicações póstumas dos livros de Malba Tahan?

Em meio à maturidade da indústria editorial estabelecida em “tempos de abertura”, estava inserida a maior editora brasileira do setor não-didático, isto é, a Record, *cujas origens remonta a 1942, embora tenha sido constituída, em sua forma atual, em 1957, e vindo a publicar seu primeiro livro apenas em 1962* (HALLEWELL, 2005, p. 665).

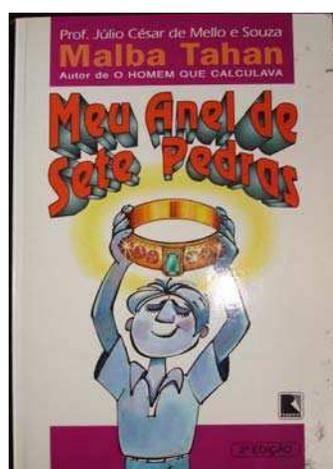
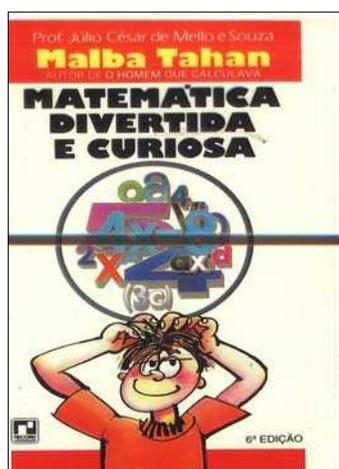
Essa grandiosidade da Editora Record se mostrava por meio dos números: em 1980 a editora chegou à média de 25 edições de obras de ficção, sendo este segmento responsável por 75% de sua produção. Em agosto de 1983, esse número sobe para 47 edições, distribuídas em vinte títulos novos e 27 reedições. Seis anos mais tarde, ultrapassou a marca dos 2.500 títulos e, somente no ano de 1998, editou 270 livros, entre novos e reeditados, dos quais 54 eram de autores nacionais (HALLEWELL, 2005).

De acordo com Paixão (1998), o mercado editorial brasileiro, embora apresentando oscilações, chegou em 1985 com a produção de mais de 160 milhões de exemplares ao ano.

Depois de estagnada por quatro anos, a Editora Record passou a reeditar, a partir de 1982, alguns títulos de Malba Tahan. Iniciou com a 13ª edição do livro *Mil Histórias Sem Fim I*, presumivelmente, dando continuidade à 12ª edição, lançada pela Conquista em 1963.

Reeditou, ainda, na década de 80: *Lendas do Céu e da Terra*. Ilustração: Carles Pruné (1985); *Lendas do Povo de Deus*. Ilustração: Mario Pacheco (1985); *Maktub* (1986); *Céu de Alá*. Ilustração e Capa: Mario Pacheco (1986); *A Caixa do Futuro*. Ilustração e Capa: Mario Pacheco (1987); *O Guia Carajá* (1987); *Os Melhores Contos*. Ilustração e Capa: Mario Pacheco (1989).

Na década seguinte: *Aventuras do Rei Baribê*. Ilustração: Mario Pacheco (1990); *Matemática Divertida e Curiosa* (1995); *Lendas do Deserto* (1996); *Minha Vida Querida*. Ilustração: Mario Pacheco (1997); *Novas Lendas Orientais*. Ilustração e Capa: Mario Pacheco (1997); *Leyendas del Cielo y de la Tierra* (1998); *Meu Anel de Sete Pedras*. (1998); *Lendas do Oásis*. Ilustração: Myoung Youn Lee (1999); *Salim, O Mágico*. Ilustração de miolo: Myoung Youn Lee (1999). E por fim, na década de 2000: *O Livro de Aladim*. Ilustração: Thais Linhares (2001)<sup>54</sup>.



Figuras 18 e 19 - Edições publicadas pela Record – Década de 1990.

Em 2002, a Lachâtre publicou um livro intitulado *O Contador de Histórias*, cuja autoria a Fundação Biblioteca Nacional acusa como sendo de Malba Tahan, entretanto, a obra é uma psicografia [!] de Wallace Fernando Neves, sob inspiração do espírito de Malba Tahan [!].

<sup>54</sup> A relação completa dos livros publicados pela Editoras Record, a partir da década de 1980, pode ser vista no apêndices L, M e N.

As reedições de suas obras foram muito bem aceitas pelo público consumidor, uma vez que, em 1999, por exemplo, vendiam-se, em média, 151 exemplares por dia, perfazendo um montante de 54.360 mil exemplares por ano/comercial. Isto é, vinte e cinco anos depois de sua morte, seus livros estavam entre os mais vendidos (COSTA, 1999), e *O Homem que Calculava*<sup>55</sup>, figurava entre eles. Nos anos de 1984 e 2002, saíram, em cada ano, três edições, respectivamente, 29ª, 30ª, 31ª e 58ª, 59ª, 60ª. Em 2006 este livro chegou à 69ª edição.

Atualmente<sup>56</sup>, a Record trabalha com dezenove títulos: *O Homem que Calculava*, *Amor de Beduíno*; *Aventuras do Rei Baribê*, *A Caixa do Futuro*, *Céu de Alá*, *Lendas do Céu e da Terra*, *Lendas do Deserto*, *Lendas do Oásis*, *Lendas do Povo de Deus*, *O Livro de Aladim*, *Maktub!*, *Matemática Divertida e Curiosa*; *Os Melhores Contos*, *Meu Anel de Sete Pedras*; *Mil Histórias Sem Fim I e II*; *Minha Vida Querida*; *Novas Lendas Orientais*; *Salim*, *O Mágico*.

Além do Círculo do Livro, cujas reedições já foram mencionadas, duas outras editoras, quais sejam, a Tecnoprint e a Bloch, republicaram obras de Malba Tahan<sup>57</sup>. A primeira, *Contos e Lendas Orientais* (1983) e *Os Números Governam o Mundo* [Folclore da Matemática] (1983); a segunda, *As Maravilhas da Matemática – 5ª edição* (1983). Com a marca Ediouro foram publicadas, nestas duas últimas décadas, os livros *O Gato do Cheique e Outras Lendas* (1997), *Os Números Governam o Mundo – 3ª edição* (1998) e *2ª edição* (1999), *Contos e Lendas Orientais* (2000).

---

<sup>55</sup> Segundo Lorenzato (2004, p. 64), esta obra foi traduzida, além do inglês, como já dito, para o espanhol, alemão, italiano e esloveno.

<sup>56</sup> Editora Record - Catálogos on line. Disponível em: <[www.record.com.br](http://www.record.com.br)>. Acesso em: 25 abr.2007.

<sup>57</sup> Em 1939 a Tecnoprint iniciou suas edições de bolso com a marca Edições de Ouro (PAIXÃO, 1998).

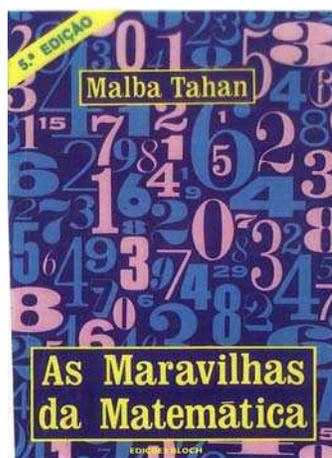


Figura 20 – As Maravilhas da Matemática - Edição publicada pela Editora Bloch – Década de 1980.

A retomada das obras de Malba Tahan, a partir dos anos 80, coincide com um período de acontecimentos bastante importantes na área da Educação Matemática: ocorreram dois ENEM's<sup>58</sup> - Encontro Nacional de Educação Matemática; criou-se a SBEM - Sociedade Brasileira de Educação Matemática; foram implantados núcleos de estudos na USP, UNICAMP, UNESP de Rio Claro –SP, Universidade Santa Úrsula – USU/RJ, cujos focos de pesquisa atinavam para as preocupações e inquietações a respeito do que e do como ensinar Matemática. (LOPES, 2000).

Um período em que, educadores matemáticos de todo o país, interessados em discutir questões relacionadas ao ensino da Matemática, em um momento de retorno à democracia, buscavam, por meio daqueles encontros, alternativas que agregassem, de maneira mais significativa, melhorias no processo ensino-aprendizagem da Matemática.

---

<sup>58</sup> I ENEM – 1987 – PUC/ SP; II ENEM – 1988 - Universidade Estadual de Maringá/Maringá-SP. Seguiram-se a eles: III ENEM – 1990 – Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Natal-RN; IV ENEM – 1993 – Fundação Universidade Regional de Blumenau/Blumenau-SC; V ENEM – 1995 – Universidade Federal de Sergipe/Aracaju-SE; VI ENEM – 1998 – UNISINOS/São Leopoldo-RS; VI IENEM – 2001 – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Fundão-RJ; VIII ENEM – 2004 – Universidade Federal de Pernambuco/Recife-PE; IX ENEM – 2007 – /Belo Horizonte-MG

Algumas propostas para o ensino da Matemática se destacaram como “tendências” da Educação Matemática, a partir desta década, entre elas, a Etnomatemática, a Resolução de Problema, a Modelagem Matemática, os Jogos Matemáticos, a História da e na Educação Matemática.

Muitas são as produções interessantes ao longo da constituição do autor-personagem Malba Tahan, nas quais se apresentam contextos históricos, o lado lúdico e recreativo da Matemática, seja por meio dos enredos criados ou adaptados, seja por meio dos problemas sugeridos, que inseridos em uma perspectiva de investigação, evitam a manipulação imediata de dados e fórmulas e favorecem tanto o desenvolvimento dos processos de pensamento, quanto a formação de capacidades e de competências.

## EPISÓDIO II

### JÚLIO CÉSAR DE MELLO E SOUZA: BUSCANDO PARCERIAS, DIVERSIFICANDO PRODUÇÕES

Entre os Srs. Professores, Júlio César de Mello e Souza, da Escola de Bellas Artes e do Instituto de Educação; D. Irene de Albuquerque, prof. Municipal, diplomada pela Escola de Educação da Universidade do Rio de Janeiro; sr. F. Acquarone<sup>59</sup>, prof. de Desenho, e a Empresa Editora A. B.C. Limitada, sociedade comercial, por quotas, estabelecida à Praça 15 de Novembro, 101, Sobº, todos residentes nesta Capital, ficou justo e contratado o seguinte...

Esse fragmento, extraído do “Contrato Particular de Edição”, assinado pelos autores, em 12 de abril de 1937, na cidade do Rio de Janeiro, para a publicação da 1ª edição do livro *Tudo é fácil*, um livro de Matemática infantil, destinado a crianças da terceira série primária, foi o primeiro trabalho em parceria de Mello e Souza com Irene de Albuquerque.

Constituído de dez cláusulas, o contrato previa uma tiragem de 5100 exemplares cuja *apresentação gráfica* [deveria ser] *melhor ou pelo menos igual ao livro ‘Sintaxe’ do Prof. Dr. Laudelino Freire*, autor, também, editado por aquela empresa (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Contrato Particular de Edição..., 1937).

Ficou acordado, ainda, que o preço de venda ao público seria de 5\$000 (cinco mil réis) e que os autores receberiam 2:500\$000 (dois contos e quinhentos mil réis), correspondente a 10% sobre o preço de varejo desta edição. Para tanto, outras condições seriam firmadas, ficando a cargo da editora a divulgação desta 1ª edição e de outras que fossem publicadas. Para isso, os autores *forneceriam gratuitamente à Editora originais para a feitura de um folheto destinado aos professores onde* [seria]

---

<sup>59</sup> F. Acquarone foi responsável pela ilustração do livro *Tudo é Fácil* e de vários outros livros de Mello e Souza, por exemplo, a capa da 16ª edição do livro *Lendas do Céu e da Terra*, lançado pela Editora Conquista em 1964. Foi autor dos livros: *História da Música Brasileira*, em 1948; *Mestres do Brasil*, em 1949 e *O Bebê que Deus me deu*, em 1951 (UFF/LIHED. Catálogos da Livraria Francisco Alves).

*feita explanação geral sobre o método de aplicação de “Tudo é Fácil” bem como a síntese do conteúdo da obra que seria utilizada para tal fim.*

A obra teve uma grande receptividade pelos professores do período. Em sua 13ª Edição, publicada em 1959, agora pela Editora Aurora - Rio de Janeiro (APÊNDICE I), são apresentados alguns comentários feitos por membros da comunidade de educadores que foram muito atuantes no período de lançamento da sua 1ª edição, os quais, provavelmente, fizeram parte da edição inaugural<sup>60</sup>. Lourenço Filho, Delgado de Carvalho, Antonio Carneiro Leão e Cecil Thiré<sup>61</sup>, em suas observações, realçaram a originalidade, *o grande valor didático, a fantasia que encanta e atrai a imaginação infantil, a simplicidade e a beleza* da obra. As ilustrações nela contidas foram, particularmente, valorizadas por Delgado de Carvalho, como elementos auxiliares importantes no ensino da Matemática, segundo ele, *a representação gráfica, que nele se encontra, das diferentes ordens da numeração decimal, é um artifício notável que permite concretizar as transformações abstratas do campo numérico* (MELLO E SOUZA e ALBUQUERQUE, 1959, p. 6).

Em um texto dirigido “Aos Professores”, os autores afirmam que a finalidade do livro é a de *colaborar com o Professor auxiliando diretamente o aluno* e que em sua elaboração buscaram *tornar bastante vivo o ensino de Matemática, aliando-o ao ensino de Linguagem, Ciências Sociais, Ciências Naturais, etc.* A forma por eles encontrada, para concretizar essa proposta interdisciplinar, foi a de apresentar *as diversas lições metamorfoseadas em leituras, contos e curiosidades*, que deveriam ser lidos em classe e completados com os esclarecimentos e exercícios feitos pelo Professor (MELLO E SOUZA e ALBUQUERQUE, 1959, p. 7; grifos dos autores). Ao finalizar a mensagem aos professores, os autores apresentam uma sugestão de como uma *lição de Matemática, orientada pelo livro*, poderia ser conduzida em sala de aula. São, então,

---

<sup>60</sup> A prática editorial de incluir apreciações de personalidades reconhecidas no meio educacional em obras didáticas foi iniciada no Brasil durante o século XIX.

<sup>61</sup> M. Bergstrom Lourenço Filho e C. Delgado de Carvalho assinaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932. O primeiro, em 1922/23 impetrou as reformas pedagógicas do ensino público no Estado do Ceará, assim como também o fez Antonio Carneiro Leão, em 1928, no Estado de Pernambuco. Cecil Thiré, professor do Colégio Pedro II e co-autor de livros didáticos com Mello e Souza.

estabelecidos quatro momentos diferenciados para o desenvolvimento de uma lição, incluindo o tempo necessário para cada um:

I) *Leitura* – Um aluno, indicado pela professora, lê em voz alta (exatamente como faz na aula de *Linguagem*) o trecho que constitui a lição e também a parte complementar intitulada “PARA O CADERNO”. Essa leitura deve ser atentamente acompanhada [sic] por todos os alunos (4 minutos). II) *Comentários* – A seguir a professora fará comentários sobre os principais centros de interesse sugeridos no decorrer da leitura (10 minutos). III) *Exemplos* – Com o auxílio de exemplos numéricos a professora procurará esclarecer os conceitos matemáticos contidos na parte lida. Os alunos, na medida resolverão problemas sob a orientação da professora (10 minutos). IV) *Perguntas e exercícios orais* – Seguem-se as perguntas e exercícios orais com auxílio dos quais poderá a professora verificar se a noção explicada ficou bem compreendida (10 minutos) (MELLO E SOUZA e ALBUQUERQUE, 1959, p. 7-8; grifos dos autores).

O livro *Tudo é fácil*, estava rigorosamente de acordo com o programa do 3º ano primário e foi aprovado pela Comissão do Livro Didático do Distrito Federal. A aprovação de um órgão público, o cumprimento do que era solicitado pela legislação, o apoio de reconhecidos representantes do meio educacional, a qualidade do trabalho, seriam elementos fundamentais para a boa aceitação de um livro didático naquele período. Um outro aspecto, no entanto, relacionado diretamente aos demais, que exercia uma influência significativa na decisão dos professores, era o lugar de onde falavam os autores. Júlio César de Mello e Souza, Catedrático da Faculdade Nacional de Arquitetura; Diplomado pela Escola Normal; Engenheiro Civil; Ex-professor do Instituto de Educação e do Colégio Pedro II. Irene de Albuquerque, Diplomada pela Escola de Educação e pela Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro; Professora do curso normal do Instituto de Educação (MELLO E SOUZA e ALBUQUERQUE, 1959, capa). Além disso, a capacidade de comercialização dos editores, o esforço sistemático de divulgação e convencimento dos professores e autoridades educacionais (LINDOSO, 2004, p.64-65), seriam decisivos para o sucesso da obra.

*Tudo é fácil* foi um sucesso de vendas. Mello e Souza e Irene de Albuquerque se solidificaram como autores de livros didáticos para esse segmento de ensino, o então denominado curso primário. Uma parceria bem sucedida, em uma fatia do mercado editorial que estava crescendo e sendo disputada pelas editoras.

Os dois autores escreveram outras obras em parceria. Em 1938, lançaram a 1ª edição do livro *Matemática Fácil e Atraente*<sup>62</sup>, pela Editora ABC; em 1951, a 1ª edição do livro *Diário de Lúcia*<sup>63</sup>, pela Editora Aurora. A Editora Getúlio Costa<sup>64</sup> publicou a 4ª edição do livro *Tudo é Fácil*<sup>65</sup> em 1941.

A prática de Mello e Souza em trabalhar com outros autores, no entanto, não foi iniciada com Irene de Albuquerque. As suas primeiras parcerias aconteceriam alguns anos antes, em meio ao movimento de reformulação da educação, encabeçado por educadores como Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, entre outros, cujo ideário seria contemplado na disciplina Matemática, no nível secundário, pela primeira grande reforma do ensino feita por Francisco Campos, em 1931.

A Livraria Francisco Alves, que assumia já há algum tempo a liderança na publicação de livros didáticos para o ensino secundário, sob o comando de Paulo de Azevedo, atenta às mudanças que estavam ocorrendo na educação brasileira e diante de um mercado em expansão e altamente rentável, publica as obras *Matemática; Exercícios de Matemática*, ambas de Mello e Souza em parceria com Cecil Thiré; *Curso de Matemática, Exercícios de Matemática e Matemática Ginásial*<sup>66</sup>, todas de Mello e Souza em parceria com Cecil Thiré e Euclides Roxo; *Matemática Comercial e Exercícios de Matemática Comercial*, ambas de Mello e Souza em parceria com Cecil Thiré e Nicanor Lemgruber.

Atendendo às novas orientações propostas pelas orientações governamentais e intencionadas em entrar rapidamente nesse novo mercado que se mostrava promissor,

---

<sup>62</sup> Na relação de obras (APÊNDICES F a N) não há registros de outras edições deste livro.

<sup>63</sup> Apesar de ter encontrado registro de publicação da obra em 1952 [Editora Aurora], não obtive informação sobre sua edição. Em 1955, ela já aparece em sua 10ª edição, pela mesma editora.

<sup>64</sup> Segundo Hallewell (2005, p. 355) Getúlio M. Costa, um dos fundadores da Civilização Brasileira, após sua venda, *retornou à atividade editorial em 1939, sozinho e usando seu próprio nome na razão social*, entretanto, encontrei registros de sua atuação em 1933 e 1935. No primeiro, publicou as obras didáticas *Estudo Elementar das Curvas e Funções Moduladas*, de Mello e Souza; e no segundo, *Maktub* de Malba Tahan.

<sup>65</sup> A 10ª edição saiu em 1951; a 11ª em 1952 e a 13ª em 1955 - na edição de 1959 aparece na folha de rosto, 13ª edição mas na capa, 14ª – todas pela Editora Aurora.

<sup>66</sup> Essa coleção atenderia as orientações da Reforma Capanema.

autores e editores, em um breve espaço, colocam em circulação obras de Matemática dirigidas ao Ensino Comercial. O livro *Matemática Comercial* era uma delas.

Em um artigo de jornal, de 14 de agosto de 1932, essa obra foi elogiada e recomendada. O aspecto mais enfatizado pelo autor do artigo era a adequação do livro às recomendações exigidas pelo decreto 20.158<sup>67</sup>, de 30 de junho de 1931. Decreto que, segundo ele, *deu a esse estudo uma organização harmonica e eficiente regulamentando a profissão de contador, com o objetivo de moralisar a classe e elevar o nível cultural e social dos contabilistas brasileiros. Antes disso, o estudo das sciencias commerciaes neste paíz se fazia por methodos atrabiliarios e arbitrarios. Não tinham orientação, peor seguiam a desorientação caprichosa de cada professor* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Recortes de Jornal. Livros Novos, 1932).

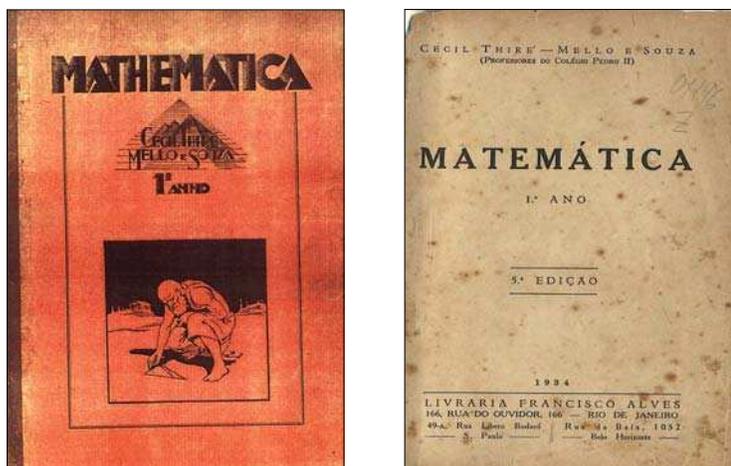
A composição do livro e a metodologia moderna proposta pelos escritores foram também pontos destacados pelo artigo. Um livro que apresenta uma *formula simples e moderna de instrucção e educação. A sua exposição decorre de conceitos e definições de alcance para professores e alumnos. Nelle, a clareza e a precisão são virtudes que sobressaem. Alguns capítulos que discutiam operações em mercadorias, juros em contas correntes, moeda e cambio* foram eleitos como dignos de um *relevo especial* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Recortes de Jornal. Livros Novos, 1932).

O autor do artigo, ao finalizá-lo, não se esquece de oferecer aos leitores do jornal uma avaliação dos escritores autores da obra e de sua importância para o trabalho dos professores. Esses aspectos, associados às características apresentadas anteriormente, adequação à legislação e qualidade didática, constituem-se em elementos decisivos, particularmente naquele período, para a aceitação da obra pelo público leitor. O livro foi escrito *por mestres, e mestres que não ignoram os segredos da pedagogia moderna. Não se trata apenas de um livro; ele o é também para os mestres, pois apresenta uma vasta bibliographia que se pode consultar com segurança* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Recortes de Jornal. Livros Novos, 1932).

---

<sup>67</sup> Organiza o ensino comercial, regulamenta a profissão do contador e dá outras providências. Chefe de Governo: Getúlio Vargas; Ministro da Educação e Saúde Pública: Francisco Campos <[www.cosif.com.br](http://www.cosif.com.br)>.

A coleção *Matemática*, de Cecil Thiré e Mello e Souza, foi escrita inicialmente em três volumes, destinados às três primeiras séries do ciclo fundamental do ensino secundário<sup>68</sup>. Nesta obra, os autores se preocuparam em produzir *um trabalho de feição moderna acentuadamente pratico e de leitura agradável ao aluno* (THIRÉ E MELLO E SOUZA, p. XIII, 1º ano, 5. ed., 1934).



Figuras 21 e 22 – Capa e folha de rosto do livro escrito por Cecil Thiré e Mello e Souza. 1º ano. Extraídas de SOUZA, Ricardo Márcio. 1998

Os autores manifestavam a intenção de evitar longas demonstrações, sem com isso, comprometerem a precisão da linguagem matemática e o rigor do raciocínio, bem como, de abordar as diferentes partes da Aritmética, Álgebra e Geometria em conjunto, com simplicidade e clareza. Incluíram ao final de cada capítulo um pequeno texto, denominado de *Leitura*, constituído por traduções de obras consagradas ou de artigos encomendados, por eles mesmos, especialmente, para o compêndio:

Prestaram-nos inestimável concurso, escrevendo, a nosso pedido, artigos destinados especialmente a esta obra, os professores: Antenor Nascentes, Escragnolle Doria, J. B. de Mello e Souza, Leonel Franca, S. J. A estes ilustres colegas agradecemos a preciosa colaboração que tanto valoriza as páginas deste livro (THIRÉ E MELLO E SOUZA, p. IX, 1º ano, 5. ed., 1934)<sup>69</sup>

<sup>68</sup> O ensino secundário, pela Reforma Campos, era composto de dois ciclos: fundamental, com cinco séries, e complementar, com duas séries.

<sup>69</sup> Apesar de não ter sido mencionado neste agradecimento, os autores assinalam o artigo, intitulado Álgebra, de Pedro A. Pinto, como também escrito especialmente para este livro.

Um desses colaboradores, Antenor Nascentes<sup>70</sup>, escreveu um artigo que foi publicado na 1ª edição do 1º ano da Coleção *Matemática*, intitulado “A Origem dos números”. À época do lançamento do livro, em correspondência a Mello e Souza, Nascentes parabenizava-o pelo livro escrito com Cecil Thiré, além de demonstrar muito entusiasmo ao se referir à obra:

Magnífico o livro que V. fez com o Thiré. Porque não nasci uns trinta anos mais tarde para poder aprender por êle? Como serão felizes os guris que vão começar a matemática em 1931! Até parece que a matemática é a menos pau das disciplinas. Que mestres ilusionistas são vocês! Que taumaturgos! Muito grato pelas referências. Muitos louvores aos dois mestres (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Correspondência de Antenor Nascentes, 1930)

A inclusão dos textos ao final dos capítulos, segundo os autores, despertaria no estudante o gosto pelo estudo da História da Matemática, como também, atenderia ao artigo 10 do Decreto 19.890, de 18 de abril de 1931, expedido em junho do mesmo ano, em cujo texto, *com o intuito de aumentar o interesse do aluno*, era proposto que o curso secundário fosse *incidentemente entremeado de ligeiras alusões a problemas clássicos e aos fatos da história da Matemática, bem como à biografia dos grandes vultos desta ciência* (BELTRAME, 2000, p. 249 – Programas de Ensino)

Miguel e Miorim (2004, p.23) atestam que, para Thiré e Mello e Souza, a *história exerceria [apenas] um papel motivador no processo ensino-aprendizagem da Matemática*, apesar de muitas vezes abordarem em suas obras, *temáticas históricas inovadoras*. Ao apresentarem as *Leituras* históricas, eles se colocavam na mesma *posição de vários outros* autores, muitos dos quais, naquele período, *defend[iam] que o conhecimento histórico despertaria o interesse do aluno pelo conteúdo que lhe está sendo ensinado*.

Thiré e Mello e Souza não exploravam outras potencialidades da história em suas obras didáticas. A história como *fonte de métodos adequados para a abordagem pedagógica*

---

<sup>70</sup> Filólogo brasileiro. Autor do Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Professor Emérito do Colégio Pedro II [TAHAN, 1965]. Graduiu-se em Ciências e Letras por esta escola, onde alcançou o prêmio “Panteon” [Anuário do Colégio Pedro II, notas e p. 412]. Em agosto de 1932, Malba Tahan, por meio de um memorandum do editor Erbas de Almeida, foi comunicado da venda de 120 exemplares para Antenor Nascentes, últimos da edição contratada do livro *Lendas do Deserto*, cuja 1ª edição é de 1929 e a 2ª de 1933, respectivamente, publicadas pela Livraria Azevedo e pela Editora Calvino Filho, ficando a seu critério tirar nova edição (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Memorandum de Erbas de Almeida, 1932).

*de certas unidades ou tópicos da Matemática escolar* (MIGUEL e MIORIM, 2004, p.33), por exemplo, foi explicitamente rejeitada pelos autores. Para eles, a opção pelo trabalho com vários métodos, produzidos historicamente, seria uma forma de *complicar e dificultar o ensino* da Matemática, quando *por um princípio comezinho de boa pedagogia, devia [ser ensinado] apenas um desses processos e banir os demais*.

Criticaram duramente a prática dos professores que não se dispunham a apresentar a Matemática de uma maneira mais simples e útil, *exigindo para a resolução de um problema ou para a dedução de uma formula banal, dois, três e, às vezes, até quatro processos diferentes* (THIRÉ E MELLO E SOUZA, p. XI-XII, v.1, 5. ed., 1934).

Um pequeno comentário feito por Humberto de Campos<sup>71</sup> e apresentado pelos autores no prefácio da 3ª edição do 2º ano da Coleção *Matemática*, parece confirmar a análise realizada por Miguel e Miorim (2004). Em seu comentário, Campos, inicialmente, afirma que a forma como a História é utilizada no livro é a mesma que Cecil Thiré e Mello e Souza estavam *utilizando no seu curso do Pedro II*. A decisão dos autores de intercalarem em seus livros algumas páginas de fina literatura e de história, segundo Campos, levaria o aluno a ir *gostando, e continuando. E, quando dá acordo de si, engoliu, sem sentir, toda a dóse da Matemática* (THIRÉ e MELLO E SOUZA, p. VIII, 2º ano, prefácio, 3. ed., 1933 - grifos meus).

Neste mesmo prefácio, os autores comentam que *é evidente [...] que num livro perfeito, os conceitos devem ser apresentados com rigor, impecáveis as definições e as teorias desenvolvidas com máxima precisão e clareza*. Essas características do “livro perfeito” são exatamente as mesmas que os autores apresentam no parágrafo seguinte, quando comentam sobre o seu livro, no qual *todos os conceitos e definições foram escritos com absoluto rigor, clareza e methodo* (THIRÉ E MELLO E SOUZA, p. V, 2º ano, 3. ed., 1933).

---

<sup>71</sup> Humberto de Campos escreveu uma crônica, intitulada *A vitória de um bandeirante*, na primeira página do *O Jornal*, Rio de Janeiro, em 1934, anunciando a abertura da Livraria José Olympio. Foi considerado o maior escritor popular daquele tempo. Membro da Academia brasileira de Letras; deputado pelo Maranhão, por dez anos – perdeu o mandato com a Revolução de 30; inspetor de ensino e diretor da casa Rui Barbosa – indicado para os cargos por Getúlio Vargas, seu admirador. Morreu em dezembro daquele mesmo ano (SOARES, 2006).

A originalidade do texto produzido por eles é um outro aspecto destacado, também no prefácio. Thiré e Mello e Souza enfatizam *que não há neste livro uma única linha traduzida ou decalcada de outros compêndios*. Essa observação pode ter sido uma manifestação com relação a uma certa tradição, já antiga, de se compilarem livros de escritores renomados de outros países, mantida por alguns autores dos chamados Compêndios.

No entanto, ela, também, pode se referir a alguns livros didáticos da época, dentre os quais estariam os primeiros volumes de uma coleção iniciada por Euclides Roxo, publicada pela mesma editora. Estudos recentes apontam esta coleção como uma versão muito próxima da obra de Ernst Breslich (DASSIE; CARVALHO e ROCHA, 2001/02). Essa aproximação com a obra de Breslich, no entanto, já era declarada por Roxo no prefácio do primeiro volume de seu *Curso de Matemática Elementar*, de 1929, quando afirma que não hesitou em tomar tal obra *para modelo deste modesto trabalho* e, em seguida, discute algumas aproximações e distanciamentos (ROXO, 1929, p.11).

Ao mesmo tempo em que comunicam e enaltecem ao leitor as opções didáticas de sua obra, Thiré e Mello e Souza, não deixam de tecer comentários pouco elogiosos a outras produções didáticas, acreditando não haver mais lugar *nas escolas para livros pesados, enfadonhos ou incongruentes*. Afirmam que alguns autores, *levados por uma lamentável ignorância e por um descabido exagêro, julgam modernizar a Matemática escrevendo livros ridículos e pejados de erros crassos* (THIRÉ; MELLO E SOUZA, p. V, 2º ano, 3. ed., 1933)<sup>72</sup>.

Uma das características da coleção de Thiré e Mello e Souza é a extensa bibliografia, registrada na maior parte das vezes em notas de rodapé, além de um índice alfabético de todos os autores citados, ao final de cada volume, uma prática pouco comum em livros didáticos de Matemática. Nessa bibliografia há um predomínio de títulos franceses, relacionados à Matemática, embora existam livros italianos, portugueses, brasileiros e americanos.

---

<sup>72</sup> Muito provavelmente uma dessas obras didáticas seria o livro do Professor Jacomo Stávale, Primeiro Ano de Mathematica, pivô de uma polêmica iniciada por meio de um artigo publicado no jornal carioca A União e na Revista Brasileira de Matemática em 1933.

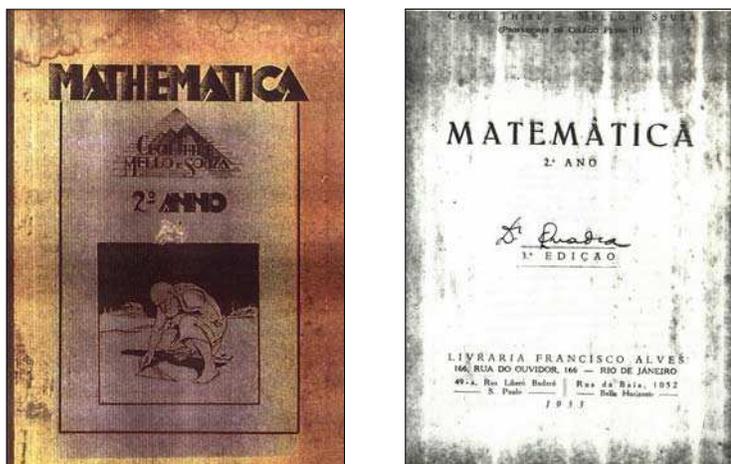
São livros e alguns periódicos que abordam tópicos específicos de Matemática, de nível elementar ou superior; Histórias, específicas ou gerais, da Matemática; recreações matemáticas; Filosofia e suas relações com a ciência; Economia Política. Entre os títulos brasileiros são mencionados, sobretudo, os que retratam assuntos relacionados à economia e finanças; mas também, são citados títulos que versam sobre: literatura, *Os Sertões* de Euclides da Cunha; e História da Matemática, *Papiro Rhind* de Raja Gabaglia e *Sofia Kovalêwskaia*<sup>73</sup> de Luiz Freire (APÊNDICES A, B, C, D e E). Os autores justificam que a inclusão dessa bibliografia não teve a intenção de *exibir bibliografia*, mas por julgarem ser *útil aos professores citar alguns dos autores que compulsam com indicação da obra* (TIHRÉ E MELLO E SOUZA, p. XIV, 1º ano, 5. ed., 1934).

O uso de bibliografias extensas e de índices alfabéticos de autores citados seria uma prática freqüente nas obras de Júlio César de Mello e Souza e de Malba Tahan, em especial nas de divulgação da Matemática ou dirigidas aos professores. Essa prática, em alguns casos, seria acrescida de informações sobre os autores e, às vezes, pequenos comentários pessoais sobre a obra. No livro *Matemática Divertida e Delirante*, por exemplo, em sua edição de 1965, publicado pela Editora Saraiva, Malba Tahan apresentou Arthur Thiré, pai de seu parceiro na produção da *Coleção Matemática*, como *Professor do Colégio Pedro II (1854-1924). Deixou várias obras didáticas, entre as quais devemos destacar uma 'Álgebra Superior' que é muito bem apresentada do ponto de vista didático. Era um professor, culto, esforçado e bom* (TAHAN, 1965, p. 262).

A divulgação que os autores fazem, no livro destinado ao 2º ano, da contribuição feminina no desenvolvimento da Matemática na literatura nacional, é outra característica pouco usual na época. Em “As Mulheres na Matemática”, distribuídos em 3 textos, eles valorizam o trabalho feminino dando destaque para Marquesa de Châtelet, Sofia Germain, Maria Farfaix (Mme. Greig e Mme Somerville), Ada Byron, Maria Gaetant Agnési e Sofia Kovalewsky.

---

<sup>73</sup> Os autores assinalam que o uso consagrou o nome *Kovalewski* ou *Kovalewsky* para Sofia; mas o correto seria *Kovalêwskaia*, por se tratar de um sobrenome de mulher [TIHRÉ; MELLO E SOUZA, 1933, p.397].



Figuras 23 e 24 – Capa e folha de rosto do livro escrito por Cecil Thiré e Mello e Souza -. Extraídas de SOUZA, Ricardo Márcio.

1998

Todavia, não deixam de “manifestar um certo preconceito”, como dizem Miguel e Miorim (2004, p. 19) *sobre a possibilidade de se associar beleza com inteligência*. E Isso é bem claro quando fazem a seguinte pergunta já no 1º texto com relação à Emília de Breteuil, a Marquês de Châtelet: *Quem poderia imaginar que essa mulher de olhos rasgados e sonhadores, de porte fidalgo e insinuante tivesse cultura matemática suficiente para traduzir e anotar a obra formidável de Newton?*

(THIRÉ; MELLO E SOUZA, 1933, p. 376)

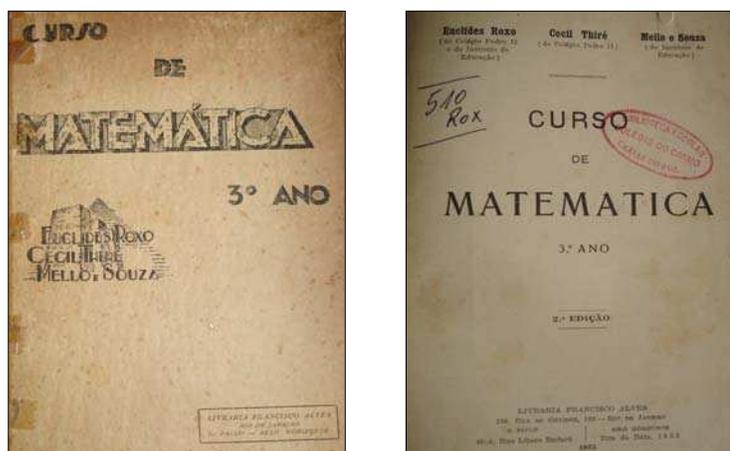
A parceria de Cecil Thiré e Mello e Souza, na Coleção *Matemática*, seria acrescida, a partir de 1933, com a entrada de um outro autor: Euclides Roxo, à época, diretor do Colégio Pedro II, membro do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Educação (ABE) e membro da comissão de reforma do ensino.

A fusão dos livros *Matemática - Álgebra, 3º ano* de 1932, de Mello e Souza e Cecil Thiré e *Curso de Matemática II – Geometria*, de 1931, de Euclides Roxo, daria origem ao livro *Curso de Matemática 3º ano*, inaugurando a parceria entre os três autores.

A parceria, bem como a fusão das obras e o título do novo livro, foram firmadas por meio de um contrato, constituído de vinte e três cláusulas. A nova obra receberia o *nome Mathematica Elementar 3º anno* e seria publicada *sob responsabilidade e com o nome dos 3 contractantes*.

A obra teria o *mesmo formato dos actuaes livros de Mathematica de Cecil Thiré e Júlio César de Mello e Souza*, mas a capa seria modificada, *adoptando-se outro typo de letra e outro ex-libris e suprimindo-se a figura do Archimedes*<sup>74</sup>. O livro de exercícios, um completar da obra, continuaria *com o mesmo formato mas também com outro typo de letra* (PUC-SP/APER - ARQUIVO PESSOAL EUCLIDES ROXO. Minuta de Contrato... – ER. T.1.006, s/d).

Conforme acordado, na capa da 2ª edição, para o 3º ano, de 1935, aparece o nome dos três autores, sem a figura de Arquimedes, com outros tipos de letras e diagramação, outro *ex-libris*, e com uma nova versão da pirâmide, como marca d'água, no lugar onde estão colocados os nomes.

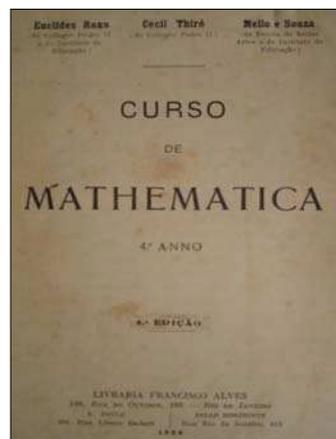
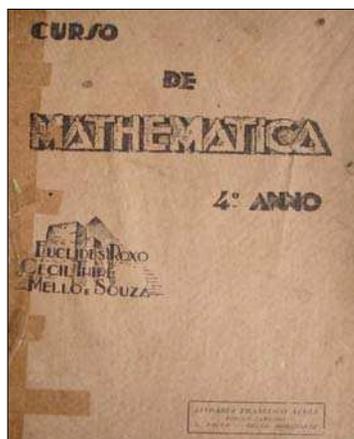


Figuras 25 e 26 - Capa e folha de rosto da 2ª edição do livro destinado ao 3º ano - 1935

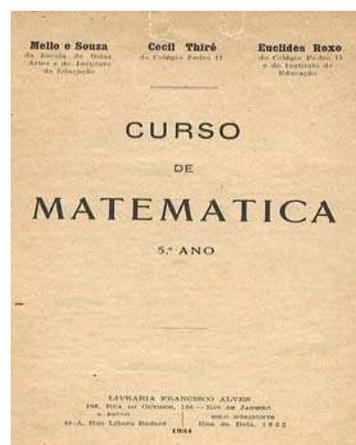
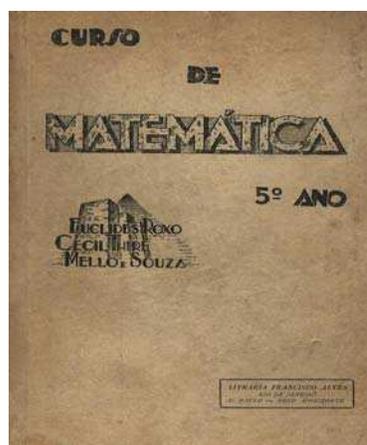
O título do novo livro, no entanto, contrariando o que fora acordado, acabou sendo *Curso de Matemática 3º ano* e não *Mathematica Elementar 3º anno*. Talvez esse não cumprimento de uma cláusula contratual, esteja relacionado a algum desacordo entre os

<sup>74</sup> A figura de Arquimedes que aparece na capa dos livros de Mello e Souza e Cecil Thiré é um desenho do Prof. Carlos Chambelland e as letras do arquiteto Moacyr Fraga.

autores. Afinal, as coleções de Euclides Roxo eram intituladas *Curso de Matemática Elementar* e *Curso de Matemática*, enquanto que a de Cecil Thiré e Mello e Souza era, somente, *Matemática*. Provavelmente, todos quisessem ver a continuidade do título de sua coleção. Numa primeira análise, Roxo parece ter-se sobressaído, todavia, observando com mais cuidado a nova capa e comparando o tamanho das letras da palavra *Matemática*, com o das letras de *Curso de*, sinaliza que Cecil Thiré e Mello e Souza conseguiram impor sua posição, apesar do contrato. Os autores são apresentados, no livro, pela indicação do lugar institucional que trabalham, sem que seja explicitada a função que ocupam. Naquele volume III, de 1935, por exemplo, Euclides Roxo é apresentado como sendo *do Colégio Pedro II e do Instituto de Educação*; Cecil Thiré, *do Colégio Pedro II* e Mello e Souza, *do Instituto de Educação*. Acrescenta-se a este último, nos dois volumes subsequentes, *da Escola de Bellas Artes*.



Figuras 27 e 28 - Capa e folha de rosto da 4ª edição do livro destinado ao 4º ano – 1938



Figuras 29 e 30 - Capa e folha de rosto do livro destinado ao 5º ano - 1934

A ordem em que os autores são apresentados, na capa, na página de rosto e na contra capa, da 3ª edição, do 2º ano, de 1933, é: Euclides Roxo, Cecil Thiré e Mello e Souza. Entretanto, na 4ª edição, do 5º ano, de 1940, embora a mesma ordem permaneça na capa e na página de rosto, ela é alterada na página interna onde aparecem as obras em parceria dos três autores.

Nesta página os autores aparecem na seguinte ordem: Cecil Thiré, Euclides Roxo e Mello e Souza. Nenhuma das ordens segue a alfabética, nem dos nomes, nem dos sobrenomes. Parece claro que as ordens escolhidas seguem outros critérios. Elas apontam para o estabelecimento de uma hierarquia entre os autores, que pode ter sido decidida de várias formas: idade, reconhecimento, tempo de trabalho dedicado à obra, por exemplo. Qualquer que tenha sido o critério, Mello e Souza é sempre o último a aparecer, tanto nesta parceria quanto na anterior, com Cecil Thiré. Talvez as relações entre eles não tenham sido tão cordiais. Talvez isso não fosse importante para Mello e Souza. Talvez para ele fosse importante apenas continuar a sua participação em uma obra didática reconhecida pelo público e vendável.

É impossível não perceber como é rápida, fria e sem menção à Coleção, a apresentação que Malba Tahan faz de seus parceiros, no Índice dos Autores Citados, no livro *Matemática Divertida e Delirante* (TAHAN, 1965, p. 261-2):

- Roxo (Euclides), exerceu a cátedra no Colégio Pedro II. Deixou uma obra que deve ser lida: *A Matemática no Ensino Secundário*.
- Thiré (Cecil), catedrático de prestígio no Colégio Pedro II. Filho de Arthur Thiré. Autor de numerosos compêndios didáticos.

A recomendação de Mello e Souza sobre a obra de Euclides Roxo, intitulada *A Matemática na Educação Secundária*, publicada pela Cia Editora Nacional, em 1937, pode se confirmada pela leitura de algumas de suas obras. Vários são os momentos em que ele utiliza citações dessa obra, com as quais concorda. São textos que se referem a aspectos relacionados ao ideário escolanovista e ao Primeiro Movimento Internacional do Ensino de Matemática. Mesmo sendo parceiros de obras didáticas e defenderem

posições semelhantes em relação ao ensino de Matemática, Mello e Souza, ao menos em um momento, questionou a prática de Roxo em relação ao seu discurso.

Em um pequeno item do 2º volume de sua *Didática da Matemática*, intitulado *A Self-Discovery em Matemática*, antes de transcrever um trecho do livro de Roxo sobre a introdução de recursos de laboratório nas aulas de Matemática, com o qual concordava, Mello e Souza escreveu que *Em 1929 o Prof. Euclides Roxo já chamava a atenção dos colegas para o Método do Laboratório, que êle, aliás, na sua cátedra, no Colégio Pedro II, não aplicava* (TAHAN, 1962, p.77).

O professor Cecil Thiré foi algumas vezes citado em obras de Mello e Souza. Essas citações, no entanto, sempre eram relacionadas à discussão de aspectos conceituais da Matemática. Mello e Souza, nesses momentos, não deixava de enfatizar a competência matemática deste seu parceiro. Eminente catedrático, eminente professor, eram as formas utilizava para se referir a Cecil Thiré, que muitas vezes era o autor que estava com a razão nas discussões matemáticas apresentadas.

Em 15 de junho de 1941, Cecil Thiré encaminhou à Livraria Francisco Alves uma carta comunicando que, a partir daquela data, sua parte dos direitos autorais sobre os livros “Curso de Matemática” [1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos] ficaria reduzida a 1/6. Essa redução abrangeria, por exceção, a 13ª edição do 1º ano e a 9ª do 2º ano, já publicadas recentemente (UFF/LIHED. Livro de Contratos da Editora Francisco Alves). Esta carta pode ser entendida como um indício de que as relações entre os três autores passavam por um momento de conflito, especialmente relacionado à cota de participação efetiva na produção da obra, que eram desiguais.

Alguns trabalhos realizados por esses autores, e suas respectivas parcerias, estão listados nas contra-capas, de todos os volumes que consultei. Estratégia editorial habitual daquele período, cuja preocupação em destacar as publicações dos autores, dava ao futuro leitor uma certa segurança de que o material que ele tinha em mãos advinha de profissionais experientes e com cabedal suficiente para tratar do assunto nele exposto, além de se constituir em um espaço de divulgação das outras produções dos autores.

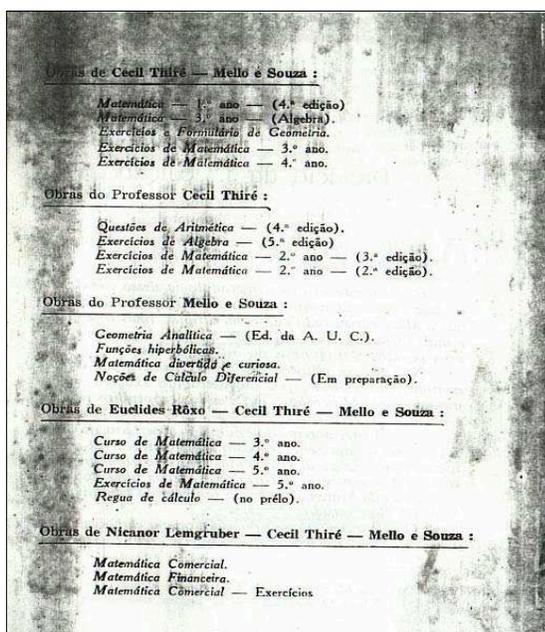


Figura 31 - Relação das obras escritas pelos autores na contra capa da 3ª edição do livro Matemática 2º ano de 1933.

O Índice Geral é outro elemento colocado em todos os volumes. Nos volumes I e III, os autores, também, se preocupam em apresentar o índice alfabético dos autores utilizados ao longo do texto, como ocorria na *Coleção Matemática* de Cecil Thiré e Mello e Souza, e o índice alfabético das matérias desenvolvidas. Esses índices podem representar um auxílio complementar interessante ao leitor, uma vez que, com bastante rapidez e eficácia, ele pode localizar no corpo do texto, determinado assunto ou autor de seu interesse. O índice Geral, de acordo com Toledo (2001), é um espaço destinado a mostrar os movimentos que os autores realizaram para a construção do texto e indicar a sua organização interna, o que faz com que o leitor identifique, num passar de olhos, aquilo que lhe interessa.

A cada reforma curricular um novo programa de ensino se organiza e a *Coleção Curso de Matemática* segue as diretrizes traçadas. Nesse contexto, Roxo, Thiré e Mello e Souza mantiveram a tripla parceria e escreveram, em 1943, uma nova coleção. Intitulada *Matemática Ginásial*, destinava-se às quatro séries do primeiro ciclo do ensino secundário, conhecido por Curso Ginásial, em atendimento às novas

orientações educacionais estipuladas pela Reforma Capanema<sup>75</sup>, as quais perdurariam de 1942 a 1961.

Os programas das disciplinas foram alterados e deveriam, de acordo com essa nova proposta, *ser simples, claros e flexíveis, devendo indicar, para cada uma delas, o sumário da matéria e as diretrizes essenciais* (AGUIAR, 1997, p.286). Caberia ao Ministro da Educação, criar uma comissão a fim de elaborá-los, o que aconteceu em 27 de abril de 1942, por meio da Portaria Ministerial nº 101. Euclides Roxo, Coronel Pedro Serra, subdiretor do Colégio Militar, entre outros, tomaram parte nesta comissão (DASSIE, 2003).

As discussões ocorridas, especificamente em relação aos programas e às orientações metodológicas da disciplina Matemática, retomaram velhas controvérsias e giraram em torno da seriação dos conteúdos matemáticos em Aritmética, Álgebra e Geometria, defendida amplamente pelos militares e que para Roxo já era “matéria vencida”, uma vez que a fusão desses três ramos fora incorporada na Reforma Francisco Campos (DASSIE, 2003).

Nos programas de Matemática, expedidos em 11 de junho de 1942, pela Portaria Ministerial nº 170, não foram preservados dois importantes pontos defendidos, de longa data, por Euclides Roxo: o estudo de função a partir das séries iniciais e a unificação das três áreas de conhecimento. As disciplinas matemáticas seriam distribuídas da seguinte forma: 1ª e 2ª séries – Geometria Intuitiva e Aritmética prática; 3ª e 4ª séries - Álgebra e Geometria Dedutiva (VECHIA e LORENZ, 1998). Nesse sentido, a reforma Gustavo Capanema encerrou um período da história da disciplina Matemática no Brasil, verificado a partir de 1929 (DASSIE, 2003).

---

<sup>75</sup> Gustavo Capanema, mineiro de Pitangui, ocupou o Ministério da Educação e Saúde de 1934 a 1945 e em 09 de abril de 1942 promulgou a Lei Orgânica do Ensino Secundário - conhecida por Reforma Capanema - por meio do Decreto-Lei nº 4244. Em seu Capítulo II – Dos Ciclos e dos Cursos – prevê que: Art. 2º - O ensino secundário será ministrado em dois ciclos. O primeiro compreenderá um só curso: o curso ginasial. O segundo compreenderá dois cursos paralelos: o curso clássico e o curso científico. Art. 3º - O curso ginasial, que terá a duração de quatro anos, destinar-se-á a dar aos adolescentes os elementos fundamentais do ensino secundário (AGUIAR, 197, p. 281).

As mudanças aprovadas implicavam em re-estruturações dos livros didáticos em vigor. Segundo Hallewell (2005, p. 367), *às editoras foi concedido um prazo de apenas quatro meses para adequarem as novas edições de todos os livros didáticos para o nível secundário*. O curto prazo determinado pela legislação, para adequação das obras didáticas, seria muito difícil de ser cumprido pelas Editoras. Apenas à Cia Editora Nacional, caberia a revisão de aproximadamente 40 títulos. Em muitas obras didáticas, foram feitas apenas pequenas alterações em seus textos, tendo em vista o atendimento das exigências legais.

A Editora Francisco Alves manteve em seu catálogo<sup>76</sup> a coleção *Curso de Matemática* paralela à coleção *Matemática Ginásial*, elaborada para atender as diretrizes da Reforma Capanema. Esta nova coleção continuava a ser de autoria dos três autores, que agora esclareciam a forma de participação. Em 13 de junho de 1944, os professores Euclides Roxo e Júlio César de Mello e Souza encaminharam à Livraria Francisco Alves uma carta comunicando o acordo estabelecido entre os autores sobre a cota de direitos autorais da obra “*Matemática Ginásial*” em quatro volumes que caberia a cada um. O acordo estabelecia que a metade dos direitos autorais caberia a Euclides Roxo, um terço a Mello e Souza e um sexto a Cecil Thiré (UFF/LHIED. Livros de Atas da Editora Francisco Campos).

Na nova coleção, *Matemática Ginásial*, cuja ordem de apresentação da capa foi mudada, de acordo com as cotas de participação estabelecidas na carta dirigida à Francisco Alves, os autores esclarecem ao leitor que esta coleção foi por eles elaborada em atendimento à *nova Lei Orgânica do Ensino Secundário, em substituição ao nosso antigo “CURSO DE MATEMÁTICA”* e solicitam aos Srs. *Professores de Matemática o caloroso apoio que prestaram ao referido Curso, além do*

---

<sup>76</sup> Catálogos da Livraria Francisco Alves dos meses: janeiro de 1931; julho de 1932; outubro de 1933; janeiro de 1934; julho de 1936; julho de 1937; fevereiro de 1938; janeiro de 1939; janeiro de 1940; janeiro de 1943; agosto de 1944; janeiro de 1945; 1946; 1947; 1949; 1950; 1954; 1º semestre de 1973; 1977. Constam no catálogo de 1950 as coleções *Curso de Matemática* e *Matemática Ginásial*. Em 1954 a Livraria Francisco Alves, Editora Paulo de Azevedo Ltda, em comemoração ao seu centenário, preparou um catálogo com a relação completa das obras publicadas desde o início de suas atividades editoriais. Foram desprezadas as reedições, indicando-se apenas a data e o número da 1ª edição feita por ela quando esta não era a edição “princeps” da obra (UFF/LHIED. Catálogos da Livraria Francisco Alves).

encaminhamento de *suas preciosas sugestões no intuito de melhorar este compêndio em futuras edições* (ROXO; THIRÉ; MELLO E SOUZA, 1943).

A solicitação de apoio aos professores parece não ter sido plenamente atendida. Em um período de entrada no mercado de outras obras didáticas que disputavam o mercado, a coleção *Matemática Ginásial* não teria muito sucesso. Os volumes destinados às 1ª e 4ª séries tiveram apenas duas edições, respectivamente, em 1943 e 1944, e 1944 e 1945. Os volumes das 2ª e 3ª séries teriam três edições cada um, respectivamente, 1943 e 1946, e 1944 e 1948 (APENDICE H). A longa parceria com Cecil Thiré e Euclides Roxo chegava ao fim e Mello e Souza busca nova parceria e inicia a publicação de uma outra coleção de Matemática para o curso ginásial, agora pela Editora Conquista.

Em carta-contratual, a Editora Conquista estabeleceu as condições de publicação da coleção *Matemática Para Você*, em quatro volumes, um para cada série do curso ginásial, cujos autores eram Mello e Souza e Lauro Pastor Almeida<sup>77</sup>, também professor do Colégio Pedro II (ARQUIVO PESSOAL – IMT. CONQUISTA. Contrato do livro *Matemática para Você*, 1950).

Ficou acordado, nesse contrato, que a primeira edição teria uma tiragem de 5.000 exemplares, mais 500, para efeito de propaganda gratuita entre professores e diretores de colégios e das demais edições, para esse mesmo fim, seriam impressos 200 exemplares. Cada autor receberia, gratuitamente, para uso individual, 20 exemplares. Os direitos autorais incidiriam sobre o preço de capa, cujo percentual seria de 5% para cada autor. A publicação das edições subsequentes seria similar à primeira, podendo variar o número de tiragens, o que seria prontamente notificado aos autores. O preço de venda seria fixado pela Editora, respeitando-se as condições de mercado de livros à época do lançamento de cada edição.

---

<sup>77</sup> Bacharel e licenciado em Matemática, professor do Colégio Pedro II (TAHAN, 1946, p. 39). Participou em 1948 do concurso para professor catedrático do Colégio Pedro II com a Tese intitulada *Divisão Harmônica* [COLÉGIO PEDRO II. Livro de registros de Actas de Concurso: setembro/1925 à fevereiro/1975 – livro 5]

Apesar de haver indícios de que este livro tenha sido publicado - está listado nas contracapas dos livros *Matemática Divertida e Delirante* [1962]<sup>78</sup>; *O Problema das Definições em Matemática* [1965]; *Didática da Matemática* [1º volume - 1961; 2º volume - 1962] como uma das obras do Prof. Mello e Souza, sem, contudo, acusar a parceria – não encontrei nenhuma fonte que me fornecesse algum tipo de registro sobre ele. No referido contrato, apenas Lauro Pastor Almeida dá o “de acordo”. Caso ele tenha realmente sido publicado, foi a última parceria de Mello e Souza na escrita de livros didáticos de Matemática para o curso ginasial.

Mello e Souza, no entanto, entre essas parcerias, foi o único autor de vários livros didáticos sobre temas matemáticos. O primeiro desses livros foi *Funções Hiperbólicas*, publicado pela Francisco Alves, em 1930, mesmo ano do lançamento da 1º ano da coleção Matemática com Cecil Thiré. Além desse, foram publicados: *Geometria Analítica: no espaço de duas dimensões* (Francisco Alves, 1ª parte - 1931; 2ª parte - 2ª ed., 1940); *Trigonometria Hiperbólica* (Francisco Alves, 1932); *Estudo Elementar das Curvas* (Getúlio Costa, 1933); *Funções Moduladas* (Getúlio Costa, 1933); *Alegria de Ler* (Getúlio Costa, 1939 – Curso Admissão); *Geometria Analítica: no espaço de três dimensões* (Getúlio Costa, 2ª parte - 2ª ed., 1940); *Meu Caderno de Matemática* (Getúlio Costa, 1945 – Curso Admissão), *Tábuas Completas: logaritmos e formulários* (Getúlio Costa, 1945); *Matemática, Aritmética* (Conquista, 1950 – Curso Admissão).

Os livros *Alegria de Ler* e *Tábuas Completas: logaritmos e formulários* chegaram, respectivamente, às 20ª e 7ª edições em 1961. Isso revela que os trabalhos tiveram uma boa aceitação no mercado, então, por que Mello e Souza não continuou publicando sozinho? As parcerias ajudariam no desenvolvimento de um saber matemático mais específico, mais aprofundado e que, talvez, ele não o tivesse? Elas dariam maior respeitabilidade ao trabalho apresentado, em virtude do prestígio que tinham no Colégio Pedro II? Ou teria sido mais uma estratégia editorial de Mello e Souza?

Preocupado, talvez, em elaborar um discurso que o projetasse e o mantivesse no mercado editorial, seja para vender livros, seja para contribuir na formação intelectual de

---

<sup>78</sup> Na edição de 1965 não consta esta informação.

seus alunos e, dessa maneira, divulgar suas opções teórico-metodológicas, Mello e Souza aproximou-se de pessoas que comungavam de seus propósitos e dessa forma, todos eles, se apropriaram de um discurso permitido, legitimado pelas *‘sociedades de discurso’*, cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras escritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição (FOUCAULT, 2004, p. 39).

As parcerias escolhidas, os textos inseridos nas obras, tais como, prefácios, índices, bibliografia, interlocutores convidados, sugestões, estrutura de organização dos capítulos, se mostraram como produções dos discursos selecionados a partir de critérios estabelecidos por um determinado grupo em um determinado momento. Esses autores estavam implicados em um sistema de educação que para Foucault (2004, p. 44- grifos meus) [...] *é uma maneira política de **manter** ou de **modificar** a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.*

De certo, tais discursos corresponderiam aos ditames da sociedade que o legitima, pois caso contrário, ela o tornaria proibido e inócuo. Para Foucault (2004, p. 8-9)

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos<sup>79</sup> que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Mello e Souza e suas parcerias, por meio de suas produções, inserir-se-iam em um contexto histórico de transformação e carregariam os valores de um discurso eminentemente político, balizados, sobretudo, pelos princípios das reformas educacionais modernizadoras.

Há uma série de orientações, advindas de “movimentos e reformas”<sup>80</sup>, que se incorporam às produções didáticas apresentadas, ora revestida de vocábulos que remetem às relações da modernidade educacional, tais como, *moderno, harmônico,*

---

<sup>79</sup> Os procedimentos a que Foucault se refere são o da exclusão (interdição), o da separação e rejeição (razão e Loucura) e a vontade de verdade (suporte institucional).

<sup>80</sup> Primeiro Movimento para a Modernização do Ensino da Matemática [1908]; Movimento da Escola Nova [décadas de 20 a 50], Movimento da Matemática Moderna [década de 60], Reforma Francisco Campos [década de 30], Reforma Gustavo Capanema [década de 40].

*novo, antigo*, ora anunciando uma concepção de *história linear, factual e personalista*. O que se deseja com essa modernidade? A substituição do antigo pelo novo? Uma escola que reflita as mudanças provocadas pelo avanço do sistema capitalista?

De acordo com Benjamin (1989) a modernidade, definida como novidade, além de demarcar uma época, designa uma força que age sobre ela e, simultaneamente, a constitui, a destrói, a aproxima da antiguidade. O novo está destinado a se transformar no obsoleto, no envelhecido, no ultrapassado, o que faz do moderno um espaço de atualidade cada vez mais restrito. Isto é, o moderno se transforma muito rapidamente em seu contrário, no não mais novo.

Essa dialeticidade velho/novo, antigo/moderno, é notória ao longo da história da educação, cujas primeiras tentativas em busca de opor-se ao instituído, são sinalizadas na construção da Casa Giocosa feita por Victorino de Feltre (1378-1446) para diferenciá-la das escolas de disciplina rígida e austera; nas severas críticas de François Rabelais (1494-1553) feitas à escola autoritária e na acusação de Michel de Montaigne (1533-1592) à educação livresca e pedante de seu tempo, em plena Renascença, bem como, nas importantes contribuições de João Amós Comênio (1592-1670) na Idade Moderna (PILETTI, 1997).

No século XVIII, Jean Jacques Rousseau (1712-1778) deslocou o foco da educação, fazendo a sua “revolução copernicana”<sup>81</sup>. A criança deixou de ser vista como um adulto em miniatura, um ser em preparação e, por isso, incompleto. O ensino passou a centrar-se não mais no professor, mas sim no aluno e, em razão disso, deixou-se de tratar a criança como objeto da educação e passou-se a vê-la como sujeito da educação.

Apesar de suas idéias influenciarem Basedow, Pestalozzi e Froebel, foi, somente, no final do século XIX e no começo do século XX que se delinearam, na Europa e nos EUA, as principais teorias que dariam suporte às primeiras experiências educacionais inovadoras, ainda que tímidas e isoladas.

---

<sup>81</sup> Uma analogia para a fabulosa descoberta, feita por Nicolau Copérnico, de que a terra não era o centro do universo, como se acreditava, e, portanto, o sol não girava em torno dela.

Para estabelecer uma postura que privilegiasse a prática e a experiência, outras tendências<sup>82</sup> se apresentaram objetas à concepção tradicional, as quais recusavam o conhecimento contemplativo e puramente teórico. Tais tendências esboçavam uma visão de homem centrada na existência, na vida e na atividade. Entre elas, está a corrente filosófica do pragmatismo, expressão utilizada por Charles Peirce e, posteriormente, por William James.

Apoiando-se no pensamento desse último, John Dewey sistematizou as bases teórico-metodológicas-filosóficas da *Escola Nova* e, por isso, tornou-se um dos seus maiores pensadores e divulgadores. Para ele, o conhecimento estava voltado para a experiência, uma vez que se apresentava como uma atividade dirigida e não se encerrava em si mesmo. Ou seja, as idéias que subsidiam uma ação, tornam-se verdadeiras à medida que funcionam como orientadoras da ação, à medida que adquirem valor instrumental para a solução dos problemas advindos da experiência humana. A natureza da experiência só poderia ser compreendida se fossem considerados os aspectos ativo e passivo:

Em seu aspecto ativo, a experiência é tentativa – significação que se torna manifesta nos termos *experimento*, *experimentação*, que lhes são associados. No aspecto passivo, ela é *sofrimento*, *passar* por alguma coisa. Quando experimentamos alguma coisa, agimos sobre ela, fazemos alguma coisa com ela; em seguida sofreremos ou sentiremos as conseqüências. [...] Não existe experiência quando uma criança simplesmente põe o dedo no fogo; será experiência quando o movimento se associa com a dor que ela sofre, em conseqüência daquele ato (DEWEY, 1959, p. 152 – grifos do autor).

Em outras palavras, o educando aprenderá alguma coisa se ele agir sobre o objeto de estudo e esta ação provocar uma mudança significativa nele. Dessa forma, as atividades propostas, à luz da abordagem deweyana, além de centradas nos alunos, valorizam mais os processos do conhecimento do que o produto; estimulam a iniciativa e independência; levam em consideração tanto a experiência e os interesses espontâneos, quanto a natureza psicológica das crianças (ARANHA, 1996b). A *psicologia ligada ao escolanovismo deweyano apregoava que interesse e motivação não*

---

<sup>82</sup> Segundo Aranha (1996a) essas outras tendências seriam: Vitalismo, historicismo, existencialismo e a fenomenologia.

*eram resultados do processo de aprendizagem, mas sim, condições básicas para o início de tal processo* (GHIRALDELLI JR., 2001, p. 25).

Se de um lado, tal abordagem conduz o educando à autonomia e ao auto governo, por outro, privilegia uma educação integral, ativa e prática, com a obrigatoriedade de trabalhos manuais, exercícios de autonomia e ensino individualizado. Nesse sentido, a tríade vida, experiência e aprendizagem não se separa na perspectiva deweyana. Nela, a escola não se configura como uma preparação para a vida, uma simples transmissora da experiência da humanidade, mas se confunde com a própria vida, pois, para ele, *a vida é um processo que se renova a si mesmo por intermédio da ação sobre o meio ambiente* (DEWEY, 1959, p.1). Cabe, então, à escola propiciar, por meio da educação, a discussão e reflexão permanente dos processos imprescindíveis ao desenvolvimento pleno do aluno. Entretanto, para sua plena eficiência, *as escolas precisam de mais oportunidades para atividades em conjunto, nas quais os educandos tomem parte, a fim de compreenderem o 'sentido social' e suas próprias aptidões e dos materiais e recursos utilizados* (DEWEY, 1959, p. 43, grifo do autor).

Como a educação é um processo social, ou seja, é um produto da sociedade, e havendo muitas espécies de sociedade, ela desempenha, portanto, um papel social e, à medida que dá condições para a criança exercer controle sobre a própria vida, permite-lhe enriquecer sua própria experiência. *O meio social consiste, segundo Dewey (1959, p. 24), em todas as atividades de seres semelhantes intimamente associados para a realização de seus fins comuns.*

Do ponto de vista técnico, a educação é definida como *uma reconstrução ou reorganização da experiência, que esclarece e aumenta o sentido desta e também a nossa aptidão para dirigirmos o curso das experiências subseqüentes* (DEWEY, 1959, p. 83). Com esta definição Dewey faz uma clara distinção entre a educação consubstanciada na concepção da contínua reconstrução e a educação que apenas prepara ou forma o indivíduo baseando-se na repetição do passado.

As bases filosóficas de seu pensamento ou da *Escola Nova* acabaram desembarcando no Brasil, por meio das reformas pedagógicas de ensino impetradas por alguns

Estados<sup>83</sup>, no decorrer da década de 1920, ao mesmo tempo em que ocorriam a expansão da indústria nacional e a dos centros urbanos, ou melhor, em sincronia com o avanço do sistema capitalista. Posteriormente, na década seguinte, fundamentariam a Reforma Francisco Campos e O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

Todos esses movimentos, entretanto, serviram basicamente aos interesses da classe dominante, inserida nos contextos da modernidade capitalista. O escolanovismo contribuiu para a desvalorização da escola pública, pois, seus métodos exigiam escolas aparelhadas e professores altamente qualificados (GHIRALDELLI JR, 2001).

Outros prejuízos se desencadearam à medida que as novas idéias eram assimiladas de maneira inadequada, assim como a tentativa de implantá-las, feitas sem critérios, tais como: [1] A supervalorização da criança e a minimização do papel do professor, descaracterizado pelo não-diretívismo; [2] a preocupação excessiva com o psicológico, o que, sobremaneira, intensificava o individualismo; [3] a oposição ao autoritarismo da escola tradicional implicando na ausência de disciplina; [4] a ênfase dada ao processo e não ao produto, equivocadamente, confundida com o aligeiramento do conteúdo (ARANHA, 1996a; 1996b).

A Reforma Francisco Campos foi, em muitos sentidos, um avanço, todavia, tratou da organização do sistema educacional das elites, pois não resolveu o problema educacional de estrutura dual, isto é, um tipo de educação para os pobres e outro para os ricos, ao impossibilitar a flexibilização entre os cursos profissionais e o ensino secundário.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova refletiu a luta ideológica contra a escola tradicional, mas não contra o Estado burguês, configurando-se, dessa forma, como representante do pensamento pedagógico de jovens lideranças, avizinhas, das velhas lideranças, ambos, pertencentes à estrutura do poder vigente, portanto, se

---

<sup>83</sup> São Paulo deu a largada inicial em 1920 com Sampaio Dória; logo a seguir, Lourenço Filho em 1922/23 no Ceará. Posteriormente, aderiram-se as do Rio Grande do Norte, por José Augusto (1925/28); as do Distrito Federal (1922/26) e as de Pernambuco (1928), por Carneiro Leão; a do Paraná (1927/28), por Lysímaco da Costa, a de Minas Gerais (1927/28), por Francisco Campos; a do Distrito Federal (1928) por Fernando de Azevedo; e a da Bahia (1928), por Anísio Teixeira (ROMANELLI, 1998).

posicionou favorável ao novo regime e não rompeu, com o domínio das velhas concepções.

Com o início da era Vargas outros fatores tais como, o delineamento do modelo nacional-desenvolvimentista com base na industrialização, favorecido pela crise do modelo, até então vigente, agroexportador; o aumento demográfico e a intensificação do processo de urbanização (RIBEIRO, 2003), colaborariam para que houvesse a expansão do ensino brasileiro.

Segundo Romanelli (1998, p. 146) a situação em vigor naquele momento

[...] era de conflito entre o novo e o velho, entre o novo regime político e as velhas oligarquias, entre o capitalismo industrial e o predomínio da economia agrícola. A sociedade estava mudando. Urgia que a educação escolar refletisse essas mudanças.

A “evolução” do sistema educacional brasileiro, ao longo dos anos, acostumou-se, por meio de resoluções e decretos, os mais recentes inclusive, a fazer tentativas de acomodação e compromisso entre o velho e o novo, estreitando, cada vez mais, a brecha existente entre a modernidade e a antiguidade. Não há modelos ou antimodelos em nenhuma delas, há, sim, em ambas, manifestações de fragilidade e supressão.

A pedagogia moderna, centrada na educação escolar, organizou o currículo de maneira a privilegiar os saberes considerados científicos e técnicos, lidando com um aluno, como se ele fosse, apenas, portador de racionalidades técnicas e isento de sensibilidades, tendências culturais, essas, que estimulam o individualismo, o narcisismo, a compartimentalização, a hierarquização dos saberes e das práticas sociais (GALZERANI, 2002).

As subseqüentes edições das produções didáticas de Mello e Souza, publicadas em parcerias, sinalizam o ir e vir do antigo e do moderno, mantendo ou modificando a apropriação dos diferentes discursos inseridos nas “inovações” educacionais, por exemplo, os pressupostos deweyanos. Reforçando os avanços e retrocessos característicos da modernidade capitalista, no sentido do controle, no sentido do consumo, no sentido da concorrência. Um novo sempre igual (BENJAMIM, 1989).



## EPISÓDIO III

### A INSERÇÃO DO AUTOR JÚLIO CÉSAR DE MELLO E SOUZA NO CONTEXTO POLÍTICO - EDITORIAL DA DÉCADA DE 1930

Assegura o autor do 'Primeiro anno de Mathematica' que o seu livro foi adoptado por grande número de collegas. Vale a pena abrir um ligeiro parenthesis para uma conclusão muito simples. Quando um professor indica, a seus alumnos, um livro errado e ridículo, das duas uma: ou fez a indicação de um compendio que não conhecia, praticando, assim, uma leviandade criminosa, ou leu o livro e não percebeu a presença das definições erradas, os disparates, as proposições absurdas, as expressões ridículas, etc. Nesta segunda hypothese o professor deu uma triste prova de sua falta de cultura (MELLO E SOUZA, 1933).

A composição da literatura educacional, no início da década de 1930, constituía-se de publicações que atendiam as mais recentes propostas lançadas à época da criação do Ministério da Educação e Saúde, pelo governo provisório de Getúlio Vargas.

A possível disputa pelo mercado editorial, ante o cenário político-educacional, provocaria um jogo de interesses, sobretudo, financeiro, entre as editoras que publicavam livros didáticos e entre os autores que escreviam livros nesse segmento. Essa concorrência desencadearia, por exemplo, uma polêmica envolvendo dois professores de Matemática, Jácomo Stávale, que publicava pela Cia Editora Nacional (SP) e Júlio César de Mello e Souza, em parceria com Cecil Thiré, pela Editora Francisco Alves (RJ).

Nas duas primeiras décadas do século XX, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se o ponto ideal para as instalações das maiores editoras, pois desfrutava de uma situação extremamente privilegiada, isto é, era o centro cultural do país e o local onde emergiam as decisões políticas.

São Paulo, com o fim da República Velha, a qual perpetuou, até 1930, as oligarquias dos senhores de terras, por meio da política do café-com-leite, estabelecida com a cidade de Minas Gerais, fazia frente a esse mercado promissor (PAIXÃO, 1998).

As novas condições históricas, econômicas e educacionais do país, a partir desta década, favoreceriam a produção de livros didáticos de duas grandes editoras paulistas – Cia Editora Nacional e Melhoramentos – [que] rivalizam em número de exemplares produzidos com a editora carioca líder nesse segmento – [a] Livraria e Editora Francisco Alves (MICELI apud VALENTE, 2004, p.181).

Esta última, fundada como Livraria Clássica em 1854, e radicada na cidade do Rio e Janeiro, pelo imigrante português, Nicolau Antonio Alves, *voltada especialmente para o nascente público escolar da corte, logo se tornaria uma livraria-editora de livros didáticos* (BRAGANÇA, 2004, p.34).

Seu sucessor, o sobrinho Francisco Alves de Oliveira, desembarcado no Brasil, com apenas catorze anos, daria continuidade àquele trabalho. *Persistente e agressivo, ele foi o primeiro editor a acreditar no potencial de nosso mercado de livros didáticos* (PAIXÃO, 1998, p.41), do qual fez sua principal área de negócios e maior fonte de renda. Estabelecia-se, em 1872, com uma pequena livraria – livros novos e usados – à rua São José, nº 75, com o capital inicial de 1:120\$000 (um conto, cento e vinte mil réis). Ficou conhecido como o “Rei do Livro” por ter lançado as bases modernas da edição escolar (BRAGANÇA, 2004).

Em 1893, percebendo a importância do crescente mercado paulista, Francisco Alves abriu uma filial da Livraria Clássica, a Alves & Cia, em São Paulo, que já se transformara no maior pólo industrial do país, e onde se fazia a primeira reforma do ensino público<sup>84</sup>.

Segundo Paixão (1998) a relação de Francisco Alves com os autores, tanto de livros escolares quanto com os demais, era correta e digna. Os contratos, além de demonstrarem respeito pelos escritores, eram cumpridos fielmente, isso, aliado ao trabalho, dedicação e competência do livreiro-editor. Normalmente, os livros de Francisco Alves eram impressos em Portugal, não obstante, quando a Primeira Grande Guerra Mundial inviabilizou a impressão de livros na Europa, ele comprou a oficina gráfica Companhia Progresso e passou a imprimi-los aqui no Brasil.

---

<sup>84</sup> Com a República e o primeiro ministro do recém criado Ministério da Instrução, Correios e Telégrafos - Benjamim Constant - todo o sistema educacional brasileiro passou por uma profunda reforma [...] (MIORIM, 1998, p.87).

Todo esse empreendedorismo fez da Livraria Clássica, depois Alves & Cia e finalmente, Livraria-Editora Francisco Alves, a primeira grande editora brasileira, a alcançar o topo no universo editorial brasileiro (HALLEWELL, 2005).

Todavia, a Francisco Alves começaria a sentir a concorrência da editora fundada em São Paulo por Monteiro Lobato e Octalles Marcondes Ferreira - a Companhia Editora Nacional - e, aos poucos, acabaria perdendo parte do terreno que ocupava no mercado escolar brasileiro. O escritor paulista fez alguns investimentos na área do livro, desde a editora Revista do Brasil [1916], passando pela Monteiro Lobato Et Cia [1919] e pela Cia Editora Nacional [1925], até chegar à editora Brasiliense [1944], a qual ajudou a fundar.

Com a expansão do campo educacional brasileiro e suas modificações, o acervo da livraria-editora Francisco Alves, aos poucos foi tornando-se anacrônico e outras editoras, paulatinamente, além da “Nacional”, vieram tomar o lugar ocupado por ele na área do livro didático. Bragança (2004, p.34) destaca que a

[...] sua importância, no entanto, estava assegurada pelo seu pioneirismo e pelo valor permanente de algumas obras de seu catálogo, como os grandes clássicos da literatura brasileira. *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e *O Ateneu*, de Raul Pompéia, aos quais se foram acrescentando depois novas obras de sucesso, como o livro de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, de 1960.

Monteiro Lobato contribuiu para a transformação da indústria editorial brasileira ao montar um parque gráfico, até então, ineficiente para atender uma demanda cada vez maior. Para tanto se endividou não só para adquirir as melhores máquinas disponíveis no exterior, como para contratar técnicos do calibre de Natal Daiuto, então chefe da gráfica da Imprensa Oficial do Estado e um dos profissionais mais respeitados do mercado (PAIXÃO, 1998; KOSHIYAMA, 2006).

Não demoraria muito para ocorrer a falência da Monteiro Lobato Et Cia; mas em pouquíssimo tempo, juntamente com Octalles Marcondes Ferreira, criaram a Cia Editora Nacional, que não tendo o seu crescimento afetado pela revolução de 1930, chegou a publicar, neste ano, 94 títulos (PAIXÃO, 1998; KOSHIYAMA, 2006).

Com o programa de educação básica, desencadeado por Getúlio Vargas, o mercado de livros didáticos se ampliaria rapidamente, possibilitando, em médio prazo, a criação de

um público leitor no país. *Um dos mentores desse projeto (ainda que fora do governo) foi o educador Fernando de Azevedo, que assessorou a Nacional na formação da Biblioteca Pedagógica Brasileira* (PAIXÃO, 1998, p. 67).

Essa Coleção se constituiu de cinco séries<sup>85</sup>, dentre as quais o destaque maior coube à V; a “Brasileira”, pois, ela *pode ser considerada, segundo Hallewell (2005, p. 378), umas das primeiras manifestações do novo interesse pelo Brasil [...], despertado em tempos de revolução, além de sinalizar, o fim da antiga e tradicional adoração da Europa e do conseqüente desprezo por tudo quanto fosse brasileiro.*

Os livros da série Brasileira tinham por objetivo formar uma classe específica de textos que primassem pela cultura brasileira para formação da nacionalidade, isto é, ela era responsável pela publicação dos estudiosos do Brasil ou que a ele fizessem referência. Possuindo um ritmo próprio de produção, no período compreendido entre 1931 e 1939, a coleção contava com 131 volumes (TOLEDO, 2001).

Anos antes, Lobato obtivera de Washington Luis<sup>86</sup>, seu velho amigo e Presidente da República à época, um cargo de adido comercial<sup>87</sup> em Nova York, para onde partiu com sua família (KOSHIYAMA, 2006). Nesta cidade conheceu Anísio Teixeira, aluno de John Dewey e, a partir de então, tomou conhecimento e entusiasmo pelas teses do pragmatismo norte-americano, bem como, pelas idéias de democracia e de ciência, as quais apontavam a educação como o canal capaz de gerar as transformações necessárias para um Brasil que buscava se modernizar (PAIXÃO, 1998).

Ainda nos Estados Unidos, tentou fundar uma editora, a Tupy Publishing Co. e especular na bolsa de valores. Acabou se arruinando devido ao *crack* de 1929, perdendo, inclusive, suas ações na Companhia Editora Nacional (PAIXÃO, 1998; KOSHIYAMA,

---

<sup>85</sup> As outras quatro frentes da BPB são: I – Literatura Infantil [crianças]; II - Livros Didáticos [estudantes de escolas primárias, profissionais, secundárias e superiores]; III - Atualidades Pedagógicas [professores de todos os graus de ensino]; IV - Iniciação Científica [público escolar, como a população extra e poscolar] (TOLEDO, 2001, p.62)

<sup>86</sup> Washington Luis em 1907 arranhou para Lobato seu primeiro emprego público, o de promotor na cidade de Areias, interior de São Paulo, bem próxima à Queluz, cidade em que Mello e Souza passou a sua infância.

<sup>87</sup> O cargo de adido comercial dava a Monteiro Lobato setecentos dólares de salário e a possibilidade de arquitetar projetos para serem executados no Brasil (KOSHIYAMA, 2006, p.106).

2006). Retornou ao Brasil, falido, mas atuante nas causas educacionais brasileiras, sobretudo, por meio de sua produção literária infanto-juvenil.

Sua ocupação não se restringiu somente a de editor, ele foi, notoriamente, um grande autor, que desde a época da faculdade já escrevia, porém, escondendo-se, assim como fizera Mello e Souza, por detrás de diversos pseudônimos, dentre eles: Labatoyevski, Marcos Twein, Pascalon, o Engraçado, Rodanto Cor-de-Rosa, Yan Sada Yaco (PAIXÃO, 1998).

Em sua obra - *Aritmética da Emília* - Monteiro Lobato faz referências aos contos, mais especificamente a um problema “tahânico” (assim por ele categorizado), como também aos malabarismos numéricos de Malba Tahan e, por meio da personagem Dona Benta, revela sua admiração pelo livro *o Homem que Calculava*, cuja 2ª edição data de 1938:

Parece incrível que este árabe saiba tantas coisas interessantes a respeito dos números! Estive lendo-o até às quatro da madrugada e estou tonta. O tal homem que calculava só não calculou uma coisa: que com suas histórias ia fazer uma pobre velha perder o sono e passar a noite em claro. Livros muito bons são um perigo: estragam os olhos das criaturas (LOBATO, 1986, p. 61).

Malba Tahan publicou a 1ª edição do livro *Lendas do Oásis* pela Civilização Brasileira (APÊNDICE G), fundada por Getúlio M. Costa, Ribeiro Couto e Gustavo Barros e, posteriormente, adquirida por Octalles Marcondes Ferreira (HALLEWELL, 2005). A partir dos anos 50, coube a Ênio Silveira sua direção, tornando-a uma das mais importantes editoras do país (SOARES, 2006). Dono, portanto, das duas editoras, Octalles Marcondes estipulou duas frentes de trabalho no mercado editorial: à Cia Editora Nacional, caberia os autores ligados ao movimento renovador, à Civilização Brasileira, os livros católicos (TOLEDO, 2001).

As historietas apresentadas nesse livro de Malba Tahan se referem a temas<sup>88</sup>, essencialmente, recorrentes a lugares e personagens do Oriente. A partir desse contexto, o que explicaria a publicação dessa obra, não-didática e não-católica?

---

<sup>88</sup> A dançarina hindu; Maktub; Dez anos de *Kest*; Os calções de Salin; A lenda da vela azul, A recompensa de Sessa; O vendedor de conselhos; Minha paixão pela doutora; O juiz e o ovo; *Enemoyodéa*; O sinal de Ramanita; O elefante do sultão; O sábio da Efelogia; O preço de um ministro; o marreco dourado (TAHAN, 1933).

Mesmo tendo perdido as ações da Cia Editora Nacional com o *crack* da bolsa de Nova York, Monteiro Lobato manteve vínculos com esta empresa, seja como autor, seja como tradutor, e *continuava a credenciar textos e autores junto a Octalles Marcondes Ferreira, seu único dono [da Nacional] desde 1930* (TOLEDO, 2001, p. 54).

Com o hábito de reunir em torno de si, desde os tempos da primeira editora, intelectuais de alta ponta, responsáveis pelo envio de textos, projetos de coleções ou mesmo fazendo traduções, Monteiro Lobato se tornou *uma das entradas possíveis na Nacional* para aqueles que disputavam fazer parte desta Companhia (TOLEDO, 2001, p. 54).

Desse modo, *apresentou e pediu para que o antigo sócio publicasse ou desse guarida na casa editora* aos textos e autores por ele credenciados (TOLEDO, 2001, p. 55). Muito provavelmente, Monteiro Lobato, também, tenha interferido para a publicação do livro de Malba Tahan, uma vez que declinava certo enlevo ao seu trabalho. Mas por que pela Civilização Brasileira? Seria, a meu ver, muito mais estranho, a “Nacional”, a editora das “coisas do Brasil”, publicar, naquele momento, um autor de origem árabe.

Tanto Monteiro Lobato quanto Malba Tahan buscaram, por meio de suas histórias, inserirem alguns conteúdos de Matemática dentro de um misto de fantasia, imaginação e realidade e, dessa forma, acenaram possibilidades para se ensinar e aprender Matemática nos e para além dos espaços educacionais convencionais.

Nessas histórias, de acordo com Dalcin (2002),

[...] não existe a preocupação em desenvolver, explorar ou aprofundar um grande número de conteúdos matemáticos e sim, trabalhar alguns conceitos e resolver alguns cálculos dentro da seqüência lógica interna do enredo. Ou seja, o centro está no enredo e não na Matemática em si.

No entanto, o livro didático tem como centro o conteúdo da disciplina da qual trata e, portanto, apresenta outras peculiaridades em sua produção, circulação e uso, diferenciando-o de outra forma de impressão (BITTENCOURT, 2004), como por exemplo, as feitas por Lobato e Tahan.

Mas qual seria ou deveria ser o papel do livro didático? Um instrumento de apoio ao professor? Um depositário do saber instituído? Ou uma mercadoria de consumo do sistema capitalista? É bem possível não haver um consenso a esse respeito, até porque, essa discussão costuma promover alguns desencontros e polêmicas em decorrência das concepções advindas de professores, alunos e pesquisadores interessados nos problemas da educação quando se coloca esse assunto em pauta.

Entretanto, numa primeira tentativa de classificação e a partir da fundação das instituições escolares públicas, o poder instituído concebeu o livro didático como um eficiente veículo de fixação de regras e de princípios doutrinatórios, devendo encarregar-se de: [1] tornar uniforme o saber escolar; [2] construir uma forma de pensar a ciência; [3] reforçar a disseminação de crenças religiosas oficiais e; [4] assegurar uma determinada postura educacional (BITTENCOURT, 1993). Caberia ao Estado, portanto, a responsabilidade em publicá-los.

Apesar das reformas dos programas de ensino se constituírem em importantes alicerces para a elaboração dos livros didáticos, concedendo, dessa forma, privilégios às ações governamentais, isto é, um tipo de controle do saber a ser disseminado nas escolas de nosso país, *nem sempre tais reformas, de acordo com Bittencourt (1993, p. 9), transformaram substancialmente sua natureza e seus conteúdos*. Outros elementos, que incitariam seu consumo, como por exemplo, capa, qualidade do papel, formato tipográfico, paginação, participariam, efetivamente, na construção e mudanças da produção didática, sobretudo, a partir da associação entre Estado e editoras particulares.

O compromisso do Estado em relação à publicação dos compêndios escolares e os catorze anos de produção da Imprensa Régia – responsável pela publicação dos primeiros livros escolares brasileiros - chegaram ao fim em 1822 (HALLEWELL, 2005). Às editoras particulares, que começavam a surgir no Brasil, naquele período, foi cedido o direito de fabricá-los, embora o Estado Liberal considerasse o livro didático *peça fundamental na transmissão do saber escolar* (BITTENCOURT, 1993, p. 77).

Ao conquistarem o direito de confecção e divulgação do livro didático, segundo Toledo (2001, p. 47), as editoras ganharam

[...] um lugar de agências do desenvolvimento da cultura nacional, pela sua função de produção deste importante instrumento de transformação cultural: o livro. Editar significa, então, interferir politicamente no estado geral da cultura nacional. Editar livros de autores nacionais é um ato de patriotismo e de defesa da cultura nacional: editar livros escolares é intervir e contribuir para a instrução pública.

Com efeito, as editoras acabariam por fazer do livro didático um produto do mundo da edição, lugar este que, para atender aos interesses do mercado, exigir-lhes-ia acompanhar a evolução das técnicas de fabricação e comercialização daquele objeto cultural; de outro modo, as editoras transformariam o livro didático numa mercadoria inserida na lógica do capital. Além de apresentarem os diferentes conteúdos educacionais, eles, também, expressariam os valores ideológicos e culturais, vigentes numa determinada época, de uma sociedade eminentemente capitalista.

Com o desenvolvimento do sistema escolar público – expansão da rede física de escolas e do número de estudantes – criou-se um tipo de mercado, certo e cada vez mais bem definido, para o livro didático. As empresas editoriais, diante deste filão, não titubearam e transformaram-no, nas primeiras décadas do regime republicano, em uma das mercadorias mais rentáveis do setor, fazendo dele a sua principal fonte de renda (LINDOSO, 2004).

De acordo com Toledo (2001, p. 49),

a expansão dos negócios do livro, a partir da segunda metade da década de [19]20, organiza-se em torno das representações articuladas à necessidade política premente de civilizar a sociedade brasileira e, neste processo de civilização, o livro é alçado a um de seus instrumentos. Como a escola, o livro é edificado como um dos instrumentos cívicos dos que lutam pelo Brasil.

Mas para que essa empreitada se consolidasse, os editores precisaram contar com o apoio das lideranças educacionais para divulgação de seus produtos e seguir os pressupostos pedagógicos norteadores da política educacional vigente (BITTENCOURT, 1993, p.119).

A escolha de autores que redigissem textos adequados àquelas propostas educacionais estava entre as preocupações de editoras que se especializaram, em princípio, na produção de obras didáticas de determinadas disciplinas - Laemmert, Garnier e Francisco Alves – por exemplo. A preferência recaía entre os professores do Colégio Pedro II, da Academia Militar ou da Escola da Marinha, por serem instituições seguidores dos programas oficiais propostos pela política educacional. *Além de assegurarem uma vendagem, dificilmente seus nomes seriam vedados pelos conselhos educacionais que avaliavam as obras [...].* Posteriormente, a valorização das experiências pedagógicas dos autores seria o critério considerado para a sua seleção (BITTENCOURT, 2004, p.482).

Os interessados na transformação cultural do Brasil e nos negócios dos livros – editores, professores-autores - fizeram deste mercado uma via de duplo sentido:

[...] do ponto de vista comercial, é mercado garantido pelo próprio movimento de expansão da escolarização, aumento de matrículas e incentivo ao trabalho educacional, mesmo em período de crise econômica; do ponto de vista político, publicar e fazer circular livros cujos conteúdos se afinam aos discursos de reforma da escola para a modernização do Brasil, faz do editor um dos atores da modernização cultural do país, em 'oposição ao estado de coisas vigente' (TOLEDO, 2001, p.46 – grifo da autora).

Muito provavelmente, na disputa por essa fatia do mercado editorial, Mello e Souza deu a arrancada inicial. Em um artigo, de sua autoria, publicado com o mesmo conteúdo, tanto no jornal “A Nação”, quanto na Revista Brasileira de Matemática - RBM<sup>89</sup>, ambos da cidade do Rio de Janeiro, respectivamente com os títulos, “Um livro ridículo e errado” e “Álgebra sem dívidas...”, Mello e Souza critica, um a um, vários conceitos e definições, segundo ele, incompletos e equivocados, apresentados no livro “Primeiro Anno de Mathematica”, de Jácomo Stávale, professor do Instituto Caetano de Campos (SP)<sup>90</sup>.

---

<sup>89</sup> Clóvis Pereira da Silva listou uma série de sociedades e revistas fundadas a partir de 1889, dentre elas a Revista Brasileira de Matemática, inicialmente lançada com o título Revista Brasileira de Matemática Elementar, na cidade de Salvador, sob a direção de Salomão Serebrenick. Posteriormente, transferiu-se para o Rio de Janeiro, acrescentando à sua direção Júlio César de Mello e Souza (LONGEN, 2007).

<sup>90</sup> Segundo Miorim (2006) Stávale é apresentado em suas primeiras obras como sendo, também, professor do Colégio Santo Agostinho, Liceu Nacional Rio Branco, Ginásio de São Bento, Colégio Nossa Senhora de Sião e Colégio Madre Cabrini.

Para desfazer o iminente efeito negativo que este artigo poderia suscitar nos pais dos alunos, como indicia o trecho em epígrafe, André Rocha, professor de matemática matogrossense, *culto e brilhante* (TAHAN, 1965, p. 261) exercendo sua cátedra no Gymnásio Municipal Maria Leite, em Corumbá, aliou-se em defesa de Stávale, apesar de não conhecê-lo pessoalmente (STÁVALE, 1933), para justificar a adoção feita por ele, do livro em voga, publicando no jornal “Tribuna”, de sua cidade, um artigo em resposta a Mello e Souza, intitulado “Porque adotámos o compendio ‘Primeiro Anno de Mathematica do Prof. Jácomo Stávale”.

Em sua argumentação, o professor André Rocha, seguindo o mesmo estilo de Mello e Souza, combateu, um a um, os principais pontos criticados<sup>91</sup> e buscou, apoiando-se em alguns *tratadistas* que empregavam os mesmos conceitos ou definições, fundamentá-la.

Dentre os autores utilizados por Rocha, estariam conceituados escritores de livros didáticos de Matemática do final do século XIX e início do século XX: Giuseppe da Camim [*Trattado Elementare di Matematica Pura*, 3ª ed., 1865]; Lacroix [*Elementos de Geometria*, 1874]; Legendre [*Elementos de Geometria*, 25ª ed., 1886]; Clairaut [*Elementos de Geometria*, 2ª ed. 1909]; Arthur Thiré [*Aritmética dos Principiantes*, 1914; *Aritmética Ginásial*, 2ª ed., 1917], Serrasqueiro [*Elementos de Aritmética*, 20ª ed. 1919]; Antonio Trajano [*Aritmética Progressiva*, 57ª ed.], João José Luís Viana [*Elementos de Aritmética*, 17ª ed., 1918]; Euclides Roxo [*Curso de Matemática Elementar*, 2ª ed., 1930]; Olavo Freire [*Geometria*, 15ª ed.], entre outros.

Stávale, *perplexo com a tão grave falta de educação* e com o desprezo à *ética profissional* de Mello e Souza, contra-atacou e elaborou um *folheto*, publicado pela Cia

---

<sup>91</sup> Mello e Souza expôs, criticou e sugeriu correções às seguintes definições: “[1] A primeira potência de um número é um producto constituído por um factor igual a esse numero; [2] Expressão arithmetica é a indicação de uma série de operações; [3] Multiplicação é a operação que tem por fim repetir um número tantas vezes quantas são as unidades do outro; [4] Segmento rectilíneo é uma linha recta que tem um comprimento determinado; [5] Número abstracto é aquele que não menciona (sic) o nome da unidade. (!); [6] Múltiplos do metro são as medidas de comprimento maiores que o metro. (!). Há outros comentários desabonadores acerca de algumas frases e afirmações: [a] O termometro com o qual se mede o calor; [b] princípio fundamental da operação falada; [c] a Álgebra resolve todos os problemas que a Arithmetica declara impossíveis; [d] Para o algebrista não há dívidas, todos tem dinheiro; [e] Donde se vê que a Álgebra é um consolo para as pessoas que devem! “ (MELLO E SOUZA, 1933). Mantive, rigorosamente, a grafia e as pontuações do texto original.

Editora Nacional com trinta e duas páginas, intitulado: “Coisas da... Matemática - Resposta ao professor Júlio César de Mello e Souza, lente cathedrático do Instituto de Educação e da Escola Nacional de Bellas Artes do Rio de Janeiro; redator-chefe da Revista Brasileira de Mathematica”.

A composição do *folheto* foi feita com o artigo de Rocha; a réplica de Stávale - “Aos professores e estudantes do Brasil” -; e um texto – “Revista Brasileira de Matemática” – cujo conteúdo denunciava a propaganda excessiva de auto-promoção que Mello e Souza fazia dos livros de sua autoria; a pouca contribuição dos artigos divulgados para o ensino da Matemática do ensino secundário e o interesse latente de Mello e Souza em querer demolir os compêndios de outros professores-autores, por meio das críticas lançadas às páginas da revista.

O teor da publicação sinalizava que para além dos aspectos didático-pedagógicos das críticas feitas por Mello e Souza, estavam em jogo aspectos relacionados ao *terreno commercial*. Segundo Stávale, tanto ele quanto Mello e Souza possuíam livros didáticos à venda naquele período, eram, pois, *autores e comerciantes*, com interesses de ordem financeira e que publicavam seus livros por editoras diferentes, as quais, para fazerem jus à concorrência no mercado dos negócios do livro, precisariam se adequar aos pressupostos educacionais lançados por Francisco Campos, Ministro da Educação e Saúde e adepto do Movimento da Escola Nova, desde a década de 1920, período em que impetrou a reforma pedagógica do ensino público em Minas Gerais.

Ao assumir aquele Ministério, Francisco Campos imprimiu uma tendência renovadora, em âmbito nacional<sup>92</sup>, verificada nos diversos decretos sancionados em 1931 e 1932, cujos objetivos se centraram na criação do Conselho Nacional de Educação; na organização da Universidade do Rio de Janeiro; na do Ensino Comercial e na do Ensino Secundário<sup>93</sup> (ARANHA, 1996b; ROMANELLI, 1998).

---

<sup>92</sup> As reformas anteriores haviam sido todas estatais. Os Estados brasileiros que impetraram reformas pedagógicas do ensino público foram: São Paulo (1920), Ceará (1922/23), Rio Grande do Norte (1925/1928), Distrito Federal (1922/26, 1928), Pernambuco (1928), Paraná (1927/28), Minas Gerais (1927/28) e Bahia (1928) (ROMANELLI, 1998).

<sup>93</sup> O Decreto nº 21.241, de 04 de abril de 1932, consolidou as disposições sobre a organização do ensino secundário que compreendia dois cursos seriados: um fundamental, de 5 anos, e outro complementar, de 2 anos, obrigatório aos candidatos que pleiteassem uma vaga em determinados institutos de ensino superior (AGUIAR, 1997).

Uma das principais características dos escolanovistas era a de criticar, sob a égide do “aprender fazendo”, um tipo de *ensino predominantemente intelectualista e livresco* (ARANHA, 1996a, p.167) valorizado pela escola tradicional, porém, contrapondo esses princípios, propuseram métodos ativos de ensino-aprendizagem.

Os debates em torno dessas propostas não deixariam de atingir os objetivos do ensino da Matemática, particularmente, os elaborados à luz do ideário do “Primeiro Movimento Internacional para a Modernização do Ensino da Matemática”, os quais foram, posteriormente, acatados, integralmente, pela Reforma Francisco Campos.

Durante a realização do IV Congresso Internacional de Matemática, ocorrido em 1908, em Roma, foi criada uma Comissão<sup>94</sup> com o objetivo de estudar questões relativas à Educação Matemática em diferentes países, o que daria origem a um movimento internacional preocupado em modernizar o ensino da Matemática. As primeiras discussões difundidas na Europa, em particular na Alemanha, são devidas a Félix Klein, um dos mais importantes matemáticos do final do século XIX, e abrangiam os seguintes princípios:

1. Tornar essencialmente predominante o ponto de vista psicológico; 2. Na escolha da matéria a ensinar ter em vista as aplicações ao conjunto de outras disciplinas; 3. Subordinar o ensino da Matemática à finalidade da escola moderna [...] Daí decorre a necessidade de se ter em vista, no ensino da Matemática, as suas aplicações às ciências físicas e naturais e à técnica. Dessas três tendências gerais que se harmonizam e se fortalecem mutuamente, decorrem outras características e modalidades, que também se entrelaçam e completam. São elas: a) a fusão da aritmética, álgebra e geometria (incluída a trigonometria); b) introdução precoce da noção de função; c) abandono, em parte, da rígida didática de Euclides; d) introdução desde cedo, de noções de coordenadas e de geometria analítica; e) introdução de noções de cálculo diferencial e integral, f) maior desenvolvimento do ensino do desenho projetivo e da perspectiva, ainda em conexão com o estudo da geometria elementar; g) a introdução de recursos de laboratório; h) método histórico no desenvolvimento da Matemática (BELTRAME, 2000, p. 118 -119).

Aqui no Brasil, a Congregação do Colégio Pedro II propôs, em 1928, uma reforma curricular substancial nos programas de ensino de Matemática que incorporava todas as idéias modernizadoras defendidas por este “Movimento Internacional...”. O Conselho

---

<sup>94</sup> O Brasil participou na Comissão Internacional apenas uma vez, em 1912, cujo representante fora o professor Eugênio de Barros Raja Gabaglia. Logo em seguida, aconteceu a 1ª Guerra Mundial, interrompendo, dessa forma, a continuidade dos trabalhos (MIORIM, 1998; DALCIN, 2002).

Nacional de Ensino, em janeiro do ano seguinte, homologou essa proposta e transformou-a no Decreto 18.564 (MIORIM, 1998).

O mentor intelectual responsável pela elaboração dessa proposta foi Euclides Roxo, diretor daquela instituição<sup>95</sup> e sócio-colaborador da Associação Brasileira de Educação<sup>96</sup> – ABE, fundada, na cidade do Rio de Janeiro, como órgão representativo e centro divulgador dos propósitos do movimento renovador<sup>97</sup>. Sua criação insere-se em um contexto político, econômico e educacional de transformações da sociedade brasileira, calcada no conflito entre os adeptos da escola renovada e os católicos conservadores, que detinham o monopólio da educação elitista e tradicional, bem como, nas contradições políticas ocasionadas pelos vários setores das camadas dominantes na estrutura do poder.

As Conferências Nacionais de Educação<sup>98</sup>, organizadas pela ABE, se tornariam palco ideal para a manifestação de confrontos entre reformadores e católicos. As mais significativas foram a IV e a V<sup>99</sup>, pois, delas partiriam os motivos para a redação do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional”<sup>100</sup>. O documento, dirigido ao povo e ao governo, foi assinado por Fernando de Azevedo, seu redator, e por mais vinte e cinco

---

<sup>95</sup> De 1925 a 1937 (DASSIE, CARVALHO E ROCHA, 2001/2002).

<sup>96</sup> Nomeado em 1926 (MIORIM, 2006).

<sup>97</sup> Participaram do processo de criação dessa sociedade, dentre outros, os professores Heitor Lyra da Silva [Autor da obra “Geometria: observação e experiência”. RJ : Editora Leite Ribeiro, 1. ed., 1923], José Augusto, Antônio Carneiro Leão, Venâncio Filho, Everardo Backeuser [Autor da obra “A aritmética na ‘Escola Nova’ (A nova didática da aritmética)”. RJ : Livraria Católica, 1933], Edgard Sússekind de Mendonça e Delgado de Carvalho (ROMANELLI, 1998).

<sup>98</sup> “Com o propósito de difundir os moldes pedagógicos da reforma implantada no Distrito Federal, baseados na escola nova, a diretoria geral de instrução pública organizou uma série de conferências que se encarregaram de desenvolver tal tema sob muitos aspectos. Essas conferências tiveram lugar no salão de concertos do Instituto Nacional de Música no período de 24 de abril de 1928 a 30 de maio de 1928 e, nelas pronunciaram-se pessoas de destaque dentro do quadro de funcionamento do magistério público, tais como Vicente Licínio Cardoso, Álvaro Rodrigues e Frota Pessoa. A quarta conferência dessa série foi proferida pelo professor Lourenço Filho em 05 de maio de 1928, justamente sobre o tema específico: “Escola Nova”. Em seu pronunciamento, Lourenço Filho, apresentando a sua concepção de Escola Nova, articulava uma série de significações que constituíam uma instância teórica que se pretendia unitária; e, que no decorrer da palestra ordenava-a em nome de um conhecimento verdadeiro a fim de mostrar como os princípios dessa nova pedagogia eram aproveitados na reforma Fernando de Azevedo” [PAULILO, 1998, p.117].

<sup>99</sup> A I Conferência Nacional de Educação foi realizada em 1927 na cidade de Curitiba (ROMANELLI, 1998)

<sup>100</sup> A Cia Editora Nacional também publicou este documento. Coube a cada signatário arcar com as despesas de 50\$000 (cinquenta mil réis), referente a publicação de dez exemplares e, à Editora, a distribuição dos volumes (TOLEDO, 2001).

intelectuais da educação<sup>101</sup> e representou um divisor de águas entre educadores progressistas e conservadores, pois apresentava, de maneira mais clara, os princípios do Movimento da Escola Nova despontados no início da década de 20 (ROMANELLI, 1998).

Na ABE, Roxo foi, também, membro do Conselho Diretor, de 1929 a 1931 e fez parte da Comissão de Ensino Secundário, fundada na II Conferência Nacional de Educação (DASSIE; CARVALHO e ROCHA, 2001/2002).

Sua proposta de alteração da seriação do ensino secundário, homologada pelo Conselho Nacional de Ensino, fomentou a constituição de um novo saber: a disciplina Matemática; verificada, pela primeira vez no programa de ensino para o 1º ano.

Amparado pelas idéias de Klein, Roxo organizou uma coleção - *Curso de Matemática Elementar*<sup>102</sup> -, cuja proposta era romper com a tradição impregnada de velhos valores e, para tanto, modificava a forma sistematizada e rígida com que se apresentavam os conteúdos a serem ensinados, privilegiando a fusão das disciplinas Álgebra, Aritmética e Geometria. A 1ª edição do Volume I foi publicada em 1929; no ano seguinte foram publicadas a 2ª edição, como também, a 1ª edição do Volume II e por fim, em 1931, a 1ª edição do Volume III, todas pela Editora Francisco Alves (DASSIE; CARVALHO e ROCHA, 2001/2002).

O contrato de publicação e venda, acordado entre Roxo e a Francisco Alves, previa que: [1] a prestação de contas seria feita semestralmente; [2] haveria a disponibilidade de cem exemplares no 1º milheiro, de cada edição, para efeito de propaganda; [3] a tiragem ficaria a critério da editora; [4] o preço de venda estipulado estaria de comum acordo entre editora e autor; [5] o contrato, arbitrado em 3:000\$000 (três contos de réis),

---

<sup>101</sup> Assinaram o Manifesto: Afrânio Peixoto, A. de Sampaio Dória, Anísio Spinola Teixeira, M. Bergstrom Lourenço Filho Roquete Pinto, J. G. Frota Pessôa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briguet, Mario Casasanta, C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Atílio Vicacqua, Francisco Venancio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meireles, Edgard Sussekind de Mendonça, Armanda Alvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Leme, Raul Gomes (GHIRALDELLI JR., 2001, p.78).

<sup>102</sup> Roxo escreveu, também, a coleção *Curso de Matemática*, em dois volumes. Em 1933 juntou-se a Mello e Souza e Cecil Thiré.

continuará em vigor por morte do autor ou mudança de firma comercial dos editores (UFF – LHIED. Livro de Contratos da Livraria Francisco Alves, 1930).

Como as idéias de Roxo se adequavam aos pressupostos escolanovistas, o Ministro Campos acabou por convidá-lo para fazer parte da comissão responsável pela elaboração da reforma de ensino em âmbito federal. Com isso, as modificações propostas nos programas de ensino de Matemática, por Roxo, feitas, até então, apenas no Colégio Pedro II, passaram a ser obrigatórias em todo território nacional, isto é, elas transpuseram as fronteiras do Colégio Pedro II e fortificaram-se na Reforma Francisco Campos (VALENTE, 2004),

Evidentemente que com a fusão das três áreas - Aritmética, Álgebra e Geometria – em uma única disciplina – Matemática -, seria exigido dos professores, até então, acostumados a trabalhá-las de forma totalmente independentes, um grande esforço didático-pedagógico, para contemplar a aprendizagem de seus alunos. Suas práticas pedagógicas, suas concepções seriam atacadas, polemizadas e confrontadas.

Muito provavelmente, tanto o ensino tradicionalmente livresco para se ensinar Matemática, quanto a preocupação com a quantidade de livros didáticos disponibilizada no mercado, sob a antiga orientação, o que, conseqüentemente, se converteria em prejuízos para todos os envolvidos, contribuiram para que professores-autores se posicionassem resistentes à unificação dos três ramos matemáticos e, com isso, Roxo acabara por tomar parte em uma polêmica, repercutida em uma série de artigos publicados em jornais, com Joaquim Inácio de Almeida Lisboa, catedrático de Matemática do Colégio Pedro II, seu colega de trabalho, mas contrário às suas propostas.

Numa primeira impressão, as polêmicas podem sugerir uma situação de desconforto, de destruição, no entanto, muito pelo contrário, elas podem corroborar com o estabelecimento de marcos históricos, pois trazem à tona uma série de elementos interessantes, que sinalizam as concepções, a construção de argumentos dos protagonistas nelas envolvidos e, dessa forma, cultivam a memória e constituem a história.

Sabidamente e consciente de que as polêmicas configuram-se como objetos de interesse do público leitor e, portanto, uma forma a mais para atraí-lo, Mello e Souza, anos mais tarde, “reacendeu” <sup>103</sup> a polêmica travada com Stávale, incluindo na 2ª edição do livro *Matemática Divertida e Delirante*<sup>104</sup>, cuja autoria fora emprestada a Malba Tahan, os artigos a que ela dera origem. Sob o título, “Uma polêmica entre Matemáticos”, acrescentou, em notas de rodapé, comentários às críticas e réplicas feitas à época em seu artigo “Um livro ridículo e errado” e ao de André Rocha, “Porque adotamos o compendio ‘Primeiro Anno de Mathematica do Prof. Jácomo Stávale”, nessa obra, intitulado “Em defesa do Prof. Stávale”. Mas por que naquele momento?

Mello e Souza procurou, na transcrição do artigo de sua lavra, mostrar que os pontos por ele criticados, à época de sua publicação, foram, em grande maioria, acatados, pois, em outra edição do P. A. M. - *Primeiro Anno de Mathematica* – Stávale apresentou as modificações sugeridas: *Mais tarde (edição de 1941), o Prof. Stávale, percebendo que seus livros iam ser submetidos à crítica de uma Comissão oficial, resolveu abolir alguns erros dos mais graves* (TAHAN, 1965, p. 232). Com isso, daria a seus leitores a impressão de que saíra vitorioso daquela acirrada disputa (VALENTE, 2003).

O artigo foi transcrito acompanhado de uma breve introdução, que informava ao leitor de seu teor e fonte de publicação:

Este artigo, contendo ligeiros e despretensiosos comentários, sobre um dos livros do Prof. Jácomo Stávale (de São Paulo), foi publicado na “Revista Brasileira de Matemática” em junho de 1933. Com a intenção, talvez, de revidar todas as críticas aqui formuladas, escreveu o Dr. Jácomo Stávale pequeno folheto, apinhado de erros e tolices de todos os quilates, intitulado “Coisas da Matemática”, que foi largamente distribuído por todo o professorado brasileiro. Tivesse o Dr. Stávale, como homem de ciência, ao reconhecer a procedência de nossa crítica, desvalijado dos erros mais graves os seus compêndios, não teria passado pelo dissabor de ver (como realmente viu) a sua coleção, da 1ª até a 5ª série, inteiramente condenada pela comissão do livro (TAHAN, 1965, p. 231).

Às críticas feitas em 1933, foram acrescentados outros comentários, acerca dos *tratadistas* que Stávale usara para fundamentar suas definições na edição de 1941:

---

<sup>103</sup> Coloco a palavra entre aspas, pois o professor Stávale falecera em dezembro de 1955, com setenta e cinco anos (MIORIM, 2006).

<sup>104</sup> Essa edição foi publicada em 1962, mas a utilizada nesta pesquisa data de 1965.

[...] em abono dessa definição cita um autor italiano medíocre – Aroldo Martini Zuccagni. Os nomes estrangeiros, por mais arrevezados que sejam, não nos atemorizam. O Sr. Zuccagni formulou, também, uma definição que é inaceitável<sup>105</sup> (TAHAN, 1965, p. 233).

Em carta dirigida aos professores de Matemática, o Dr. Jácomo Stávale teve a ingenuidade de confessar que todos os seus compêndios haviam sido cuidadosamente revistos pelo matemático Almeida Lisboa, Catedrático do Colégio Pedro II. Resta, apenas, saber, se o Dr. Lisboa está disposto a abonar tôdas as definições que o Dr. Stávale incluiu na edição de 1941. Convém notar que o Prof. Lisboa sempre foi um péssimo professor de Matemática [...] (TAHAN, 1965, p. 236).

A transcrição do artigo do Prof. André Rocha, também, foi acompanhada de uma breve introdução, seguida de comentários, em notas de rodapé:

Elegantíssima a atitude do Prof. André Rocha, de Corumbá, que saiu, galhardamente em campo, para esgrimir fórmulas e debater conceitos em defesa do Prof. Jácomo Stávale. A tarefa era ingrata e o Dr. Rocha como advogado inteligente e hábil, fez prodígios e malabarismos a fim de amparar o seu constituinte. O interessante artigo do ilustre matemático Dr. André Rocha, que a seguir transcrevemos e anotamos, foi publicado na “Tribuna”, de Corumbá, em 18.04.1933 (TAHAN, 1965, p. 239).

Mello e Souza procurou, sempre que possível, mostrar, nessa sua nova incursão, que a defesa de Rocha havia sido em vão, e enfatizou as alterações feitas por Stávale:

A argumentação do preclaro Prof. Rocha foi, de todo, inútil. O Dr. Stávale modificou a definição adotando outra forma mais simples sem cogitar dessa questão de ‘essência’ e de ‘acidente’<sup>106</sup> (TAHAN, 1965, p. 240).

Queira o Dr. Rocha ler a edição de 1941, pg. 87, e terá a oportunidade de verificar que a sua defesa não foi aceita pelo Prof. Stávale. Tôda essa parte reativa à definição de número primo foi modificada (TAHAN, 1965, p. 240).

Da mesma forma com que procedera seus comentários a respeito dos *tratadistas* de Stávale, Mello e Souza o fez com os *tratadistas* em que Rocha havia se apoiado para fundamentar a argumentação elaborada em defesa do prof. Stávale em 1933:

[...] Não podemos tomar em consideração os autores por êle citados. Trajano, Serrasqueiro, Viana, F.T.D., **etc**, não podem figurar como autoridade [...] (TAHAN, 1965, p. 241 – grifo meu).

[...] **Todos os autores citados pelo erudito colega de Corumbá erraram na definição de segmento.** Aconselhamos ao Dr. Rocha não confiar nas

<sup>105</sup> Stávale havia definido, em 1933, expressão aritmética como “a indicação de uma série de operações”. Segundo Mello e Souza, em 1941, ele a reformulou como sendo “um conjunto de números separados uns dos outros por sinais que indicam operações que devem realizar com êsses números”, apoiado em Zuccagni.

<sup>106</sup> A definição em questão é: A primeira potência de um número é um produto constituído por um fator igual a êsse número. Rocha argumentou que: É corriqueiro em Lógica o seguinte caráter das definições matemáticas: ‘Como tôdas as definições, deverão elas enunciar a essência, e não o acidente’.

definições apresentadas por esses autores. Veja, por exemplo, a definição de ângulo dada por Olavo Freire. As definições que figuram na 'Geometria' de Olavo Freire não resistem à crítica de um colegial bisonho TAHAN, 1965, p. 243 – grifo meu).

[...] Um Trajano, na velha 'Progressiva', não é autoridade em Matemática. É um autor de décima quinta ordem, cuja obra, de simples divulgação popular, é um amontoado de erros e tolices. O Dr. Rocha é de uma benevolência excessiva, pois é bem possível que não exista, no Brasil, outro matemático que leve a sério as definições de um Trajano, de um Viana ou de um Serrasqueiro (TAHAN, 1965, p. 244).

O professor Mello e Souza, indiscriminadamente, incluiu no rol dos autores referendados por Stávale e Rocha e que não deveriam ser considerados, Lacroix, Legendre, Clairaut, Jules Tannery, Arthur Thiré, Euclides Roxo, os quais deram sua parcela de contribuição ao desenvolvimento da Matemática ou da Educação Matemática. Vale destacar, por exemplo, que as obras *Elementos de Aritmética*, de Serrasqueiro, *Aritmética Progressiva* de Antonio Trajano e *Geometria*, de Olavo Freire, supostamente avaliadas, estavam, respectivamente, na 20ª, 57ª, e 15ª edições, o que, de certa forma, valoriza a divulgação da obra. Por outro lado, os livros de Stávale foram recordistas no segmento de livros didáticos publicados pela Cia Editora Nacional, durante o período em que foi autor daquela casa, atingindo a marca aproximada de 1.000.000 de exemplares vendidos e 150 edições (MIORIM, 2006).

Encontra-se, ainda, no livro *Matemática Divertida e Delirante*, um texto intitulado "Mulheres Negativas em Matemática"<sup>107</sup>, cuja crítica recai sobre o livro Terceiro Ano de Matemática, também, de Jácomo Stávale. Sob o olhar de Mello e Souza, trata-se *de um atentado volume, com centenas de cálculos e gravuras, adotado em muitas dezenas de estabelecimentos de ensino* (TAHAN, 1965, p. 147). Antes do título, traz a seguinte advertência:

conhecido matemático paulista, para justificar uma teoria, inventa uma nova **grandeza** denominada **mulheres**, para a qual (diz êle) não se admite oposição de sentido. Esse matemático formula um problema, acha para esse problema como solução "mulheres negativas" e analisa esse resultado. O caso, do ponto de vista matemático, é, realmente, muito grave (TAHAN, 1965, p.147 - grifos do autor).

---

<sup>107</sup> Malba Tahan não diz se essa crítica foi publicada em alguma revista como fez com os textos *Um Livro Ridículo e Errado* e *Em Defesa do Prof. Jácomo Stavæe*, respectivamente, nas páginas 231 e 239 (TAHAN, 1965).

A interpretação dada à solução de um problema<sup>108</sup>, sugerido em um dos capítulos do livro, fora considerada, ironicamente, por Mello e Souza, original. O resultado obtido expressava a quantidade de trinta e dois homens e menos doze mulheres. A esse fato, estranho aos olhos do crítico, o Prof. Stávale deu a seguinte explicação: *Eis uma solução que absolutamente não pode ser interpretada, porque a grandeza mulheres não admite oposição de sentido. Nesse caso a solução negativa indica impossibilidade absoluta de se resolver o problema* (TAHAN, 1965, p.148). Mantendo o tom de ironia e menosprezo, Mello e Souza fez mais algumas pequenas considerações, com as quais, finalizou o artigo.

As análises dos livros didáticos, feitas por Mello e Souza, nem sempre se mostraram transparentes. O professor Stávale já havia denunciado, em sua réplica, o costumeiro hábito, daquele, em suprimir informações ou adulterar um texto com o propósito de criar erros.

Stávale escreveu em seu livro, Primeiro Ano de Matemática: [1] *A primeira potência de um número é um producto constituído por um factor igual a este número; é, portanto, o próprio número. A primeira potência de 24 é 24; a primeira potência de 35 é 35.* Mello e Souza suprimiu a frase em negrito; [2] *O número pode ser concreto ou abstracto. É concreto quando se menciona o nome da unidade, por exemplo, oito livros. É abstracto quando não se menciona o nome da unidade, por exemplo, oito.* Mello e Souza - acrescentou o “sic”, o ponto de exclamação e adulterou a frase: *Número abstracto é aquele que não menciona (sic) o nome da unidade!;* [3] *Multiplicação é a operação que tem por fim repetir um número tantas vezes quantas são as unidades do outro. Isto quer dizer que multiplicar 47 por 5 é o mesmo que effectuar uma adição de 5 parcelas iguaes a 47;  $47 \times 5 = 47 + 47 + 47 + 47 + 47$  .:  $47 \times 5 = 235$ .* Mello e Souza omitiu a frase em negrito<sup>109</sup>.

---

<sup>108</sup> “Vinte pessoas, homens e mulheres, alugaram um vagão de ferro por 124\$000. Cada homem contribui com 52\$000 e cada mulher com 3\$000. Quantos eram os homens e quantas mulheres?” (TAHAN, 1965, p.147)

<sup>109</sup> Mello e Souza não incluiu no livro *Matemática Divertida e Delirante* os textos de Stávale: *Aos professores e estudantes do Brasil* e *A Revista Brasileira de Matemática*, elaborados em 1933. Valente (2003) afirma que com essa atitude, Mello e Souza “buscou apagar da memória da educação matemática os ingredientes comerciais presentes na disputa travada com Stávale” Eu acrescentaria dizendo que com essa atitude ele, também, deixou de mostrar as omissões e adulterações que fez em um dos textos daquele autor.



PROF. JACOMO STAVALE  
SÃO PAULO

*Coisas da...*  
**Mathematica**

R E S P O S T A

*ao professor*

Julio Cesar Mello e Souza

*lente cathedratice do*

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

*e da*

ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES

do Rio de Janeiro;

*redactor-chefe da*

REVISTA BRASILEIRA DE MATHEMATICA

1933

Companhia Editora Nacional, R. Guaianês 26-28-30, São Paulo

Figura 32 – Réplica do Professor Jácomo Stávale – 1933

# Revista Brasileira de Matemática

DIRETORES:

SALOMÃO SEREBRENICK — J. C. MELLO E SOUZA

Ano IV

Abril-Maio-Junho, 1933

N.º 1-23

## Relatividade do rigor científico

Da Geometria de Euclides e Mecânica de Newton — às  
Geometrias não-euclidianas e Mecânica moderna

Salomão Serebrenick  
do Instituto de Meteorologia  
Rio de Janeiro

Assombroso o abismo que separa as tão corriqueiras expressões — tais até entre as ínfimas camadas intelectuais — como *cientificamente rigorosa*, *matematicamente certa*, etc., da idéa, familiar apenas a escolhidos e expressa por Bertrand Russel, que « *a Matemática é uma ciência em que não se sabe de que se fala nem se o que se diz é exato* ».

Assombrosa, por isso mesmo, á primeira vista, a coexistência que une esses conceitos antagonicos.

Longo, no entanto, de constituir essa coexistência uma antinomia, a compatibilidade daquelas idéas, aparentemente opostas, dá-lhe pleno fundamento. A questão é, apenas, de evitar confusões decorrentes da linguagem. O essencial é não hesitar, é saber *rigorosamente* o que se deve considerar *rigoroso*, é saber ao *certo* o que se deseja entender como *certo*, *exato*, *verdadeiro* etc., de referencia a um determinado fato.

Tendo sempre presente essa preocupação, poderemos orientar-nos no meio desta multidão de classificações de uso corrente, como *ciências exatas*, *positivas*, *dedutivas*, *indutivas*, *racionais*, *teóricas*, *experimentais*, *empíricas*, *abstratas*, *concretas*, etc.; poderemos, ainda, verificar que é insustentável a idéa de que cada ciência possui um determinado grau de rigor ou exatidão, que lhe é peculiar e imutável; tampouco, que os fundamentos do saber humano são invioláveis, idéa que só nos pode levar — como nos tem mostrado a história — á mais lamentável rotina; poderemos vêr, enfim, como as ciências evoluem constantemente, e todas de modo identico, seguindo a mesma rota em busca de um ideal comum. Classificar as ciências, sob o aspéto

Figura 33 – Revista Brasileira de Matemática – Ano IV, 1933.

Outros autores, além de Jácomo Stavale<sup>110</sup>, entre eles, Algacyr Munhoz Mäder<sup>111</sup>, Miguel Milano e Agrícola Betthlem, procuraram escrever livros didáticos que se adequassem às novas orientações propostas pela Reforma Francisco Campos, ampliando, dessa forma, a concorrência com a coleção de Mello e Souza e Cecil Thiré.

Os compêndios daqueles, tornar-se-iam alvos prediletos de pontuais e severas críticas de Mello e Souza e de seu sócio Salomão Serebrenick, sobretudo, na Revista Brasileira de Matemática, lugar ideal para a constituição, do primeiro, como autoridade matemática frente a seus colegas e ao grande público, por meio de suas investidas, de caráter, eminentemente, editorial.

As “Tribunas de Educadores” (LONGEN, 2007), demarcariam as diferenças dos valores e o distanciamento entre os adversários. Essas “Tribunas” mostrar-se-iam como um *lugar de afrontamento* designado por uma *emergência*<sup>112</sup>, ou melhor, um *não lugar*, que oportunizaria a Mello e Souza, sua inserção e consolidação no contexto político–editorial da década de 1930.

---

<sup>110</sup> Segundo Miorim (2006) os conteúdos apresentados nas obras de Jácomo Stávale, são os propostos pela Reforma Francisco Campos, entretanto, não são contemplados com elementos renovadores, apregoados pela nova orientação do ensino.

<sup>111</sup> A tese de doutorado de Adilson Longen (2007) apresenta e discute as críticas feitas por Salomão Serebrenick, um dos diretores da RBM.

<sup>112</sup> “A emergência é, portanto, a entrada em cena das forças; é interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua própria juventude [...]; é preciso ainda se impedir de imaginá-la, como um campo fechado onde se desencadearia uma luta, um plano onde os adversários estariam em igualdade; é de preferência [...] um ‘não lugar’, uma pura distância, o fato que os adversários não pertencem ao mesmo espaço” (FOUCAULT, 1979, p. 24).

## EPISÓDIO IV

### DA PEQUENA QUELUZ À GRANDE RIO: A TRAJETÓRIA DE UM PROFESSOR-AUTOR

ACORDE, CAPOTE! ACORDE! Três horas da madrugada. Três horas? Para que mentir, meu amigo? Para quê? Três horas e meia ou três horas e quarenta, mais ou menos. Senti que alguém me tocava de leve, muito de leve, no ombro. E esse alguém chamava por mim baixinho, muito baixinho: - Acorde, Capote! Vamos; acorde. Seria engano? Nunca. O estranho dissera: “Capote”. Ora, Capote era eu. Sim, era aquele o meu apelido no Internato. E alguém repetiu, bondoso, como um pai, cheio de paciência, filtrando os ecos, abafando a própria voz, um pai que fosse despertar seu filho tresnoitado, com carinhoso enternecimento, para a viagem de retorno, ao terminar as férias. Abri os olhos, meio assustado e tive, naquele momento, uma das maiores surpresas da minha vida. Quem poderia ter vindo, naquela madrugada até a minha cama de ferro, lá no Internato, só para me acordar? Quem? Um colega aflito em busca de remédio? O Inspetor de Divisão tentando apurar algum caso disciplinar? Um trocista maldoso do alojamento dos maiores? Nada disso, meu amigo! Nada disso. Vou contar. Verá que o caso, ocorrido comigo, naquela madrugada, madrugada fria de maio, tem o vinco do espantoso. Como poderia classificá-lo de outro modo?(TAHAN, 1973, p.11-12).

Nesse pequeno trecho, de um dos capítulos do livro “autobiográfico” *Acordaram-me de madrugada*, publicado em 1973, pode-se perceber a terna lembrança de um ex-aluno do Colégio Pedro II, cuja excelência servia de modelo para as demais instituições similares no Brasil.

Nos anos em que lá estudou, de 1909 a 1911, amparado por uma semi-gratuidade<sup>113</sup>, Júlio César de Mello e Souza foi aluno, dentre tantos outros, do professor Henrique

---

<sup>113</sup> Havia dois tipos de matrículas: extranumerário (gratuito, com cota extra) e contribuinte (público, não gratuito), segundo informação oral da bibliotecária do NUDOM – Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II - Elizabeth Monteiro da Silva, em 15.06.2005.

César de Oliveira Costa<sup>114</sup>, com o qual obteve notas consideradas boas em Matemática, segundo critérios de avaliação da instituição<sup>115</sup>. Apesar de não ter *paixão pela Matemática*, foi esse professor, carinhosamente apelidado de *Costinha*, com suas boas aulas, o responsável por Mello e Souza ter tomado *gosto pela Matemática* (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM - MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

Neste mesmo período, foi também aluno do professor de português José Júlio da Silva Ramos, o qual tinha por hábito pedir aos alunos que redigissem redações. Como alguns alunos não cumpriam a designação dada por ele, o menino “Capote” passou a escrevê-las e vendê-las, por 400 réis, àqueles colegas de classe (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

A experiência com a escrita e a edição de textos, com a intenção de manifestar suas posições e conseguir um dinheiro extra, já era percebida nos tempos em que fora estudante do Colégio Militar. Aliás, seu irmão João Batista, outrora, incumbido pelo pai de prepará-lo para os exames deste Colégio, teve dúvidas acerca de sua aprovação, pois, em sua opinião o *Julinho [...] escrev[ia] mal, e [era] uma negação para a matemática*. Entretanto, [...] os examinadores foram menos exigentes do que [ele] (MELLO E SOUZA, J. B., 1948, p. 63 e p. 84), e o menino “Julinho” lá ingressou, em 1906<sup>116</sup>, retornando, em razão disso, para o Rio de Janeiro, sua cidade natal, onde nascera em 06 de maio de 1895.

Nesses primeiros anos do século XX, a produção de jornais por adolescentes e jovens parecia uma prática habitual, no interior das classes menos favorecidas. Em 1907, por exemplo, aos onze anos de idade, Mello e Souza lançou o primeiro número de um

---

<sup>114</sup> Positivista, foi seu professor em 1909.

<sup>115</sup> Numa escala de 0 a 10 eram consideradas ótimas - as de valor superior a 9; boas - as de 6 a 9; sofríveis - as de 3 a 5; más - as de 0 a 2. Respectivamente, suas notas foram: 8 (oito) – 3º bimestre [1909]; 7 (sete) – 2º bimestre [1910]; 6 (seis) – 1º bimestre [1911] (COLÉGIO PEDRO II – NUDOM. Notas de aplicação ..., 1909-11)

<sup>116</sup> Os Alunos do Colégio Militar não eram conhecidos por seus nomes e sim por números. Desse modo, Júlio César se tornara o número 846 e Osvaldo Aranha, o 511 (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

pequeno jornal, denominado *ERRE*<sup>117</sup>, supostamente em concorrência a dois outros jornais semelhantes: o *Mez* e o *ABC*, de seus irmãos Rubens e Nelson. A periodicidade, dos primeiros “ERRE”, acabou não sendo muito regular, mas, em 1908, provavelmente, o último ano de sua “circulação”, passou a ser, rigorosamente, mensal. Até o número treze, o menino Julinho assinava como “redator/editor”. A partir do número quatorze, o jornal passou a ter como redator Salomão IV, o qual promoveu mudanças significativas na linha editorial: além da periodicidade, o jornal passou, também, a ser *crítico [e] ilustrado* (ARQUIVO PESSOAL - IMT. *ERRE*). Seria o início da opção de Mello e Souza pelo uso de pseudônimos.

O jornal *ERRE* era confeccionado em brochura, colado, tamanho 9cm x 13cm, com dezesseis páginas no primeiro número e, em média, dez nos demais. Um jornal divertido, muito organizado, Ilustrado com desenhos pintados com tinta guache e escrito à pena. A redação tinha por endereço o Largo da Matriz, n. 2 em Queluz/São Paulo. O número avulso era vendido por 100 réis.

As capas 4 de alguns números, por exemplo, rebuscada com uma linguagem característica de sua idade, por volta de 11 anos, eram destinada a:

#### **apelos em favor de si mesmo**

*Não leiam outro jornal sem ser o ERRE; Não leiam o Mez;*

#### **anúncios hilários**

*Flor das Piteiras – vendem-se na rua do sapo, Queluz de SP; PILOI, vendem-se o piloi; Quando tiverem dor de barriga ou cólicas bebam um chá de losna. Não há nas farmácias; Vendem-se o Piloi em Cuyaba estado de Mato Grosso. Leiam o esqueleto, é muito útil a gente saber a descrição do nosso corpo;*

#### **críticas desabonadoras a outras produções, diga-se, aos “jornais” dos irmãos**

---

<sup>117</sup>Ano I (1907) - n. 01; n. 02; n. 04; n. 06; n. 07; n.11; n. 12; n. 13; n. 14 - redator - Salomão IV. Ano II (1908) - n. 15 - janeiro; n. 16 - fevereiro; n. 17 - março; n. 18 - abril; n. 19 - maio; n. 22 - agosto; n. 24 - outubro; n. 25 - novembro (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Jornal *ERRE*).

O “ABC”, este indigno jornal [sic] é a coisa mais repugnante [sic] e mais bossal isistivel [sic]. Um caso me pertubou muito foi que eu li no repugnante jornal [sic] um artigo de lição para o Rubens;

O “mez” do Rubens de Mello e Souza é um jornal que não presta para nada. É um jornal imoral, é cheio de asneiras e bobagem. [...] É um jornal porco e que a gente não pode ler por causa da Lettra do redactor. O redactor do falado jornal não sabe escrever couzas boas, sabe escrever imoralidades.

### **pilhérias que se passavam por propagandas enganosas**

Manoel Augusto já tuberculoso dese[n]ganado ficou completamente curado só de ler o “ERRE”; Uma senhorita [,] 7 anos doente [,] cura[da] em um dia [,] só de ler o ERRE; O Rubens é um mengelha; O Nelson é um coió de argolas.

### **e alguns lembretes**

O novo “Erre” [:] Este jornal vae ser melhorado e aperfeiçoado. Em logar de annuncios elle vae trazer na última página uma espécie de pequeno índice; quando um conto um artigo tiver um S é obra do autor. Quando tiver um D é de diferentes. O novo “Erre” [:] Melhoramentos. O “erre” do n. 18 em diante trará bellíssimas photographias.

Nas demais páginas, de todos os fascículos, divididas em duas partes, por um traço vertical, e com numeração contínua<sup>118</sup>, pode-se encontrar colunas de humorismo, achados e perdidos (Depósito do ERRE), historietas, algumas escritas em vários capítulos, por exemplo: no ERRE número 7, pode-se ler a parte VII de dois enredos, “Fiel” e “Roedores”; no ERRE 25 a parte XXII de “O Medo”, iniciado no ERRE 13. Há outros títulos, tais como: Sem coração, Juca-Pirama, O esqueleto (D), Assombrável (D), As aventuras do Jasilo.

---

<sup>118</sup> Isto é, o primeiro número da página do fascículo seguinte era consecutivo do da última página do fascículo anterior.



Figura 34 – Capas e capas 4 do jornal *ERRE*, Fascículos 15, 16 e 17 de 1908 – Arquivo IMT

Júlio César de Mello e Souza, Julinho, Salomão IV, 846 ou Capote foi o quarto herdeiro de uma prole de nove filhos<sup>119</sup> do casal João de Deus de Mello e Souza (1862 – 1910) e Carolina Carlos de Mello e Souza (1886 – 1925). Ele, funcionário público, com honras de tenente coronel, em virtude de ter combatido ao lado de Floriano Peixoto, e ela, professora primária. Foram seus avós paternos, Francisco José de Mello e Souza e Maria Amélia de Mello e Souza, naturais de Alcobaça, Portugal, e avós maternos, Manoel Carlos de Toledo e Maria de Toledo, naturais de Silveira, São Paulo.

<sup>119</sup> 1. Maria Antonieta de Mello e Souza; 2. Laura de Mello e Souza; 3. João Batista de Mello e Souza; 4. Júlio César de Mello e Souza; 5. Julieta Carmem de Mello e Souza; 6. Nelson de Mello e Souza; 7. Rubens de Mello e Souza; 8. José Carlos de Mello e Souza; 9. Olga de Mello e Souza.

Ainda muito pequeno, Julinho mudou-se acompanhado de sua família para a cidade de Queluz, interior de São Paulo, local em que realizou seus estudos primários e foi aluno de sua mãe. Conta-se que um de seus maiores prazeres era bater nos cachorros que entravam na igreja, *os quais fugiam ganindo lamentosamente, o que sem a menor dúvida, perturbava a atenção piedosa dos fiéis* (MELLO E SOUZA, J. B., 1948, p. 33).



Fotos de Paulo Sampaio qiz ©

Figuras 35 e 36 - Casa em que Malba Tahan passou a infância.

Enquanto o desejo ardente de um de seus irmãos, Nelson, era tocar triângulo na banda da cidade, o ideal do menino Júlio era ser um “Bigeu”<sup>120</sup>, para quem consagrava toda a sua admiração.

Ah! O Bigeu é que é! Exclamava o Júlio, possuído de entusiasmo. É Porquê? Ora... vocês não viram? O Bigeu vai na frente, arredando o povo, recuando os carros de sons, desembaraçando o caminho... A um sinal do Bigeu pára o guião, com o Crucifixo! Param os anjinhos! Param as virgens! Param os santos nos andores! Pára a música! Até os homens que levam o pálio! Tudo pára! O Bigeu faz outro sinal: segue a procissão! Caminham os anjos, as virgens, os santos! Todo o mundo caminha! A música local! Acendem os morteiros que estouram no ar! Cai flexa de foguete por toda a parte! (MELLO E SOUZA, J. B., 1948, p.35-36)

Ao longo de sua infância, iniciou uma estranha paixão: criar sapos, cujos líderes eram conhecidos por “Monsenhor” e “Ilustríssimo Senhor”. Era, também, considerado um inventor de mirabolantes histórias, que na maioria das vezes apresentavam um excesso de personagens, muitos deles batizados com nomes bem estranhos: Mardukbarian, Orônsio, Protocholóski (MELLO E SOUZA, J. B., 1948).

---

<sup>120</sup> “Bigeu” era o apelido de um amigo da família chamado Domingos Pereira da Silva, antigo funcionário da Central, e que exercia papel influente nas festas religiosas.

Suas potencialidades infantis, a curiosidade, a liberdade, em um tempo de preocupações outras, entrecruzar-se-ão com a vontade e a persistência do adulto, inseridas em uma rede de dominação e/ou resistência, a qual se prevalece de interesses imbuídos da modernidade capitalista, fazendo com que suas imagens de infância se ofusquem, uma vez que figuras diversas, espaços diversos e tempos diferentes se implicaram a ela (GALZERANI, 2002).

Após sua permanência por três anos no Colégio Militar, onde fora colega de turma de Osvaldo Aranha, futuro Ministro do Exterior e Chanceler do Brasil no governo de Getúlio Vargas, seu pai, por motivos de ordem financeira – o alto valor das mensalidades<sup>121</sup> o impedira de continuar custeando os estudos do filho – o transferiu para o internato do Colégio Pedro II<sup>122</sup> (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

A importância dessa instituição para a família Mello e Souza, não se restringiu apenas a excelência de ensino para o que fora criado; ela concedeu a João Batista<sup>123</sup>, a Júlio César e a José Carlos *um teto para [...] abrigo, na fase dos estudos, bons mestres para a [...] formação intelectual, um prato para o [...] alimento, e uma cama para [...] os sonhos juvenis* (MELLO E SOUZA, J. B., 1948, p. 44), bem como, os recebeu, tempos depois, para exercerem atividades profissionais.

---

<sup>121</sup> Por telefone o Major Pala, Relações Públicas do Colégio Militar da cidade do Rio de Janeiro, em 27/12/2007, esclareceu-me que as características do Colégio Militar, desde sua fundação em 1889, quais sejam, assistencial e preparatória, são mantidas até hoje. O regulamento dos Colégios Militares [R – 69] em seu Título IX, Capítulo I, seção II – Das contribuições [[http://www.cmrj.ensino.eb.br/legilacao/regulamentos/regulamento\\_cm](http://www.cmrj.ensino.eb.br/legilacao/regulamentos/regulamento_cm)], prevê uma cota mensal a que está sujeita todos os alunos. Em valores monetários atuais gira em torno de R\$ 140,00, havendo a possibilidade de isenção parcial ou integral aos alunos carentes. Em suma, o ensino é público, mas não gratuito e de baixo custo.

<sup>122</sup> O antigo seminário de São Joaquim foi convertido em colégio de instrução secundária em 1837, sob a designação de Colégio Pedro II. Por força do Decreto nº 9, de 21.11.1889, passou a denominar-se Instituto Nacional de Instrução Secundária. Em 08.11.1890, Decreto nº 981, o Instituto Nacional de Instrução Secundária foi transformado em Ginásio Nacional. Em 24 de julho de 1909, Decreto 7472, o Externato do Ginásio Nacional voltou a denominar-se Colégio Pedro II e o Internato, Colégio Bernardo de Vasconcelos. A Reforma Rivadávia Correia, Decreto 8659 de 5 de abril de 1911, derogou o Decreto 7472, de 24 de julho de 1909, na parte em que deu ao internato o nome de Bernardo de Vasconcelos e, portanto, as duas unidades – “Externato e Internato” voltaram a constituir-se um todo sob denominação de “Colégio Pedro II” (COLÉGIO PEDRO II – NUDOM. Colégio Pedro II e sua tradição, 1965).

<sup>123</sup> Em 1910 ocorreu a morte de seu pai e o irmão tornou-se seu “tutor” no Colégio Pedro II

Após o término de seus estudos, realizados no Colégio Pedro II, como muitos professores daquele período<sup>124</sup>, Mello e Souza freqüentou o Instituto de Educação, outrora designado Escola Normal do Distrito Federal, onde obteve o seu título de professor primário, que o habilitara ao exercício do magistério. No centenário do Instituto, em 1980, o professor Tito Urbano da Silveira, então diretor do Colégio Pedro II, enfatizava o *orgulho* que Mello e Souza manifestava por ter sido formado por aquela instituição; *ele, que exerceu o magistério universitário, não escondia, pelo contrário: exaltava a sua condição de professor de ensino elementar formado nos bancos do Instituto!* (COLÉGIO PEDRO II – NUDOM. *Revista Studia*, 1980, p. 173)<sup>125</sup>.

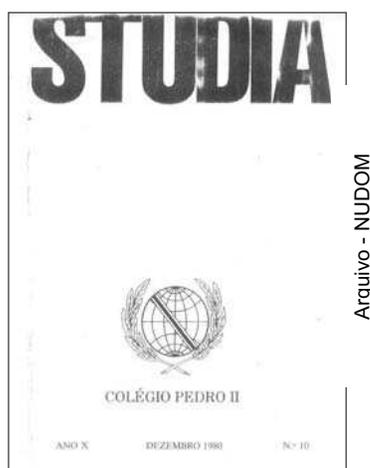


Figura 37 – Revista STUDIA, Ano X, n.10, Dezembro, 1980.

Regendo aulas para turmas suplementares do Externato do Colégio Pedro II e trabalhando no terceiro armazém da Biblioteca Nacional, como carregador de livros (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Nomeação de Júlio César de Mello e Souza ..., 1912; TAHAN, 1973), Júlio César de Mello e Souza prestou concurso de admissão, em 1913, e

<sup>124</sup> “[...] estou a rever, entre tantos outros mestres do passado, as figuras inesquecíveis de Jônatas Serrano, de Raja Gabaglia, de Clóvis Monteiro, de Venâncio Filho e de Malba Tahan, que as duas casas deram todo o seu saber e todo seu idealismo de formadores da juventude!” (COLÉGIO PEDRO II – NUDOM. *Revista Studia*, 1980, p. 173).

<sup>125</sup> A respeito do professor Eugênio de Barros Raja Gabaglia, vale mencionar, também, a sua nomeação como delegado do Brasil no V Congresso Internacional de Matemática, em Cambridge, ocorrido de 21 a 28 de outubro de 1912, cuja discussão girava em torno da reformulação do ensino de Matemática (MIORIM, 1998) e com relação a Francisco Venâncio Filho, sua participação como membro criador da Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1924 (ROMANELLI, 1998), bem como, membro signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932 (GHIRALDELLI JR, 2001).

foi aprovado para a 1ª série do Curso de Engenharia Civil na Escola Politécnica da Universidade do Brasil<sup>126</sup>, atualmente, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. A conclusão do curso ocorreria apenas doze anos depois e, após isso, seriam necessários mais oito anos para obter o seu diploma.

As dificuldades começaram no 1º ano, quando ficou em dependência na Cadeira de Geometria Descritiva<sup>127</sup>, por não ter comparecido ao respectivo exame por motivo de doença. Na série seguinte, cumpriu as Cadeiras de Química Orgânica, História Natural e foi dispensado dos exames de Topografia e Desenho, em virtude da Reforma Carlos Maximiliano<sup>128</sup>. *Por depender única e exclusivamente da Cadeira de Mineralogia do 3º ano*, fez sua matrícula na 4ª série como aluno ouvinte, bem como, aluno dependente desta Cadeira. Em 1917, regularizou sua situação como aluno quarto anista, mas não cursou nenhuma disciplina (UFRJ/MUSEU DA ESCOLA POLYTÉCNICA. Dossiê...).

Aprovado com distinção na Cadeira de Economia Política, alegou ter de se afastar da capital e reivindicou sua colação de grau como Engenheiro Geógrafo em 1923. Posteriormente, solicitou exame na Cadeira de Eletrotécnica, a única que faltava para conclusão do curso. Porém, somente no ano de 1932, mais precisamente em 13 de setembro, encaminhou o pedido da expedição de seu diploma. Às 16 horas, do dia seguinte, recebeu o grau em Engenharia Civil (UFRJ/MUSEU DA ESCOLA POLYTÉCNICA. Dossiê...).

Os vinte anos que se passaram desde sua entrada na Universidade até a colação de grau, permite-me afirmar que o Curso de Engenharia Civil não se colocou entre suas prioridades. Entretanto, o fato de não ter desistido de obter o diploma de nível superior, mesmo que em longo prazo, leva-me a conjecturar que esse diploma lhe seria extremamente importante, sobretudo, para concorrer à Cátedra de Matemática no Colégio Pedro II, no ano seguinte.

---

<sup>126</sup> De acordo com o Decreto nº 8.659 de 05 de abril de 1911.

<sup>127</sup> Em 30.11.1914 requereu o exame de Geometria Descritiva e pediu venia para declarar que era aluno do livre-docente Professor Dr. Octacilio Novaes, na banca do qual desejava prestar exame (UFRJ-MUSEU DA ESCOLA POLYTECNICA. Dossiê...).

<sup>128</sup> Em 1915 a Reforma Carlos Maximiliano reorganiza os Ensino Secundário e Superior e em seus artigos 194 a 200 trata da Escola Politécnica (AGUIAR, 1997).

No período em que esteve envolvido com a Polytécnica, além de casar-se, em 1925, com Nair de Mello e Souza e desta união nascerem três filhos<sup>129</sup>; desempenhar as funções de professor e carregador de livros, Mello e Souza solidificou a sua carreira como escritor, por meio de sua colaboração em diversos jornais e da publicação de seus primeiros livros, inicialmente, de ficção e, posteriormente, de Matemática. De 1925 a 1932 seriam lançados treze livros de sua autoria, sendo sete deles em parceria com outros autores<sup>130</sup>.

Ante essa *multiplicidade [de] posições ocupadas* (BOURDIEU, 1998, p. 186), ter o título de engenheiro de uma Escola Politécnica lhe ampliaria as possibilidades de se tornar professor catedrático de Matemática, o que lhe conferiria a imagem de “autoridade matemática”, frente a seus pares e ao grande público (PRADO, 2003).

Contudo, para conquistar a cátedra de Matemática do Colégio Pedro II, por exemplo, era necessário defender uma tese, original, que revelasse o domínio sobre um saber matemático de nível avançado. Essa tese, se aprovada, representava a confirmação da competência matemática do candidato. Dez meses após a data de expedição de seu diploma de Engenheiro, Mello e Souza se candidatou a uma cátedra nesta instituição, o que parece confirmar minha conjectura.

De acordo com o despacho de Snr Director, datado de hoje, fica registrado neste livro, para os devidos fins, que o snr **Julio Cesar de Mello e Souza, engenheiro civil**, com 38 anos de idade, natural do Distrito Federal, filho legítimo do T<sup>te</sup> Coronel João de Deus Mello e Sousa e de D<sup>a</sup> Carolina Carlos de Mello e Sousa, **requereu inscrição nesta data, para o concurso de matemática e apresentou cem (100) exemplares da tese intitulada: “Estudo elementar das curvas planas – Funções Modulantes”**<sup>131</sup>. A presente inscrição fica dependendo da aprovação da congregação do Colégio Pedro II. E para constar lavrei o presente termo que vae assinado por mim Secretario do Internato do Colégio Pedro II e pelo requerente. Secretaria do Internato do Colégio Pedro II, **31 de**

---

<sup>129</sup> Rubens Sérgio de Mello e Souza (Oficial da Marinha - Capitão e Fragata), Maria Sônia de Mello e Souza (Pintora), Ivan Gil de Mello e Souza (arquiteto).

<sup>130</sup> Contos de Malba Tahan [1925]; Céu de Alá, [1927]; Lendas do Deserto [1929]; Amor de Beduíno [1929]; Matemática - 1º ano [1930, em parceria com Cecil Thiré]; Geometria Analítica [1931]; Exercícios de Matemática - 3º ano [1931, em parceria com Cecil Thiré]; Mil histórias sem fim - volume 1 [1931]; Matemática - 2º ano [1931, em parceria com Cecil Thiré]; Matemática, 3º ano [1932, em parceria com Cecil Thiré]; Exercícios de Matemática - 4º ano [1932, em parceria com Cecil Thiré]; Matemática Comercial [1932, em parceria com Cecil Thiré e Nicanor Lemgruber]; Exercícios de Matemática Comercial [1932, em parceria com Cecil Thiré e Nicanor Lemgruber] (APÊNDICES F e G).

<sup>131</sup> Não localizei um único exemplar desta tese, publicada em 1933 pela Editora Getúlio Costa, nas Unidades do Colégio Pedro II.

**Julho de 1933.** (COLÉGIO PEDRO II. Livro de registros de Actas de Concurso: setembro de 1925 a fevereiro de 1975 - livro 5, p.14).

Nesse concurso, inscreveram-se, também, no prazo estipulado pelo edital de abertura outros quatro candidatos: Alberto Nunes Serrão, engenheiro civil, com a tese intitulada “Sobre a resolução algébrica das equações”; Haroldo Lisboa da Cunha, engenheiro geógrafo, civil e eletricista, com a tese “Sobre as equações algébricas e sua solução por meio de radicais”; Cesar Dacorso Netto, engenheiro geógrafo, com a tese “Esboço sobre a transformação em matemática elementar” e Luiz Sauerbronn, engenheiro geógrafo, com a tese “Theoria das fracções contínuas” (COLÉGIO PEDRO II. Livro de registros de Actas de Concurso: setembro de 1925 a fevereiro de 1975 - livro 5, p.11-12 e versos:

Todos os candidatos eram portadores do título de engenheiro, o que se relacionada diretamente à ausência naquele período de instituições específicas para formação de professores, em particular, os de Matemática. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL), criada em 1934, e a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro (FNFi), criada em 1939, foram as primeiras instituições a oferecerem cursos específicos visando à formação de professores secundários nas cadeiras de Matemática, Física, Química, Biologia, Línguas, entre outras (SILVA, 2002).

Segundo Prado (2003, p. 86-87) o *concurso de 1934 chancela como saber profissional, do professor de matemática do ensino elementar, os conteúdos de ensino superior, de formação do matemático [...] não fica registrada a preocupação com o saber a ser ensinado*. Cabia, então, ao candidato, um dedicado e cuidadoso preparo matemático para submeter-se à avaliação de uma banca examinadora, composta sob rigoroso regulamento. Euclides Roxo e Cecil Thiré não foram indicados pela congregação do Colégio Pedro II, por serem co-autores da Coleção *Curso de Matemática* com Mello e Souza, um dos candidatos à cátedra (TAVARES, 2002).

O candidato aprovado foi Haroldo Lisboa da Cunha, nomeado em 24 de junho de 1935, por Getúlio Vargas, em documento assinado pelo Ministro da Educação e Saúde

Pública, Gustavo Capanema (PRADO, 2003). Alberto Serrão logrou o 2º lugar; Júlio César de Mello e Souza o 3º; César Dacorso Neto, o 4º e Luiz Sauerbronn, o 5º.

Alberto Nunes Serrão entrou com recurso a fim de anular o resultado do concurso, iniciando um pequeno debate às páginas do Jornal do Brasil com Dacorso Neto, favorável ao resultado divulgado. Entretanto, a Congregação do Colégio Pedro II após verificar que nenhum dos dispositivos regulamentares deixou de ser cumprido, ratificou o nome do candidato aprovado<sup>132</sup> (PRADO, 2003).

Mello e Souza, também, protestou, em carta publicada pelo Jornal do Brasil, contra o resultado do referido concurso, o que acabou sendo um dos argumentos utilizados por Dacorso Neto, em requerimento encaminhado à Escola Nacional de Química, da Universidade do Brasil, em 1940, para substituir Mello e Souza na banca do concurso de cátedra para a cadeira de Matemática Superior, para a qual concorria e que seria realizado na referida escola (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Correspondência para o Diretor da Escola Nacional de Química, 1940; Correspondências da Escola Nacional de Química, 1940).

O candidato César Dacorso Neto, em seu requerimento, manifestava a convicção de que ele e Mello e Souza eram militantes de correntes opostas, uma vez que, em 1933/34, quando ambos disputaram a cátedra de Matemática do Colégio Pedro II, ele fora favorável ao resultado que o comprimira em penúltimo lugar, entre os concorrentes e Mello e Souza se mostrara simpatizante à anulação do concurso. Outro argumento dizia respeito a participação no concurso do candidato Miguel Ramalho Novo que, segundo palavras do próprio Mello e Souza, era seu amigo e colaborador no livro *História e Fantasias da Matemática*, publicado pelas editoras Getúlio Costa e Calvino Filho, em 1939 (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Correspondência para o Diretor da Escola Nacional de Química, 1940).

Apesar de Mello e Souza, em correspondência com Porto Carreiro Neto, diretor da Escola de Química, ter tentado justificar que as alegações do candidato não constituíam

---

<sup>132</sup> No Anuário do Colégio Pedro II, Volume XV, 1949 –1950, p. 410, consta, na lista dos professores catedráticos e efetivos do Colégio Pedro II de 1838 a 1950, o nome de Haroldo Lisbôa da Cunha como professor catedrático de Matemática em 1935 (COLÉGIO PEDRO II – NUDOM).

motivo suficiente para uma suspeição, *quer no sentido restrito das disposições legais que regem a matéria, quer ampliando êsse sentido até onde o bom senso permite* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Correspondência para o Diretor da Escola Nacional de Química, 1940), o requerimento de Dacorso Neto foi deferido pelo relator San Thiago Dantas e, em 10 de julho do corrente ano, sem maiores justificativas, o Conselho Universitário pôs fim a este impasse.

Embora, em 1933, uma cátedra no Colégio Pedro II pudesse representar para Mello e Souza uma oportunidade de demonstrar sua competência matemática; quando iniciou suas atividades no magistério, em 1913, mesmo ano em que foi aprovado no Curso de Engenharia Civil na Escola Politécnica da Universidade do Brasil, ele não havia ainda optado pela Matemática como o centro de sua carreira profissional, apesar do professor *Costinha*.

Nesses primeiros tempos de magistério, resolveu ensinar História. Mas, não gostou. Tinha que *ler livros, revistas... muito difícil*. Resolveu ensinar Geografia. Mas, também não gostou, *porque a gente tem que estar a par de países que ficam independentes, que viram república e não sei o quê*. Começou a ensinar Física, *mas Física tem laboratório, é muito trabalhoso. Sabe de uma coisa? Melhor mesmo é ensinar Matemática. Porque Matemática é essa coisa, não varia*. Passou, então, a lecionar Matemática, *que tem número demais, que não tem palpite*<sup>133</sup> (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM - MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

A concepção de Mello e Souza acerca da Matemática, no início de sua atuação como professor, era de uma disciplina imutável, isenta de valores e organizada por números. Não há, sob essa concepção, a intervenção do professor ou do aluno no processo de construção de seus conceitos, o que dificulta constituírem-se sujeitos críticos e autônomos do aprender e do conhecer. Entretanto, ela foi sendo modificada ao longo dos anos. No exercício do magistério, as trocas intersubjetivas com outros sujeitos da prática educativa, as circunstâncias político-educacionais, o levariam a se posicionar de

---

<sup>133</sup> É uma referência às datas de alguns acontecimentos históricos apresentadas em sala, que eram usadas por seus alunos, de um curso situado à Rua da Assembléia - RJ, como palpites nas milhares do jogo do bicho. Isso, para ele, era decepcionante. Teria sido um dos motivos de ter deixado de lecionar História.

formas diferentes. Seu discurso acerca do processo ensino-aprendizagem de Matemática passaria por mudanças.

Havia a necessidade de ouvir e se fazer ouvir, à medida que se constituía em um ícone junto ao professorado de todo território nacional. Sensível às mudanças de seu tempo e ciente de que *ninguém entra[ria] na ordem do discurso se não satisfiz[esse] a certas exigências ou se não fo[sse], de início, qualificado para fazê-lo* (FOUCAULT, 2004, p. 37), sua forma de atuação foi sendo modificada.

Em 1939, em um trecho da sua exposição na Academia Brasileira de Letras, acerca da condecoração recebida pelo livro *O Homem que Calculava* (ARQUIVO PESSOAL IMT – Discurso de Malba Tahan na ABL, 1939), pode-se perceber algumas mudanças em sua relação com a Matemática. Naquele momento, para ele,

[...] a Matemática [era] simples, interessante e atraente e de uma acessibilidade que assombra. Ciência altamente estética, dotada de virtudes que encantam e de belezas sublimes que impressionam. Os que se ocupam da Matemática – afirma Gomes Teixeira, sábio português – começam a estudá-la pelo que tem de útil, principiam a amá-la quando compreendem o que tem de belo e apaixonam-se por ela quando alcançam o que tem de sublime.

Nessa mesma exposição, Mello e Souza afirma que a Matemática e a Literatura poderiam conviver em perfeita harmonia, desde que a primeira não fosse concebida como *uma ciência árida, transcendente, nebulosa e destinada, exclusivamente, a reduzido número de iniciados*.

Essa postura “modificada”, não se manifestava apenas em suas exposições ou em obras de divulgação, mas também nas obras que publicaria, posteriormente, dirigidas aos professores, com o intuito de interferir na formação de novas gerações e difundir métodos para a “renovação” do ensino. Em especial naquelas dirigidas aos cursos de formação de professores, ministrados por meio da CADES - Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário -, oferecidos em todo território nacional.

Esse órgão, criado em 1953, conforme Decreto nº 34.638 de 14 de novembro, sob orientação do Ministério da Educação e Cultura – MEC, tornou-se responsável pela realização de cursos tendo o objetivo de ampliar o número de professores das

disciplinas específicas. Geralmente, esses cursos eram ministrados por professores das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo e outorgavam aos professores-alunos um registro definitivo para o exercício do magistério no ensino secundário, por meio da realização de Exames de Suficiência<sup>134</sup>, ao término dos cursos de capacitação.

Inserido nesse contexto, Mello e Souza, ora como orientador dos professores que ministravam os cursos, ora como professor de Didática Geral e Didática da Matemática, ministrou inúmeros cursos, em diversas cidades brasileiras, por oito anos. Em Vitória<sup>135</sup>, por exemplo, capital do Espírito Santo, esteve em 1958, e no exercício de suas atribuições, registrou uma série de observações acerca de alguns professores de sua equipe de trabalho<sup>136</sup>:

### LEÃO

Magnífico professor. Grande e notável conhecedor da matéria. Estudioso da filologia. Notei, apenas, na sua atitude uma certa seriedade excessiva durante as aulas. Um pouco sêco na exposição. Feitio pessoal, talvez, sente-se que se trata de um auto-didática (sic), sem a vivacidade de um Nascentes<sup>137</sup>, sem a simplicidade cativante de um Rocha Lima<sup>138</sup>. É elemento que a C.A.D.E.S. deve aproveitar.

### JOENIR

Jovem e brilhante professor. Um entusiasta pelo ensino. Gênio alegre, cheio de idealismo pela carreira que abraçou. Estudioso e compreensivo (sic). Agradou e cativou em suas aulas, todos os alunos-mestres. Deve ser aproveitado sempre que for possível.

### MARIA MADALENA

Muito jovem ainda. Recente-se, apenas, da falta de tirocinio do magisterio. Suas aulas são agradáveis e interessantes. Parece ser uma estudiosa dos

---

<sup>134</sup> A partir de 1956, a CADES passou a promover, nas inspetorias seccionais do ensino secundário espalhados por todo o país, cursos intensivos de preparação de exames de suficiência que de acordo com a Lei nº 2430, de 19 de fevereiro de 1955, os quais conferiam aos aprovados o registro de professor do ensino secundário e o direito de lecionar onde não houvesse disponibilidade de licenciados pela Faculdade de Filosofia (BARALDI e GARNICA, 2003).

<sup>135</sup> Resido no estado do Espírito Santo desde 1993. Inicialmente, em Vitória e a partir de maio de 2003, em Vila Velha. Malba Tahan esteve no estado em duas outras ocasiões: 1942 e 1971 (ARQUIVO PESSOAL – IMT. *Caderno-Diário de Viagens*: Vitória, 1942; 1971).

<sup>136</sup> Todos os grifos são do Professor Júlio César de Mello e Souza (ARQUIVO PESSOAL – IMT. *Observações feitas...*, 1958).

<sup>137</sup> Antenor Nascentes – Professor Catedrático de Espanhol (1919) e Português (1928) do Colégio Pedro II (COLÉGIO PEDRO II – NUDOM. Anuário do Colégio Pedro II..., 1949/50).

<sup>138</sup> Enoch da Rocha Lima – Professor Catedrático de Desenho (1926) do Colégio Pedro II (COLÉGIO PEDRO II – NUDOM. Anuário do Colégio Pedro II..., 1949/50).

problemas didáticos. É elemento que pode ser aproveitado pela C.A.D.E.S, para turmas não muito numerosas.

## TAYNÁ

Bom e esforçado companheiro de trabalho. Trata com bondade e cordialidade os alunos. Um pouco sacrificado, em seu trabalho, pelos métodos rotineiros (dos Maristas). Conhece bem o idioma de Racine, embora alguns ouvintes insinuem [...] que o seu sotaque (por sofrer a influência do linguajar mineiro) é muito diferente do legítimo falar parisiense. Torna-se um ótimo elemento quando bem orientado.

## PEREIRA

Não se recomenda como professor. O seu procedimento em Vitória, foi positivamente [...]. Caso de homossexualismo. Não o afastei [...] dos cursos para evitar deplorável escândalo que pudesse, no meio capixaba, macular ao prestígio da C.A.D.E.S. Tive ocasião de observar, durante, a nossa excursão à cidade de Campinhos, as denguias e atenções estranhas que êle (Prof. Pereira) dispensava a certo adolescente filho do professor Wanker. Foi visto, de noite, no Hotel Tabajara (em Vitória) recebendo dois marinheiros em seu quarto. Para evitar, como já disse, deplorável escândalo limitei-me a adverti-lo. Obriguei-o (sob pena de exclusão) a ter uma atitude cem por cento discreta, até a conclusão do curso. **É elemento que deve ser eliminado da C.A.D.E.S.**

## GERALDO

Trata-se de um magnífico professor e agradável. Dá muita vida ao seu ensino. É animado e bastante agradável nas suas explicações. Revela-se de uma habilidade especial para ensinar análise e tradução. Faz comparações sugestivas, recorre a exemplos que revelam longa erudição. Poeta de certo renome nos meios capixabas (Membro da Academia de Letras) e jornalista. Excelente companheiro. Deve [...] sempre nos cursos da C.A.D.E.S.

Tais observações, possivelmente valiosas à época, dada a sua notoriedade e respeitabilidade, alcançadas, junto a seus pares e com o público em geral, graças às suas atividades como professor ou escritor, o permitiam aquiescer os que poderiam ficar na equipe ou os que não poderiam, em função de um saber teórico-prático.

Nas palavras de Foucault (2007, p. 138),

o corpo singular torna-se um elemento que se pode colocar, mover, articular com outros. Sua coragem ou força não são mais as variáveis principais que o definem; mas o lugar que ele ocupa, o intervalo que cobre, a regularidade, a boa ordem segundo as quais opera seus deslocamentos.

A composição de forças para obtenção de um aparelho eficiente exige um sistema de comando vigilante e punitivo, possibilitando, por exemplo, um tipo de avaliação pejorativa, preconceituosa e nada profissional, como no caso do professor Pereira.

E para atender aos objetivos do “aparelho” CADES”, entre eles, melhorar os métodos de ensino, as primeiras tentativas feitas se estenderam por um período de cinco anos e passaram por diversas etapas até chegar ao que denominou, de Método dos Jograis. Segundo ele, um método *inteiramente diferente dos métodos usados* (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

Em que consistia tal método?

O professor, responsável pelo curso, ao preparar uma apostila sobre um determinado assunto a ser explorado em sua aula, divide-o em pequenos itens, os quais devem ter um título, um número de ordem e a súmula da matéria. Ao ser iniciada a aula, é preciso que cada aluno-mestre tenha em mãos: a apostila, um lápis ou caneta, um lápis de cor e, quando necessário, material complementar. Então quatro alunos-mestres são convidados a ocupar um lugar à mesa onde exercem a função de jograis. Feita uma apresentação inicial motivadora, o primeiro jogral lê o primeiro item, em seguida, o professor tece comentários sobre o texto, esclarece pontos obscuros, acrescenta outras informações e, dependendo do assunto tratado, promove um pequeno debate com a turma. Assim segue-se, sucessivamente, até que sejam contemplados todos os itens.

Segundo Mello e Souza, o Método apresentava as seguintes vantagens: facilitava a fixação da aprendizagem; tornava o ensino vivo e interessante; fazia com que todos os alunos acompanhassem, com eficiência, a aula; suprimia o “sistema de salivação”; permitia ao professor avaliar mais facilmente o aproveitamento dos alunos; forçava-os a ser metódicos e cuidadosos em seu trabalho; estabelecia laços de amizade entre o professor e os alunos; oferecia aos alunos oportunidades para demonstrar o seu valor e a sua capacidade; permitia que o diretor, o inspetor ou qualquer outra pessoa interessada se informasse da marcha do curso, da matéria lecionada, da assiduidade do professor, enfim, sobre o método propriamente dito. Mas também apresentava algumas desvantagens: era um método trabalhoso para o professor, pois lhe exigia cultura, preparo técnico e boas qualidades didáticas; exigia também que ele fosse progressista e dedicado ao ensino e aos seus alunos; destacava os atributos negativos se aplicado por um mau professor (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Renovação integral dos ... ,1963).

Apesar das vantagens serem, segundo Mello e Souza, quantitativamente, bem maiores do que as desvantagens, o Método dos Jograis acabou não sendo adotado pelos professores que participaram dos cursos, como também não foi lançado, em todo território nacional, como o autor gostaria que fosse, pela Editora Brasil-América, por ele procurada para esse fim (MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. Depoimento de Malba Tahan, 1973).

Apesar de não ter sido publicada a obra sobre o Método dos Jograis, alguns textos de Malba Tahan e de outros autores seriam divulgadas com o apoio da CADES<sup>139</sup>.

A Editora Conquista, por exemplo, editou, em 1959, para a CADES<sup>140</sup>, *Apostilas de Didática Especial de Matemática*, uma coletânea de trabalhos de Ceres Marques de Moraes, Júlio César de Mello e Souza, e Manoel Jairo Bezerra. As onze unidades que compõem o livro, com as respectivas autorias, estão listadas a seguir.

Ceres Marques de Moraes	
UNIDADE III	Interpretação do Programa de Matemática do Curso Ginásial
UNIDADE IV	O Planejamento do Ensino em Matemática
UNIDADE V	A Motivação da Aprendizagem em Matemática
UNIDADE VI	O Problema do Método no Ensino da Matemática
UNIDADE VIII	Material Didático no Ensino da Matemática

Júlio César de Mello e Souza	
UNIDADE I	A Matemática: seu conceito e sua importância
UNIDADE II	Finalidades da Matemática no Curso Secundário
UNIDADE X	Jogos, recreações e Curiosidades Matemáticas

<sup>139</sup> Outras obras publicadas relacionadas à área de Matemática: BEZERRA, Manoel Jairo. *Didática Especial de Matemática* [s.d.]; CHAVES, J. G. *Didática da Matemática* (1960); HILDEBRANDO, A. et al. *Como ensinar Matemática no curso Ginásial: manual para orientação do candidato a professor de curso ginásial no interior do país* [s.d.]; MELLO e SOUZA, Júlio César. *Didática da Matemática: a Matemática, seus conceitos e sua importância* (1957) (BARALDI e GARNICA, 2003).

<sup>140</sup> Em 1959, Clovis Salgado era o Ministro da Educação e Cultura, Gidasio Amado era o Diretor do Ensino Secundário e José Carlos de Mello e Souza o Coordenador dos Cursos da CADES, cargo ocupado por ele por onze anos, de 1956 a 1967.

Manoel Jairo Bezerra	
UNIDADE VII	Técnicas de Apresentação da Matéria e da Aprendizagem
UNIDADE IX	Técnicas de Fixação da Aprendizagem da Matemática
UNIDADE XI	A verificação da Aprendizagem em Matemática

A ordem de apresentação dos autores na capa da publicação, as informações internas sobre suas formações e atividades docentes<sup>141</sup> e os temas desenvolvidos por eles nos apontam para um período de transição, no qual a valorização da formação específica de professores de matemática começa a ser firmar e concepções do processo de ensino-aprendizagem da matemática estão em discussão.

Os textos de Mello e Souza, como ocorre em outras produções dirigidas aos professores ou à divulgação da Matemática, apresentam uma extensa bibliografia, indicada nas várias notas de rodapé (APÊNDICE O). Essa bibliografia, além de fornecer aos leitores indicações importantes de outras obras, aponta para um autor que se preocupa em mostrar que suas posições estão ancoradas em obras e autores reconhecidos nacional e internacionalmente, ao mesmo tempo em que comprova o seu conhecimento, a sua erudição. Apenas na Unidade I são mencionadas trinta e seis obras, produzidas entre 1817 e 1956, de trinta diferentes autores, incluindo obras do próprio autor.

O título da Unidade I é muito próximo do apresentado em um outro livro lançado, também para a CADES, pela Editora Aurora, em 1957<sup>142</sup>. Além disso, o texto dessa unidade é apresentado, integralmente, sem modificações, no capítulo I do livro *Didática da Matemática*, volume 1, de 1961. Naquela, o autor enfatiza ser imprescindível que o professor oriente seu aluno nos valores utilitários e educativos da Matemática, como também, que o ensine a gostar e a interessar-se por essa Ciência; a formular, com clareza, suas dúvidas; a encaminhar com lógica, o raciocínio; a ser cuidadoso nos

<sup>141</sup> Os autores são apresentados em página interna da seguinte forma: 1. Prof<sup>a</sup> Ceres Marques de Moraes. Bacharel e licenciada em Matemática pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; Professora do Liceu Nilo Peçanha de Niterói e Assistente de Didática Especial de Matemática na Faculdade Fluminense de Filosofia. 2. Prof. Júlio César de Mello e Souza. Catedrático da Faculdade Nacional de Arquitetura e do Instituto de Educação e Docente do Colégio Pedro II. 3. Prof. Manoel Jairo Bezerra. Bacharel e licenciado em Matemática pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Professor do Colégio Pedro II, do Colégio Metropolitano e do Ginásio Municipal Clóvis Monteiro.

<sup>142</sup> “Didática da Matemática: a Matemática; seus conceitos, sua importância”. 1<sup>a</sup> edição.

cálculos; a ser correto na sua linguagem e, sobretudo, a ser sincero e leal em seus trabalhos, uma vez que [...] *mais do que qualquer outra ciência a Matemática proporciona ao homem conhecimentos exatos, precisos e racionais. E está sobejamente provado que tais conhecimentos são indispensáveis nos embates constantes da vida* (p.16).

Na Unidade II, o autor explora os múltiplos e variados problemas que se apresentam ao professor, no exercício de sua profissão; elencando as Instruções Metodológicas do Colégio Pedro II, elaboradas com o auxílio de outros colegas, como subsídios para os “quatro problemas didáticos”: [1] - A quem ensinar? [2] - O que ensinar? [3] - Como ensinar? e [4] - Para que ensinar?, tidos como finalidades da Matemática no curso secundário.

Finalmente, na Unidade X, são evidenciadas as múltiplas e importantes finalidades didáticas do jogo de classe, bem como, a utilização de recreações matemáticas, por considerar que *dentro da moderna orientação do ensino, cumpre ao professor conhecer algumas recreações matemáticas, pois terá muitas vezes, necessidade de aproveitá-las para motivar seus alunos e tornar mais agradável e interessante a aprendizagem da Ciência* (p.191).

Mello e Souza publicou vários outros livros, organizados fora do âmbito da CADES, que manifestavam as aproximações com o movimento escolanovista, abordando temas que focavam a ética profissional do professor, os métodos de ensino, a didática da Matemática, a arte de ler e contar histórias.

Antes de sua participação nos cursos ministrados pela CADES, Mello e Souza havia tido algumas experiências em cursos de formação de professores. Em 1921, substituiu Euclides Roxo na 11ª turma da Cadeira de Geometria, no Instituto de Educação. Além disso, ministrou as disciplinas *Matemática*, *Arte de Contar Histórias* [criada por ele], *Literatura Infantil* e *Folclore* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Correspondência Avulsa..., 1921). Segundo Irene de Albuquerque, em um artigo intitulado Malba Tahan, escritor e educador – [...] *a ele deve o Instituto de Educação a publicação de sua primeira revista*

*ALFA, sonho das meninas daquela casa, ao tempo de Lourenço Filho (Jornal dos Sports - JS Educação, 27.04.1980).*

Como professor na Escola Nacional de Belas Artes, das Cadeiras de Matemática Complementar e Superior (UFRJ – MUSEUS DOM JOÃO VI. *Registro 115...*, 1928; 1936), Mello e Souza manifestou suas preocupações com a elaboração de seu plano de ensino, justificando as *razões de ordem pedagógica que o levaram a dividir o programma em um numero determinado de aulas.*

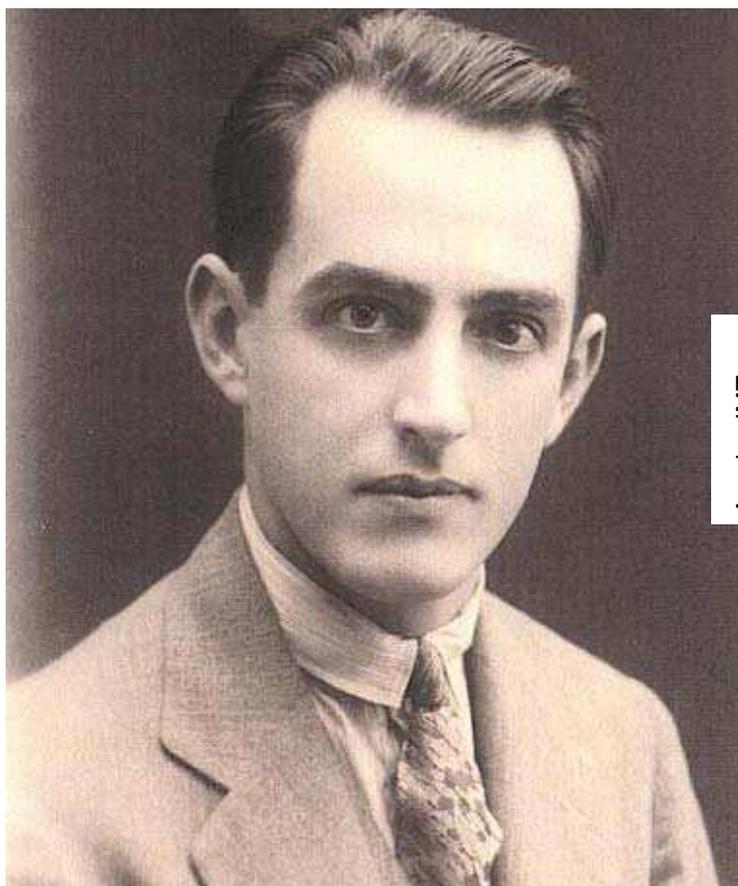


Figura 38 - Capa do Programa de Matemática Superior<sup>143</sup>, s.d.

Para ele, a Matemática Superior deveria atender às necessidades do ensino prático e teórico, pois, *na 1ª série [essa disciplina] não tem outra finalidade senão fornecer ao jovem, recursos para estudar, com real aproveitamento, as cadeiras do curso, diretamente relacionadas com a profissão de arquiteto. Em outras palavras: a Matemática para o arquiteto, deveria ser apresentada como um instrumento e não como um fim* (ARQUIVO PESSOAL – IMT. Correspondência de Mello e Souza..., 1950).

<sup>143</sup> O programa apresenta os seguintes conteúdos: Geometria Analítica; Cálculo Diferencial; Cálculo Integral; Noções de Cálculo Gráfico e de Nomografia (ARQUIVO PESSOAL IMT. Programa da ..., s/d)

A postura crítica e polêmica de Mello e Souza, assumida desde os tempos de escola, como redator-chefe do jornal “ERRE”, e que se tornaria uma de suas principais características; a prática de vender redações a seus colegas de classe; o exercício do magistério; a produção de obras destinadas à formação de professores e outras várias posições ocupadas revelam os dispositivos<sup>144</sup> utilizados na disputa das relações de poder, as quais, segundo Foucault (1988, p. 90) são *intencionais e não subjetivas*, pois [...] *não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos*.



Arquivo IMT.

Figura 39 – Mello e Souza na juventude, s.d.

A formação em humanidades e engenharia, obtida, respectivamente, na Escola Normal e na Escola Politécnica; as diferentes experiências advindas do magistério; a escrita de textos, o legitimavam a ensinar Matemática e o colocavam em lugar

<sup>144</sup> O significado de dispositivo aqui é tido como o utilizado por Foucault (1988, p. 244): “como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. [...] tem, portanto, uma função estratégica dominante”.

privilegiado para orientar as práticas pedagógicas de seus colegas de profissão. À medida que *não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder* (FOUCAULT, 1979, p. XXI), Mello e Souza, revestido pelos ditames de seus saberes matemáticos, utilizados como instrumentos de dominação, ditava regras de comportamentos e atitudes do bom professor, bem como, procurava demolir seus concorrentes e, dessa forma, promovia a constituição do professor-autor de assuntos relacionados à Matemática, mas como diz Foucault (1988, p. 91), [...] *onde há poder, há resistência...*

## EPISÓDIO V

### O “ARCHIVO” DE MALBA TAHAN: UMA MEMÓRIA DE SI A *POSTERIORI*

O archivo tem por fim conservar muitos papeis, cartas, retratos, cartões etc que não poderiam ficar no Diario. Será portanto um auxiliar magnifico e indispensável. Todo e qualquer documento de minha história será conservado de agora em diante no Archivo (ARQUIVO PESSOAL – IMT. 1918 -17 de novembro - grifos de Mello e Souza; *Archivo*, 1917 - 19, v., 1 Folha de Rosto)

À época dessa decisão, Mello e Souza contava com 23 anos de idade, ingressara no jornal *O Imparcial*, publicara alguns contos como sendo de R. S. Slady, lecionava as disciplinas de Geografia e História do Brasil no Grupo de Escolas Manuel Buarque e Comandante Midosi e cursava Engenharia Civil na Escola Polytécnica. Um conjunto de informações, possível de ser ampliado e relatado, graças a sua prática em produzir e guardar registros, a partir do que denominou de *archivo*.

Essa prática, no entanto, já existia anteriormente, pois ele tinha o hábito de conservar seus escritos. Isso aconteceu, por exemplo, com os fascículos do jornal “ERRE“, uma criação dos tempos de infância. Gostaria, então, de tratar de dois momentos, que considero bastante distintos: o primeiro, diz respeito ao *archivo*, idealizado e organizado por ele mesmo; e o segundo, ao *arquivo pessoal*, organizado por familiares, que com um propósito mais institucional, *instaura um lugar de recomeço* (DE CERTAEU, 2000, p. 82).

#### → **O Archivo**

O fragmento, em destaque, evidencia que Mello e Souza tinha o hábito de registrar suas experiências pessoais em um diário, espaço em que, geralmente, as pessoas depositam seus sentimentos mais íntimos, travando uma espécie de diálogo com um “melhor amigo”, seja para recordar, seja para, simplesmente, marcar momentos bons ou ruins.

Mas para quem e para que se faz um diário? Para si mesmo, como forma possível de se autobiografar. Nele estariam retratadas situações sigilosas, como as de fraquezas, angústias, desesperos, desprazeres, prazeres, desejos mais ardentes e inconfessáveis; produtos da mais profunda intimidade. Seria o sujeito falando de si, para si, de algo não revelador, proibido.

Viñao (2000, p. 181) na tentativa de tipificar algumas modalidades do gênero autobiográfico, a partir de uma perspectiva histórica, define o diário como sendo

[...] una sucesión de textos más o menos extensos – desde la nota o apunte suelto a varios folios -, escritos sobre la marcha, al hilo de los acontecimientos, con mayor o menor frecuencia y regularidad, a lo largo de los años o durante un período de tiempo determinado. El peso de la realidad inmediata, aún viva, sobre o a partir de la que se escribe, le confiere, por lo usual, un carácter fragmentario y atomizado. La ausencia de perspectiva temporal provoca además, en este tipo de textos, la yuxtaposición de detalles sin interés aparente junto a otros relevantes – aunque la relevancia histórica dependa de cual sea el objeto que hay que investigar y de metodología que se utilice.

Nesse sentido, parece-me que Mello e Souza, atribuindo importância para algumas situações, reveláveis e historicizantes, e não querendo ficá-las só para si, optou por separá-las, em espaços diferenciados, com a intenção de algo maior, de algo que ultrapassasse as fronteiras do seu diário; e, talvez, por meio do *archivo*, fosse possível idealizar um projeto de construção autobiográfica (RIBEIRO 1998; FRAIZ, 1998; ARTIÈRES 1998), realizado, em parte, 55 anos mais tarde, em seu livro *Acordaram-me de Madrugada: recordações de antigo aluno do Colégio Pedro II* (TAHAN, 1973).

A partir de um determinado momento, ou melhor, desde o início de sua trajetória<sup>145</sup>, ele mostrou-se preocupado com a conservação de alguns documentos que retratassem sua história e, dessa forma, reuniu e distribuiu, em vários cadernos - doravante denominados, por ele mesmo, de *archivo* - folhetos, recortes de jornais, correspondências, convites, fotografias, diplomas, medalhas, homenagens, testamento e alguns manuscritos, os quais, quase sem recorrência à vida pessoal e familiar – creio que para ele, tais informações, não condizentes aos aspectos profissionais, deveriam

---

<sup>145</sup> Utilizo aqui o termo trajetória para designar a pluralidade de campos simultâneos (BOURDIEU, 1998) experienciados por Malba Tahan e nos quais ocorreram táticas e estratégias (DE CERTAU, 1994), dialeticamente (FOUCAULT, 1979, 1988).

ficar no diário - registraram as suas várias palestras e conferências proferidas Brasil afora.

Posso dizer que seu *archivo* se aproxima dos *hupomnêmata*<sup>146</sup>, importantes na subjetivação do discurso, os quais, Foucault (2004, p. 149) insiste em não confundi-los com diários íntimos, por mais pessoais que sejam, pois, o movimento que eles procuram realizar [...] *trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito: reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si.*

Ao separar os documentos que não poderiam ficar no *Diário* em uma série de cadernos de notas, Mello e Souza intuía a diferença entre um e outro, e ratificava, com isto, a importância do caráter minúsculo de sua prática, para a construção de modos de subjetivação, produzidos numa conjuntura histórica, cultural e política, uma vez que, utilizando-se dos *hupomnêmata*, que lá estariam, a qualquer tempo, atualizaria seu próprio discurso, por meio do que acabara de inventar, ou seja, *um equipamento de discursos auxiliares* (Foucault, 2004, p. 148), com o qual construiria sua identidade para si e para os outros.

Sendo ele professor-autor, a organização de um *archivo* lhe possibilitaria produzir discursos, capazes de mostrar sua importância à sociedade e articular poder e saber, mas para produzir saber, deveria tomar parte em relações assimétricas de poder.

Em outras palavras, os efeitos mútuos de poder e saber que esses discursos propiciariam, chamados de produtividade tática e a correlação de forças necessária para sua utilização nos diversos confrontos produzidos, chamada de integração estratégica, não se dicotomizam em discursos admitidos/excluídos ou dominantes/dominados, pois segundo Foucault (1988, p. 95), *deve-se conceber o discurso [tanto] como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é*

---

<sup>146</sup> Tipo de prática textual comum e corrente na cultura greco-romana nos dois primeiros séculos do império. [...] Não deveriam ser “considerados como um simples suporte de memória, que se poderia consultar de tempos em tempos, caso se apresentasse uma ocasião. Eles não se destinam a substituir as eventuais falhas de memória. Constituem de preferência um material e um enquadre para exercícios a serem freqüentemente executados: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com os outros etc” (FOUCAULT, 2004, p. 148).

*uniforme, nem estável, [quanto] [...] como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes.*

O poder se define, conforme Foucault (1979, 1988) em luta, confronto, disputa, situação estratégica; não é um lugar que se ocupa, nem um objeto que se possui, ele não existe, ou melhor, o que existe são práticas sociais ou relações de poder, cotidianamente travadas por indivíduos e grupos sociais e, portanto, constituídas historicamente.

As relações de poder se exercem por meio de ações estratégicas, presentes tanto nos mecanismos de controle e governabilidade, quanto nos mecanismos de confronto. Constituindo modos possíveis de ação sobre a ação do outro, suas especificidades são distintas das capacidades objetivas - ação sobre as coisas - e das relações de comunicação - ação sobre o outro -. Estas, inseridas em um mundo eminentemente capitalista e globalizante, imbricam-se fortemente com aquelas.

Havendo poder, haverá resistência, entendida como *pontos móveis e transitórios que se distribuem por toda estrutura social* (FOUCAULT, 1979, p. XIV) e que representam outras formas de fazer possíveis no combate contra as diferentes formas de poder; e se o poder é exercido como relações de forças, isso implica em estratégias de lutas entabuladas, a todo instante, nas práticas cotidianas.

Os embates que Mello e Souza travara com seus pares, para permanência no mercado editorial, a mudança de concepção sobre Matemática e sobre seu ensino, a inserção das propostas educacionais vigentes em sua produção didática, os contratos firmados com suas parcerias, são exemplos de práticas discursivas, ora diferentes, ora contraditórias, que sinalizam ter uma função tática e, ao mesmo tempo, estratégica.

De Certeau (1994, p. 101), não perdendo de vista as relações de contradição, postas na estrutura social, também, falará em estratégias e táticas. Porém, adverte haver uma distinção entre elas, isto é, a tática é *determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder.*

De outro modo, as estratégias são ações que elaboram lugares institucionais, físicos, teóricos cuja base é o lugar do poder, designado ao forte. A tática pode ser considerada como a arte do fraco, pois, não conta com um lugar de poder, ela só tem por lugar o do outro, movimentando-se dentro do campo do inimigo e no espaço por ele controlado. É a partir desse seu lugar, que transforma os acontecimentos em ocasiões ou oportunidades astuciosas. O que ocorre é um jogo em que tanto a arte do forte quanto a arte do fraco compartilham de um repertório de práticas cotidianas; mas de lugares diferentes; e isso, o distancia de Foucault.

Por outro lado, De Certeau falará em práticas cotidianas como uma apropriação inventiva e criativa que o sujeito faz dos usos e costumes do “fazer” e do “fazer com” nas relações sócio-culturais, para produção de outros modos de existir; e Foucault falará em outros modos de existir possíveis no interior e na ambigüidade das relações de poder inerentes à vida social, do intercâmbio de práticas cotidianas, ou seja, para os dois, há a possibilidade de se fazer de outra maneira; viés que, no meu entender, os aproxima.

Diante da contribuição dada por De Certeau (1994, p. 46 – grifo do autor), isto é, chamando de estratégia *o cálculo das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’*; e de tática *um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto, com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível*, percebo, a partir do contato estabelecido com Foucault, acerca do conceito de poder, haver tensões no interior das práticas culturais, como também, percebo, no interior dessas mesmas tensões, movimentos de transformações, ou seja, as estratégias transformando-se em táticas e as táticas transformando-se em estratégias. Existem relações de poderes em ambos os lugares, pois, todo lugar social é um lugar de poder. Não importa em qual deles esteja o sujeito, porque ele produzirá brechas, possibilidades de rupturas, movimentos sociais, enfim, ele produzirá outras relações.

Ressignificar os conceitos trabalhados por De Certeau, a partir do conceito de poder de Foucault, permiti-me compreender o *archivo* de Mello e Souza, como um espaço rico

para a criação de discursos, bem como perceber, em sua organização, tanto elementos de “tática”, quanto, ao mesmo tempo, elementos de “estratégia”.

Considerando não ser possível arquivar a vida de uma vez por todas e, nesse sentido, poder refazê-la e reclassificá-la, a todo momento, concebo o *arquivo* como um lugar ideal para *gerir as relações com uma ‘exterioridade’ de alvos e ameaças*, caracterizando, dessa forma, um espaço inventivo e criativo das práticas cotidianas de Mello e Souza (DE CERTEAU, 1994, p. 99 – grifo do autor), ou seja, uma intencionalidade autobiográfica supõe uma prática escriturística, assinalada como uma *prática mítica moderna* (DE CERTEAU, 1994, p.224), portanto, capitalista e conquistadora.

Capitalista, por conferir ao sujeito o poder de estocar o passado e acomodar a seus modelos a diversidade do universo; conquistadora por garantir-lhe um espaço de domínio sobre o tempo e sobre as coisas, uma vez que, utilizando-se de uma página em branco, constrói seu texto e aí produz o seu querer. A Revista Brasileira de Matemática, os jornais, as produções didáticas, são documentos que lhe outorgam lugares de poder e explicitam, situações estratégicas.

Por outro lado, a longa duração da organização do *arquivo*, realizada em diferentes momentos, e em função disso, abarcar uma série de significados passíveis de alteração, transformou alguns acontecimentos em ocasiões, em oportunidades astuciosas, denotando, dessa maneira, uma certa fragilidade em face do esquecimento, do não pertencer à memória de outrem, que provavelmente, desalojado de condições mais seguras para se apresentar à sociedade mais ampla, precisava de uma tática eficaz para fazer-se respeitado. A escolha das parcerias, os contos de R. S. Slady indiciam essa carência.

De uma maneira geral, as pessoas guardam documentos que testemunharam momentos de sua vida, suas relações pessoais ou profissionais, seus interesses, seja por uma prática de arquivamento ou intenção autobiográfica, seja para responder a uma injunção social (ARTIÈRES, 1998).

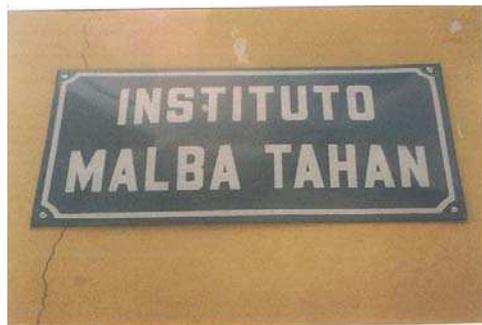
À medida que Mello e Souza preparava sua *coleção de si* (RIBEIRO, 1998) - aquela que guarda e registra o melhor de si próprio para a posteridade – selecionando, ele próprio, o material que considerava importante, tentou conduzir o processo de construção da sua identidade e delinear os contextos em que desejaria que ela se forjasse.

Como que querendo cristalizar o tempo, Mello e Souza conservara e organizara uma pequena parte das memórias de si, em cujos pequenos detalhes e dedicação caprichosa com que tratara o seu *arquivo*, repousa um pouco do processo de construção de sua identidade multifacetada. Com ele, haveria a possibilidade de edificar uma valiosa fonte de estudos *a posteriori* e fornecer a seus usuários - leitores ou pesquisadores - uma série de acontecimentos vistos como peças de um quebra cabeça: fragmentados e heterogêneos, prontos para compor algo maior.

#### → **O Arquivo Pessoal**

Onze anos após a sua morte, ocorrida aos 79 anos, na cidade de Recife, local em que proferia palestra sobre a arte de contar histórias (JORNAL DO BRASIL; FOLHA DE SP – 19 de junho de 1974), todo o material reunido por ele, isto é, seu *arquivo*, foi doado, por sua filha, à Prefeitura Municipal de Queluz – SP, constituindo, dessa forma, nas dependências do Centro Cultural da cidade, o Acervo Cultural Malba Tahan.

Reorganizado, posteriormente, por sua neta e com o intuito de oficializar sua produção intelectual e artística, o Acervo foi transformado, em 18 de setembro de 2004, em Instituto Malba Tahan – IMT, uma entidade sem fins lucrativos, responsável pela guarda e preservação daqueles documentos.



Fotos de Paulo Sampaio qlz ©.

Figuras 40 e 41 - Vistas laterais do prédio do IMT.

Para Foucault (2000) um arquivo não pode ser compreendido como sendo uma junção de vários textos guardados por uma cultura como testemunhos de seu passado; nem como instituições que permitem o acesso aos registros conservados e discursos mantidos como algo que se queira lembrar; nem como um agrupamento de documentos inertes e amorfos. Para ele, o arquivo é um espaço dinâmico, no interior do qual, os documentos formam figuras distintas, se compõem uns com os outros, diferenciam os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria; ele não unifica os discursos, nem tão pouco, os transforma em blocos estáticos, pois sua função é a de provocar rupturas, atualizar os enunciados, ser indescritível em sua totalidade.

De Certeau (2000), nessa mesma direção, enfatiza não bastar dar voz aos documentos adormecidos nos arquivos, é preciso tirá-los do cômodo lugar e fazê-los funcionar de outra forma, ressignificá-los. Mas para que isso ocorra é necessário haver condições apropriadas de pesquisa, é preciso mudar a utilização do arquivo, como também, fazer uma redistribuição do espaço, por meio de uma ação instauradora e de técnicas transformadoras.

Justamente, em função de um tratamento arquivístico inadequado e as más condições com que se encontravam as instalações do prédio, o Instituto não estava aberto para consultas, nem para pesquisas, somente para visitas<sup>147</sup>. Aqueles fatores, também, contribuíram para que, recentemente, em 27 de abril de 2007, ele fosse desativado, havendo a possibilidade de todo o material ali existente, embalado em nove grandes caixas e transferido para o bairro do Lême – RJ, na casa de sua neta, diretora do IMT, ser doado à uma universidade carioca. Em princípio, as negociações estavam sendo tratadas com a Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO, entretanto, não vingaram. Os documentos continuam encaixotados.

O arranjo inicial que Mello e Souza dera àqueles documentos, acabara por se perder, diante das mudanças de local, do manuseio amadorístico e do arquivamento inadequado; tornando-se impossível mantê-lo, tal qual foi por ele organizado, rompendo,

---

<sup>147</sup> Depois de muita negociação foi-me, com enormes restrições, permitido o contato com alguns documentos ali arquivados, nos meses de março e abril de 2006. Outras negociações se fizeram necessárias para que eu pudesse ir até à casa de sua neta em julho de 2007.

dessa forma, com um dos princípios da arquivística moderna, isto é, o respeito à ordem primitiva dos documentos, previamente, escolhidos (FRAIZ, 1998).

Talvez, a busca por aquela primeira organização pudesse fornecer outras informações acerca da natureza do *arquivo* ou a de seu criador, o que, sob um olhar mais apurado e distanciado do pesquisador, provavelmente, não reflita as intenções ou os sentidos que o seu titular pretendia (FRAIZ, 1998).

De acordo com Foucault (2000, p.150) [...] *o arquivo define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação*. Nesse sentido, gostos, hábitos e valores, também podem ser revelados pelo olhar do usuário do arquivo, que captará, daquele conjunto de informações, os “testemunhos” de que precisa para sua pesquisa, bem como, será este mesmo olhar que dará movimento aos enunciados e à compreensão daquela trajetória, admitida como a escrita de si.

Convém lembrar que as identidades podem ser construídas, apropriando-se, também, de discursos de terceiros, pois um arquivo implica não só a produção de discursos de seu titular como também a acumulação de discursos de outros (FRAIZ, 1998, p. 16)

Nas palavras de Pessoa (2006, p. 139),

Assim organizar a nossa vida que ela seja para os outros um mistério, que quem melhor nos conheça, apenas nos desconheça de mais perto que os outros. Eu assim talhei a minha vida, quase que sem pensar nisso, mas tanta arte instintiva pus em fazê-lo que para mim próprio me tornei uma não de todo clara e nítida individualidade minha.

A construção do *arquivo pessoal* de Malba Tahan, iniciada com o *arquivo* e com o desejo incutido de torná-lo público um dia, se configura como seu projeto autobiográfico, uma vez que, por intermédio dele, haveria a possibilidade de se expressar e forjar sua imagem diante do leitor da sua documentação.

Outros espaços públicos guardam e preservam documentos de Malba Tahan, que denotam outras histórias possíveis de se reconstruir outros modos de existir, dentre eles: o Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (RJ); o Museu da Imagem e

Do Som (RJ); o Museu Dom João VI da Escola Nacional de Belas Artes (UFRJ - RJ); o Museu da Escola Politécnica (UFRJ - RJ); a Fundação Biblioteca Nacional (RJ).

Para além das fronteiras destes espaços de memórias de si, há que se dizer, das circunstâncias criadas, noutros lugares, com o intuito de prestar-lhe homenagens póstumas.

Em 1995, a deputada Heloneida Studart encaminhara à Câmara dos Deputados um projeto de lei, convertido, em 29 de dezembro, na Lei Estadual 2501/95. A Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro decretou e o Governador Marcello Alencar sancionou que ficaria *instituído e incluído no Calendário Oficial do Estado do Rio o DIA DA MATEMÁTICA*. Em homenagem [a]o escritor, educador e matemático MALBA TAHAN - a maior expressão do binômio '*Ciência-Imaginação*'<sup>148</sup> - foi escolhido o dia 06 de maio, data de seu nascimento.

Anos mais tarde, em 2004, a Sociedade Brasileira de Educação Matemática - SBEM, por proposição de sua Diretoria Nacional Executiva – DNE - e de seu Conselho Nacional Deliberativo – CND -, também, elegeu o dia seis de maio como o **DIA NACIONAL DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**. Os objetivos pretendidos com essa iniciativa se acomodam em dois quesitos: primeiro, *divulgar a Matemática como área de conhecimento, sua história e suas aplicações no mundo contemporâneo, sua ligação com outras áreas de conhecimento*, e, segundo, *buscar derrubar mitos de que aprender Matemática é privilégio de poucos* (EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM REVISTA, 2004, p. 63).

A DNE da SBEM, também encaminhou à Câmara Federal, a proposta legislativa de criação do **DIA NACIONAL DA MATEMÁTICA**, conforme projeto de Lei, de autoria da professora e deputada federal Raquel Teixeira, com o intuito de incentivar *a promoção de atividades educativas e culturais alusivas à data*, em todo território brasileiro.

Em sua exposição de motivos, Raquel Teixeira alegou a contribuição dada por Malba Tahan, por meio de suas atividades tanto de ensino e pesquisa quanto de escritor, ao

---

<sup>148</sup> Retirado da carta de Monteiro Lobato a Malba Tahan acerca do livro *O Homem que Calculava*.

desenvolvimento da pedagogia da Matemática, razões essas, segundo ela, suficientes para a aprovação da proposta em apreço.

Essa aprovação, ainda, não se consolidou, entretanto, as diretorias regionais da SBEM, organizadas em diversos estados<sup>149</sup>, têm promovido e divulgado na *Revista da SBEM*, os eventos realizados em torno da figura de Malba Tahan.

---

<sup>149</sup> Acre, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe, Tocantins.

## EPISÓDIO FINAL

### REFAZENDO O CAMINHO

**Desde que tenho consciência de mim mesmo, apercebi-me de uma tendência nata em mim mesmo para a mistificação, para a mentira artística (PESSOA, 1986, p.16).**

Rio de Janeiro, cidade conhecida por suas belezas naturais, terra do carnaval, de um povo alegre e solidário, dos morros e favelas, das contradições sócio–econômicas, da insuportável violência, outrora, cidade pacata, sem grandes alardes, mas bela; terra natal de Júlio César de Mello e Souza, quarto filho do Tenente Coronel João de Deus de Mello e Souza e da professora primária Carolina Carlos de Mello e Souza.

Nascido em 06 de maio de 1895, muito cedo, juntamente com sua família, mudou-se para a cidade de Queluz, interior do Estado de São Paulo. Lá, numa casinha simples, de frente ao Rio Paraíba, muito próxima à Igreja matriz e à praça da prefeitura, passou uma infância feliz. Apesar de ter sido aluno de sua mãe, com quem aprendeu as primeiras letras, escrevia mal e era pouco interessado pela Matemática. Menino levado, aprontava das suas. Uma das artes? Bater nos cachorros que entravam na igreja, os quais saíam ganindo lamentosamente, perturbando a concentração dos fiéis. Outra? Colecionava sapos.

Para compensar estas e algumas outras molequices, inventava inusitadas histórias, as quais, por apresentarem, na maioria das vezes, um excesso de personagens, acabavam por deixá-los sem função em seus enredos.

Um pouco mais tarde, menino ainda, em atendimento a um desejo do pai, retornou à cidade do Rio, para estudar no Colégio Militar. Porém, não pode dar continuidade a seus estudos em função da pequena renda familiar. Transferiu-se, então, para o internato do Colégio Pedro II, local onde concluiu seus estudos secundários. Tornou-se professor primário pelo Instituto de Educação. Logrou o título de engenheiro civil pela Escola Politécnica, vinte anos depois de nela ter ingressado. Trabalhou, nesse ínterim, em biblioteca, jornal, escolas. Formou professores, escreveu livros.

Aliás, numa primeira tentativa em lançar publicamente alguns de seus escritos, viu-se impossibilitado de usar seu nome de batismo. Entretanto, publicou, no jornal carioca *O Imparcial*, em fins da década de 1910, cinco contos como R. S. Slady.

A tendência do escritor, polêmico e crítico, dera sinais, ainda em criança, nos tempos em que era, ele mesmo, ou melhor, Salomão IV o redator de uma de suas criações, assim como, o menino Julinho, autor das muitas redações vendidas, por 400 réis, para seus colegas no Colégio Pedro II.

À essa capacidade de Mello e Souza, em existir como agente em diferentes campos sociais, agregaram-se as de criar, inventar, criticar, polemizar e educar. Ao contrário do que se possa pensar, nem sempre se mostrou afetuoso ao ensino de Matemática. No entanto, possuía um saber matemático adquirido, sobretudo, nas disciplinas cursadas durante sua longa formação na Escola Politécnica, o que lhe habilitava ensinar Matemática.

Veio Malba Tahan, sua máquina de produção<sup>150</sup>, sua mistificação literária, que com seus “contos árabes”, deleitava o público leitor de jornais. Daí, seu primeiro livro em 1925. As idéias e concepções do educador foram elementos altamente essenciais para a escrita dos enredos, para a forja deste personagem.

Propositadamente, havia, em determinado momento, dois autores: um que escrevia para alunos e professores e outro que divulgava uma Matemática repleta de curiosidades e de aspectos históricos. Para o primeiro, uma época bastante promissora devido as publicações em parceria com professores do Colégio Pedro II, considerado, à época, “padrão de ensino” e, cujos conteúdos se ajustavam às idéias das novas propostas instaladas pela reforma de ensino. Para o segundo, um período ideal para estabelecer-se como escritor das histórias mirabolantes das mil e uma noites, uma vez que caíra nas graças dos que as liam.

---

<sup>150</sup> Expressão cunhada por Joaquim Inojosa em seu discurso de posse, em 15 de maio de 1975, da cadeira nº 8, vagada por Malba Tahan na Academia Carioca de Letras, intitulado Malba Tahan: o mercador de esperança (INOJOSA, 1975)

Com a proposta de disseminar fantasias e aguçar imaginações, o contador de histórias, o autor-personagem Malba Tahan, contrariaria os ideais da escola pitagórica, os quais determinavam que os conhecimentos matemáticos não deveriam ser transmitidos aos não iniciados nos complexos rituais da seita, devendo limitar-se a um grupo seleto de pessoas ligadas àquela sociedade e, portanto, revestindo-os de um caráter elitista e seletivo.

O extenso panorama de suas obras vislumbra prestígio, notoriedade e respeito. Contudo, possuidor de um estilo irrequieto, irreverente e provocador, nem sempre agradou a todos. Talvez, inventar Malba Tahan fosse a “válvula de escape” de um mundo sombrio; *um descanso na loucura* (Guimarães Rosa) das exigências de um mundo moderno e capitalista.

Para apropriar-se dos discursos permitidos, inseridos nos contextos dessa modernidade, acompanhou as modificações dos saberes ditados por reformas educacionais ou emergenciais e a elas adaptou as suas obras e a sua prática, seja para interferir na formação de novas gerações, e com isso difundir métodos de ensino “moderno”, seja para divulgar uma Matemática recreativa por meio das obras não didáticas.

Procurou estabelecer um diálogo harmônico, unidimensional, sem tensões, entre a Matemática e outras áreas do conhecimento, inclusive com a história, entretanto, uma história que privilegiava os fatos da História da Matemática, as biografias de grandes vultos e a vaga idéia da produção do conhecimento matemático; em outras palavras, uma história factual, personalista e etapista.

A rede de contatos que tecera, para sua constituição e permanência no mercado editorial por décadas, advém do movimento de comercialização e divulgação de seus diversos editores com os quais trabalhou, como também, das estratégias e táticas utilizadas, no interior das práticas culturais, compreendidas à luz de um olhar movediço, dialético, da história de um sujeito contestador, crítico, atropelador e, talvez, fragilizado pelas conseqüências de algumas atitudes que tomara.

Le Goff (1999, p. 26), apoiado em Bourdieu, afirma que *o indivíduo não existe a não ser numa rede de relações sociais diversificadas, e essa diversidade lhe permite também desenvolver seu jogo.*

Para se agüentar nas intempéries de um dia, o contista o faria viajar por lugares nunca antes visitados, apenas imaginados. Ele representaria o esforço necessário de todas as noites para conseguir manter a morte fora do ciclo da existência, assim como fez Shehrazade, que narrava, desesperadamente, até o amanhecer do dia para afastar a morte que a rondava.

Talvez, não tenha sido à toa, a escolha feita por Mello e Souza para seu deleite e deleite de seus leitores, ou seja, as histórias árabes. Os contos o manteria vivo, enquanto narrasse; o *archivo* o manteria vivo, na posteridade. Com os contos e com o *archivo*, haveria a possibilidade do controle daquilo que quisesse imortalizar, haveria a tentativa de conduzir o destino que lhe aprouvesse, haveria a permissão de se governar. *A gente morre é para provar que viveu, [mas] as pessoas não morrem, ficam encantadas* (Guimarães Rosa).

Malba Tahan, uma mentira artística, inventado para *surpreender o Brasil*, encantou-se em 18 de junho de 1974. Ele representa uma das rupturas, um dos abalos do professor-autor Júlio César de Mello e Souza na tentativa de se recriar, de se reinventar, de se ressignificar no cerne de suas práticas cotidianas.

## REFERÊNCIAS

### INTRODUÇÃO

#### → Fontes Primárias

ARQUIVO PESSOAL – IMT. Relação de livros publicados pela Editora Conquista, 27 de dezembro de 1951.

\_\_\_\_\_. Obras do Prof. Mello e Souza recebidas pela Biblioteca Nacional até 1964.

EDITORA RECORD. Catálogos on line. Disponível em: <[www.record.com.br](http://www.record.com.br)>. Acesso em: 25 abr.2007.

ESTANTE VIRTUAL. Catálogos on line. Disponível em: <<http://www.estantevirtual.com.br>>. Acesso em: 04 mai.2007.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL: Catálogos de livros. Disponível em : <<http://catalogos.bn.br>>. Acesso em: 02 jan. 2007.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM - MIS. *Depoimento de Malba Tahan*. Rio de Janeiro, 25.04.1973 - Audição em 04.07.2007.

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Biblioteca Virtual. <<http://lumen.pucsp.br>>. Acesso em: 27 abr.2007, 02 mai. 2007 (Biblioteca do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas); 02 mai.2007 (Biblioteca Nadir G. Kfourri).

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL: Biblioteca Virtual. Disponível em: <<http://verum.pucrs.br>>. Acesso em 02 mai.2007.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Biblioteca Virtual. Disponível em: <<http://dedalus.usp.br>>. Acesso em 25 abr. 2007

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Biblioteca Virtual. Disponível em: <<http://dewey.unicamp.br>>. Acesso em: 25 abr.2007.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Biblioteca Virtual. Disponível em: <<http://200.145.15:4505>>. Acesso em: 03 mai. 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO: Biblioteca Virtual. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ufpe.br>>. Acesso em: 03 mai.2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Biblioteca Virtual. Disponível em: <<http://fenix2.ufrj.br>>. Acesso em: 03 mai.2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Virtual. <<http://sabix.ufrgs.br>>. Acesso em: 15 mai.2007.

#### → Fontes Secundárias

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In : Revista de Estudos Históricos – Arquivos Pessoais, n. 21, 1998/1. Disponível em : <[www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)>.Acesso em: 14 mai. 2007.

BARBOSA, Ruy Madsen. *Descobrimo a geometria fractal – para a sala de aula*. Belo Horizonte : Autêntica, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORG). *Usos e abusos da História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro : Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

DE CERTAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro : Vozes, 1994.

FARIA, Juraci Conceição. *A prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan: um olhar a partir da concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda*. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista, 2004 (Dissertação de Mestrado).

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2000.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. In : *Revista de Estudos Históricos – Arquivos Pessoais*, n. 21, 1998/1. Disponível em: <[www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)>. Acesso em: 14 mai.2007.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926: vivendo no limite do tempo*. Rio de Janeiro : Record, 1999.

LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro ; Record, 1999.

LEVI, Giovani. Usos da biografia, In. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORG). *Usos e abusos da História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro : Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LORENZATO, Sérgio. Um (re)encontro com Malba Tahan. Zetetiké/Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Círculo de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática, ano 3, n. 4, novembro (1995) – Campinas, SP : UNICAMP – FE – CEMPEM, 1995.

LORIGA, Sabrina. A biografia como problemas. In; REVEL, Jacques (ORG). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro : Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MEIDANI, Helena. Malba Tahan. Matemática, Literatura e Educação. São Paulo: USP, 1997 (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, Cristiane de. Do menino “Julinho” a Malba Tahan: uma viagem pelo oásis do ensino da Matemática. Rio Claro SP – UNESP, 2001 (Dissertação de Mestrado).

PENA, Felipe. *Teoria da biografia sem fim*. Rio de Janeiro : Mauad, 2004.

PIRES, Celia Maria Carolino. *Currículos de Matemática: da organização linear à idéias de rede*. São Paulo : FTD, 2000.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... In : Revista de Estudos Históricos – Arquivos Pessoais, n. 21, 1998/1. Disponível em: <[www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)>. Acesso em: 14 mai.2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. In: *Anos 90 – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, n. 6. Porto Alegre : Núcleo de editoração do IFCH – UFRGS, 1996.

\_\_\_\_\_. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. Disponível em: <[www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)> - Revista de Estudos Históricos – Indivíduo, Biografia, História, n. 19, 1997/1. Acesso em: 14 mai. 2007.

\_\_\_\_\_. *Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)*. Porto alegre : Editora da Universidade – UFRGS, 2000.

SIQUEIRA FILHO, Moysés Gonçalves. (Re)criando modos de ver e fazer Matemática: as estratégias utilizadas por alunos adultos na Resolução de Problemas, 1999, 229 f. Mestrado em Educação. Área de Concentração: Educação Matemática - Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória, 24.09.99. Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Circe Mary Silva da Silva Dynnikov.

\_\_\_\_\_. Malba Tahan e os PCN: possíveis encontros. In: Anais do VII Encontro Nacional de Educação Matemática. Rio de Janeiro, 2001

SIQUEIRA FILHO, Moysés Gonçalves; SILVA, Circe Mary Siva da. História da Matemática em Malba Tahan (1895-1974). In: Anais do IV Seminário Nacional de História da Matemática. Natal- RN, 2001.

SOUZA, Cordovil Neves de; MAGALHÃES Geraldo Magela Obolari de; FERNANDES, Ivan da Matta Machado. Malba Tahan: um homem que educava. UNI-BH, 2002 (Monografia: Especialização em Educação Matemática)

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidade pedagógicas: do projeto político pedagógico ao projeto editorial (1931-1981)*. PUC, São Paulo, 2001. (Tese de Doutorado)

## **EPISÓDIO I**

→ **Fontes Primárias**

ARQUIVO PESSOAL - IMT. *Correspondências do Jornal “Folha da Noite”*. São Paulo: 30 de março de 1925; 15 de maio de 1925; 14 de julho de 1925.

\_\_\_\_\_. *Recibo de consignação da Livraria Lealdade*. São Paulo: abril de 1926.

\_\_\_\_\_. Recortes de Jornal. *Correio da Manhã*. Contos, 1926.

\_\_\_\_\_. *A Galera*. Contos, 1926.

\_\_\_\_\_. *O Número*. Contos, 1926

\_\_\_\_\_. *A Maçã*. Contos, 1926.

\_\_\_\_\_. *Revista da Semana*. Contos, s/d.

\_\_\_\_\_. Recortes de Jornal. *Comunicado do Jornal “Folha da Noite”* sobre a reinicialização dos Contos de Malba Tahan, 17.05.1926.

\_\_\_\_\_. *Correspondência da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, 23 de março de 1927.

\_\_\_\_\_. Menção Honrosa da Academia Brasileira de Letras para o livro *Céu de Alá*, 1930.

\_\_\_\_\_. Recortes de Jornal. *A União* - Lenda do Oásis, de Malba Tahan – Civilização Brasileira. João Pessoa, Parahyba: 13 de setembro de 1933.

\_\_\_\_\_. Recortes de Jornal. *Jornal do Commercio* – Livros e Revistas: publicações que nos enviaram. Manaus/AM: 28 e 29 de setembro de 1933.

\_\_\_\_\_. Recortes de Jornal. *O Jornal* – Lendas do Oásis. Natal/RN: 14 de outubro de 1933.

\_\_\_\_\_. Almanaque do Tico-Tico: “*O Peixinho Amarelo*” – Conto infantil de Malba Tahan, 1937.

\_\_\_\_\_. *Discurso de Malba Tahan na ABL*, 1939.

\_\_\_\_\_. Recortes de Jornal. *O Globo Juvenil*. Contos, 1942/1943.

\_\_\_\_\_. *Registro da Revista Al-Karismi*, 1946.

\_\_\_\_\_. Correspondências com Vieira de Mello: 15.01; 19.05; 26.05 de 1947.

\_\_\_\_\_. *Minuta de Procuração a Hélio Marcial de Faria Pereira*. 09 de novembro de 1964

\_\_\_\_\_. Recorte de jornal. *Folha Israelita*. O Romance do filho pródigo por Fernando Levyski. 13 de agosto de 1967.

\_\_\_\_\_. Recorte de jornal. *Jornal Israelita*. Um novo livro de Malba Tahan 31 de dezembro de 1967.

\_\_\_\_\_. *Jornal Última Hora. Concursos, 1972*

\_\_\_\_\_. *Correspondência acerca do livro Numerologia. 17 de agosto de 1973.*

\_\_\_\_\_. *Documento sobre a vida e obra de Malba Tahan. Elaborado por MESENTIER, Humberto, s/d.*

\_\_\_\_\_. MARIO COPPETTI. *Carta-convênio. 17 de outubro de 1940.*

\_\_\_\_\_. MARIO COPPETTI. *Correspondências. 08.12.1940; 14.02.1941; 27.03.1941; 28.05.1941; 24.07.1941; 21.08.1941; 11.12.1941; 07.01.1943; 10.10.1951.*

\_\_\_\_\_. SARAIVA. *Correspondências acerca dos livros Amor de Beduíno e O Terceiro Motivo. 20 de março de 1950.*

\_\_\_\_\_. SARAIVA. *“A Tribuna” de Santos. 31 de março de 1950.*

\_\_\_\_\_. CONQUISTA. *Contrato do livro Dicionário da Matemática. 26 de maio de 1950.*

\_\_\_\_\_. CONQUISTA. *Correspondência de Hersen sobre o livro Lendas do Céu e da Terra. 26 de junho de 1950.*

\_\_\_\_\_. CONQUISTA. *Correspondência de Hersen sobre o livro Matemática – série Admissão. s.d.*

\_\_\_\_\_. CONQUISTA. *Relação dos livros publicados pela editora*. 27 de dezembro de 1951.

\_\_\_\_\_. CONQUISTA. *Alteração de contrato*. 06 de março de 1961

\_\_\_\_\_. GRAFICA EDITORA AURORA. *Demonstrativo de contas*. 04 de abril de 1951.

\_\_\_\_\_. CHARLES FRANK PUBLICATIONS, Inc. *Correspondência*. 21 de outubro de 1964.

\_\_\_\_\_. CHARLES FRANK PUBLICATIONS, Inc. *Correspondência a Dora Vasconcelos*. 09 de novembro de 1964.

\_\_\_\_\_. CHARLES FRANK PUBLICATIONS, Inc. *Correspondência*. 16 de novembro de 1964.

\_\_\_\_\_. CHARLES FRANK PUBLICATIONS, Inc. *Correspondência*. 02 de dezembro de 1964.

\_\_\_\_\_. CHARLES FRANK PUBLICATIONS, Inc. *Correspondência*. 08 de dezembro de 1964.

\_\_\_\_\_. CHARLES FRANK PUBLICATIONS, Inc. *Minuta de Contrato para publicação do livro de "O Homem que Calculava" nos EUA*. 15 de dezembro de 1964.

\_\_\_\_\_. CIA EDITORA AMERICANA. *Contrato do livro Numerologia*. 17 de agosto de 1970.

\_\_\_\_\_. EDITORA ABRIL. *Correspondência*. 22 de maio de 1973.

\_\_\_\_\_. GRAFIPAR. *Rescisão de contrato*. 04 de julho de 1979.

EDITORA RECORD. Catálogos on line. Disponível em: <[www.record.com.br](http://www.record.com.br)>. Acesso em: 25 abr.2007.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MIS. *Depoimento de Malba Tahan*. Rio de Janeiro: 1973

UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - MUSEU DOM JOÃO VI. *Atas Sessões da Congregação da Escola Nacional de Belas Artes –1931 a 1948 – Livro n. 6159, p.43 e verso; p. 44.*

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - LIHED – Núcleo de Pesquisa sobre o Livro e a História Editorial no Brasil. Livro de Contratos Editora Francisco Alves.

→ **Fontes Secundárias**

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. USP, 1993. (Tese de Doutorado)

COSTA, Cristiane. *Mil e uma Fábulas: com uma série de lançamentos e reedições de clássicos como Malba ahan, será aberto ao público hoje o primeiro Salão do Livro Para Crianças e Jovens no MAM, Jornal do Brasil, 06.11.1999.*

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

DIAS, André. Luis Mattedi. *A Revista Brasileira de Matemática*. In: *Anais do IV Seminário de História da Matemática*. Natal : Editora da SBHMat, 2001.

FARIA, Juraci Conceição. *A prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan: um olhar a partir da concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda*. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista, 2004 (Dissertação de Mestrado).

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo : Edusp, 2.ed., rev. e ampl., 2005.

INOJOSA, Joaquim. *Malba Tahn, o mercador de esperança*. Rio de Janeiro: Academia carioca de Letras, 1975.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo : Edusp : Com-Arte, 2006.

LOPES, Maria Laura Mouzinho Leite. In: *Educação Matemática em Revista*. Ano VII, n. 8, jun/2000.

LORENZATO, Sérgio. Um (re)encontro com Malba Tahan. Zetetiké/Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Círculo de Estudo, Memória e Pesquisa em Educação Matemática, ano 3, n. 4, novembro (1995) – Campinas, SP : UNICAMP – FE – CEMPEM, 1995.

\_\_\_\_\_. Malba Tahan, um precursor. In: *Educação Matemática em Revista*. Ano XI, n. 16, mai/2004.

MEIDANI, Helena. Malba Tahan. Matemática, Literatura e Educação. São Paulo: USP, 1997 (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, Cristiane Coppe. *Do menino "Julinho" a Malba Tahan: uma viagem pelo Oásis do ensino da Matemática*. UNESP, Rio Claro, 2001 (Dissertação de Mestrado).

PAIXÃO, Fernando. *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo : Ática, 1998.

SCHMIDT, Mario Furley. *Nova história crítica do Brasil: 500 anos de história malcontada*. São Paulo : Nova Geração, 1997.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. rio de Janeiro : Mauad, 1999.

SOUZA, Cordovil Neves de; MAGALHÃES Geraldo Magela Obolari de; FERNANDES, Ivan da Matta Machado. Malba Tahan: um homem que educava. UNI-BH, 2002 (Monografia: Especialização em Educação Matemática)

TAHAN, Malba. *Matemática divertida e pitoresca*. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1941.

\_\_\_\_\_. *O Homem que Calculava*. São Paulo : Saraiva, 1949.

\_\_\_\_\_. *Matemática divertida e delirante*. São Paulo: Saraiva, 1965.

\_\_\_\_\_. *A Sombra do Arco-Íris*. 1º volume. 11ª edição. Rio de Janeiro: Conquista, 1963.

\_\_\_\_\_. *O Romance do Filho Pródigo*. Rio de Janeiro : Conquista, 1967.

\_\_\_\_\_. *Ainda não doutor*. Rio de Janeiro : Conquista, 1967.

\_\_\_\_\_. *O Mistério do Mackenzista*. São Paulo : EDICEL, 1970.

\_\_\_\_\_. Moslim, o invejoso. In : *Revista O Cruzeiro*. Ano I, n.1, Novembro de 1928. [Documento extraído da FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – FBN].

\_\_\_\_\_. *Contos de Malba Tahan*. Rio de Janeiro: Braslux, 1925. [Documento consultado na FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – FBN].

VALENTE, Wagner Rodrigues. Mello e Souza e a crítica aos livros didáticos de Matemática: demolindo concorrentes, construindo Malba Tahan. In: *Revista Brasileira de História da Matemática*, v.4, n.8, out.2004.

VILLAMEA, Luiza. *Malba Tahan: o genial ator da sala de aula*. In: *Nova Escola*, ano X, n. 87, setembro, 1995.

## **EPISÓDIO II**

### **→ Fontes Primárias**

ARQUIVO PESSOAL – IMT. *Memorandum* - ERBAS DE ALMEIDA. 03 de agosto de 1932.

\_\_\_\_\_. *Contrato Particular de Edição entre Mello e Souza, Irene de Albuquerque, F. Acquarone e a Editora ABC*. 12 de abril de 1937.

\_\_\_\_\_. *Correspondência de Antenor Nascentes*. 15 de dezembro de 1930.

\_\_\_\_\_. Recortes de Jornal. *Livros Novos*. 14 de agosto de 1932.

\_\_\_\_\_. CONQUISTA. *Contrato para edição do livro Matemática para Você*, 1950.

BRASIL. Decreto nº 20.158/95. Disponível em <[www. cosif.com.br](http://www.cosif.com.br)>. Acesso em:

COLÉGIO PEDRO II. *Livro de Registros de Actas de Concurso: setembro/1925 a fevereiro/1975 – livro 5*

\_\_\_\_\_. *Anuário do Colégio Pedro II*, v. XV, 1949 -1950. RJ, 1954.

PUC-SP - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA - ARQUIVO PESSOAL EUCLIDES ROXO - APER. ER.T.1.006 - Minuta de contrato para a publicação da Coleção Curso de Matemática da autoria de Roxo, Thiré e Mello e Souza.

UFF- UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - LIHED – Núcleo de Pesquisa sobre o Livro e a História Editorial no Brasil. Catálogos da Livraria Francisco Alves.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas Editora Francisco Alves.

#### → **Fontes Secundárias**

AGUIAR, José Márcio de. *Coletânea da legislação federal do ensino*. Belo Horizonte : Lâncer, 1997.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda *Filosofia da Educação*. SP: Moderna, 2. ed. revisada e ampliada, 1996a.

\_\_\_\_\_. *História da Educação*. SP: Moderna, 2. ed. rev. e atual., 1996b.

BELTRAME, Josilene. *Os programas de ensino de Matemática do Colégio Pedro II: 1837–1932*. – Rio de Janeiro: PUC - Departamento de Matemática, 2000. (Dissertação de Mestrado)

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 1. ed. São Paulo : Brasiliense, 1989. - (obras escolhidas; v. 3)

DASSIE, Bruno Alves. A Matemática do Curso Secundário na Reforma Capanema. In: *Anais do V Seminário Nacional de História da Matemática*. SP, Rio Claro: UNESP, 2003.

DASSIE, Bruno Alves; CARVALHO, João Bosco Pitombeira de.; ROCHA, José Lourenço da. Uma coleção revolucionária. In: *História & Educação Matemática*, v.2, n.2 jun/dez., 2001, jan/dez, 2002.

DEWEY, John. *Democracia e Educação: introdução à filosofia da educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 3. ed., Atualidades pedagógicas, v.21, 1959.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo : Loyola, 10.ed., 2004.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens entrecruzadas de infância e produção de conhecimento histórico em Walter Benjamim. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; FABRI, Zélia de Brito; PRADO, Patrícia Dias (ORG). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas, SP : Autores associados, 2002.

GHIRALDELLI JR., Paulo. *História da Educação*. SP : Cortez, 2. ed. rev., 2001.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo : Edusp, 2.ed., rev. e ampl., 2005.

LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores? : política para a cultura/ política para o livro*. São Paulo : Summus, 2004.

MELLO E SOUZA, Júlio César; ALBUQUERQUE, Irene de. *Tudo é Fácil*. 13. ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1959.

MIGUEL, Antonio.; MIORIM, Maria Angela. *História na Educação Matemática: propostas e desafios*. Belo Horizonte : Autêntica, 2004.

PILETTI, Claudino. *Filosofia da Educação*. 9. ed. São Paulo : Ática, 1997.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis : Editora Vozes, 21ª ed.,1998.

ROXO, Euclides. *Curso de Matemática Elementar*. Vol. 1. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1929.

ROXO, Euclides; THIRÉ, Cecil.; MELLO E SOUZA, Júlio César de. *Curso Matemática: 3º ano*. 2. ed. Rio de Janeiro : Livraria Francisco Alves, 1935.

\_\_\_\_\_. *Curso Matemática: 4º ano*. 4. ed. Rio de Janeiro : Livraria Francisco Alves, 1938.

\_\_\_\_\_. *Curso Matemática: 5º ano*. Rio de Janeiro : Livraria Francisco Alves, 1934.

\_\_\_\_\_. *Matemática Ginásial*. 2ª série. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1943.

SOARES, Lucila. *Rua do Ouvidor, 110: uma história da livraria José Olympio*. Rio de Janeiro; José Olympio/FBN, 2006.

SOUZA, Ricardo Márcio de. *Um estudo sobre as influências do Primeiro Movimento Internacional de Modernização do Ensino de Matemática nos livros didáticos brasileiros*. Relatório final de iniciação científica à FAPESP. Campinas: Unicamp, 1998.

TAHAN, Malba. *Matemática Divertida e Delirante*. São Paulo : Saraiva, 1965.

\_\_\_\_\_. *Didática da Matemática*. v. 2. São Paulo : Saraiva, 1962.

THIRÉ, Cecil.; MELLO E SOUZA, Júlio César. *Matemática*: 1º ano. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1934.

\_\_\_\_\_. *Matemática*: 2º ano. 3. ed. Rio de Janeiro : Livraria Francisco Alves, 1933.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidade pedagógicas: do projeto político pedagógico ao projeto editorial (1931-1981)*. PUC, São Paulo, 2001. (Tese de Doutorado)

VECCHIA, Ariclê; LORENZ, Karl Michael. *Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850 – 1951*. Curitiba: Ed. do Autor, 1998.

### **EPISÓDIO III**

#### **→ Fontes Primárias**

MELLO E SOUZA. Júlio César. Álgebra sem dívidas... In : SEREBRENICK, Salomão; MELLO E SOUZA, Júlio César. *Revista Brasileira de Matemática – RBM*. Rio de Janeiro: Ano IV, Abril-Maio-Junho, n. 1-2-3, 1933.

\_\_\_\_\_. Um livro ridículo e Errado. In: *A Nação*. Rio de Janeiro: Domingo, p.14, 02 de abril de 1933. [Documento extraído da FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – FBN].

STÁVALE, Jacomo. *Coisas da...Mathematica*: resposta ao professor Julio Cesar de Mello e Souza, lente cathedratico do Instituto de Educação e da Escola Nacional de Bellas Artes; redactor-chefe da Revista Brasileira de Mathematica. SP: Companhia Editora Nacional, 1933

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - LIHED – Núcleo de Pesquisa sobre o Livro e a História Editorial no Brasil. Livro de Contratos da Editora Francisco Alves, 24.09.1930.

→ **Fontes Secundárias**

AGUIAR, José Márcio de. *Coletânea da legislação federal do ensino*. Belo Horizonte : Lâncer, 1997.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda *Filosofia da Educação*. SP: Moderna, 2. ed. revisada e ampliada, 1996a.

\_\_\_\_\_. *História da Educação*. SP: Moderna, 2. ed. rev. e atual., 1996b.

BELTRAME, Josilene. *Os programas de ensino de Matemática do Colégio Pedro II: 1837–1932*. – Rio de Janeiro: PUC - Departamento de Matemática, 2000. (Dissertação de Mestrado)

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. USP, 1993 (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. *Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 475-491, set./dez, 2004.

BRAGANÇA, Aníbal. A Francisco Alves no contexto da formação de uma indústria brasileira do livro. In : *Livro do Seminário - I Seminário Brasileiro sobre o livro e a história editorial*. UFF, 2004.

DALCIN, Andrea. *Influências do primeiro Movimento Internacional para a Modernização do Ensino da Matemática e do Movimento Escola Nova nas obras de Monteiro Lobato e Júlio César de Mello e Souza*. 2002. [No prelo]

DASSIE, Bruno Alves; CARVALHO, João Bosco Pitombeira de.; ROCHA, José Lourenço da. Uma coleção revolucionária. In: *História & Educação Matemática*, v.2, n.2 jun/dez., 2001, jan/dez, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro : Edições Graal,1979.

GHIRALDELLI JR., Paulo. *História da Educação*. SP : Cortez, 2. ed. rev., 2001.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo : Edusp, 2.ed., rev. e ampl., 2005.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor. São Paulo : Edusp : Com-Arte, 2006.

LINDOSO, Felipe. *O Brasil pode ser um país de leitores? : política para a cultura/ política para o livro*. São Paulo : Summus, 2004.

LOBATO, Monteiro. *Aritmética da Emília*. SP : Brasiliense, 1986.

LONGEN, Adilson. Livros didáticos de Algacyr Munhoz Maeder sob um olhar da Educação Matemática. Universidade Federal do Paraná, 2007 (tese de Doutorado).

MIORIM, Maria Angela. *Introdução à História da Educação Matemática*. São Paulo: Atual, 1998.

\_\_\_\_\_. A Biblioteca Pedagógica Brasileira da Companhia Editora Nacional e o Ensino de Matemática: livros, autores e estratégias editoriais. In: *Revista Horizontes – Matemática, Cultura e Práticas Pedagógicas*, v. 24, n. 1, jan-jun. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

PAIXÃO, Fernando. *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo : Àtica, 1998.

PAULILO, André Luiz. A Escola Nova: as contribuições discursivas. In: *Atas do II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. v.1. SP : Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1998.

ROCHA, André. Em defesa do Prof. Stávale. In: TAHAN, Malba. *Matemática divertida e delirante*. São Paulo: Saraiva, 1965.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis : Editora Vozes, 21ª ed.,1998.

TAHAN, Malba. *Matemática divertida e delirante*. São Paulo: Saraiva, 1965.

\_\_\_\_\_. *O Homem que Calculava*. 11. ed. São Paulo : Saraiva, 1949.

\_\_\_\_\_. *Lendas do Oásis*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidade pedagógicas: do projeto político pedagógico ao projeto editorial (1931-1981)*. PUC, São Paulo, 2001. (Tese de Doutorado)

VALENTE, Wagner Rodrigues. Mello e Souza e a crítica aos livros didáticos de Matemática: demolindo concorrentes, construindo Malba Tahan. In: *Revista Brasileira de História da Matemática*, v.4, n.8, out.2004.

\_\_\_\_\_. Controvérsias sobre educação matemática no Brasil: Malba Tahan versus Jacomo Stávale. *Cadernos de Pesquisa*, n. 20, p.151-167, nov./2003.

## **EPISÓDIO IV**

### **→ Fontes Primárias**

ALBUQUERQUE, Irene de. Malba Tahan, escritor e educador. In: *Jornal dos Sports - JS Educação*, 27.04.1980.

ARQUIVO PESSOAL – INSTITUTO MALBA TAHAN. *Jornal ERRE*. Ano I, n. 01, 1907.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano I, n. 02, 1907.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano I, n. 04, 1907.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano I, n. 06, 1907.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano I, n. 07, 1907.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano I, n. 11, 1907.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano I, n. 12, 1907.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano I, n. 13, 1907.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano I, n. 14, 1907.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano II, n. 15, jan. 1908.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano II, n. 16, fev. 1908.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano II, n. 17, mar. 1908.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano II, n. 18, abr. 1908.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano II, n. 19, mai. 1908.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano II, n. 22, ago. 1908.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano II, n. 24, out. 1908.

\_\_\_\_\_. *Jornal ERRE*. ano II, n. 25, nov. 1908.

\_\_\_\_\_. *Discurso de Malba Tahan na ABL*, 1939.

\_\_\_\_\_. *Correspondência da Escola Nacional de Química*. 05 de junho de 1940.

\_\_\_\_\_. *Correspondência da Escola Nacional de Química*. 12 de junho de 1940.

\_\_\_\_\_. *Correspondência para o Diretor a Escola Nacional de Química*. 18 de junho de 1940.

\_\_\_\_\_. *Caderno-Diário de Viagens: Vitória*, 1942; 1971.

\_\_\_\_\_. *Programa da disciplina Matemática Superior*, s.d.

\_\_\_\_\_. *Correspondência de Mello e Souza aos colegas da Faculdade de Nacional de Arquitetura sobre a disciplina Matemática Superior*. 10 de janeiro de 1950

\_\_\_\_\_. *Observações feitas, à mão, por Malba Tahan acerca de alguns professores de sua equipe da (CADES)*. Vitória/ES, 1958.

\_\_\_\_\_. *Renovação integral do métodos de ensino: o método dos jograis com caderno dirigido*. 1963.

\_\_\_\_\_. *Nomeação de Júlio César de Mello e Souza : auxiliar da Biblioteca Nacional durante o impedimento do efectivo Alfredo de Araújo Lopes da Costa*. Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1912

\_\_\_\_\_. *Correspondência Avulsa*: substituição de Euclides Roxo por Mello e Souza, na 11ª turma da cadeira de geometria da Escola Normal, de acordo com o artigo 85. 06 de junho de 1921.

COLÉGIO MILITAR. Regulamento dos Colégios Militares. Disponível em: <[http://www.cmrj.ensino.eb.br/legilacao/regulamentos/regulamento\\_cm](http://www.cmrj.ensino.eb.br/legilacao/regulamentos/regulamento_cm)>. Acesso em: 27 dez. 2007.

COLÉGIO PEDRO II - NUDOM. Núcleo de Documentação e Memória. *Revista Studia*, n.10, Ano X, dezembro 1980.

\_\_\_\_\_. *Livro de Registros de Actas de Concurso: set/1925 a fev/1975 – livro 5*

\_\_\_\_\_. *Anuário do Colégio Pedro II*, v. XV, 1949 -1950. Rio de Janeiro, 1954.

\_\_\_\_\_. *Colégio Pedro II e sua tradição*. Rio de Janeiro, 1965.

\_\_\_\_\_. *Notas de aplicação, procedimento e faltas do aluno Júlio César de Mello e Souza*. Rio de Janeiro, nov/1909; set/1910; jun/1911 .

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM - MIS. *Depoimento de Malba Tahan*. Rio de Janeiro, 25.04.1973 - Audição em 04.07.2007.

UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - MUSEU DA ESCOLA POLYTÉCNICA DO RIO DE JANEIRO. *Dossiê Júlio César de Mello e Souza*, maço 21, n. de ordem 1952A.

\_\_\_\_\_. MUSEU DOM JOÃO VI. *Registro 115*. Professores/Disciplinas da Escola Nacional de Belas Artes, 1928; 1936.

→ **Fontes Secundárias**

AGUIAR, José Márcio de. *Coletânea da legislação federal do ensino*. Belo Horizonte : Lâncer, 1997.

BARALDI, Ivete Maria; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Um recorte histórico na formação de professores de Matemática no interior do Estado de São Paulo: A CADES. In: *Anais V Seminário Nacional de História da Matemática*. SP, Rio Claro: UNESP, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (ORG). *Usos e abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro : Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro : Edições Graal,1979.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal,1988

\_\_\_\_\_. *A Ordem do discurso*. São Paulo : Loyola, 10.ed., 2004.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 34. ed., 2007

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Imagens entrecruzadas de infância e produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; FABRI, Zélia de Brito; PRADO, Patrícia Dias (ORG). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas, SP : Autores associados, 2002.

GHIRALDELLI JR., Paulo. *História da Educação*. SP : Cortez, 2. ed. rev., 2001.

MELLO E SOUZA, João Batista. *Meninos de Queluz: crônica de saudade*. Rio de Janeiro : Editora Aurora Ltda, 1948.

MIORIM, Maria Angela. *Introdução à História da Educação Matemática*. São Paulo: Atual, 1998.

MORAES, Ceres Marques de; MELLO E SOUZA, Júlio César de; BEZERRA, Manoel Jairo. *Apostilas de Didática Especial de Matemática*. Ministério da Educação e Cultura - Campanha de aperfeiçoamento e difusão do ensino secundário: CADES, 1959.

PRADO, Rosemeiry de Castro. *Do Engenheiro ao Licenciado: os concursos à cátedra do Colégio Pedro II e as modificações do saber do professor de Matemática do ensino secundário*. PUC, São Paulo, 2003 (Dissertação de Mestrado).

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis : Editora Vozes, 21<sup>a</sup> ed., 1998.

SILVA, Circe Mary Silva da. *A preparação dos professores de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FFCL da USP*, 2002.

TAHAN, Malba. *Acordaram-me de madrugada: recordações de antigo aluno do Colégio Pedro II* . Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Colégio Pedro II, 1973

TAVARES, Jane Cardote. *A congregação do Colégio Pedro II e os debates sobre o ensino de Matemática*. PUC, São Paulo, 2002. (Dissertação de Mestrado).

## EPISÓDIO V

### → Fontes Primárias

ARQUIVO PESSOAL – IMT. *Arquivo*. 1917-19, v. 1, folha de rosto.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Folha de São Paulo*. Aos 79 anos, faleceu Malba Tahan. São Paulo: quarta feira, *Caderno de Educação*, p. 12, 19 de junho de 1974.

\_\_\_\_\_. *Jornal do Brasil*. Malba Tahan morre de edema em Recife onde ensinava a arte de contar histórias. Rio de Janeiro: quarta-feira, *1º Caderno*, p. 5, 19 de junho de 1974.

### → Fontes Secundárias

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In : Revista de Estudos Históricos – Arquivos Pessoais, n. 21, 1998/1. Disponível em : <[www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)>. Acesso em: 14 mai. 2007.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1998

DE CERTAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro : Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2000.

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM REVISTA. *Criação do dia Nacional da Matemática*. IN: Revista da Sociedade Brasileira de Educação Matemática, ano 11, n.16, maio de 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro : Edições Graal,1979.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal,1988

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. A escrita de si. In: *Ética, Sexualidade, Política. Coleção Ditos & Escritos V*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2004.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. In : *Revista de Estudos Históricos – Arquivos Pessoais*, n. 21, 1998/1. Disponível em:<[www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)>. Acesso em: 14 mai.2007.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... In : *Revista de Estudos Históricos – Arquivos Pessoais*, n. 21, 1998/1. Disponível em: <[www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)>. Acesso em: 14 mai.2007.

TAHAN, Malba. *Acordaram-me de madrugada: recordações de antigo aluno do Colégio Pedro II* . Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Colégio Pedro II, 1973

VIÑAO, Antonio. Autobiografía, memórias y diários como fuente histórico-educativa: tipología y usos. In: BERRIO, Julio Ruiz. *La cultura escolar de Europa: tendencias históricas emergentes*. Madrid: Edit Biblioteca Nueva, 2000.

## **EPISÓDIO FINAL**

→ **Fontes Secundárias**

INOJOSA, Joaquim. *Malba Tahan, o mercador de esperança*. Rio de Janeiro: Academia Carica de Letras , 1975.

LE GOFF, Jacques. *São Luis*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A

### BIBLIOGRAFIA DO VOLUME I DO LIVRO *MATEMÁTICA*

AUTOR	OBRA	ANO
<b>H. Bouasse et E. Tourrière</b>	Exercices e compléments des Mathématiques Générales	1920
<b>F. Vianna</b>	As modernas diretrizes do ensino primário	1930
<b>Léon Brunschvicz</b>	Les estapes de la Philosophie Mathématique	[s.d]
<b>Rousse Ball</b>	Récréations Mathématiques et Problèmes	1926
<b>Hoeffler</b>	Histoire des Mathématiques	1886
<b>Carlo Bourlet</b>	Cours abrégé d'Arithmétique	[s.d]
<b>Jules Tannery</b>	Leçons d'Arithmétique – Liv. Armand Colin	1911
<b>E. Fourrey</b>	Récréations Arithmétiques	[s.d]
<b>Malba Tahan</b>	Contos de Malba Tahan/O homem que calculava	[s.d]
<b>Pierre Boutrox</b>	Les principes de l'Analyse Mathématique	[s.d]
<b>Adrien Favre</b>	Les origines du Système Métrique	1931
<b>Prof. Dulcídio Pereira</b>	Notas de curso [Escola Politécnica]	[s.d]
<b>J. Frécaut</b>	Système M.T.S.	1922
<b>Gino Loria</b>	Histoire des Sciences Mathématiques dans l'Antiquité Hellénique	[s.d]
<b>F. de A. Vasconcelos</b>	História da Matemática na antigüidade	[s.d]
<b>Amoroso Costa</b>	As idéias fundamentais da Matemática	1929
<b>Knopp</b>	Teoria das funciones. Ed. Labor	[s.d]
<b>A. Lucas</b>	Récréations Mathématiques	[s.d]
<b>Agliberto Xavier</b>	Approximations numeriques	[s.d].

## APÊNDICE B

### BIBLIOGRAFIA DO VOLUME II DO LIVRO *MATEMÁTICA*

AUTOR	OBRA	ANO
<b>M. Stuyvaert</b>	La Bosse des Mathématiques	1927
<b>Abel Rey</b>	La science orientale avant les grecs	1030
<b>G. Zeuthen</b>	História da Matemática	[s.d]
<b>Raja Gablaglia</b>	Papiro Rhind	[s.d]
<b>F. de A. Vasconcellos</b>	História das Matemáticas na antigüidade	[s.d]
<b>Rousse Ball</b>	Histoire de Mathématique, v. 1 – trad.:L. Freund	1927
<b>B. Niewenglowski &amp; L. Gérard</b>	Geométrie Plane	[s.d]
<b>H. Wieleitner</b>	História de la Matemática, Ed. Labor	1928
<b>Couturat</b>	De l'infini mathématique	[s.d]
<b>Albert Spaier</b>	La pensée et la quantité	[s.d]
<b>Jules Tannery</b>	Science et Physiologie	1922
<b>Pecaut</b>	Elementos de Philosophia Scientifica	[s.d]
<b>Couturat, Darboux, Lalande e Lachelier</b>	Vocabulaire technique et critique de la philosophie	[s.d]
<b>Bertrand Russel</b>	The principles of Mathematics	[s.d]
<b>Euclides da Cunha</b>	Os sertões	[s.d]
<b>Pierre Boutroux</b>	Les principes de l'analyse mathématique	[s.d]
<b>R. Bricard</b>	Calcul Vectorial	1929
<b>T. A. Ramos</b>	Leçons sur le Calcul Vectorial	1930
<b>J. Gazzotte</b>	[s.t] - trad.: Camilo C. Branco	[s.d]
<b>C. A. Dell'Agnola</b>	Matematiche generali	[s.d]
<b>Maximilien Marie</b>	Histoire des Sciences Mathématiques e physiques	[s.d]
<b>Carlo Bourlet</b>	Cours abrégé d'Arithmétique; Éléments d'Algèbre	1917
<b>F. Fitz-Patrick</b>	[s.t]	[s.d]
<b>P. Philippe e F. Dauchy –</b>	Problemes et exercices d'Arithmétique	1911
<b>Maurice D'Ocagne</b>	Hommes et choses de science	1930
<b>Rene Foignet</b>	Économie Politique	[s.d]
<b>P. Philippe</b>	Éléments d'Arithmetiques Commerciale	1930
<b>Paul Beauregard</b>	Éléments d'Economie Politique, 9ª ed.	[s.d]
<b>Francisco D'Auria</b>	Matemática Comercial, Ed. Monteiro Lobato	[s.d]

<b>Almeida Nogueira</b>	Curso didático de Economia Política	[s.d]
<b>Nicanor Lengruber</b>	Nivelamento de câmbio – Revista Brasileira de Matemática	[s.d]
<b>José Maria Whitaker</b>	Letra de Câmbio	1928
<b>Patou</b>	Arithmétique Commerciale	1926
<b>Alberto Cim</b>	Récréations Littéraires. Citou: <b>A. Daudet</b> - “Tartarim de Tarascon”, Lemerre, 1886; <b>Gustavo Flaubert</b> – “Madame de Bovary”	1920
<b>Emile Laveley</b>	Éléments d’Économie Politique	1908
<b>Charles Gide</b>	Principes d’Économie Politique; Compêndio de Economia Política, 2.ed., trad.	1931
<b>J. Felipe Kafuri</b>	Estudos dos fenômenos monetários	1929
<b>Prof. Antenor Nascentes</b>	Infomação	[s.d]
<b>A. Pereira Jorge</b>	Noções de Comércio, 3.ed.	1925
<b>Tristão de Ataíde</b>	Esboço de uma introdução à Economia moderna	1930
<b>Inglez de Souza</b>	Anarquia Monetária e suas conseqüências	1924
<b>Prof. Henrique Dodsworth</b>	Colaboração	[s.d]
<b>W. Stanley Jevons</b>	La monnaie et le mécanisme de l’échange, 4.ed.	1885
<b>Gustave Bessière</b>	Le calcul intégral facile et atrayant	1929
<b>Trompowsky</b>	Álgebra Superior	[s.d]
<b>Revista “A Escola”</b>	Artigo: Notas de Aritmética	1924
<b>Galdeano</b>	Tratado de Álgebra, vol. II	[s.d]
<b>Bourdon et Prouchet</b>	Elements d’Algèbre	1926
<b>Almeida Lisboa</b>	Lições de álgebra elementar – Gauthier Villars	1911
<b>Gino Loria</b>	Curve Plane Speciali – Hoelpi editore	1930
<b>Luiz Freire</b>	Sofia Kovalewskaja – Revista Brasileira de Matemática [junho]	1931
<b>Jacques Boyer</b>	Histoire de Mathématique	[s.d]

## APÊNDICE C

### BIBLIOGRAFIA DO VOLUME III DO LIVRO *CURSO DE MATEMÁTICA*

AUTOR	OBRA	ANO
<b>W. Rouse Ball</b>	Recreations mathématiques et problèmes	1909
<b>Amoroso Costa</b>	As idéias fundamentais da Matemática	[s.d]
<b>Prince e Masson</b>	Algèbre e Analyse – 5.ed.	1923
<b>E. Guiton</b>	Cours d'Algèbre	1912
<b>Rey Pastor</b>	Elementos de Análisis Algebraico	[s.d]
<b>Raja Gabaglia</b>	O mais antigo documento mathematico que se conhece	1899
<b>Trompowxky</b>	Álgebra Superior	[s.d]
<b>Boutroux</b>	[ob.cit]	
<b>Alpinolo Natucci</b>	Il concetto di numeri e le sue estensioni	1923
<b>Leonel Franca, S. J.</b>	Os percussores de Descartes	[s.d]
<b>Bourdon et Prouhet</b>	Élement d'Algèbre	1920
<b>Woepcke</b>	L'Algèbre de Omar Khayyam	1851
<b>Ferdinand Hoeffler</b>	Histoire des Mathématiques – 3.ed.	1886
<b>Maximilien Marie</b>	[ob.cit]	
<b>A. Cuvillier</b>	Manuel de Philosophie – 4.ed.	1932
<b>Bourlet e Baudoin</b>	Leçons de Geométire	1933
<b>D. Manoel Xiberta Roquete</b>	Elementos de Geometria	[s.d]
<b>M. Vasnier</b>	Cours de Geométrie	1911
<b>Jacques Haddamard</b>	Leçons de Géométrie élémentaire	1925
<b>B. Niewenglowski</b>	Cours de Géométrie Analytique - tomo I	[s.d]
<b>C. Guihard</b>	Traité de Géométrie - tomo II	[s.d]
<b>P. Philippe e M.Froumenty</b>	[ob.cit]	
<b>Matyla C. Ghyka</b>	Esthétique des proportions	1927
<b>E. Fourrey</b>	Recreations Géométriques	[s.d]

## APÊNDICE D

### BIBLIOGRAFIA DO VOLUME IV DO LIVRO *CURSO DE MATEMÁTICA*

AUTOR	OBRA	ANO
<b>J. Juhel-Reney</b>	Théorie et applications de equations du second degré	1920
<b>Euclides Roxo</b>	Curso de Matemática, 3ª série – Geometria	[s.d]
<b>J. Hoüel</b>	Tables de Logarithmes à cinq décimales – Edição Gauthier-Villars	[s.d]
<b>L. Schrön</b>	Tables de logorithmes à sept décimales - Edição Gauthier-Villars	[s.d]
<b>Nicanor Lemgruber</b>	Matemática Financeira	[s.d]
<b>Ozanam</b>	Recréations mathématiques et physiques	[s.d]
<b>I. Gherzi</b>	Matematica dilettevola e curiosa	[s.d]
<b>Léon Brunschvicg</b>	Les étapes de la philosophie mathématique	[s.d]
<b>F.G.M.</b>	Exercices de Géometrie – 7.ed.	[s.d]
<b>Lafayette Pereira</b>	Geologia e Mineralogia	1932
<b>R. Trompowski</b>	Geometria algébrica; Álgebra Superior	[s.d]
<b>Abbade E. Stoffaes</b>	Cours de Mathématique Supérieures	1921
<b>C. H. Schumann</b>	Discriptive Geometry	[s.d]
<b>Jacques Hadamard</b>	Leçons de Géométrie	[s.d]
<b>Gerhard Hesseberg</b>	Trigonometria plana y esferica	1926
<b>Prof. Antenor Nascentes</b>	Notas	[s.d]
<b>H. Commissaire</b>	Leçons de trigonometrie	1926

## APÊNDICE E

### BIBLIOGRAFIA DO VOLUME V DO LIVRO *CURSO DE MATEMÁTICA*

AUTOR	OBRA	ANO
<b>Maurice D'Ocagne</b>	Le Calcul simplifié	[s.d]
<b>J. Haag</b>	Cours complet de Mathématiques Elementaires I	[s.d]
<b>Rey Pastor</b>	Elementos de Analysis Algebraico, 3. ed.;	[s.d]
<b>II</b>	Enciclopédia delle Matematiche Elementari, v. I	[s.d]
<b>H. Wieleitner</b>	História da Matemática	[s.d]
<b>Filadelfo Insolera</b>	Complementi di Matematiche Generali	1924
<b>Boutroux</b>	Les Principes de l'analyse mathematique, v. I.	[s.d]
<b>Amoroso Costa</b>	As idéias fundamentais da Matemática	[s.d]
<b>B. Niewenglowski</b>	Cours d'algèbre - Tomo II	[s.d]
<b>Rousse Ball</b>	Histoire de Mathématiques	[s.d]
<b>Otto Blumenthal</b>	Principes de la theorie des fonctions entières	1910
<b>Comberousse</b>	Algèbre Superieure	[s.d]
<b>David E. Smith</b>	[s.t]	[s.d]
<b>Vallée Poussin</b>	Cours d'Analyse Infinitesimale - Tomo I	[s.d]
<b>Otacillio Novais</b>	Sôbre o cálculo diferencial	1913
<b>G. Verriest</b>	Cours de Mathématiques Generales	[s.d]
<b>Waclaw Sierpinski</b>	Leçons sur les nombres transfinis	1928
<b>H. Vogt</b>	Eléments de Mathématiques Supérieures	1925
<b>Bertrand Hussenl</b>	Introduction à la Philosophie Mathématique	[s.d]
<b>Behrendskén/Götting/Hernac</b>	Lehrbuch der Mathematik, oberstufe	[s.d]
<b>Giulio Vivanti</b>	Enciclopédia delle Matematiche Elementari, v. II.	[s.d]
<b>G. Ferroux</b>	Mathematiques Superieures	[s.d]
<b>R. Garnier</b>	Mathematiques generales	[s.d]
<b>Woods e Bayley</b>	Mathematiques Generales	[s.d]
<b>Rouché et Levy</b>	Analyse Infinitesimale	[s.d]
<b>Giuseppe Vitali</b>	Enciclopédia delle Matematiche Elementari, v. I.	[s.d]
<b>W. A. Granville</b>	Éléments de Calcul differentiel et intégral Trad. de Sallin	1931
<b>Clairaut</b>	Elementos de Geometria - Trad. de J. Feliciano.	[s.d].

**APÊNDICE F**  
**RELAÇÃO DAS OBRAS DE MALBA TAHAN**  
**DÉCADA DE 20**

**1925**

Rio de Janeiro, Brasileira Lux [Braslux]. Contos de Malba Tahan. 1ª edição

---

**1927**

Francisco Alves. Céu de Allah. 1ª edição.

---

**1928**

A Encadernadora. Céu de Allah.

Francisco Alves. Exercícios e Formulários de Geometria<sup>151</sup>. 2ª edição

---

**1929**

Livraria Azevedo. Lendas do Deserto. 1ª edição.

Erbas de Almeida. Lendas do Deserto. 1ª edição<sup>152</sup>.

A Encadernadora. Contos de Malba Tahan. 2ª edição.

F. Briguiet<sup>153</sup>. Amor de Beduíno. 1ª edição.

---

---

<sup>151</sup> Consta como livro indicado no programa de ensino do Colégio Pedro II em 1929 (VECHIA; LORENZ, 1998).

<sup>152</sup> Duas fontes por mim consultadas (Oliveira, 2001 e Estante Virtual) indicam as respectivas editoras e a edição da obra.

<sup>153</sup> A Livraria Garnier, precursora no mercado de livros até 1934, foi comprada por um antigo funcionário chamado Ferdinand Briguiet. Rebatizada como Livraria Briguiet-Garnier operou no mercado editorial até 1951, quando passou a ser controlada pela Difel – Difusão Européia do Livro.

**APÊNDICE G**  
**RELAÇÃO DAS OBRAS DE MALBA TAHAN**  
**DÉCADA DE 30**

**1930**

F. Briguiet. Amor de Beduíno. 2ª edição.  
Francisco Alves. Matemática 1º Ano. 1ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré]  
Francisco Alves. Funções Hiperbólicas. 1ª edição.

---

**1931**

Francisco Alves. Geometria Analítica no Espaço de Duas Dimensões. 1ª edição. 1ª parte. v. 1  
Francisco Alves. Céu de Allah, 2ª edição.  
Francisco Alves. Exercícios de Matemática - 3º Ano. 1ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré]  
Francisco Alves. Matemática 2º ano. 1ª edição  
Freitas Bastos. Mil Histórias Sem Fim I. 1º edição.

---

**1932**

Francisco Alves. Matemática 1º Ano. 2ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré]  
Francisco Alves. Matemática 2º Ano. 2ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré]  
Francisco Alves. Matemática 3º Ano – Álgebra. 1ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré]  
Francisco Alves. Matemática 4º Ano. 1ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré]  
Francisco Alves. Exercícios de Matemática 4º ano. 1ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré]  
Francisco Alves. Matemática Comercial. 1ª edição. [Mello e Souza; C. Thiré e Nicanor Lemgruber]  
Francisco Alves. Exercícios de Matemática Comercial. 1ª edição [idem]  
Francisco Alves. Matemática Financeira. 1ª edição. [Mello e Souza; C. Thiré e Nicanor Lemgruber]  
Francisco Alves. Trigonometria Hiperbólica. 1ª edição.

---

**1933**

Getúlio Costa. Estudo Elementar das Curvas. 1ª edição. [Mello e Souza]  
Getúlio Costa. Funções Moduladas. 1ª edição. [Mello e Souza]  
Freitas Bastos. Mil Histórias Sem Fim I. 2ª edição.  
Freitas Bastos. Mil Histórias Sem Fim II. 1ª edição.  
Calvino Filho. Lendas do Deserto. 2ª edição.  
Calvino Filho. Lendas do Céu e da Terra. 1ª edição.  
Civilização Brasileira. Lendas do Oásis. 1ª edição.  
Francisco Alves. Curso de Matemática 4º Ano. 1ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré e E. R.]  
Francisco Alves. Curso de Matemática 5º Ano. 1ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré e E. R.]  
Francisco Alves. Matemática 2º ano. 3ª edição  
Francisco Alves. Exercícios de Matemática. 5º ano. 1ª edição.

---

---

**1934**

Calvino Filho. Matemática Divertida e Curiosa. 1ª edição.

Calvino Filho. Exame de Admissão. 1ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré]

Borsoi. Funções Moduladas. 2ª edição.

Francisco Alves. Matemática 1º Ano. 5ª (6ª?) edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré]

Francisco Alves. Curso de Matemática 4º Ano. 2ª edição [Mello e Souza; Cecil Thiré e E. Roxo]

Francisco Alves. Curso de Matemática. 5º ano [Mello e Souza; Cecil Thiré e Euclides Roxo]

---

**1935**

Borsoi. Lendas do Céu e da Terra. 2ª edição.

Getúlio Costa. Maktub. 1ª edição.

Francisco Alves. Amigos Maravilhosos. 2ª edição.

Francisco Alves. Curso de Matemática 3º ano. 2ª edição. [Mello es Souza; Cecil Thiré; E. Roxo]

---

**1936**

José Olympio. Alma do Oriente. 1ª edição.

Francisco Alves. Matemática 2º Ano. 5ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré]

Francisco Alves. Curso de Matemática 3º Ano. 3ª edição. [Mello e Souza, Cecil Thiré e E. Roxo]

Francisco Alves. Curso de Matemática 4º Ano. 3ª edição. [Mello e Souza, Cecil Thiré e E. Roxo]

Francisco Alves. Exercícios de Matemática 5º Ano. 2ª edição. [Mello e Souza, Cecil Thiré e E. R.]

---

**1937**

ABC. Tudo é Fácil 3º ano primário. 1ª edição. [Mello e Souza; Irene de Albuquerque]

A Noite. Novas Lendas do Deserto. 1ª edição.

Pongeti. Minha Vida Querida. 1ª e dição.

---

**1938**

ABC. O Homem que Calculava. 2ª edição.

ABC. Lendas do Céu e da Terra. 3ª edição.

ABC. Matemática Fácil e Atraente. 1ª edição. [Mello e Souza; Irene de Albuquerque]

Francisco Alves. Exercícios de Matemática 3º Ano. 4ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré]

Francisco Alves. Curso de Matemática 4º Ano 4ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E. Roxo]

Francisco Alves. Curso de Matemática 5º Ano. 3ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E. Roxo]

Getúlio Costa. Lendas do Céu e da Terra. 7ª edição.

---

Getúlio Costa. Alegria de Ler 1ª série ginásial.

Getúlio Costa. Histórias e Fantasias da Matemática. 1ª edição.

Calvino Filho. Histórias e Fantasias da Matemática.

Cruzada da Boa Esperança. Paca Tatú, 1ª edição.

Francisco Alves. Exercícios de Matemática. 5º Ano. 3ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E. Roxo

Francisco Alves. Exercícios de Matemática. 4º Ano. 6ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E. Roxo

ABC. O Homem que Calculava. 3ª edição.

---

**APÊNDICE H**  
**RELAÇÃO DAS OBRAS DE MALBA TAHAN**  
**DÉCADA DE 40**

**1940**

- Getúlio Costa. Dicionário Curioso e Recreativo da Matemática. 1º volume. 1ª edição. Letras A/B.
- Getúlio Costa. Paca Tatú, 2ª edição.
- Getúlio Costa. Mil Histórias Sem Fim I. 3ª edição.
- Getúlio Costa. Geometria Analítica - No Espaço de Duas Dimensões - 2ª Parte (2º v). 2ª edição.
- Getúlio Costa. Geometria Analítica - No Espaço de Três Dimensões - 2ª Parte (2º v). 2ª edição.
- Getúlio Costa. O Homem que Calculava. 5ª edição
- ABC. O Homem que Calculava. 4ª edição.
- A Noite. Novas Lendas do Deserto.
- Francisco Alves. Curso de Matemática 2º Ano. 8ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E. R.]
- Francisco Alves. Curso de Matemática 5º Ano. 4ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E. R.]
- Francisco Alves. Matemática Comercial. 2ª edição. [Mello e Souza; C. T.; Nicanor Lemgruber]

**1941**

- Getúlio Costa. Matemática Divertida e Pitoresca. 1ª edição.
- Getúlio Costa. A Sombra do Arco Íris. 2ª edição.
- Getúlio Costa. A Sombra do Arco Íris I. 3ª edição.
- Getúlio Costa. Céu de Allah. 4ª edição.
- Getúlio Costa. O Homem que Calculava. 7ª edição.
- Getúlio Costa. Lendas do Deserto. 4ª edição.
- Getúlio Costa. Minha Vida Querida. 4ª edição.
- Getúlio Costa. Minha Vida Querida. 5ª edição.
- Getúlio Costa. Tudo é Fácil. 4ª edição. [Mello e Souza; Irene de Albuquerque]
- Francisco Alves. Matemática 1º Ano. 13ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré]
- Francisco Alves. Curso de Matemática 2º Ano. 9ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E.R.]
- Francisco Alves. Curso de Matemática 3º Ano. [Mello e Souza; Cecil Thiré; Euclides Roxo]
- ABC. O Homem que Calculava.
- A Noite. Novas Lendas do Deserto.

---

**1942**

- Getúlio Costa. Dicionário Curioso e Recreativo da Matemática. 2º volume. Fascículos 1C; 2C e D.
- Getúlio Costa. Matemática Divertida e Fabulosa. 1ª edição
- Getúlio Costa. Mil histórias Sem Fim I. 4ª edição.
- Getúlio Costa. Alegria de Ler 1ª série ginasial. 4ª edição.
- Getúlio Costa. Malba Tahan Sua Vida e Sua Obra. 1ª edição.
- Francisco Alves. Curso de Matemática 4º Ano. 6ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E.R.]
- Francisco Alves. Curso de Matemática 5º Ano. 5ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E. R.]
- Francisco Alves. Matemática Comercial. 3ª edição. Mello e Souza; Cecil Thiré; Nicanor Lemgruber]
- Francisco Alves. Curso de Matemática 3º Ano. 6ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E.R.]
- José Olympio. Einstein, o criador de universos – [Tradução]. Autor: Haig Gordon Garbedian<sup>154</sup>
- 

**1943**

- Francisco Alves. Matemática Ginasial. 1ª série. 1ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E.R.]
- Francisco Alves. Matemática Ginasial. 2ª série. 1ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E.R.]
- Francisco Alves. Geometria Analítica No Espaço de Duas Dimensões. 1ª Parte. 1º v. 2ª edição
- Francisco Alves. Matemática Ginasial 1ª Série. 1ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E. R.]
- Francisco Alves. Matemática Ginasial 2ª Série. 1ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E. R.]
- Getúlio Costa. Geometria Analítica No Espaço de Duas Dimensões. 5ª edição. 1ª parte. Volume 1.
- Getúlio Costa. Geometria Analítica No Espaço de Duas Dimensões. 2ª Parte. 3ª edição
- Getúlio Costa. Geometria Analítica No Espaço de Três Dimensões. 1ª Parte. 3ª edição
- Getúlio Costa. Matemática Divertida e Diferente. 1ª edição.
- Getúlio Costa. O Livro de Aladim. 1ª edição.
- Getúlio Costa. O Homem que Calculava. 8ª edição.
- Getúlio Costa. Diabruras da Matemática. 1ª edição.
- Getúlio Costa. O Livro de Aladim. 1ª edição.
- Getúlio Costa. As Aventuras do Rei Baribê. 1ª edição.
- Getúlio Costa. Dicionário Curioso e Recreativo da Matemática. Fascículo 3 – D e E, Fascículo 4 – E e F. 1ª edição. 2º Volume.
- Getúlio Costa. Mil Histórias Sem Fim. 5ª edição.
- Borsoi. Geometria Analítica No Espaço de Duas Dimensões [?]
- Conquista. Lendas do Povo de Deus. 3ª edição.
- 

<sup>154</sup> “[...] Tempos atrás, alguém me ofereceu a sua tradução da Vida de Einstein, criador de universos. Sinceramente, nunca vi uma tradução em vernáculo que não revelasse um vestígio de ser tradução; a sua tradução da obra de Gordon Garbedian se lê como um original. Também, que se deveria esperar de um matemático falando de outro matemático?” Trecho de uma correspondência datada de 21.11.68 por Huberto Nobden (?) [ARQUIVO PESSOAL – IMT].

---

**1944**

- Francisco Alves. Matemática Ginásial 1ª Série. 2ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E.R.]
- Francisco Alves. Matemática Ginásial 3ª Série. 1ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E.R.]
- Francisco Alves. Matemática Ginásial 4ª Série. 1ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E.R.]
- Getúlio Costa. Tudo é Fácil. 3º ano primário. 5ª edição. [Mello e Souza; Irene de Albuquerque]
- 

**1945**

- Getúlio Costa. Meu Caderno de Matemática. [Tipografia Cupolo]
- Getúlio Costa. Tábuas Completas.
- Getúlio Costa. As Grandes Fantasias da Matemática. 1ª edição.
- Getúlio Costa. O Homem que Calculava. 9ª edição.
- Aurora. Meu Caderno de Matemática. 2ª edição.
- Francisco Alves. Matemática Ginásial 4ª Série. 2ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E. R.]
- 

**1946**

- Francisco Alves. Matemática Ginásial 2ª Série. 3ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E. R.]
- Getulio Costa. Mil Histórias Sem Fim II.
- Getulio Costa. Revista Al-Karizmi. n.º 1. Rio de Janeiro, maio.
- Getulio Costa. Revista Al-Karizmi. n.º 2, Rio de Janeiro, julho.
- Aurora. Revista Al-Karizmi. n.º 3, Rio de Janeiro, setembro.
- Aurora. Revista Al-Karizmi. n.º 4, Rio de Janeiro, novembro.
- Aurora. Seleções.
- [?]. O Homem que Calculava. 10ª edição<sup>155</sup>.
- 

**1947**

- Aurora. Seleções
- Aurora. A Divina Comédia.<sup>156</sup>
- Aurora. O Escândalo da Geometria. 1ª edição.
- Aurora. Tábuas Completas. 2ª edição.
- Aurora. O Guia Carajá. 1ª edição.
- Aurora. O Inferno de Dante. 1º volume. 1ª edição.
- Aurora. Revista Al-Karizmi. N.º 5, Rio de Janeiro, março de 1947
- Aurora. Revista Al-Karizmi. N.º 6, Rio de Janeiro, maio de 1947
- Aurora. Revista Al-Karizmi. N.º 7, Rio de Janeiro, julho de 1947
- Getúlio Costa. O Bom Caminho. s.d. ? [anterior a 1948].
- Saraiva. O Homem que Calculava<sup>157</sup>. 11ª edição.

---

<sup>155</sup> ARQUIVO PESSOAL – IMT. Correspondência com Vieira de Mello, 1947.

<sup>156</sup> De Dante Alighieri. Tradução anotada e comentada sob forma de narrativa por Malba Tahan. – Catálogo on-line UFRJ.

<sup>157</sup> Tradução de Breno Alencar Bianco.

---

**1948**

---

Aurora. O Bom Caminho [Curso primário e admissão] 2ª edição.

Aurora. A Divina Comédia [O Inferno de Dante]. 2º volume. 1ª edição

Getúlio Costa. Minha Vida Querida. 7ª edição.

Getúlio Costa. Lendas do Céu e da Terra. 6ª edição.

Getúlio Costa. Lendas do Céu e da Terra. 8ª edição.

Getúlio Costa. O Aviso da Morte. 1ª edição.

Getúlio Costa. Sob o Olhar de Deus [Com o título O Aviso da Morte]. 1ª edição.

Francisco Alves. Matemática Ginásial 3ª Série. 3ª edição. [Mello e Souza; Cecil Thiré; E. Roxo]

---

---

**1949**

---

Getúlio Costa. Geometria Analítica No Espaço de Duas Dimensões. 6ª edição. 1ª parte. Volume1.

Getúlio Costa. Maktub, 4ª edição.

Getúlio Costa. Lendas do Deserto.

Getúlio Costa. Céu de Allah. 7ª edição.

Saraiva. O Homem que Calculava. 11ª edição.

---

**APÊNDICE I**  
**RELAÇÃO DAS OBRAS DE MALBA TAHAN**  
**DÉCADA DE 50**

**1950**

Aurora. O Bom Caminho. 3ª edição.  
Conquista. Dicionário de Matemática.  
Conquista. A Sombra do Arco Íris I. 6ª edição.  
Conquista. A Sombra do Arco-Íris II. 6ª edição.  
Conquista. A Sombra do Arco-Íris III. 6ª edição.  
Conquista. O Homem que Calculava. 13ª edição.  
Conquista. Matemática, Aritmética [Série Admissão]. 1ª edição.  
Conquista. Dicionário Curioso e Recreativo da Matemática. 1ª edição. 3º Volume. Fascículo 1- F.  
Miniatura. Matemática (série admissão).  
Getúlio Costa. Aventuras do Rei Baribê 2ª edição.

---

**1951**

Aurora. Alegria de Ler. 12ª edição.  
Aurora. Matemática Suave e Divertida. 1ª edição.  
Aurora. Meu Caderno de Matemática. 3ª edição.  
Aurora. Tábuas Completas. 3ª edição.  
Aurora. Tudo é Fácil. 10ª edição. [em parceria com Irene de Albuquerque]  
Aurora. Diário de Lúcia. [em parceria com Irene de Albuquerque]  
Conquista. Minha Vida Querida. 8ª edição.  
Conquista. Paca Tatú. 4ª edição.  
Conquista. Lendas do Deserto. 7ª edição.  
Conquista. Lendas do Povo de Deus. 5ª edição.  
Conquista. Maktub. 5ª edição.  
Conquista. Lendas do Céu e da Terra. 9ª edição.  
Conquista. Dicionário Curioso e Recreativo da Matemática. Fascículo 2 (F e G). v. 3. 1ª edição.  
Ao Livro Técnico. Revista Al-Karizmi. n.º 8, Rio de Janeiro, outubro de 1951  
Saraiva. Lendas do Bom Rabi. 1ª edição  
[?]. RJ. Revista Damião. n.º 1, dezembro.

---

---

**1952**

- Aurora. Alegria de Ler. 13ª edição.
- Aurora. Tudo é Fácil. 11ª edição. [em parceria com Irene de Albuquerque]
- Aurora. Diário de Lúcia. [em parceria com Irene de Albuquerque]
- Conquista. Mil Histórias Sem Fim I. 7ª edição.
- Conquista. Mil Histórias Sem Fim II. 2ª edição.
- Conquista. A Sombra do Arco-Íris. 7ª edição.
- Conquista. O Homem que Calculava. 14ª edição.
- Conquista. Lendas do Céu e da Terra. 10ª edição.
- 

---

**1953**

- Conquista. Seleções. 3ª edição.
- Conquista. A Sombra do Arco Íris I., 7ª edição.
- Aurora. O Bom Caminho. 4ª edição.
- Getúlio Costa. As Aventuras do Rei Baribê, 1ª edição.
- Cupollo. Lendas do Deserto. 8ª edição.
- 

---

**1954**

- Conquista. Folclore da Matemática. 1ª edição.
- Conquista. Minha Vida Querida, 9ª edição.
- Conquista. Aventuras do Rei Baribê. 3ª edição
- Conquista. O Homem que Calculava.
- Conquista. Lendas do Povo de Deus.
- Conquista. Sob o Olhar de Deus.
- Conquista. Seleções.
- Conquista. Mil Histórias Sem Fim II.
- Aurora. Alegria de Ler. 15ª edição.
- Aurora. Tábuas Completas. 5ª edição.
- Cupollo. O Homem que Calculava. 15ª edição.
- Cupollo. Maktub. 6ª edição.
-

---

**1955**

- Aurora. Alegria de Ler. 16ª edição.
- Aurora. Alegria de Ler. 17ª edição.
- Aurora. Tábuas Completas. 6ª edição.
- Aurora. Tudo é Fácil. 13ª edição. [em parceria com Irene de Albuquerque]
- Aurora. Diário de Lúcia. 10ª edição. [em parceria com Irene de Albuquerque]
- Aurora. Meu caderno de Matemática. 4ª edição.
- Conquista. A Sombra do Arco-Íris I. 5ª edição.
- Conquista. Meu Anel de Sete Pedras. 2ª edição.
- Conquista. Mil Histórias Sem Fim I. 8ª edição.
- Conquista. Mil Histórias Sem Fim II. 3ª edição.
- Conquista. Sob o Olhar de Deus. 2ª edição.
- Conquista. A Sombra do Arco Íris I. 8ª edição
- Conquista. Lendas do Céu e da Terra. 11ª edição.
- Conquista. Seleções. 4ª edição.
- Conquista Céu de Allah. 9ª edição.
- Conquista. Maktub.
- Cupollo. Seleções. 4ª edição.
- Lux. A Lua: Astronomia dos Poetas Brasileiros. 1ª edição.
- Getúlio Costa. Maktub.
- Getúlio Costa. Céu de Alá. 5ª edição
- José Olympio. A Vida de Einstein, o criador de universos. [Tradução]. Autor: Haig Gordon Garbedian
- 

**1956**

- Conquista. Minha vida Querida. 10ª edição.
- Conquista. Paca Tatú, 5ª edição.
- Conquista. O Homem que Calculava. 16ª edição.
- Conquista. Lendas do Povo de Deus., 7ª edição.
- Conquista. Amigos Maravilhosos. 3ªedição.
- Conquista. Aventuras do Rei Baribê. 4ª edição.
- Conquista. Lendas do Deserto. 9ª edição.
- Conquista. Lendas do Céu e da Terra. 12ª edição.
- Cupollo. Lendas do Céu e da Terra.
-

---

**1957**

---

- Aurora. Alegria de Ler. 18ª edição.
- Aurora. Didática da Matemática: a Matemática; seus conceitos, sua importância. 1ª edição.
- Aurora. Técnicas e Procedimentos Didáticos no Ensino da Matemática. 1ª edição.
- Conquista. Sob o Olhar de Deus. 3ª edição. Ilustração: Luiz Carlos Coelho
- Conquista. A Sombra do Arco Íris I. 9ª edição. Ilustração Calmon Barreto.
- Conquista. A Sombra do Arco Íris II. 10ª edição.
- Conquista. A Sombra do Arco Íris III. 9ª edição.
- Conquista. Maktub, 8ª edição <sup>158</sup>.
- Conquista. O Aviso da Morte. 5ª edição.
- Conquista. Céu de Allah. 11ª edição. Ilustração Solon Botelho.
- Conquista. A Arte de Ler e Contar Histórias. 1ª edição.
- Conquista. Aventuras do Rei Baribê <sup>159</sup>. 5ª edição. Ilustração: Solon Botelho.
- Conquista. Lendas do Deserto.
- Conquista. Lendas do Povo de Deus.
- Conquista. Mil História Sem Fim II. 4ª edição. Tradução: Osório Dutra
- Conquista. Minha Vida Querida. 11ª edição. Ilustração: Calmon Barreto.
- Conquista. O Homem que Calculava. 17ª edição
- Freitas Bastos. Revista Lilaváti. nº 1, nov/dez.
- Gráfica Elite. Lendas do Deserto. 10ª edição.
- 

**1958**

---

- Conquista. A Sombra do Arco Íris. 10ª edição.
- Conquista. O Homem que Calculava. 18ª edição.
- Conquista. Lendas do Céu e da Terra. 13ª edição.
- Conquista. A Arte de Ler e Contar História.
- Conquista. Lendas do Oásis. 9ª edição.
- Conquista. Mil Histórias Sem Fim I. 10ª edição. Prefácio Humberto de Campos.
- Conquista. Mil Histórias Sem Fim II . 5ª edição.
- Conquista. Sob o Olhar de Deus.
- Conquista. Lendas do Povo de Deus.
- Conquista. A Caixa do Futuro. 1ª edição.
- 

---

<sup>158</sup> Tradução: Breno Alencar Bianco.

<sup>159</sup> Tradução: Breno Alencar Bianco.

## 1959

Conquista. Minha Vida Querida. 12ª edição. Ilustração: Calmon Barreto; Solon Botelho; Renato Silva.

Conquista. Novas Lendas Orientais, 1ª edição. Ilustração: Ramon Llampayas.

Conquista. Seleções, 5ª edição.

Conquista. O Homem que Calculava. 19ª edição.

Conquista. Lendas do Deserto. 11ª edição.

Conquista. Maktub. 9ª edição.

Conquista. Céu de Allah. 11ª edição.

Conquista. O Homem que Calculava. 19ª edição.

Conquista Novas Lendas Orientais. 1ª edição.

Conquista, Aventuras do Rei Baribê. 5ª edição.

Conquista. A Caixa do Futuro. 1ª edição.

Conquista. Maktub: The Book of Destiny. 1ª edição. Trad. de R. B. Jones e Maria Fredriks.

Conquista/CADES. Apostilas de Didática Especial da Matemática. 1ª edição [Mello e Souza; Manoel Jairo Bezerra; Ceres Marques de Moraes].

Conquista. A Sombra do Arco-Íris II.

Conquista. A Sombra do Arco-Íris III.

Aurora. Alegria de Ler. 19ª edição.

Aurora. O Bom Caminho, 6ª edição.

Aurora. Tudo é Fácil. 13ª edição. (?) [em parceria com Irene de Albuquerque]

[?]. RJ. Revista Damião. nº 34.

Publicação do Autor. A Equação da Cruz. 1ª edição.

---

## APÊNDICE J

### RELAÇÃO DAS OBRAS DE MALBA TAHAN

#### DÉCADA DE 60

---

#### 1960

Saraiva. Antologia da Matemática. 1º Volume. 1ª edição

Saraiva. Matemática Recreativa. 1º volume. 1ª edição.

Conquista. Lendas do Céu e da Terra

Conquista. Céu de Allah. 12ª edição.

Getúlio Costa. O Aviso da Morte.

Getúlio Costa. Lendas do Deserto. 6ª edição.

---

---

#### 1961

Aurora. Alegria de Ler. 20ª edição.

Aurora. Tábuas Completas. 7ª edição.

Saraiva. Antologia da Matemática. Volume 2. 1ª edição.

Saraiva. Didática da Matemática. Volume 1. 1ª edição.

Saraiva. Didática da Matemática. Volume 2. 1ª edição.

Conquista. Mil Histórias Sem Fim I. 11ª edição.

Conquista. Mil Histórias Sem Fim II. 5ª edição.

Conquista. A Caixa do Futuro.

Conquista. Minha Vida Querida. 13ª edição.

Conquista. Sob o Olhar de Deus. 5ª edição.

Conquista. A Sombra do Arco Íris II. 11ª edição.

Conquista. A Sombra do Arco Íris III.

Conquista. O Homem que Calculava. 20ª edição.

Conquista. Lendas do Deserto. 12ª edição.

Conquista. Lendas do Povo de Deus. 9ª edição.

Conquista. Maktub. 10ª edição. Ilustração: Solon Botelho. Tradução: Breno Alencar Bianco

Conquista. A Arte de Ler e Contar Histórias.<sup>160</sup> 2ª e 3ª edições.

Conquista. Aventuras do Rei Baribê. 6ª edição.

Conquista. A Caixa do Futuro. 2ª edição.

---

<sup>160</sup> Prefácio de Denize Tavares.

---

**1962**

- Conquista. Novas Lendas Orientais. 2ª edição.  
Conquista. Lendas do Céu e da Terra. 15ª edição.  
Conquista. O Homem que Calculava. 21ª edição.  
Saraiva. Matemática Divertida e Delirante. 2ª edição.  
Saraiva. O Terceiro Motivo. Col. n ° 175. 1ª edição.  
Saraiva. Didática da Matemática. 2º Volume. 1ª edição
- 

**1963**

- Conquista. Céu de Allah. 13ª edição. Ilustração: Solon Botelho; Renato Silva; Constantino.  
Conquista. Sob o Olhar de Deus. 6ª edição. Ilustração: Luiz Carlos Teixeira Coelho.<sup>161</sup>  
Conquista. Seleções (Os Melhores Contos). 7ª edição. Ilustração: Solon Botelho; Renato Silva; Constantino.  
Conquista. Minha Vida Querida. 14ª edição. Ilustração: Colmon Barreto; Solon Botelho; Renato Silva.<sup>162</sup>  
Conquista. Aventuras do Rei Baribê. 7ª edição. Ilustração: Colmon Barreto; Solon Botelho; Renato Silva. Tradução: Breno Alencar Bianco.  
Conquista. Lendas do Deserto. 13ª edição. Ilustração: Colmon Barreto; Solon Botelho; Renato Silva.<sup>163</sup>  
Conquista. Novas Lendas Orientais. 3ª edição. Ilustração: Ramos Llampayas.<sup>164</sup>  
Conquista. Mil histórias Sem Fim I. 12ª edição. Ilustração: Solon Botelho; Renato Silva  
Conquista. Mil Histórias Sem Fim II. 4ª edição. Ilustração: Solon Botelho; Renato Silva  
Conquista. A Sombra do Arco-Íris I. 11ª edição. Ilustração: Colmon Barreto; Solon Botelho; Renato Silva.<sup>165</sup>  
Conquista. A Sombra do Arco-Íris II. 12ª edição.<sup>166</sup>
- 

---

<sup>161</sup> Notas de Van Jafa e do Prof. Mario Martins.

<sup>162</sup> Tradução e notas de Breno Alencar Bianco.

<sup>163</sup> Prefácio de Olegário Mariano.

<sup>164</sup> Adaptação e notas de Breno Alencar Bianco.

<sup>165</sup> Tradução de Breno Alencar Bianco.

<sup>166</sup> Tradução de As Sete Sombras da Vida. Tradução de Mario Copetti - Catálogo on line UFPE

- Conquista. Aventuras do Rei Baribê. 7ª edição.
- Conquista. A Caixa do Futuro. 3ª edição. Ilustração: Calmon Barreto
- Conquista. Lendas do Céu e da Terra. 16ª edição. Ilustração F. Acquarone
- Conquista. Lendas do Povo de Deus. 10ª edição.
- Conquista. Lendas do Deserto.
- Conquista. Maktub. 11ª edição<sup>167</sup>
- Conquista. O Guia Carajá. 3ª edição. Ilustração: Calmon Barreto
- Conquista. A Arte de ler e Contar Histórias. 5ª edição.
- Conquista. A Sombra do Arco-Íris III. 12ª edição. Ilustração: Calmon Barreto; Solon Botelho; Renato Silva.
- Conquista. A Sombra do Arco-Íris I. 12ª edição.
- Conquista. A Sombra do Arco-Íris II.
- Conquista. Céu de Allah. 13ª edição.
- Conquista. Mil Histórias Sem Fim II.
- Conquista. Minha Vida Querida. 14ª edição.
- Conquista. Seleções. 7ª edição.
- Getúlio Costa. Céu de Allah. 5ª edição.
- Saraiva. A Estrela dos Reis Magos na História e na Poesia.
- Saraiva. As Maravilhas da Matemática. 1º volume. 2ª edição
- 

<sup>167</sup> Tradução Breno Alencar Bianco – Catálogo on line UFPE

---

**1965**

- Conquista. O Homem que Calculava. 22ª edição.
- Conquista. Paca, Tatu. 6ª edição.
- Conquista. Amigos Maravilhosos.
- Conquista. Novas Lendas Orientais. 3ª edição.
- Conquista. Matemática Divertida e Delirante.
- Conquista. O Home que Calculava. 22ª edição.
- Saraiva. Matemática Recreativa. 1º Volume. 1ª edição.
- Saraiva. Matemática Recreativa. 2º Volume. 1ª edição.
- Saraiva. Didática da Matemática. 2º Volume. 2ª edição.
- Saraiva. O Problema das Definições em Matemática. 1ª edição.
- Saraiva. Matemática Divertida e Delirante.
- Saraiva. Recreações Matemáticas: casos, histórias e problemas. 1ª edição.
- Saraiva. Antologia da Matemática. 1º volume. 2ª edição.
- Saraiva. Antologia da Matemática. 2º volume. 2ª edição.
- Saraiva. As Maravilhas da Matemática.
- Saraiva. A Estrela dos Reis Magos. 1ª edição.
- Edições de Ouro. Os Números Governam o Mundo [Folclore da Matemática]. 1ª edição.
- Edições de Ouro. As Mil e Uma Noites.
- 

**1966**

- Conquista. A Sombra do Arco-Íris III.
- Conquista. Lendas do Céu e da Terra. 17ª edição.
- Saraiva. Diabruras da Matemática. 2ª edição.
- Saraiva. Diabruras da Matemática.
- Saraiva. A Lógica na Matemática. 1ª edição.
- Vecchi. O Mundo Precisa de Ti, Professor. 1ª edição.

---

**1967**

- Conquista. A Caixa do Futuro. 4ª edição.
- Conquista. Romance do Filho Pródigo. 1ª edição.
- Conquista. Ainda Não Doutor. 1ª edição. [em co-autoria com Eva Antakieh]
- Conquista. Mil Histórias Sem Fim. 6ª edição.<sup>168</sup>
- Vecchi. A Arte de Ser Um Perfeito Mau Professor. 1ª edição.
- Vecchi. O Mundo Precisa de Ti, Professor.
- Vecchi. O Professor e a Vida Moderna. 1ª edição.
- Saraiva. Antologia da Matemática. 2º volume. 3ª edição
- Saraiva. A Estrela dos Reis Magos. 1ª edição.
- Saraiva. Matemática Divertida e Delirante. 3ª edição.
- Saraiva. Didática da Matemática. 1º volume.
- Brasil-América. A Girafa Castigada. 1ª edição. Série Malba Tahan Conta Histórias [1] - Ilustração Eliardo Franca
- Brasil-América. Malba Tahan Conta Histórias
- 

**1968**

- Brasil-América. A Pequenininha Luz Azul. 1ª edição. Série Malba Tahan Conta Histórias [n.º 3]. Ilustração Eliardo Franca.
- Brasil-América. O Rabi, o Cocheiro e os Anjos de Deus. 1ª edição. Série Malba Tahan Conta Histórias [n.º 2] Ilustração: Eliardo Franca.
- Brasil-América. Os Sonhos do Lenhador. 1ª edição. Série Malba Tahan Conta Histórias [n.º 4]. Ilustração: Eliardo Franca.
- Brasil-América. O Tesouro de Bresa. 1ª edição. Série Malba Tahan Conta Histórias [n.º 5]. Ilustração: Eliardo Franca
- Brasil-América. A História da Onça que Queria Acordar Cedo. 1ª edição. Série Malba Tahan Conta Histórias [n.º 6] - Ilustração Eliardo Franca
- Brasil-América. Malba Tahan Conta Histórias.
- Saraiva. Didática da Matemática. 2º Volume. 3ª edição.
- 

---

<sup>168</sup> Tradução de Osório Dutra (The Book of Destiny) - Catálogo on line UFPE

**1969**

Conquista. O Homem que Calculava. 23ª edição.

Record. Numerologia. 1ª edição.

Vecchi. Antologia do Bom Professor. 1ª edição.

Vecchi. Páginas do Bom Professor. 1ª edição.

Vecchi. Roteiro do Bom Professor. 1ª edição.

Edições de Ouro. O inferno: primeiro cântico do poema a divina comédia

---

**APÊNDICE K**  
**RELAÇÃO DAS OBRAS DE MALBA TAHAN**  
**DÉCADA DE 70**

**1970**

Edições de Ouro. Iazul. 1ª edição.  
Ibrasa. Salim, o Mágico. 1ª edição. SP.  
Edicel. O Mistério do Mackensista. 1ª edição. SP.  
Tecnoprint. Iazul.  
Companhia Editora Americana. Numerologia. 1ª edição.

---

**1971**

Companhia Editora Americana. Numerologia. 2ª edição.  
Conquista. O Homem que Calculava. 24ª edição<sup>169</sup>. Ilustração: Felicitas; Solon Botelho, Renato Silva. Desenhos geométricos: Horácio Rubens.  
Saraiva. Numerologia.

---

**1972**

Bloch. As Maravilhas da Matemática. 1ª edição.  
Dom Luís Verón, Barcelona. El Hombre que Calculaba  
Conquista. O Homem que Calculava. 25ª edição.

---

**1973**

Colégio Pedro II. Acordaram-me de Madrugada. 1ª edição

---

**1974**

Bloch. A Matemática na Lenda e na História. 1ª edição.  
Bloch. Belezas e Maravilhas do Céu. 1ª edição.  
Bloch. As Maravilhas da Matemática. 3ª edição.<sup>170</sup>  
Conquista. O Homem que Calculava. 25ª edição.

---

**1975**

Grafipar, Curitiba. O Jogo do Bicho à Luz da Matemática. 1ª edição.  
Conquista. O Homem que Calculava. 25ª edição.  
Bloch. Belezas e maravilhas da Matemática

---

<sup>169</sup> Em Oliveira (2001) essa edição consta como sendo editada pela Editora Record e a 23ª edição, sem indicação da editora, em 1969.

<sup>170</sup> Com o parecer matemático, em posfácio, de Jesse Montello, professor de Análise Matemática da UFRJ.

**1976**

Dom Luís Verón, Barcelona. Leyendas del Cielo y de la Tierra. 1ª edição.

Bloch. As Maravilhas da Matemática. 4ª edição

---

**1977**

Companhia Editora Americana. Numerologia. 2ª edição.

Brasil-América. Mil Histórias Sem Fim [em Quadrinhos Adapt. de J. P. Batista. Desenhos de Ramon Llampayas]

---

**APÊNDICE L**  
**RELAÇÃO DAS OBRAS DE MALBA TAHAN**  
**DÉCADA DE 80**

**1982**

Record. Mil Histórias Sem Fim I. 13ª edição.

---

**1983**

Tecnoprint. Contos e Lendas Orientais. Ilustração: Teixeira Mendes

Tecnoprint. Os Números Governam o Mundo [Folclore da Matemática]

Record. O Homem que Calculava. 26ª edição.

Bloch. As Maravilhas da Matemática. 5ª edição.

Círculo do Livro. Lendas do Céu e da Terra.

Círculo do Livro. O Homem que Calculava.

---

**1984**

Record. O Homem que Calculava. 27ª edição.

Record. O Homem que Calculava, 28ª edição. Ilustração Carles Pruné

Record. Lendas do Céu e da Terra. 18ª edição. Ilustração Carles Pruné

Record. Maktub. 12ª edição.

Brasil-América – A História da Onça que Queira Acordar Cedo<sup>171</sup>. Ilustração Eliardo Franca.

Círculo do Livro. Lendas do Povo de Deus.

---

**1985**

Record. O Homem que Calculava. 29ª edição. Ilustração Carles Pruné

Record. O Homem que Calculava. 30ª edição. Ilustração Carles Pruné

Record. O Homem que Calculava. 31ª edição.

Record. Mil Histórias Sem Fim (?). 13ª edição.

Record. Lendas do Povo de Deus. 11ª edição. Ilustração: Mario Pacheco

---

<sup>171</sup> Série Ciranda de Livros - Catálogo on line UFPE

---

**1986**

Record. Lendas do Céu e da Terra. 18ª edição.

Record. Lendas do Povo de Deus. 11ª edição.

Record. Maktub. 12ª edição.

Record. Mil Histórias Sem Fim (?). 14ª edição.

Record. O Homem que Calculava. 32ª edição.

Record. Céu de Alá. 14ª edição. Ilustração e Capa: Mario Pacheco

Record. A Sombra do Arco-Íris I. 12ª edição.

Círculo do Livro. O Homem que Calculava. 2ª edição. Ilustração: Silvio Vitorino

---

---

**1987**

Record. Lendas do Céu e da Terra. 19ª edição. Ilustração Carles Pruné

Record. A Caixa do Futuro. 5ª edição. Ilustração e capa: Mario Pacheco

Record. O Guia Carajá. 5ª edição.

Record. Mil Histórias Sem Fim (?). 15ª edição.

Record. Lendas do Povo de Deus. 12ª edição. Ilustração Mario Pacheco

Record. Lendas do deserto. 14ª edição. Ilustração e capa: Mario Pacheco

Record. O Homem que Calculava. 33ª edição

Círculo do Livro. Lendas do Céu e da Terra.

Bloch- As Maravilhas da Matemática. 6ª edição.

---

---

**1988**

Círculo do Livro. O Homem que Calculava.

---

---

**1989**

Record. Os Melhores Contos. 8ª edição. Ilustração e Capa: Mario Pacheco

Record. O Homem que Calculava. 34ª edição.

Círculo do Livro. Lendas do Céu e da terra.

---

**APÊNDICE M**  
**RELAÇÃO DAS OBRAS DE MALBA TAHAN**  
**DÉCADA DE 90**

**1990**

Record. Aventuras do Rei Baribê. 8ª edição. Ilustração; Mario Pacheco  
Record. Minha Vida Querida. 15ª edição. Ilustração: Mario Pacheco  
Record. Os Melhores Contos. 9ª edição. Ilustração e Capa: Mario Pacheco  
Record. O Homem que Calculava. 35ª edição.  
Record. Meu Anel de Sete Pedras.  
Círculo do Livro. O Homem que Calculava.  
Círculo do Livro. Céu de Alá. Capa: Silvio Vitorino

---

**1991**

Record. Mil Histórias Sem Fim (?). 16ª edição. Ilustração e Capa: Mario Pacheco  
Record. O Homem que Calculava. 36ª edição.  
Record. Lendas do Céu e da Terra.  
Record. Matemática Divertida e Curiosa.  
Círculo do Livro. Lendas do Céu e da Terra.  
Círculo do Livro. Lendas do Deserto. Ilustração e Capa: Silvio Vitorino

---

**1992**

Record. Lendas do Povo de Deus, 13ª edição. Ilustração: Mario Pacheco

---

**1993**

Círculo do Livro. Minha Vida Querida. Ilustração: Mario Pacheco  
Círculo do Livro. Lendas do Povo de Deus. 2ª edição.  
Record. O Homem que Calculava. 37ª edição.

---

**1994**

Record. O Homem que Calculava. 38ª edição.  
Record. O Homem que Calculava. 39ª edição.  
Record. Maktub. 14ª edição.

---

**1995**

Record. Matemática Divertida e Curiosa. 6ª edição.  
Record. Os Melhores Contos. 11ª edição. Ilustração e capa: Mario Pacheco  
Record. O Homem que Calculava. 41ª edição.  
Record. Lendas do Céu e da Terra. 21ª edição.

---

---

**1996**

- Record. Lendas do Deserto. 15ª edição.  
Record. O Homem que Calculava. 42ª edição.
- 

**1997**

- Record. O Homem que Calculava, 44ª edição.  
Record. O Homem que Calculava. 45ª edição.  
Record, Minha Vida Querida. 16ª edição. Ilustração: Mario Pacheco  
Record. Novas Lendas Orientais. 5ª edição. Ilustração e capa: Mario Pacheco  
Record. Novas Lendas Orientais. 6ª edição. Ilustração e capa: Mario Pacheco  
Record. Céu de Alá. 15ª edição. Ilustração e capa: Mario Pacheco  
Record. Lendas do Céu e da Terra. 22ª edição.  
Record. Maktub. 15ª edição.  
Record. Lendas do Deserto. 16ª edição. Ilustração e capa: Mario Pacheco  
Record. A Caixa do Futuro. 6ª edição.  
Record. Os Melhores Contos. 12ª edição.  
Record. Os Melhores Contos. 13ª edição. Ilustração e capa: Mario Pacheco  
Record. Céu de Alá. 16ª edição. Ilustração e capa: Mario Pacheco  
Record. Mil Histórias Sem Fim I. 17ª edição.  
Record. Matemática Divertida e Curiosa. 8ª edição.  
Ediouro. O Gato do Cheique e Outras Lendas. [em parceria Cecil Thiré e Jurandir Paes Leme]
- 

**1998**

- Record. Céu de Allah. 17ª edição.  
Record, Leyendas del Cielo y de la Tierra. 23ª edição.  
Record. Lendas do Deserto. 17ª edição.  
Record. Mil Histórias Sem Fim I. 18ª edição.  
Record. Mil Histórias Sem Fim II. 16ª edição.  
Record. Novas Lendas Orientais. 7ª edição.  
Record. Meu Anel de Sete Pedras. 2ª edição.  
Record. O Homem que Calculava. 46ª edição.  
Record. Os Melhores Contos. 14ª edição.  
Record. Lendas do Céu e da Terra. 23ª edição.  
Record. Lendas do Deserto. 17ª edição.  
Ediouro. Os Números Governam o Mundo [Folclore da Matemática] -3ª edição.  
Ediouro. Contos e Lendas Orientais.
-

Record. Lendas do Oásis. 1ª edição. 2ª tiragem. Ilustração Myoung Youn Lee

Record, Mil Histórias Sem Fim I. 20ª edição<sup>172</sup>. Ilustração: Mario Pacheco

Record. Salim, O Mágico. Ilustração de miolo: Myoung Youn Lee

Record, Os Melhores Contos. 15ª edição. [em parceria com Cecil Thiré e Jurandir Paes Leme]  
Ilustração e capa: Mario Pacheco.

Record. Minha Vida Querida. 17ª edição. Ilustração: Mario Pacheco

Record. O Homem que Calculava. 48ª edição.

Record. O Homem que Calculava. 49ª edição.

Record. Matemática Divertida e Curiosa. 12ª edição.

Ediouro. Os Números Governam o Mundo [Folclore da Matemática]. 2ª edição.

---

---

<sup>172</sup> Prefácio de Humberto de Campos. Tradução Breno Alencar Bianco. Catálogo on line UFPE

**APÊNDICE N**  
**RELAÇÃO DAS OBRAS DE MALBA TAHAN**  
**DÉCADA DE 2000**

**2000**

Conquista. A Sombra do Arco-Iris.

Record. A Caixa do Futuro. 8ª edição.

Record. Lendas do Povo de Deus. 14ª edição.

Record. Matemática Divertida e Curiosa. 1ª edição – 13ª tiragem.

Record. Aventuras do Rei Baribê. 9ª edição. Ilustração: Mario Pacheco

Record. Lendas do Deserto. 18ª edição. Ilustração e capa: Mario Pacheco

Record. Lendas do Oásis. 2ª tiragem. Ilustração: Myoung Youn Lee

Record. Lendas do Céu e da Terra. 24ª edição. Ilustração: Carles prunés

Record. Matemática Divertida e Curiosa. 14ª edição.

Record. O Homem que Calculava. 51ª edição.

Record. O Homem que Calculava. 52ª edição.

Record. Mil Histórias Sem Fim, 21ª edição.

Record. Meu Anel de Sete Pedras.

Record. O Livro de Aladim.

Ediouro. Contos e Lendas Orientais.

Ediouro. As Mil e Uma Noites.

---

---

**2001**

- Record. A Caixa do Futuro. 9ª edição.
- Record. Lendas do Deserto. 19ª edição. Ilustração e capa: Mario Pacheco
- Record. Lendas do Céu e da Terra. 25ª edição. Ilustração: Carles Prunés
- Record. Mil Histórias Sem Fim I. 22ª edição. Ilustração e Capa: Mario Pacheco<sup>173</sup>
- Record. Maktub, 17ª edição.
- Record. O Homem que Calculava. 53ª edição.
- Record. O Homem que Calculava. 54ª edição.
- Record. O Homem que Calculava. 55ª edição.
- Record. O Livro de Aladim. Ilustração Thais Linhares
- Record. Lendas do Povo de Deus. 16ª edição. Ilustração; Mario Pacheco
- Record. Matemática Divertida e Curiosa. 15ª edição.
- Record. Matemática Divertida e Curiosa. 6ª edição.
- Ediouro. As Mil e Uma Noites. 18ª edição. Tradução: Alberto Diniz. Apresentação: Malba Tahan. Versão de Antoine Galland.
- Ediouro. Contos e Lendas Orientais.
- 

**2002**

- Record. Amor de Beduíno. Ilustração: Thais Linhares
- Record. O Homem que Calculava. 58ª edição. Ilustração: Thais Linhares
- Record. O Homem que Calculava. 59ª edição. Ilustração: Thais Linhares
- Record. O Homem que Calculava. 60ª edição. Ilustração: Thais Linhares
- Record. Os Melhores Contos. 17ª edição. Ilustração: Thais Linhares
- Record. Matemática Divertida e Curiosa<sup>174</sup>. 18ª edição.
- Record. Novas Lendas Orientais. 10ª edição. Ilustração: Thais Linhares
- Record. Meu Anel de Sete Pedras.
- Lachâtre. O Contador de Histórias.<sup>175</sup>
- Ediouro. As Mil e Uma noites<sup>176</sup>. 21ª edição.
- Ediouro. Contos e Lendas Orientais.
- 

<sup>173</sup> Prefácio de Humberto de Campos; tradução e notas de Breno Alencar Bianco

<sup>174</sup> Nesta catalogação da USP Mello e Souza foi classificado como autor secundário.

<sup>175</sup> Sob a inspiração do espírito de Malba Tahan - psicografia de Wallace Fernando Neves.

<sup>176</sup> Tradução: Alberto Diniz. Apresentação: Malba Tahan. Versão de Antoine Galland.

---

**2003**

Record. O Homem que Calculava. 61ª edição. Ilustração: Thais Linhares

Record. O Homem que Calculava. 62ª edição. Ilustração: Thais Linhares

Record. Matemática Divertida e Curiosa. 19ª edição.

Record. Salim, o Mágico.

---

**2004**

Record. O Livro de Aladim. 3ª edição. Ilustração: Thais Linhares

Record. O Homem que Calculava. 64ª edição. Ilustração: Thais Linhares

Record. O Homem que Calculava. 65ª edição. Ilustração: Thais Linhares

Record. Os Melhores Contos., 20ª edição. Ilustração: Thais Linhares

Ediouro. Contos e Lendas Orientais.

---

**2005**

Record. Matemática Divertida e Curiosa. 20ª edição.

Record. O Homem que Calculava. 66ª edição.

Ediouro. Contos e Lendas Orientais.

---

**2006**

Record. Matemática Divertida e Curiosa. 22ª edição.

Record. O Homem que Calculava. 68ª edição.

Record. O Homem que Calculava. 69ª edição.

Best Seller. Os Melhores Contos. 22ª edição. Ilustração: Thais Linhares

---

## APÊNDICE 0

Bibliografia consultada para a elaboração dos textos das Unidades I, II e X, do livro Apostilas de Didática Especial da Matemática

### UNIDADE I

Autor	Obra	Data
Amoroso Costa	As idéias fundamentais da Matemática	s/d
Mello e Souza	Dicionario Curioso e Recreativo da Matemática	1940
	Matemática Divertida e Fabulosa	1942
	Matemática Divertida e Pitoresca	s/d
	Meu anel de sete pedras	s/d
	Revista da Escola Politécnica	1928 – 1930
A.F.Vasconcelos	História da Matemática na Antigüidade	1919
Cecil Thiré e Mello e Souza	Matemática 1º ano – 1ª edição	1930
A. Rebière	Mathématiques et Mathématiciens	1926
Orris Soares	Dicionário Filosófico	1952
F.L. e E.L. Etchegoyen	El pensamiento matematicoi	1950
C.A. Laisant	La Mathématique – Philosophie – Enseignement	1907
J. Sebastião e Silva	In: Gazeta de Matemática	1943
Jean-Loius Pelletier	L'âge des Mathématiques	1949
F. Enriques e G. Santilhama	Pequena História do Pensamento Científico	1940
James R. Newman	The World of Mathematics	1956
E. B. Jourdain	The Nature of Mathematics	S/d
Emilio Borel	Sobre Henrique Poincaré – In: Revista Brasileira de Matemática	1930
	Principes d'Algèbre et d'Analyses	1924
Eric Temple Bell	La Mathématique, reine et servant des sciences	1953
Matila C. Ghyka	Esthetique des porportions dans la nature e dans les arts	1927
Hegel	Lógica, Fil.da Natureza e Fil. do Espírito	1817
James Jeans	Física e Filosofia	1944
Pierre Deveaux	Profetas e inventores – [do livro: Para além das ciências]	s/d
Felix Auerbach	O medo da Matemática	1942
Miguel Ramalho Novo	Sobre as derivadas das funções de uma variável real e suas aplicações	1946
Bento de Jesus Caraça	Conceitos Fundamentais da Matemática	1942
Paul Montel	La Mathématique In: Gazeta da Matemática	1943
Francisco Vera	La logica de la Matemática	1929
W. Sedgwick e H. W. Tyler	História da Ciência	1950
F. de Le Lionnais	Les grands courants de la pensée mathématique	1948
Lee Emerson Boyer	Mathematics – a historical development	1946
Louis de Broglie	O futuro da Ciência	s/d
	Savants et decouvertes	1951
Aster	História da Filosofia	1934
Paul Henri Michel	De Pytagore e Euclides	1950

## UNIDADE II

Autor	Obra	Data
Pierre Boutroux	L'Idéal Scientifique des Mathématiques	1920
A. M. Aguayo	Didática da Escola Nova –2.ed.	s/d
Santiago Hernandez Ruiz	Metodologia de la Aritmética en La Escuela Primaria 1.ed.	1950
Adolfo Rude	La Enseñanza de las ciencias exatas e naturales	1937
Laisant	Iniciação Matemática – 3.ed.	s/d
Goud	La bosse des Mathématiques	1927
Maurice Lecat	Erreurs de Mathématiciens des origines à jours	1935
J. W. A. Young	Fines, valor y metodos de la ensenaza matemática	1947
Irene de Albuquerque	Metodologia da Matemática	1951

## UNIDADE X

Autor	Obra	Data
Horacio B. English	Dicionário manual de Psicologia	1934
Irene de Albuquerque	Jogos e Recreações matemáticas	s/d
Carneiro Leão	Adolescência e sua educação	1950
Guerino Casassanta	Manual de Psicologia Educacional	1956
Ed. Claparède	Psicologia da criança e Pedagogia experimental – 2.ed.	1940
Sylvio Rabelo	Psicologia da Infância	1943
Antonio d'Avila	Práticas Escolares	1954
Conrado Koffka	Bases de la Evolución Psíquica	1941
Theobaldo Miranda Santos	Psicologia do Sonho	1957
Emilio Mira e Lopez	Psicologia Evolutiva da Criança e do Adolescente	1954
Paulo Césari	A Psicologia da Criança	1955
Lourenço Filho	Introdução ao Estudo da Escola Nova	s/d
A. M. Aguayo	Didática da Escola Nova – 7.ed.	1951
Odilon de Andrade Filho	Prepara teu filho para a vida	1954
Amaral Fontoura	Metodologia do Ensino Primario – 3.ed.	1957
Mello e Souza	Técnicas e procedimentos didáticos no ensino de Matemática Revista Lilaváti	s/d
Breno Alencar Bianco	Memória de um Estudante	Inédito
Rey Pastor e P. Puig Adum	Elementos de Aritmética – 4.ed.	1930

## APÊNDICE P

### RELAÇÃO DOS CONTOS DE MALBA TAHAN - FOLHA DA NOITE [1926]

- 17.05.1926 - *O vizinho e o burro* [do livro *Roba el-Khali*];  
18.05.1926 - *Em Roba El-Khali* [do livro *Roba el-Khali*];  
19.05.1926 – *Mohamed e o rei cego* [do livro *tempo de Guerra*];  
20.05.1926 – *A Mulher de Goha* [do livro *Sorr el- Layal*];  
21.05.1926 – *Uma fábula sobre a fábula* [do livro *Roba el-Khali*];  
22.05.1926 – *As razões de um bêbado* [do livro *Roba el-Khali*];  
23.05.1926 – *Os conquistadores* [do livro *Roba el-Khali*];  
24.05.1926 – *O califa e o poeta* [do livro *Roba el-Khali*];  
25.05.1926 – *O enigma do corão* [do livro *Roba el-Khali*];  
26.05.1926 – *A agulha de Alhaquem* [do livro *Roba el-Khali*];  
27.05.1926 – *A lenda dos peixes vermelhos* [do livro *Lendas Mussulmanas*];  
28.05.1926 – *A árvore maldita* [do livro *Roba el-Khali*];  
29.05.1926 – *Uma aventura no deserto* [do livro *Roba el-Khali*];  
31.05.1926 – *A torre da esmola* [do livro *Roba el-Khali*];  
01.06.1926 - *Os 32 pastéis de Alcasim* [do livro *Roba el-Khali*];  
03.06.1926 – *kitab, o gênio* [do livro *Contos de Malba Tahan*];  
05.06.1926 – *Os três riscos do Yatagan* [do livro *Roba el-Khali*];  
06.06.1926 - *A última torre; A esmola, O advogado* [de *Malba Tahan*];  
09.06.1926 – *A Machina infernal* [do livro *Roba el-Khali*];  
10.06.1926 – *As caixas de heroísmo* [do livro *Tempos de Guerra*];  
12.06.1926 - *Os bandidos chineses* [do livro *Tel -Bijerick*];  
14.06.1926 – *A sôpa de Fu-chang-li* [do livro *Sorr el- Layal*];  
20.06.1926 – *O desligador* [do livro *Roba el-Khali*];  
21.06.1926 – *A Phenix* [do livro *Roba el-Khali*];  
23.06.1926 – *Os dentes de Budha* [do livro *Sorr el- layal*];  
24.06.1926 – *Um judeu, um cavalo e outro judeu* [História popular – *Malba Tahan*];  
28.06.1926 – *O santo galinha* [do livro *Roba el-Khali*];  
29.06.1926 – *Os doze de Mahomet* [do livro *Sorr el- Llayal*];  
01.07.1926 – *Ingratidão exigida* [do livro *Roba el-Khali*];  
03.07.1926 – *As duas esposas de Gleichen* [do livro *Mil história sem fim*];  
20.07.1926 – *A fidelidade* [do livro *Sorr el-Llayl*];  
21.07.1926 – *O preço de uma mulher* [do livro *Sorr el-Llayal*];  
22.07.1926 – *O atheu* [do livro *Roba el-Khali*];  
27.07.1926 – *A história de um conto* [do livro *Roba el-Khali*];  
10.08.1926 – *A lenda do lago de Szira* [do livro *Roba el-Khali*];  
11.08.1926 – *Samsão e os Bolchevistas*[do livro *Sorr el-Layal*];  
22.08.1926 – *Mahomet e a velha* [do livro *Mil histórias sem fim*];  
23.08.1926 – *A sentença de Jacob Abu-Jusef* [do livro *Mil histórias sem fim*];  
25.08.1926 – *os rebanhos de abdol* [do livro *Sorr el-Llayal*];  
26.08.1926 – *O chá de Itakoura* [do livro *Roba el-Khali*];  
27.08.1926 - *O três dracmas de Mohomet* [do livro *Sorr el Llayal*];  
28.08.1926 - *A goteira de ouro* [do livro *Mil histórias sem fim*];  
30.08.1926 – *A legenda da moeda* [do livro *Mil Histórias sem fim*];

[SEM REGISTRO DE DATAS]

- O cântaro encantado (Conto infantil);
- Hassam e o escravo [do livro Roba el-Khali];
- A lenda do café [do livro Roba el-Khali];
- Motenebbi e o sábio [do livro Sorr el Llayal];
- O homem que orava [do livro Roba el-Khali];
- A primeira pedra [do livro Roba el-Khali];
- O homem feio [do livro Roba el-Khali];
- A emoção [do livro Tel -Bejerick];
- O soldado desconhecido [do livro Tempo de Guerra];
- A sopa [do livro Roba el-Khali];
- O bandido [do livro Roba el-Khali];
- A coroa [do livro Roba el-Khali];
- As águas do mesmo rio [do livro Parabólas de Mahomet];
- A sombra do cavallo [do livro Roba el-Khali];
- O homem de uma letra só [do livro Roba el-Khali];
- A última vontade do rei Hibban [do livro Roba el-Khali];
- Os cegos e o elephante [do livro Roba el-Khali];
- Um caso policial [Malba Tahan];
- A paga de um dia [Malba Tahan];
- O club dos esquecidos [Malba Tahan];
- O segredo do juiz [do livro Mil Histórias sem fim];
- O mais covarde [do livro Roba el-Khali];
- O monstro [Malba Tahan];
- O pé de Mahomet [Malba Tahan];
- A celebridade roubada [do livro Roba el-Khali];
- A morte de er-Roumi [do livro Roba el-Khali];
- A indecisão [do livro Roba el-Khali];
- Vendedores de sangue [do livro Roba el-Khali];
- A jidirama-boia [do livro Roba el-Khali];
- O marido alugado [do livro Roba el-Khali];
- O philtro do amor [do livro Roba el-Khali];
- O thesouro de Bresa [do livro Conto de Malba Tahan];
- A prudencia do judeu [Malba Tahan];
- Aventuras de caçador [do livro Tel- Bijerick];
- O leão [do livro Sorr el-Llayal].

**Fonte:** ARQUIVO PESSOAL – IMT. Recortes de Jornal. *Comunicado do Jornal Folha da Noite* sobre a reinicialização dos Contos de Malba Tahan – 17.05.1926.